

©

SEM-VENTURA

POUSON DU TERRAIL

O SEN-VENTURA

PROLOGO

O homem do cão preto

I

O vento bramia em furiosas rajadas por entre as folhas das arvores, e impellia pelo espaço negras nuvens tormentosas.

Grossas gotas de chuva caíam de espaço a espaço sobre a terra endurecida.

A tempestade, sinistra e lenta, caminhava do occidente para o oriente dividindo a abobada celeste em duas partes

quasi eguaes. De um lado densas nuvens tenebrosas que o relampago rasgava de momento a momento; do outro o céu ainda azul, cravejado de pontos rutilantes. Ao longe uma linha avermelhada que accusava vagamente os ultimos clarões do crepúsculo.

Um homem que caminhava com passo rapido na mesma direcção que seguliam as nuvens, no seio das quaes o trovão rugia surdamente, chegou ao alto da collina e parou.

Caia-lhe dos hombros uma longa capa de côr sombria; por debaixo do amplo chapéu de abas largas distinguiam-se apenas umas compridas barbas prateadas, e dois olhos que brilhavam no meio da escuridão como dois carvões accesos, roubados das fogueiras do inferno.

Tunto delle caminhava um cão. preto

como azeviche, de orelhas ponteagudas e de olhos fulgurantes, que parou tambem.

O homem e o cão, sempre silenciosos, interrogavam o horizonte com o olhar.

A nuvem côr de chumbo que haviam deixado um pouco á retaguarda aproximava-se agora rapidamente.

Ao fundo da collina corria um valle estreito, povoado de velhas arvores enfezadas, cujas folhas amarellecidas se desprendiam dos troncos ao impulso da forte ventania.

Além do valle erguia-se um outra collina.

Mas a essa não havia chegado ainda a tormenta; o céu que a cobria estava ainda azul e recamado de estrellas scintillantes. Um raio da lua illuminava-lhe os cir. os das arvores com pallido clarão.

A meia encosta elevavam-se as torres

ameiadas e os muros de tijolo de um pequeno castello.

As sacadas ogivaeas resplandeciam de luz; e, se não fôra a distancia, talvez podessem ouvir-se os jubilosos ruidos de uma festa intima de familia.

Mais abaixo, na extrema do valle, mesmo ao cabo do parque secular que fazia parte dos dominios do castello, via-se uma pequena casa, dentro da qual bruxoleava uma luz baça e vacillante.

Era uma luz unica que podia comparar-se aos resplandecentes clarões do castello como a do cyrio funerario á radiante illuminação de uma sala de baile. Não se movia; não corria, agitada e apressada, de uma janella para a outra; não tinha, como as do castello, bruscas e rutilantes scintillações.

Immovel, fumosa, amortecida, eclipsando-se por vezes para tornar de novo a ap-

parecer no meio da escuridão da noite, sem porém irradiar de si um mais vivo fulgor, estava collocada sobre o peitoril de uma janella do rez-do-chão.

Era um signal para o viajante surpreendido pela noite e pela tempestade?

Era a lampada da agonia?

A nuvem parára por um momento na sua rapida carreira, como o homem silencioso e o cão preto.

O homem contempeou com expressão de amargura primeiro o castello do rico, depois a choupana do pobre, e tornaram-se-lhe mais fulgurantes os relampagos do olhar. Uma contracção subita se lhe desenhou nos labios descórados.

Em seguida continuou a caminhar, seguido sempre pelo cão silencioso, e pela nuvem negra que levava consigo as trevas e precedia os murmúrios confusos da tormenta.

Um pastor que subia pela vertente da collina conduzindo com a voz e com o cajado o rebanho que caminhava deante delle, virou bruscamente de direcção, fazendo o signal da cruz ao ver o homem e o cão.

O homem encolheu os hombros desdenhosamente e apressou o passo.

O cão seguiu-o.

Agora ia-lhes na frente a nuvem negra, como se quizesse servir-lhes de guia. Depressa chegaram ao valle.

O céu azul já não era mais do que uma estreita orla longe, longe.

A' medida que a tormenta avançava, o vento soprava com maior furia, a chuva caia mais grossa e abundante, os relampagos eram mais frequentes, os trovões mais medonhos e atroadores.

CMP 1.2.2.1

E, apesar do fragor da tempestade, o homem e o cão ouviram vozes alegres,

que desciam do castello nas azas do vento.

E, no meio desses risos que desafiavam a sinistra majestade da tormenta, um gemido abafado e mal distincto chegou aos ouvidos do homem do cão preto.

Parou então outra vez e cruzou os braços sobre o peito, fixando os olhos fulgurantes ora na choupana de onde o gemido partia, ora no castello onde reinava o jubilo.

E a nuvem negra caminhava sempre devorando o céu azul.

II

— O' Virgem Santa! dizia a pobre mãe em prantos; deixarás que a morte nos roube o filho querido?

«E' elle o primeiro fruto do nosso amor, a esperança da nossa mocidade laboriosa e pobre.

«Esperavamos que nos seria conforto das horas de amargura, alegria e orgulho dos nossos dias, amparo da nossa velhice honrada!

«O meu adorado marido, o meu João estremecido, trabalha de continuo para ganhar o pão de cada dia, e eu, ó Santa Mãe de Deus, nunca faltei aos deveres sagrados, que a religião do Christo nos prescreve!

«Somos pobre, ó Virgem Mãe! A nossa unica riqueza, que para nós mais vale que todos o thesouros da terra, é o nosso filho!

«O' Virgem Santa! não deixes que a morte nos roube o noso filho!!

(Continúa).

border completely. If teeth are specially adapted to such cases deep enough to receive them or to permit their passage.

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PROLOGO

O homem do cão preto

I

E a angustiada mãe, ao pronunciar estas palavras, estorcía as mãos emmagrecidas sobre a cama, onde horas antes nascêra o filho, cuja vida implorava, e fixava os olhos inundados de lagrimas de amargura ora em uma tosca imagem da Virgem metida em um pequeno nicho na parede, ora na pobre creancinha que o desventurado pae tinha nos braços.

Passeava elle a todo o comprimento do quarto, parando por vezes para contemplar a creancinha, que o «croup» estrangulava; depois continuava a caminhar com passos sacudidos apertando com phrenesi o filhinho ao coração, como se quizesse disputal-o á morte que se approximava.

— João, disse ainda a pobre mãe, acabo de fazer uma promessa... Se o bom Deus attender aos nossos rogos, se nos deixar o nosso filho, iremos ambos, logo que eu possa erguer-me, de joelhos até á igreja da freguezia.

— Sim, Magdalena, iremos... respondeu João com as faces inundadas de grossas lagrimas.

A choupana era pobre na apparencia; mas não reinava nella a miseria.

A mobilia era modesta, mas limpa; no lar havia lume.

Sobre um bahú via-se uma taça de prata, que o afflicto pae havia inutilmente approximado muitas vezes dos labios da creancinha.

A taça fóra presente da castellan á mulher de João, o jardineiro.

Eram ambos muito novos, amavam-se com extremo, e havia um anno que tinham casado.

Magdalena era a mais bonita das raparigas dos arredores; João era o rapaz mais honrado e trabalhador que por aquelles sitios se conhecia.

O velho e bondoso cura, quando aos domingos os via entrar na igreja, dizia sorrindo:

— Que bonito par! Reuniram-se a pureza e o trabalho!

João olhava para a creancinha com desespero.

— Parece que agora já grita com menos força, murmurou a mãe.

— Sim... balbuciou João.

— Talvez a Santa Virgem atenda as nossas supplicas, e o nosso filho cure...

— Talvez... talvez... respondeu o pobre pae com amargura.

Elle bem conhecia que o estado da creancinha era cada vez mais desesperado.

— Talvez esteja melhor no berço... disse a mãe depois de alguns momentos de silencio.

João pousou a creança que se debatia em convulsões no berço novo, que com tanta alegria comprára na ultima feira.

— Quem sabe?... continuou Magdalena; talvez agora bebesse o remedio...

João foi buscar a taça e aproximou-se dos labios da creança.

Oh milagre! a creança descerrou os labios, através dos quaes passaram algumas gottas de liquido, e cessou subitamente de gritar.

O pae e a mãe soltaram um grito de alegria, cuja expressão não pôde descrever-se.

— Oh Virgem Santa! murmurou Magdalena; ouvistes os nossos rogos?

O pae ajoelhou e pôz-se a embalar o berço docemente.

A mãe, desfallecida de commoção, prostrada, já sem forças caiu sobre o travesseiro. A creança havia cessado de agitar-se. Estava tranquillá.

— Parece que está dormindo! disse João passados alguns minutos.

— Oh! a Santa Virgem é boa para os pobres! murmurou Magdalena.

E, tomada de invencível canção, fechou os olhos.

João continuava a embalar o berço.

Pobre pae! pobre mãe!

A tormenta continuava. Os relampagos illuminavam o quarto de espaço a espaço com luz livida e sinistra.

Ao mesmo tempo as alegres vozes do castello chegavam até á choupana, onde havia uma tão cruciante afflicção.

— Ah! a senhora baroneza é bem feliz! suspirou João, que continuava a embalar o berço. Nasceram no mesmo dia os nossos filhinhos... mas talvez o meu...

Não pôde acabar. Alguem bateu docemente á porta.

— Ah! é o medico, pensou João. O santo homem caminha por todos os tempos, quando alguém carece d'elle.

E foi abrir.

Magdalena havia adormecido.

Aberta a porta um homem entrou, e logo atraz d'elle um cão.

João recuou com susto.

— Meu amigo, disse-lhe o homem do cão preto, tenho fome, tenho sede, e estou morto de cansaço. Quer dar-me hospitalidade?

— Não tenho senão uma cama, respondeu João, onde está deitada a minha pobre mulher doente. O meu filhinho, nascido hontem, vae talvez morrer, e eu, afflicto como tenho estado, nem pensei em comprar coisa alguma que se coma. Se quer ser bem tratado, suba até ao castello, onde hoje houve um baptisado. Está lá reunida uma numerosa e alegre companhia.

O homem e o cão fixaram sobre o berço olhos fulgurantes.

O cão, mudo sempre, havia ficado sobre o limiar da porta.

— Meu amigo, tornou o desconhecido, estou abrasado pela sede. Pode dar-me um copo de agua?

João levantou-se de ao pé do berço e foi buscar a agua, que o homem do cão preto bebeu avidamente.

— Obrigado! disse elle entregando o copo a João.

E saiu logo, acompanhado pelo cão, e fechando a porta atraz de si.

Tão pouco ruido haviam feito o homem e o cão, que Magdalena não havia acordado.

João, impressionado por aquella inesperada visita, ajoelhou-se de novo junto do berço.

A creança estava immovel.

João tomou-lhe entre as suas a pequenina mão...

Estava gelada e hirta...

Approximou os labios dos labios roxeados da creancinha...

Extinguiu-se-lhe a respiração...

João ergueuse emparvecido, estúpido, petrificado.

A creancinha estava morta!

E Magdalena continuava a dormir...

III

O recém-nascido estava deitado em um luxuoso berço de setim branco por debaixo de um gracioso cortinado cor de rosa desmaiada, e sorria já para todos os que o rodeavam.

No grande salão do castello achavam-se reunidos os parentes proximos e afastados, os amigos das visinhanças, e o padrinho que atravessára os mares para vir dar o seu nome ao filho dos fidalgos.

Era aquella a grande sala dos retratos, como no castello lhe chamavam.

Os avoengos destacavam-se das paredes dentro das negras molduras, graves e altivos no seu eterno silencio, uns debaixo das armaduras de batalha, outros debaixo da toga vermelha e dos arminhos dos parlamentos.

Entre os vivos havia mulheres novas e formosas, e mulheres velhas que tambem tinham sido bellas, do que muitos se recordavam ainda.

Estavam todas assentadas em volta do berço de setim branco. A madrinha, uma formosissima creança de desesseis annos, inclinou-se sobre o infante, que horas antes fóra aspergido pelas aguas do baptismo, e beijou-o na testa.

—Minha fada adorável, disse uma velha baroneza para a madrinha, que dom fazes tu ao teu afilhadinho?

A donzella ergueu-se, olhou para a baroneza e respondeu sorrindo:

—Quero que elle seja formoso!

—E na verdade, disse o padrinho, elegante official da marinha que em segredo suspirava pelos grandes olhos azues da donzella, a minha formosa prima pôde bem fazer-lhe dom de formosura...

—E o primo? disse a donzella ruborizada. Que deseja o primo ao nosso afilhado?

—Desejo que seja valente, respondeu o official.

A mãe da creança. languidamente re-

costada sobre uma poltrona, disse sorrindo para os circumstantes:

—As boas fadas e os bons genios são os que nos consagram affeição. Oxalá possam realizar-se os bons desejos que, com respeito á sorte futura do meu filho, nutrem todos os que me rodeiam!

A velha baroneza approximou-se do berço:

—Meu filho, disse ella sorrindo, sou já tão velha como a fada Urganda, e vou por isso fazer-te um dom, que, se se realizar não ha de desagradar-te quando tiveres um pequeno bigode, e usares uma bonita espada como o teu padrinho: oxalá sejas amado!

A mãe sorriu; a formosa madrinha baixou os olhos ruborizada.

O padrinho que estava apaixonado, julgou que era boa occasião de «metter a sua colherada».

—Sim, disse elle; mas por uma mulher unicamente!

A velha baroneza fez-lhe um gesto de amigavel ameaça.

—Ah! hypocrita! disse ella.

Era uma das do bom tempo; tinha perto de cem annos e recordava-se ainda de haver amado! circumstancias de que os velhos ordinariamente costumam esquecer-se.

Em seguida accrescentou:

—Mas não, não... Uma só não é bastante... Muitas, muitas... quero que elle seja um Dom Juan...

—Oh! horror! exclamou a madrinha fugindo para o salão vizinho, onde a sa-guio o brilhante official.

Uma tia do recém-nascido, interessante e formosa senhora de trinta annos, tirou de uma jardineira uma camelia vermelha e collocou-a sobre o berço.

—Eu, disse ella, vou desejar-te uma coisa singular, filho... Desejo que soffras um pouco, no caso de se realizar a predicação da tua boa avósinha! O homem amado que não ama, e que portanto nunca soffreu, é, para nós mulheres, um ente odioso.

—Essa moral, minha querida sobrinha, disse a espirituosa baroneza, é pouco justificada nos teus labios, porque tu nunca encontraste desses «monstros»...

—E' verdade... todós te amam! disse uma prima que era corcunda.

—Sim... mas a poucos corresponde... murmurou um barão já durazio, caçador fanatico, meio tropego pelo rheumatismo, e usando sempre grandes botas com esporas de ouro e casaca de veludo escarlate.

A senhora dos trinta annos consolou-o com um gracioso sorriso, e disse-lhe:

—E que deseja o primo ao nosso sobrinho?

—Que tenha um bom cavallo de caça cada dez annos, e um bom perdigueiro uma vez na sua vida, respondeu o barão.

E, um a um, vieram todos exprimir um desejo junto do berço do recém-nascido.

do. O pae pediu para o filho uma constituição robusta e vigorosa; um tio velho desejou-lhe muitas heranças, além da sua. A prima corcunda, que não era invejosa, desejou-lhe esbelta e elegante estatura.

A ultima fada que se aproximou do berço foi uma menina de cinco annos.

Desejou que o priminho crescesse muito depressa para poder ainda brincar com ella e com as bonecas... Innocente!

A mãe que contára sorrindo os desejos, os dons, as fadas, e os genios, soltou um grito de subito.

—Ah! meu Deus! disse ella! desejava-lhe tudo menos uma coisa...

—Qual foi? perguntou a madrinha inquieta, que momentos antes voltára com o primo do salão vizinho.

—A ventura! respondeu a mãe com os olhos cheios de lagrimas.

—E' verdade! respondeu a velha baroneza. Esqueceu a ventura. E... como ha de ser agora? Já não ha mais fadas, nem mais genios...

—Mas são apenas oitos horas da noite, disse a madrinha, e esperamos ainda os nossos vizinhos.

O pae aproximou-se de uma sacada e contemplou por momentos o céu, cortado pelos relampagos em todas as direcções.

—E' provavel que não venham, disse elle. A trovoadá é medonha.

—E' bom signal, disse a formosa tia de trinta annos; as existencias que começam por entre tempestades acabam socegadas e venturosas.

—Deus te ouça, minha irman! disse a mãe ainda impressionada.

Nesse momento abriu-se de par em par uma grande porta ao fundo da sala, e deixou vêr a casa de jantar brillantemente illuminada.

—Vamos para a mesa! disse o pae, que era desprezado de superstições, e que não acreditava nos bons nem nos máus genios.

A mãe, ainda muito fraca para presidir ao jantar, ficou recostada na poltrona na grande sala, cujas portas ficaram abertas, e fez conduzir para junto de si o berço do recém-nascido, que havia adormecido momentos antes.

Na occasião, porém, em que a familia ia assentar-se á mesa, ouviu-se tocar a sineta da porta principal do castello annunciando a chegada de mais visitas.

—Viva Deus! exclamou a velha baroneza que nunca pudera perder o habito de empregar as expressões usadas no ultimo seculo, chegou quem nós esperavamos. São os nossos pombinhos...

Fazia allusão a uns casados da vizinhança, para modelo que vivia em constante lua de mel.

—A nossa vizinha, continuou a baroneza, é, enquanto a mim, a mais perfeita e completa personificação de felicidade que no mundo existe. Ha de ser ella

quem ha de remediar o nosso indesculpavel esquecimento.

Abriu-se nesse momento a porta da casa de jantar, mas, em vez do par de pombinhos que se esperava, appareceu a rubicunda figura de Jacques, o intendente.

—Senhor conde, disse elle para o castellão, um homem acaba de vir pedir hospitalidade ao castello. Mandeí-o entrar para uma casa contigua á cozinha, e vou, se o senhor conde o permittir, fazer-lhe servir de jantar, e mandar-lhe dar uma garrafa de vinho velho para que a beba á saude do senhor visconde.

O intendente dava já o titulo de visconde á creancinha que estava dormindo no berço.

—Jacques, disse o castellão, fizeste mal em levar esse viandante para junto da cozinha. Devias encaminhal-o logo para aqui. E' dia de felicidade hoje nesta casa, e quero que todos os que nella entram compartilhem da nossa alegria.

—Peço perdão, senhor conde, replicou o intendente, não o mandei entrar logo para aqui porque é um pobre homem, vestido mais que modestamente, e com o fato cheio de lama e a escorrer agua.

—Poi bem; dá-lhe outro fato, e dirige-o para aqui, ordenou o castellão.

O intendente ia a sair para obedecer, mas quando chegou á porta voltou-se.

—Esquecia-me dizer-lhe, senhor conde, tornou elle, que o homem vem acompanhado de um cão...

—Pois deixa ficar o cão na cozinha...

—Não, gritou a mãe, que na outra sala ouvira tudo. O cão que venha também.

—Sim, sim, disse a madrinha, que venha também o cão.

O intendente saiu.

Fizeram-se então mil proposições a proposito do viajante. De onde viria elle? Para onde ia?

Apresentou cada um as suas conjecturas, acompanhadas dos competentes comentarios.

—Aposto, disse a velha baroneza, que é algum nobre commerciante de feira que traz a bolsa sem vintem...

—A mim palpita-me um moleiro gordo e anafado com as faces rubicundas, disse a formosa tia.

—Havemos de pedir-lhe, disse a madrinha, que faça dom da ventura ao meu afilhado.

E á medida que os riuídos que passavam, augmentava nos convivas a impaciencia e a curiosidade.

Abriu-se enfim a porta, e o homem e o cão appareceram á entrada da sala brillantemente illuminada.

Mas, coisa extranha! um subito estremecimento agitou todos os que se achavam assentados em volta da mesa.

Os relampagos scintillavam de continuo fazendo empallidecer a luz das velas... o trovão ribombava medonhamente!

IV

O intendente, em obediencia ás ordens

do castellão, descera immediatamente á pequena sala onde se achava o desconhecido, e convidára-o a subir para tomar parte no festim, offerecendo-lhe para isso um outro fato.

O viajante fixou um desdenhoso olhar no intendente.

—O meu fato, disse elle, comquanto seja pobre, não ha de ficar mal ao pé dos sumptuosos vestuarios de todos os que estão assentados á mesa do dono deste castello!

O intendente, tremulo, fascinado por aquella voz altiva, inclinou-se, e dirigiu-se, acompanhado pelo desconhecido, para a sala de jantar onde a chegada deste era com tanta impaciencia esperada.

O homem do cão preto demorou-se por momentos sobre o limiar da porta contemplando os convivas, que haviam estremecido.

O castellão foi o primeiro a emancipar-se desta penosa impressão, e disse para o desconhecido, levantando-se:

Quem quer que o senhor seja, considere como sua a minha casa.

—Eu sou, respondeu o desconhecido, um homem surpreendido pela tormenta. A provincia é pouco habitada, as hospedarias são raras. Vi luzes, ouvi ruidos e risos, e, pensando que os que são felizes têm compaixão dos viandantes sujeitos a todas as inclemencias do caminhos, entrei...

—E fez muito bem, senhor, respondeu o castellão. Seja bem vindo.

O homem do cão preto conservava-se immovel sobre o limiar da porta, e continuava a contemplar os convivas com o seu olhar frio e acerado como a ponta de um punhal.

—Ao que parece, disse elle, vae grande alegria nesta casa.

—Baptisei hoje o meu primeiro filho, respondeu o castellão. Venha, pois, assentar-se junto de mim, e beber á saude do innocente.

O homem lançou a capa e o chapéu sobre uma cadeira, e entrou seguido pelo cão.

A castellan, comquanto não podesse vêr o recém-chegado, havia sentido também um indefinivel mal estar. O cão foi direito ao salão onde se achava o berço, enquanto que o desconhecido tomava logar á mesa.

—Oh! que feio cão! exclamou a castellan fazendo um movimento instinctivo de susto.

O cão aproximára-se do berço, onde a creancinha continuava dormindo. Como se tivesse comprehendido a apostrophe, o animal ergueu para a castellan os olhos fulgurantes.

Depois tudo ficou silencioso. O jantar começado com o riso nos labios, e a alegria no coração, assemelhava-se agora a uma refeição triste e taciturna de um dia de enterro.

E contudo o desconhecido era homem bem educado; saudára todos com a distincção de um verdadeiro fidalgo, e a nobreza das suas maneiras nem por sombra condizia com a modesta simplicidade do seu vestuario.

Quando baixava a cabeça para comer, parece que os convivas respiravam mais livremente; mas se erguia os olhos, e lançava em volta de si o olhar frio e altivo, que havia subjogado o intendente Jacques, um subito estremecimento percorria todos os circumstantes.

A unica pessoa que não partilhava o mal estar geral e parecia estar perfeitamente senhora de si, era a velha baroneza, que nascêra no tempo de Luiz XV, e vivêra em intimidade com os philosophos dessa época.

—Senhor viajante, disse ella para o desconhecido, todas estas damas e cavalheiros que aqui vêdes, são extremamente imprudentes.

—Porque, minha senhora? perguntou o desconhecido com placidez.

—Porque quizeram ha pouco representar de fadas e genios. Fizeram-me lembrar o conde de Cagliostro, que conheci muito na minha mocidade.

—Tambem eu o conheci, disse friamente o viajante.

—Ora! não pôde ser! exclamou a baroneza com um sorriso de incredulidade. Que idade tem então o senhor?

O desconhecido não respondeu a esta pergunta, mas voltou-se para o castellão, e disse:

—Adivinho o que acaba de passar-se... As fadas e os genios desejaram todas as qualidades boas ao recém-nascido.

—E' verdade, é verdade, exclamou a velha baroneza. Mas esqueceulhes uma coisa.

—Ah! disse o desconhecido com ironia. Ninguem pensou talvez em lhe desejar ventura.

A surpresa triumphou então da catalepsia moral que de todos se havia apoderado. A velha baroneza exclamou:

—Mas como pôde adivinhar... O senhor é feiticeiro?

—A's vezes, respondeu o viajante.

—Ora essa! tornou a sceptica baroneza. Com que então é feiticeiro... e...

—Sim, minha senhora, replicou o desconhecido, tranquillo sempre, e sempre ironico.

—Que felicidade! exclamou a baroneza. Vae ler-nos a «buena-dicha»! No tempo de Luiz XVI, quando eu rapariga, gostava immenso disso. A rainha mandava ir á corte os bohemios para os interrogar. Houve um que prophetisou a revolução! Os feiticeiros nem sempre se enganam... Mas hoje já ninguem acredita nelles... Ah! está meu filho que é philosopho... Estou convencida de que era capaz de duvidar do proprio conde de Cagliostro.

—Minha senhora, disse o desconhecido; eu não leio precisamente a «buena-dicha»... mas ás vezes vaticino os acontecimentos futuros.

—Vem a ser a mesma coisa, não é assim? perguntou a formosa madrinha que ponde enfim soltar a lingua.

—Não, minha senhora. Os que lêem a «buena-dicha» não prognosticam senão accessos felizes. Se assim não fosse ninguem lhes pagava,

(Continúa)

POUSÓN DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PROLOGO

O homem do cão preto

IV

— É o senhor?

— Oh! eu, respondeu elle enrugando as espessas sobrancelhas, que por um momento lhe esconderam o olhar relampagueante; eu... é diferente!

— Prophetisa só desventuras? perguntou a baroneza.

— Muitas vezes, minha senhora. Sempre que interrogo o futuro, vejo-o cheio de horribes tempestades! E é por isso que quasi sempre me recuso a responder aos que desejam penetrar os mysterios do porvir.

A pouco e pouco haviam-se todos familiarisado com a impressão desagradavel que produzira o homem do cão preto ao entrar na casa de jantar.

— Pois bem! disse a velha baroneza; quero eu ser mais corajosa que ninguem. Vaticine o meu futuro...

— Para que? disse o homem do cão preto encolhendo os hombros.

— Tem razão, tornou a velha; para mim já não pôde haver futuro... Estou no ultimo quartel da vida... Mas pôde prophetisar o porvir da creancinha, que está dormindo no berço...

— Não, não... exclamou a mãe assustada.

— Ora, ora, porque não?... Que mal pôde haver nisso? Aposto que este senhor vae fazer vaticinios muito agradaveis!

O desconhecido abanou a cabeça.

— Precisa de alguma coisa, senhor? tornou a velha faladora. O conde de Cagliostro lia o destino das pessoas em uma garrafa de crystal cheia de agua limpida.

— Nada preciso, minha senhora, respondeu o extranho personagem; basta-me contemplar a mão das pessoas.

— Quer então ter a bondade de examinar a mão do meu neto?

O desconhecido pareceu hesitar. O cão preto tinha os olhos fitos na mãe da creancinha, que estava como que fascinada por aquelle olhar persistente e fulgurante.

Seguiu-se um momento de profundo silencio. Ouvir-se-ia voar uma mosca no espaço.

— Mas para que? insistiu o homem do cão preto com frieza. Eu já disse que nunca vaticinava felicidades...

Era tão sinistra nesse momento a expressão do seu rosto contraído, que todos, até mesmo a velha baroneza, tiveram medo.

Mas o castellão era philosopho,

Encolheu os hombros imperceptivelmente, e disse:

— Creio que o senhor se faz mais sinistro do que effectivamente é; e estou convencido de que vae vêr na mão do meu filho linhas que indicam um prospero e venturoso destino.

— Oxalá que assim seja! murmurou o homem do cão preto.

E levantou-se com o olhar brilhante e os labios contraídos, pegou em um castiçal de sobre a mesa, e, sem que ninguem se atrevesse a embargar-lhe o passo, dirigiu-se para o salão e aproximou-se do berço, junto do qual se conservava deitado o cão preto.

Pareceu então quebrar-se o encanto. Os convidados levantaram-se da mesa e seguiram o desconhecido.

A castellan estava pallida e tremia impressionada pelo olhar sinistro e persistente do cão preto.

A creancinha dormia serenamente. O feiticeiro pegou-lhe na mão tão docemente que não a accordou.

Passou então pelos circumstantes um subito estremecimento. Emquanto durou o exame da pequenina mão da creança, ouvia-se só a respiração agitada dos que assistiam áquella scena extranha.

— As linhas não estão ainda formadas, disse por fim o feiticeiro.

— E, portanto, nada pôde vêr, não é assim? perguntou a velha baroneza.

— Perdão, vejo um indicio ja tão pronunciado, que me impressiona...

— Qual é? qual é? perguntou vivamente o pae, de quem se apoderára tambem a inquietação geral.

— Esta creança ha de ter uma extraordinaria força de vontade!

— Ah! exclamou o castellão. Já não é pouco.

— E terá ventura? perguntou a velha baroneza.

O feiticeiro calou-se por um momento. Depois disse:

— A força de vontade vale mais muitas vezes do que a ventura, e triumphá sempre da má fortuna.

E em seguida aproximou-se de uma sacada e olhou para o céu.

A tormenta passára, os relampagos já não scintillavam, e o céu estava cravejado de estrellas.

— Peço licença para me retirar, disse o homem do cão preto.

Já não chove e eu tenho ainda muito que andar. Agradeço a hospitalidade que me deram; nunca me esquecerei d'ella...

E saiu sem que pessoa alguma pensasse em demoral-o. O cão preto lançou ainda um ultimo olhar para o berço e para a castellã, e saiu em seguimento ao dono...

passadas algumas horas reinava no castello silencio profundo. Os hospedes do castello silencio profundo. Os hospedes do castellão estavam ha muito recolhidos. A creança dormia no berço junto da cama da mãe que, extenuada pelas impressões

do dia, dormia tambem profundamente. Frouxa luz illuminava o quarto.

De subito abriu-se um porta sem ruido um homem entrou e dirigiu-se para o berço da creancinha com os passos furtivos e hesitantes com que os criminosos caminham sempre.

V

O homem que acabava de entrar como um ladrão no quarto da castellan de certo era familiar do castello, porque, se o não fosse, não poderia ter chegado até allí sem dar signal de si.

Havia no castello grande numero de creados e de cães de guarda; e, além dos habitantes ordinarios, havia muitos hospedes que estavam dispersos por todos os pavimentos.

E comtudo nenhum obstaculo lhe impedira o passo.

Tinha vindo do fundo do parque e entrára pelo jardim; subira depois a escada, e, atravessando um labyrintho de salas e de corredores, parára por um momento no limiar da porta da casa de jantar, ainda impregnada das emanções do festim.

Tremulo, hesitante, tomado de uma especie de vertigem, quizera voltar atrás...

— Não, não, murmurou elle; elles têm com que se consolar!

E continuou a caminhar.

Por debaixo da «blouse» levava um não muito volumoso embrulho.

A' entrada do quarto onde dormiam a mãe e o filho hesitou ainda por um momento; depois deu um passo como que involuntariamente... deu segundo... deu terceiro e achou-se ao pé do berço.

A mãe tinha um braço pendente fóra da cama na direcção do berço.

Então o homem abriu o embrulho voltando o rosto inundado de suor frio. Dentre havia uma creança morta...

Pegou convulsamente no cadaver e collocou-o no berço junto da creança viva... Depois teve ainda um instante de hesitação... Mas foi o ultimo...

Com uma delicadeza incrível, tirou do berço a creança viva, que não acordou, e retirou-se vagarosamente recuando até á porta...

Quando ia a passar o limiar, o sobrado rangeu... a mãe fez um movimento... O ladrão estremeceu e esteve a ponto de deixar cair a creança no chão...

Mas a mãe não acordou...

O homem saiu do quarto, atravessou de novo uma parte do castello sem que obstaculo algum lhe interrompesse a nocturna digressão, e chegou assim até ao pateo.

De repente estacou tremendo, com os olhos esgazeados...

Era noite ainda; mas o céu começava já a illuminar-se com o reflexo dos claros esbranquiçados que pronunciam a alvorada.

Emquanto que a terra estava mergulhada ainda no silencio e nas trevas, o céu, que o ladrão primeiro interrogára,

parecia dizer-lhe: — «Apressa-te... Apressa-te!»

Ao abaixar, porém, o olhar para a terra, viu dois carvões ardentes a brilhar na escuridão... Teve medo...

Eram os olhos fulgurantes do cão preto...

Por um momento o ladrão pensou em voltar atraz para tornar a collocar no berço de setim branco o filhinho da castellan... Mas o cão afastou-se...

Então o ladrão ganhou coragem, e atravessou o pateo.

O cão caminhava deante delle rapidamente. O ladrão murmurava:

— Morreu o meu filho... mas não morrerá a minha adorada Magdalena! Vendo esta creança julgará que é a nossa... Só eu saberei a triste verdade...

Ao chegar ao parque, o cão parou de subito. João, o jardineiro, estacou de novo, tomado de terror.

Um homem estava assentado no tronco de uma arvore, e esse homem contemplava-o com olhos tão fulgurantes como os do cão. João reconheceu o viajante que horas antes fóra pedir-lhe hospitalidade.

E como se naquelle mysterioso personagem visse um espirito das trevas, fez o signal da cruz, e fechou os olhos.

Quando, passados alguns instantes, os abriu, tinham já desaparecido o homem e o cão.

João continuou então a caminhar apressadamente e chegou á porta da sua pobre choupana.

A creancinha tinha acordado com o contacto do ar frio da noite, mas não chorava. João abriu a porta silenciosamente e entrou com passos furtivos. Magdalena dormia ainda.

O jardineiro collocou o filho dos fidalgos sobre o humilde berço, onde pouco antes morrera o seu proprio filho. A creancinha, que momentos antes estava rodeada de grandezas e a quem já ques, o intendente, dava já o titulo de visconde, tornou a adormecer serenamente debaixo do tecto de côlmo de uma choupana, onde dahi ávante deveria viver com a miseria por companheira!

O dia surgiu emfim; o horizonte foise a pouco e pouco illuminando. Depois appareceu o sol, e inundou com os seus brilhantes raios o valle e a collina, o castello orgulhoso e a humilde choupana. Um desses raios foi brincar com os cabellos em desordem de Magdalena e despertou-a.

No berço vagia uma creancinha...

João tomou-a nos braços, e levou-a para a cama de Magdalena, que estava de mãos erguidas e com os olhos inundados de lagrimas de alegria agradecendo ao bom Deus...

João voltou a assentar-se silencioso e triste a um canto do quarto.

— Tu choras, meu João? perguntou Magdalena.

— Sim... respondeu o jardineiro com voz abafada. Choro porque aconteceu esta noite uma grande desgraça...

— Que foi? que foi? exclamou Magdalena assustada.

— O filho da castellan morreu ha poucas horas! soluçou o jardineiro.

Magdalena soltou um grito.

— Oh! pobre mãe! balbuciou ella com angustia.

João deixou cair o rosto entre as mãos e murmurou:

— Oh! Deus ha de castigar-me!!

FIM DO PROLOGO

PRIMEIRA PARTE

Recordação de dois saltimbancos

I

A «signora» Paquita reunira nessa noite todas as celebridades das artes e das letras. O baile fôra esplendido. A multidão tinha saído já; haviam ficado só os intimos.

Havia seis mezes que uma nova e incomparavel prima-donna «fazia furor» no theatro italiano.

Era a «signora» Paquita.

Donde vinha ella? De Italia, diziam uns; de Hespanha, affirmavam outros; mas todos se fundavam em supposições mais ou menos verosimeis, e ninguém o sabia com certeza.

Escurtida á socapa e por pouco dinheiro por um director de não muito escrupulosa consciencia, revelára incompatíveis dotes logo na primeira noite em que cantára e recebera entusiastica e atrodadora ovação.

Oito dias depois tinha Pariz a seus pés.

Tinha pois acabado o baile, como já dissemos, e a cantora estava no seu «boudoir» rodeada dos seus admiradores e mais intimos amigos.

—Vou dizer-lhes uma coisa que de certo ha de causar-lhes surpresa, dizia a cantora sorrindo. A minha carreira artistica foi começada... como saltimbanca!

Os ouvintes fizeram energicos gestos de admiração e incredulidade. Paquita continuou:

—Antes de tirar da garganta uma nota de cem mil francos por anno, andava dansando na corda pelas feiras, e cantava seguidilhas á porta das tabernas.

—E' impossivel! disseram os homens

—Mas que idade tem então? perguntaram as senhoras.

—Vinte e cinco annos, respondeu ella. Aos oito dansava; aos quinze cantava. Tenho passado a vida pelos theatros, desde a immunda barraca de feira até ao theatro da Grande Opera.

Um jornalista que se achava entre os intimos exclamou:

—A «signora» devia publicar as suas memorias.

—Para que? disse ella sorrindo.

Mas o sorriso, que lhe entreabria os labios nacarados, era melancolico; no rosto

formosissimo desenhou-se-lhe uma nuvem de tristeza.

—As minhas memorias, disse ella, não seriam mais interessantes do que quaisquer outras.

—Comtudo, accrescentou ella depois de umcurto instante de silencio, se querem que lhes conte um episodio da minha infancia, estou prompta...

—Bravo! exclamou o jornalista entusiasmado, puchando logo por um livrinho de lembranças e por um lapis.

Os intimos fizeram um circulo em volta da cantora.

Só um mancebo quasi desconhecido de todos, que fôra apresentado com o nome de Godefroy, e cujo vestuario já muito usado denunciava pobreza, se conservou um pouco afastado do grupo.

A cantora nem havia reparado nelle. —Vou contar-lhes a historia do «Sem-Ventura, proseguiu ella.

E a prima-donna começou a narração do seguinte modo, e no meio do mais profundo silencio.

—Tinha eu então doze annos; a companhia ambulante, de que fazia parte, havia journadeado todo o dia. Tinha para nos conduzir um carro enorme, especie de barraca assente sobre rodas, que nos servia de theatro nas feiras, de quarto de dormir de noite e de casa de jantar durante o dia.

Nos caminhamos paravamos sempre á beira dos vallados. A carruagem servia-nos então de casa, emquanto que os dois lazarentos cavallos que apuchavam, desembaraçados dos seus extravagantes e caprichosos arreios e das campainhas importunas, desciam para o vallado e pastavam a herva que encontravam.

«O palhaço era o nosso cozinheiro; o patrão fumava no seu cachimbo; a patrão remendava-nos a roupa e os europeis; e Bataclan, um pobre diabo que representava de Hercules, e que engullia espadas e estopa a arder, estendia uma corda entre duas arvores e dava-nos lição para matar o tempo até que estivesse feita a nossa magra sopa.

«Nesse dia voltavamos de uma feira, e dirigimo-nos para uma povoação pequena que ficava a seis ou sete leguas de distancia, e onde no dia seguinte havia um grande mercado.

«Os proventos haviam sido bons na feira; o patrão, que se chamava Coqueluche e que, apesar de ser o empresario da companhia, e nosso verdadeiro e unico senhor, desempenhava as modestas funcções de tocador de tambor, tinha nesse dia a bolsa recheiada de escudos e até mesmo entre elles algumas moedas de ouro.

«Era um excellente homem, generoso sempre que podia ser-o, e affavel para com todos.

«—Meus filhos, tinha-nos elle dito durante o descanso do meio-dia; se chegarmos esta noite a alguma povoação, iremos ceiar e dormir a uma hospedaria.

«Ceiar e dormir numa hospedaria! Era o nosso sonho dourado. Havia mais de um mez que não tinhamos outra habitação senão a nossa barraca, nem comiamos outros acepipes além das

abominaveis michordias do palhaço. Fazia frio e nós, com o pretexto de acquestermos, mas em verdade para diminuirmos um pouco o peso da barraca ambulante, caminhavamos a pé com todo o desembaraço.

«A noite approximava-se; os campos estavam desertos. Por mais que explorassemos o horizonte com o olhar, nem por sombras divisavamos ao longe coisa que se parecesse com uma povoação.

«O caminho que seguíamos tinha de um lado um valle estreito e do outro um pequeno regato, que corria á esquerda de extensos prados, amarellecidos pelo inverno, e povoados aqui e alli de choupos inteiramente despidos de folhagem.

«Nos prados pastavam a pequena distancia do regato uma meia duzia de vacas, guardadas por um rapazito de sete ou oito annos. Nesse ponto a estrada seguia por uma ponte de madeira lançada sobre o regato.

«— Olá! pequeno!... gritou Coqueluche para o rapazinho que estava assentado sobre uma pedra, tremendo com frio, e comendo com appetite um pedaço de pão negro.

«O rapazinho levantou-se logo, e dirigiu-se para nós tirando polidamente o gerro da cabeça.

«—Estamos ainda longe do povoado? perguntou Coqueluche.

«—A uma legua boa, respondeu a creança.

«Na provincia, e sobretudo no centro da França, a legua avaria muito de extensão. Quando se diz «uma legua», são seis ou oito kilometros; «uma legua boa» representa o dobro; e «uma grande legua» marca a distancia que medeia entre duas povoações.

«Havia já muito tempo que o sol desaparecera. Coqueluche olhou paranós e em seguida para os cavallos.

«Nós tinhamos todos o nariz vermelho como lume e as mãos rocheadas pelo frio. Os pobres rocinantes, apesar da temperatura, suavam por efeito do cansaço... e da fome.

«— E não ha por aqui uma casa, uma quinta mais proxima? perguntou ainda Coqueluche.

«— Ha, sim senhor, respondeu o pequeno, a um quarto de hora de caminho, torneando a collina, encontram a casa de meu pae.

«—Queres acompanhar-nos até lá?

«— Oh! não! respondeu a creança manifestando um vivo sentimento de temor.

«—Porque?... perguntei eu approximando-me d'elle.

«— Não vás lá, não vás lá! me disse elle com um adoravel accesso de familiaridade.

«— Mas então é teu pae muito máu homem? insisti eu.

«— E' sim... bater-te-ia como bate a mim!

«A barraca ambulante tinha parado e Coqueluche havia descido da almofada. Todos nós, os bohemios dos caminhos, rodeavamos o pastorsinho que examinavamos com curiosidade.

«Era uma creança macilenta, mas de estatura delicada e graciosa, e cujo semblante distincto parecia pertencer ao filho de uma familia illustre, e não ao filho de um aldeão. Tinha na testa uma grande contusão.

«—Que é isso que tens na testa? lhe perguntei eu.

«—Cai hontem de uma arvore, respondeu elle simplesmente.

«—Pobre pequeno!... Então teu pae é muito máu?

«—Não vás lá! repetiu a creança com expressão de susto; bater-te-ia...

«Coqueluche, que era sceptico, disse para o rapazinho:

«—Em que se occupa teu pae?

«—E' trabalhador do campo.

«—São delle estas vacas?

«—Não, senhor; são do rendeiro da Rouanière que me tomou ao seu serviço no S. Martinho.

« E o rendeiro bate-te? perguntei eu acariciando o pobre pequeno.

«—Oh! não... Mas meu pae vae ás vezes lá bater-me.

«—E tua mãe não te defende?! exclamei eu.

«—Eu já não tenho mãe! murmurou o rapazinho que desatou a chorar.

«Coqueluche era homem grosseiro, mas tinha uma excellente alma. Tirou da sua bolsa de couro uma moeda de quarenta «sous» e deu-a ao pequeno, que ficou em extremo surprehendido.

«—E onde é a herdade em que estás a servir? perguntou o palhaço.

«—Um pouco adeante da casa de meu pae.

«—Queres lá conduzir-nos?

«—Vamos lá, respondeu a creança.

«E chamou o cão, que immediatamente correu a morder nas vacas, obrigando-as a saltar para a estrada.

« Sem duvida estavam habitadas aquellas amabilidades do cão, e sabiam o que ellas significavam, porque começaram a trotar, e o rapazinho começou a correr atrás dellas, dizendo-nos:

«—Venham commigo, é por aqui.

«Quem sabe dansar na corda tem o pé leve, e portanto, puz-me a correr tambem ao lado d'elle.

«Agradava-me o pequeno, com o seu ar adoravel, com aquelles grandes olhos azues e expressivos, e com o seu rosto suave e resignado.

«Os outros saltimbancos tinham subido para a barraca, e Coqueluche lançára mão das redeas e do chicote. Os cavallos trotavam como se adivinhassem que os esperava um molho de feno e de palha fresca.

«Por sobre a terra da estrada estava uma camada de gelo. Ao correr, o rapazinho tropeçou em uma pedra, e caiu para deante, levantando-se com a cara toda arranhada e a escorrer em sangue.

«Vendo-o assim, soltei um grito e puz-me a chorar. O pequeno disse-me sorrindo:

«— Isto não é nada... não chores. Estou já muito habituado a estas coisas. Não é sem razão que me chamam o Sem-Ventura.

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

Recordação de dois saltimbancos

II

A cantora interrompeu-se por um momento. O jornalista exclamou:

—Bravo! divina Paquita! E' um encanto ouvi-la...

—Meu caro, respondeu ella, nenhuma historia é tão commovente como a das coisas verdadeiras.

E, continuando a não reparar no manoteo que lhe havia sido apresentado com o nome de Godefroy, o qual, retirado no mais escuro canto do «boudoir» a escuteva pallido e com o rosto contrahido, proseguiu do seguinte modo:

—Ao fim de um quarto de hora de caminho, divisámos uma casa isolada no meio de um campo, a cem metros pouco mais ou menos de distancia da estrada.

«Era uma verdadeira choupana campestre, que não tinha mais do que o andar terreo.

«Por um buraco praticado no tecto, que parece fazia as vezes de chaminé, saia um pequeno fio de fumo; e os reflexos do lume illuminavam de espaço a espaço os pedaços de papel azeitado, colados na unica janella da choupana em lugar de vidros.

«Algumas gallinhas debicavam na terra aqui e alli, e a pequena distancia via-se uma cabra, presa ao tronco de uma arvore.

—«E' a casa de meu pae, murmurou o Sem-Ventura que apressou o passo com indizível expressão de susto. Fica tu um pouco atraz... Se me visse contigo, zangava-se, e vinha bater-me.

«E collocou-se resolutamente no meio das vaccas que continuavam a trotar.

Só depois de havermos passado muito além da casa, da qual ninguem saiu, é que o rapazinho afrouxou o passo para esperar por mim, olhando ainda assim com desconfiança para a retaguarda.

—«Porque é que te chamam o Sem-Ventura? lhe perguntei eu.

—«Porque tenho em tudo má sorte, respondeu a creança tristemente. Minha mãe morreu... meu pae bate-me... e eu não sou capaz de subir a uma arvore sem cair, nem saltar um vallado sem quebrar a cabeça. E comtudo sou agil, corro perfeitamente, e trepo como um macaco... mas que queres tu? Não tenho ventura! Foi culpa do cão preto!

—«Do cão preto? Que quer isso dizer?

—«Quer dizer que quando nasci olhou para mim um cão preto... «que me deu

quebranto»... Meu pae é quem o diz... Quando está desesperado, furioso como um doido, grita como um possesso e falla de continuo do homem do cão preto.

«Emquanto elle me dava estas explicações, tinhamos adeantado caminho. A estrada que torneava o valle acabava de fazer uma especie de cotovello, e a casa do pae do Sem-Ventura desaparecera.

«Em troca tinhamos na nossa frente uma bella herdade, com casa de habitação muito bem caçada, e meio escondida no meio de arvores gigantescas.

—«E' alli a Rouanière, disse o Sem-Ventura.

«Coqueluche dizia para os compaheiros: —«Acreditem o que lhes digo: pas-a-se ás vezes muito melhor em uma quinta do que em uma hospedaria, e sempre fica mais barato. Estou convencido de que por dois escudos nos ha de dar o rendeiro uma boa ceia para nós, forragem para os cavallos, e uma excellente cama no palheiro, onde dormiremos como principes.

—«Santa palavra! exclamaram em córo os saltimbancos, a quem a vista da confortavel quinta havia despertado o appetite.

«Eu e o Sem-Ventura continuavamos a correr ao lado um do outro, e a barraca ambulante dera volta para o caminho transversal que ia dar á quinta.

«Quando chegamos á porta do pateo veio correndo para nós um enorme cão ladrando furiosamente. Eu confesso que lhe tive medo.

—«Está calado, Médor! gritou o Sem-Ventura.

«O cão continuou a rosnar, mas foi-se approximando a pouco e pouco, e acabou por ir lambe as mãos do rapazinho, que me disse sorrindo:

—«Não era dantes assim, não! Durante mais de seis mezes mordida-me sempre que podia. Mas tanto o acariciei, tanto insisti em o affagar, que conseguiu fazer o meu amigo! Vê tu... quando temos má sorte, precisamos de muita força de vontade, de uma grande persistencia para conseguir as coisas...

«Nesse momento appareceu o rendeiro. Era um homem de meia idade, de rosto aberto e risonho. Em vez de maltratar o Sem-Ventura, como o pae deste o teria feito, disse-lhe simplesmente:

—«Que gente é essa, ó pequeno?

—«Encontrei estes senhores na estrada, respondeu o pastorzinho, e pediram-me que os conduzisse á Rouanière.

«O rendeiro conheceu logo que qualidade de gente nós eramos. Os saltimbancos, nos campos, inspiram pouca confiança. Ha muitas hospedarias na provincia, principalmente nas aldêas, que se recusam a recebê-los.

«Comtudo Coqueluche tinha no rosto uma tão manifesta expressão de honestidade, e fez o seu pedido de hospedagem

com um tal accento de franqueza, que o rendeiro consentiu em nos dar abrigo. —«Mas olhem que não tenho camas para lhes dar, nos disse elle; podem, porém, ir dormir no palheiro, onde ha boa palha de aveia. Para comer terão sopa e carne de porco á fartura. E se quizerem pagar um pato gordo, também posso mandar-lhe cozinhar. Tudo mais é gratis e dado de boa vontade.

«Meia hora depois os cavallos estavam á mangedoura, a barraca ambulante havia sido levada para debaixo de um telheiro, e os saltimbancos estavam na cozinha commodamente assentados em volta de um grande lume. Eu andava brincando com o Sem-Ventura, como creanças que ambos eramos.

—«Ha muito tempo que Bastinguette não apanha destas pechinchas, disse Coqueluche sorrindo e apontando para mim.

—«Nem elle também, o pobre pequeno, disse o rendeiro com accento de profunda compaixão. Este rapazinho é tão infeliz como uma pedra que todos pizam.

—«Ah! disse a rendeira, matrona gorda e corada; se ao menos o pae não fosse tão nosso vizinho!

—«Então o pae não ama o filho? perguntou Coqueluche.

—«Abomina-o! disse a rendeira.

—«Mas porque? perguntou o palhaço.

—«Ah! isso é uma historia muito complicada, tornou a rendeira. Em primeiro lugar João, que é como o pae se chama, nem sempre está em seu juizo perfeito; e a prova é que já esteve dois annos encerrado na casa dos doidos em Auxerre. Quando de lá saiu, parecia estar curado... mas depois disso o mal tem-n'o atacado muitas vezes... E' diga-se a verdade, emquanto viveu a mulher, não era má homem, nem maltratava o filho... Mas desde que morreu a pobre Magdalena, ganhou odio ao pequeno e começou a dizer que era filho dos fidalgos do castello, e não delle...

—«Como assim?... perguntou Coqueluche surprehendido.

—«Eu lhe explico a coisa, tornou a rendeira; Magdalena e João eram os encarregados de tratar dos jardins do castello do senhor conde. A senhora condessa e Magdalena tiveram cada uma um filho no mesmo dia. Mas na noite do baptismo o filho dos fidalgos morreu... João, ao ver a pobre creancinha morta, ficou espavorido, perdeu a cabeça... Na noite seguinte pegou fogo no castello que ficou redusido a cinzas... Desde então o pobre João deu todos os signaes de loucura, e a autoridade mandou-o para o hospital dos doidos. Quando de lá voltou, começou a contar a toda a gente uma historia inacreditavel e das mais extravagantes... Dizia que a creança que tinha morrido era o filho delle e não o dos fidalgos, e que elle proprio collocára no berço a creança morta, levando para casa a viva para que a sua Magdalena não morresse de desgosto... Já se vê que, como elle ha-

via estado doido, ninguem deu credito a um tal conto... E depois também o senhor conde tinha vendido as ruinas do seu castello com todas as terras adjacentes, e fôra viver para Paris.

«A pobre Magdalena, quando o marido contava aquellas horribes historias, pegava no pequeno, beijava-o, e dizia que, se não fosse seu filho, não poderia ella consagrar-lhe uma tão profunda afeição.

«Desde que haviam deixado de ser jardineiros, passavam grandes privações. Magdalena adoecia frequentes vezes; no verão passado trabalhou mais do que podia, e caiu de cama. Viveu ainda dois mezes definhando-se a pouco e pouco. Por fim succumbiu.

«Desde esse momento o pobre pequeno é odiado pelo pae. Diz sempre que é elle a causa de todas as suas desgraças, e, depois de o ter posto fora de casa, batelhe: ainda quando o encontra... Nós tivemos compaixão da desventurada creança, e recolhemos-l'a em casa... Fazemos-lhe todo o bem que podemos; mas de que vale isso? O pobre rapazinho é infeliz sempre e em tudo... é com razão que lhe chamam: «o Sem Ventura».

«Eu havia cessado de brincar e fôra assentar-me ao pé da rendeira escutando com viva curiosidade o que ella dizia.

—«Tudo aquillo é verdade pura, me disse o Sem-Ventura.

«E ao mesmo tempo que escutava a narração feita pela rendeira, tirára do bolso um canivete e divertia-se a entalhar delicadamente um pedaço de madeira de pinho, que havia encontrado em um canto da cosinha.

«O palhaço, que mais ou menos tinha tentado todos os modos de vida, entre outros o de ser escultor em madeira, tirou-lhe da mão bocado de pinho, e fez um gesto de admiração.

«O Sem-Ventura começára a esculpir um Christo, semelhante ao que no domingo vira á porta da igreja. o trabalho era grosseiro, imperfeito, mas tinha já um certo cunho de originalidade que impressionou o palhaço.

—«Quem te ensinou a fazer isto? lhe perguntou elle.

—«Ninguem, aprendi eu só.

—«Oh! já tem feito coisas melhores, disse a rendeira.

«E, abrindo um bahú, tirou de dentro um braçado de pequenas esculturas extremamente graciosas. Entre ellas havia carneiros, cães, vaccas, um pastor, mil coisas!

«Coqueluche e o palhaço estavam boquiabertos.

—«Este pobre pequeno pode vir a ser um grande artista! exclamou o palhaço, maravilhado.

«Eu, que sympatisava deveras com o rapazinho, fiquei contentissima ao ouvir isto, e abracei-o enthusiasmada.

—«Queres ser minha irmanzinha? me disse elle commovido, e retribuindo-me as caricias.

—«Oh! se quero! respondi eu.

—«Orá, que importa que tu digas isso? Amanhan vaes-te embora... e nunca mais tornarei a vê-te... Se eu sou o «Sem-Ventura»!

«E deslisaram-lhe pelas faces duas lagrimas vagarosas...

III

«Todos nós estávamos fatigados do muito que nesse dia havíamos caminhado. Logo que acabámos de ceiar, dissemos o rendeiro:

—«Se querem ir já deitar-se, vou ensinar-lhes onde é o palheiro...

«E olhando para mim, continuou:

—«A pequena irá dormir com uma das minhas filhas.

—«Pois sim, disse Coqueluche. A pobre Bastinguette bem merece dormir esta noite em uma boa cama. Trabalhou hontem muito...

—«Que especie de trabalho fazes tu? me perguntou o Sem-Ventura.

—«Danso na corda.

«O pequeno não comprehendeu; mas não deixou por isso de olhar para mim com admiração. O rendeiro, que andava sempre de feira em feira, e sabia o que era dansar na corda, perguntou-me:

—«E trabalhas bem?

—«Oh! é perfeita, não tem igual! respondeu Coqueluche com enthusiasmo.

—«Pobre pequena! murmurou a rendeira. E' tão delgadinha... tão magrita...

—«Isso não quer dizer nada, tornou Coqueluche. Quem é magro, quasi sempre é muito nervoso, e é isso o que é necessario para a dansa na corda.

«O Sem-Ventura olhava para mim e escutava attentamente o que se estava dizendo.

—«E tu, lhe disse eu, gostavas de dansar na corda?

—«Mas como é? murmurou elle.

«O rendeiro, que estava de bom humor, disse nesse momento para Coqueluche:

—«Ora de boa vontade lhe dava de graça o pato, que comeram, e ainda outra para levarem, se houvesse meio da pequena nos mostrar a sua habilidade...

—«Ah! e eu estou prompta! exclamei eu.

«Bem podem imaginar que eu nem pensava em poupar a bolsa de Coqueluche, nem na parte do pato que poderia pertencer-me; o que eu queria era mostrar o meu talento ao Sem-Ventura, o qual começou a bater as palmas doido de contente.

«Coqueluche respondeu:

—«Tem-nos tratado aqui tão bem, que seria maldade da nossa parte não lhes fazer a vontade. A pequena ha de trabalhar e eu não me dispenco de pagar o pato... Mas... onde se ha de estender a corda?

—«Em um barracão vazio, que fica do outro lado do pateo. E' grande como uma igreja.

«O pessoal da herdade era numeroso: tres creados de lavoura, dois pastores, tres creadas, uma rapariga que guardava os patos, e o vaqueiro, que era o meu nobre Sem-Ventura. Além disto o rendeiro

ro tinha duas filhas, e um filho de oito ou dez annos que andava na escola. Toda esta gente soltou gritos de alegria e saiu em tumulto da cozinha.

«Coqueluche correu logo á barraca ambulante, acompanhado pelo palhaço, para procurarem a corda e as nossas lanternas de vidros de côr, que serviam nas representações nocturnas.

«O barracão era espaçoso e estava completamente desoccupado. Em um abrir e fechar de olhos foi transformado em theatro. Aos quatro cantos do barracão foram collocadas lanternas sobre barris vazios.

«Eu fui pôr a minha faixa dourada, Coqueluche foi buscar o tambor e o pifano, e o palhaço, em obsequio aos circumstantes, fez meia duzia de grotescas cabriolas, fingindo que dava bofetadas á direita e á esquerda, caindo aqui, levantando-se acolá, tudo acompanhado de uma gritaria infernal.

«A creadagem da herdade andava aos tombos pelo chão a rir-se; alguns dos espectadores até choravam...

«Em seguida á palhaçada, saltei para sobre a corda, que estava estendida a cinco ou seis pés de distancia do solo, e, com a maromba nas mãos, comecei a fazer as costumadas piruetas.

«Os applausos eram estripitosos; mas eu só tinha olhos para o Sem-Ventura, e o Sem-Ventura não despregava de mim o seu olhar sereno e triste.

«Logo que dansei sobre a corda os mais difficeis passos que sabia, saltei ligeiramente para o chão.

—«Ah! me disse o rapazinho, se eu pudesse fazer como tu...

—«Mas tu não sabes, lhe disse eu.

—«Verias como havia de aprender depressa!

«Toda a creadagem desatou a rir, e as zombarias choveram sobre o pobre Sem-Ventura.

—«Ora! disse um creado de lavoura desdenhosamente, não ha memoria de que elle subisse a uma arvore sem cair...

—«Ainda hontem tropeçou no pateo e ficou logo estatelado no meio do chão! disse uma gorda creada chacoteando.

«O Sem-Ventura estava rubro de vergonha, e eu sentia-me agitada por violenta colera. Mas de subito o rapazinho ergueu a cabeça, passou-lhe um relampago pelo olhar, e um sorriso lhe contrahiu os labios.

—«Vou tentar! disse elle.

«E como a creadagem ria cada vez mais, tirou-me das mãos a maromba, saltou para o barril mais proximo, e dahi para a corda, onde se aguentou em pé durante alguns segundos, chegando mesmo a dar sobre ella dois ou tres passos.

«A creadagem já não ria, Coqueluche exclamava—bravo!

—«Muito bem, muito bem, lhe disse eu. Coragem, amigo!

«O Sem-Ventura, animado por estas palavras, deu ainda mais quatro ou cinco passos. Depois perdeu o equilibrio; mas, graças á maromba, caiu em pé.

—«Viva! disse o rendeiro rindo; é a

primeira vez que cae sem esmurrar o nariz.

«Mas o Sem-Ventura ainda se não deu por vencido, e quiz recommear. Saltou outra vez para sobre a corda, e percorreu-a de uma extremidade a outra. Quando caiu recebi-o nos braços, e posei-o docemente no chão.

—«Se quizesse que eu fosse contigo, me disse elle em voz baixa, verias como havia de aprender depressa...

—«Bravo, Sem-Ventura! bravo, rapazete! gritavam os creados, que tinham passado subitamente da zombaria ao enthusiasmo.

«Ninguem reparára em um homem que se approximára sem ruido, e que estava immovel á entrada do barracão. Fui eu a primeira a vê-lo, e tive medo. O Sem-Ventura, que seguira a direcção do meu olhar, fez um gesto de susto.

«Todos se voltaram então e viram o recém-chegado.

—«E' meu pae! murmurou o Sem-Ventura que instinctivamente se escondêra atraz de mim.

«Era effectivamente o jardineiro, aquelle homem que, desde que estivera doido, pretendia que o pobre pequeno não era filho delle, e que o tinha roubado aos fidalgos do castello.

«Parecia ter quarenta annos. Era pallido e sinistro; no semblante transluzia-lhe uma expressão muito accentuada de dureza e crueldade. Avançou com ar ameaçador e com os punhos cerrados para o pequeno.

—«Ah! miseravel, disse elle, agora vaes ser saltimbanco... vaes dansar na corda!... Se seu pae o visse neste momento, senhor visconde, accrescentou elle com amarga ironia, era tambem capaz de acreditar que é filho do pobre jardineiro!...

«E levantou a mão para bater no infeliz Sem-Ventura. Mas Coqueluche e o rendeiro metteram-se de permeio.

«Então João olhou para o saltimbanco e disse-lhe:

—«O senhor é que é o director da companhia?

—«Sim, senhor, respondeu Coqueluche com máo modo.

—«Tinha um negocio para lhe propôr...

—«A mim?

—«Ao senhor mesmo... Vendo-lhe o rapaz. Parece ter tendencia para o theatro... hade fazer um bom saltimbanco.

«E poz-se a rir com expressão sinistra. A creadagem olhava para elle com espanto.

—«Oh! vendo-lhe'o baratinho, tornou elle; dez escudos... trinta francos... é um ovo por um real!

«O rendeiro deu um grito de indignação.

—«Meu caro, disse Coqueluche, os saltimbancos não são tão máos como querem fazer-os. Nem roubam, nem compram creanças. Trabalhamos em familia, e fazemos as diligencias por ganhar a nossa vida honradamente.

—«Bravo! o senhor é dos meus!...

exclamou o rendeiro estendendo a mão a Coqueluche. Em seguida agarrou em João por um braço, e impelliu-o para fóra do barracão.

—«Vae-te, vae-te, malvado! disse elle com os dentes cerrados para o ex-ardeiro; e toma bem sentido no que vou dizer-te: se tornas a maltratar o teu pobre filho, vou denunciar-te á justiça.

«O Sem-Ventura deitára-me os braços em volta do pescoço, e dizia-me ao ouvido:

—«Mas porque não quer teu pae comprar-me? Eu ia de tão boa vontade contigo...

IV

«O pae do Sem-Ventura foi-se embora resmungando. Todos os circumstantes haviam tomado o partido do rapazinho, e as palavras do rendeiro, que faziam autoridade, tinham acabado de lhe grangear todas as sympathias.

«Os creados da lavoura acompanharam o doido até á porta da herdade no meio de injurias de toda a especie.

«O Sem-Ventura, todo convulso, não me largava.

—«Oh! dizia elle com susto; vae voltar de certo para me bater!...

«O rendeiro ouviu estas palavras.

—«Não tenhas medo, disse elle; vou mandar fechar todas as portas e soltar o cão no pateo.

«A representação estava terminada. O rendeiro, a familia e a creadagem estavam satisfeitissimos.

«O rendeiro dirigiu-se para mim e deu-me cem esous.

—«Aqui tens, me disse elle affagando-me; é o principio do teu dote.

«Peguei no dinheiro e quiz passar-o furtivamente para a mão do Sem-Ventura, ao que elle se oppôz energicamente.

—«Não, não, me disse elle; mais tarde... talvez mais tarde...

«E ergueu para mim os grandes olhos tristes e serenos, cuja expressão poderia traduzir-se assim:

—«Vencerei todas as difficuldades, para não me separar de ti. Tu verás...

«Como já era bastante tarde, o rendeiro annunciou que eram horas de todos se recolherem. Coqueluche e a sua «troupe» estavam morrendo por isso. Eu fui deitar-me com uma das filhas do dono da casa, conforme se combinára. Os outros saltimbancos dirigiram-se para o palheiro.

«O rendeiro estava tão satisfeito comnosco, que levou a sua generosidade a ponto de pôr uma excellente cama á disposição de Coqueluche e da sua digna consorte.

«O pobre Sem-Ventura foi para o palheiro com os creados de lavoura e com os saltimbancos.

—«Em que pensas tu, pequena? me perguntou a minha companheira, vendo que levava toda a noite ás voltas na cama.

(Continúa)

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

Recordação de dois saltimbancos

IV

«Penso, lhe respondi eu, que o «Sem-Ventura deveria vir connosco.

«Porque? tornou ella surprehendida.

«Porque eu havia de ser muito amiga delle, respondi eu.

«A filha do rendeiro devia ter pouco mais ou menos dezoito annos, e conhecia-se-lhe no rosto aberto e franco que era dotada de muita bondade. Ao cabo de alguns momentos de reflexão, murmurou:

«Talvez tenhas razão, pequena; seria mais feliz convosco, do que é aqui, porque todas as vezes que o pae o encontra, bate-lhe sem dó, e algum dia é capaz de o matar!

«Ao amanhecer, creadagem e saltimbancos, tudo estava em pé. Coqueluche já havia dado uma abundante ração aos

caballos; e os creados de lavoura iam sair para o trabalho. O proprio Sem-Ventura tinha já tirado as vaccas do curral, e o cão corria de um lado para outro impaciente, mordendo ora uma, ora outra vacca. Mas os animaes são escravos do habito, mais ainda do que os hemens, e por mais que o cão se impacientasse, e desse dentada aqui, dentada acolá, as vaccas corriam em redor de um grande charco, que estava no meio do pateo, e não saíam. Tinham por costume dirigir-se para a pastagem só quando o Sem-Ventura lhes ia na frente.

«E o Sem-Ventura não se mechiá...

«O pequeno estava assentado no tronco de uma arvore derrubada, e seguia com os olhos inundados de lagrimas os nossos preparativos de partida. Approximei-me delle e abracei-o.

«Não queres então, que vá contigo? me perguntou elle.

«Não, respondi eu. O tio Coqueluche não quer.

«Pois é o mesmo... Tu verás... tornou elle resolutamente.

«Que hei eu de vêr?

«Cá tenho a minha idéa, disse elle batendo na testa. Chamam-me o Sem-Ventura, mas quando se me mette uma coisa na cabeça... ha de ser...

«E não quiz dar mais explicações.

«Coqueluche tinha já posto os cavallos á barraca ambulante. Bataclan, para deixar uma homérica recordação dos seus talentos, tinha mettido um rolo de estopas a arder, e deitava o fumo pelo nariz; o palhaço dizia facecias a todos, e cabriolava como um possesso por debaixo das vaccas e dos cavallos, e os creados de lavoura iam-se gemorando á espera que partissemos.

«A rendeira, que sympathisára comigo, tinha-me dado uma grande fatia de pão com manteiga, que offereci ao Sem-Ventura. Mas elle rejeitou-a dizendo:

«Não tenho fome...

«E desatou a chorar.

«E para onde vão agóra? perguntou o rendeiro a Coqueluche.

«O Sem-Ventura levantou-se apressadamente e foi prestar ouvido attento á conversa, que se estabelecera entre o saltimbanco e o rendeiro.

«Vamos ao mercado de Saint-Fargeau que é amanhan, respondeu Coqueluche.

«Ah! disse o rendeiro; é um grande mercado, a que costuma concorrer muita

gente. Devem lá fazer bem bons vintens...

«Assim o espero. Fica longe daqui a povoação de Saint-Fargeau?

«Ha de lhes custar a chegar lá antes do anoitecer, ainda que caminhem bem.

«Não me importa viajar de noite, respondeu Coqueluche.

«E subimos todos para a barraca ambulante, não sem que o Sem-Ventura me abraçasse primeiro muito affectuosamente, e me dissesse ao ouvido: — Até á vista!

«Tornaremos nós a ver-nos? disse eu. Quem sabe se algum dia tornaremos a passar por aqui?

«Mas o rapazinho sorriu através das lagrimas, e não quiz explicar-se mais.

«A nossa enorme carruagem de seis rodas deu volta no pateo em redor do charco, saiu a porta ao ruido dos estalos do chicote de Coqueluche, e dirigiu-se para a estrada, acompanhada de affaveis expressões de despedida de todos os habitantes da herdade.

«Eu chorava como uma pequena Magdalena, e os saltimbancos escarneciam das minhas lagrimas,

—«Querem saber uma coisa engraçada? dizia o palleão; a nossa Bastinquette queria trazer connosco o guardador das vaccas!

—«E que ha nisso de extraordinario? disse eu com máu humor. O pae desejava-o, e elle dizia que havia de ser feliz connosco...

—«Sim, interrompeu Coqueluche; mas um pae não tem o direito de vender o seu filho; e se eu accettasse a proposta d'elle arriscava-me a ir assentar-me no banco dos réus no tribunal correccional, e isso é que eu não quero porque me preso de ser um homem honrado.

«Bataclan, o Hercules, que mostrava sempre consagrar-me muita amizade, tomou logo o meu par...to.

—«Mas, ao que parece, o doído não é pae do pequeno! disse elle.

«Coqueluche encolheu os hombros e não respondeu.

«Eu tinha-me assentado na almofada ao lado d'elle, e não tirava os olhos da Rouanière, que começava a perder-se ao longe. Era lá que ficava o pobre Sem-Ventura; á medida que nos afastavamos sentia apertar-se-me o coração,

«O dia passou. Na herdade tinham-se dado provisões em abundancia, e haviamos jantado mesmo na estrada á sombra de uma arvore. Depois tinhamo-nos posto de novo a caminho; o sol declinára no horizonte até desapparecer, e succedêra-lhe o crepusculo. A essa hora haviamos nós no dia anterior encontrado o pequeno guardador de vaccas comendo com invejavel appetite um pedaço de pão negro.

«Tive saudades de Sem-Ventura, e caíram-me outra vez as lagrimas... Os saltimbancos voltaram a escarnecer-me.

«De subito deu um grito de alegria.

«—Então que é isso? perguntou Coqueluche.

«—Olhe, respondi eu, olhe para além...

«Tinha-me posto de joelhos em cima da almofada, e olhava por sobre a barraca.

«—Mas o que? é insistiu Coqueluche.

«—E' elle!

«—Elle! quem!

«—O Sem-Ventura!... veja... veja elle corre!...

«Coqueluche encolheu os hombros outra vez; mas ergueu-se, e explorou tambem com o olhar a estrada que acabavamos de percorer.

«Os ultimos clarões do dia deixavam divisar um pequeno vulto negro a destacar-se na areia do caminho, vulto que se agita e corria para nós.

«Mais ainda com o coração, do que com os olhos, tinha eu reconhecido o Sem-Ventura.

«Era elle com effeito que corria doidamente. Pois nós tinhamos caminhado bem desde o amanhecer! Os nossos cavalloz comiam aveia tão raras vezes, que a que lhes havia sido dada na Rouanière tinhamos posto de bom humor.

«E depois Coqueluche desejava chegar cedo a Saint-Fargeau, e não havia poupadão o chicote.

«Comtudo em attenção ás minhas instancias, fez parar o vehiculo, e depressa reconheceram todos os saltimbancos que não me haviam enganado.

«Era effectivamente o Sem-Ventura que se approximava, sem respiração, offegante, com as faces incendiadas, os cabellos empastados pelo suor, e os pés nus ensanguentados!

«Saltei logo abaixo da almofada e corri abraçal-o.

«—Já vês, me disse elle, que tinha razão... quando esta manhan te dizia que não haviamos de tornar a ver!

«Eu abracei-o ainda com mais força; o pobre Sem-Ventura empallideceu e soltou um grito.

«—Ah! exclamou, elle, que me fazes mal!

«Desprendi-o então bruscamente e olhei para elle. Só então vi que o pequeno tinha o braço esquerdo seguro com um velho lenço de algodão azul, preso ao pescoço com um nó.

«—Foi meu pae que me quebrou um braço, disse elle simplesmente.

V

A formosa cantora fez neste ponto uma pausa.

O circulo de amigos intimos que a rodeava tinha-se apertado ainda mais e todos a escutavam com uma especie de avidez

«—As coisas mais simples, continuou ella, são ás vezes as que maior effeito obtêm. No theatro é onde esta verdade mais eloquentemente se confirma.

Quando no meio de uma situação serena e quasi vulgar, se escuta uma palavra que só por si é uma revelação, a sala estremece, exalta-se, enthusiasma-se, e uma especie de delirio febril se propaga e se communica aos proprios autores,

(Continúa)

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

Recordação de dois saltimbancos

IV

«Ao ver correr a criança, Coqueluche que tinha por mim uma certa afeição, como um director costuma sempre ter por a sua primeira actriz, e que só para me ser agradável havia feito parar o vehiculo, resmungou por entre dentes algumas palavras de mau humor, que todos os saltimbancos sancionaram com gestos de palavras significativas.

«A tia Coqueluche exclamou:

«—Mas nós não podemos tomar conta d'elle!

«O palhaço fizera um gesto de enfado e dissera:

«—Mais um? Não póde ser. Muitos somos nós já.

«Emfim, até o proprio Bataclan, o bom Bataclan, o Hercules que engulia espadas, me havia dito:

«—O' pequena, será bom que ralhes com o pequenote e o mandes outra vez para as suas vaccas.

«Só eu me havia descido para saltar ao pescoço do pobre Sem-Ventura; mas todos os saltimbancos tinham a cabeça fóra da barraca, e Coqueluche tinha o corpo debruçado sobre as almofadas para melhor o poder ver.

«Pois bem; apesar da má vontade de que todos haviam dado prova ao verem o Sem-Ventura, todos mostraram condescender-se d'elle logo que lhe ouviram dizer: «Foi meu pae que me quebrou um braço!»

«Saltaram todos em terra, e rodearam o rapazinho, que estava pallido e extenuado.

«—Pois teu pae voltou a bater-te? exclamou o bom Bataclan. Como foi isso?

«—Esperou-me esta manhã á porta da herdade, respondeu o Sem-Ventura. Estava escondido por detrás de um arbusto para que o rendeiro o não visse; e quando me afastei um pouco correu sobre mim e bateu-me com um péu: «Ah! dizia elle, não queres ser saltimbanco, miseravel?»

«E bateu-me tanto e tanto que senti que o meu braço me estalava, e quando quiz mexel-o não pude.

«—Oh! que miseravel! exclamou a mulher de Coqueluche.

«Estavamos todos em volta do pequeno, e já ninguém pensava em continuar a jornada.

«Os saltimbancos são todos mais ou menos mezinheiros. Fizemos entrar o Sem-Ventura para a barraca, despimos-lhe a velha «blouse» que o cobria, e Bataclan, que era o mezinheiro em chefe da companhia, encanou-lhe o braço o melhor que póde, enquanto que Coqueluche fen-

dia uma taboa e confeccionava umas talas para lh'o segurar.

«—Nunca mais has de deixar-nos, disse eu para o Sem-Ventura que havia supportado com admiravel coragem aquella operação dolorosissima. Agóra ficas com-nosco, não é assim?

«—Oh! sim; se aquelle senhor der licença, disse elle erguendo para Coqueluche um olhar supplicante. Hei de aprender a dansar na corda, e tambem gaharei a minha vida.

«A tia Coqueluche beijou-o, e olhando para o marido, disse:

«—Ora! que importa? é uma bocca mais ou menos. Que te parece, homem?

«—Está bom... vá lá! respondeu Coqueluche com mau modo. Não podemos deixar o pobre pequeno no meio da estrada de noite e ao frio. Se alguém o reclamar, entregal-o-emos...

«E foi assim que o Sem-Ventura entrou, com grande alegria minha, na nossa companhia de saltimbancos...

«—Finda ahi a historia?... perguntou o jornalista

«—Oh! não, respondeu a cantora. Ainda continúa...

«—Venha a continuação! a continuação! repetiram em côro os circumstantes.

O mancebo que já conhecemos sob o nome de Godefroy conservava-se ainda no mais escuro canto do «boudoir», pallido, commovido, e parecendo ter a alma suspensa dos labios da cantora, a qual contudo parecia não haver reparado nelle.

Querem a continuação? repetiu a cantora. Pois bem; escutem.

«Passaram-se seis annos.

«O Sem-Ventura tinha então quatorze, e eu dezoito annos. Diziam todos que eu era uma bonita rapariga. Fosse ou não fosse o que é certo é que tinha sempre em volta de mim muitos suspirantes.

«O Sem-Ventura tinha crescido muito, mas continuava a ser magro e de apparencia doentia. Todavia era forte, e balançava-se sobre a corda tensa; trinta pés de distancia do solo com a agilidade e segurança, que têm aquelles macacos da America, que saltam de uma arvore para outra, servindo-se para isso da cauda como se fosse uma alavanca.

«—Este rapaz é essencialmente nervoso, dizia o bom Bataclan, cuja barba se tornára grisalha, mas que continuava a engulir espadas, estopas inflammadas e outros ingredientes de pouco facil digestão.

«O palhaço tinha morrido. Substituirá-o o proprio Coqueluche, o qual tocava tambor e fazia palhaçadas, tudo ao mesmo tempo.

«Contudo o nosso pequeno commercio havia prosperado. A' força de correr de cidade em cidade, de aldéa em aldéa e de feira em feira, de vivermos pelas estradas,

de sermos sobrios e economicos em extremo, tinhamos podido comprar uma barraca maior, e costumes mais sumptuosos.

«Um dia fomos bater ás portas da grande cidade. Paris respandecia de luzes na noite em que lá entrámos. O «boulevard» do Templo tinha ainda o aspecto particular que já perdeu.

«No sitio onde agora começa o «boulevard» do Principe Eugenio havia uma alegre fila de theatros e uma feira perpetua desde as sete horas da noite até á uma hora da manha.

«No logar onde agora se eleva o quartel do Chateau-d'Eau, havia uma casa unica, branca e nova, dentro da qual um dos mais espirituosos e felizes autores dramaticos do nosso tempo havia feito representar o seu inextinguivel repertorio com todo o seu apanagio de situações commoventes, de punhaladas e de frascos de veneno.

«Para os dois lados dessa casa estendiam-se vastos terrenos que se arrendavam por anno, por mez e por semana, a todas as especies de industrias, desde o vendedor de brinquedos infantis até ao domador de feras. Havia ahi um logar vago; Coqueluche arrendou-o e installou nelle a nossa barraca.

«No dia seguinte fel-a pintar de novo e collocou-lhe em todas as frentes uma taboleta, em que se lia em enormes letras vermelhas, amarellas e azues a seguinte estrambotica inscripção:

«A MULHER DAS BARBAS»

«Temos a honra de apresentar ao respeitavel publico um phenomeno realmente extraordinario. E' uma mulher selvagem da Nova Zelandia, capturada ha cinco annos nos bosques por exploradores europeus. Tem barba de oito pollegadas de comprimento e o corpo inteiramente cabelludo. De notavel ferocidade, não se alimenta senão com carne crua. E' antropophaga. Nunca foi possivel domestical-a, e solta uivos como uma fera. Para segurança do respeitavel publico mostra-se através de uma solida grade».

«A mulher selvagem, que havia um mez chamava extraordinaria concorrencia á nossa barraca, e que na verdade era a mais inoffensiva creatura que tenho conhecido, era uma pobre rapariga das immediações de Chateau-Thierry, a quem a natureza tinha effectivamente mimoseado com uma barba de porta-machado. Umias pinturas extravagantes, obra de Bataclan que havia sido soldado da marinha, uma tanga de pennas de pavão, uns enfeites do mesmo estylo na cabeça e a imaginação do nosso empresario Coqueluche tinham feito o resto.

«A mulher das barbas era o chamariz das nossas representações, que eram cinco e ás vezes mais em cada dia. Debalde havia Coqueluche accrescentado ao seu

programma o seguinte annuncio em letras mais pequenas:

«O famoso Sem-Ventura e a menina Bastinguette, primeiros artistas da companhia, abrirão o espectáculo com um difficilissimo passo dansante na corda.

«Em seguida o celebre Sem-Ventura, artista de grande merecimento, esculpirá em uma noz de coco, virgem ainda de todo o contacto do ferro e do aço, um retrato do espectador que a isso queira prestar-se.

«Emfim, para fechar o espectáculo com chave de ouro, a menina Bastinguette cantará o romance da mulher selvagem com voz admiravel, de ha muito cobicada pelos directores do theatro italiano e da Opera.

«Nem a voz de Bastinguette, nem as esculpturas do Sem-Ventura attiraram os espectadores. O que elles queriam ver era a mulher das barbas.

«Uma tarde, um mancebo, cujo traço distincto contrastava com o dos frequentadores do nosso modesto theatro, parou em frente da barraca na occasião em que eu estava cantando em uma especie de varanda exterior para attrair o publico, e fixou-me com um tão persistente olhar que me fez córar. Era a minha voz ou a minha figura o que o interessava?

«Logo que acabei os meus «couplets» retirei-me para o interior da barraca, onde não entravam senão os que pagavam. O mancebo, sem fazer caso dos commentarios a que ia dar motivo, atravessou pelo meio da multidão, atirou com quarenta «sous» para o avental da tia Coqueluche e entrou na barraca.

VI

«Antes de ir mais longe devo dizer-lhes a que gráu de intimidade havíamos chegado, o Sem-Ventura e eu.

«O irresistivel impulso que o havia attraído para mim tinha-se, com o tempo, tornado em afeição mais tranquilla, mas inalteravel. Era affecto de irmão? Ou o que sentia por mim era, sem que elle o soubesse, uma afeição mais viva, mais accentuada, apesar de ter menos quatro annos do que eu?

«Naquelles seis annos nunca nos havíamos separado. Durante muito tempo chamava-me sua irman com carinhoso abandono. Mas nos ultimos mezes era mais reservada a sua amizade, e algumas vezes haviam-no surprehendido os nossos camaradas contemplando-me com uma especie de extasis.

«Bataclan, o Hercules, disse uma noite em voz alta, quando estavamos ceando depois de concluida a representação:

«—Bem podes apressar-te a crescer e a ser homem, Sem-Ventura... se queres que Bastinguette seja tua mulher.

«O Sem-Ventura havia corado até á raiz dos cabelos, e desde então mostrá-ra-se ainda mais tímido e mais reservado connigo, quando estavamos sós. E contudo o pobre rapaz não tinha ainda quinze annos; mas nas naturezas inteligentes e nervosas, verdadeiras sensiti-

vas humanas, o coração desenvolve-se mais rapidamente do que o corpo. A vista parecia o Sem-Ventura uma criança, e contudo era já um homem pelo sentimento e pela sensatez.

«Às vezes, á uma hora da manhã, quando os theatros fechavam e com elles os cafés, quando já Coqueluche e os outros saltimbancos dormiam ha muito na fundo da barraca, estávamos nós ainda assentados em um bancos do «bouve-lão», em face do nosso pequeno theatro.

Contava-me então o Sem-Ventura os primeiros annos da sua infancia, que eu não tinha conhecido, e a legenda do homem do cão preto, aquelle conto sinistro e horrivel que motivára a loucura de João, o jardineiro, e que havia (coisa fatal), presidido ao seu nascimento.

«—Digam o que disserem, murmurava elle ás vezes, a coisa deve ser verdadeira...»

«—O que? a historia do homem do cão preto?»

«—Sim. Nunca hei de ter ventura...»

«E como eu me mostrava sempre incredula, disse-me elle uma noite:

«—Queres que te conte o que aconteceu na noite em que minha mãe morreu?»

«—Quero... respondi eu.

«—Tinha eu então cinco annos apenas, mas recordo-me perfeitamente de todos os detalhes dessa noite horrivel. Parece que foi ainda hontem. A minha pobre mãe estava na cama, e olhava para mim com os seus grandes olhos, brilhantes de febre; tão fraca, tão abatida estava já, que quasi nem falar podia. O medico, que nesse dia fôra vê-la, abanára a cabeça com desalento ao sair, signal de que a minha pobre mãe estava perdida sem remedio. Meu pae, louco de dôr, havia saído.

«—Pobre criança, me dizia ella, que será de ti quando eu não existir? Teu pae nem sempre está em seu juizo perfeito... e tem máus instinctos quando se lhe tresvaria a razão... Quem sabe se então te baterá?»

«E vi-a estremecer. Até então nunca meu pae me havia batido. Eu tinha deitado os braços em volta do pescço da minha pobre mãe, e abraçava-a chorando.

«De repente entrou meu pae; vinha pallido e com a cabeça descoberta; o fato em desordem, os cabellos desgrenhados, e a expressão demudada, denunciavam a agitação que no espirito se lhe debatia.

«—Mulher, disse elle com desvairamento, venho da igreja; lancei-me de joelhos deante do altar e fiz uma promessa... Prometti entregar o pequeno a seus paes, se Deus te conservar a vida...»

«—Mas de que pequeno falas tu, meu pobre João? perguntou minha mãe, cuja voz a pouco e pouco se apagava. Enlouqueceste outra vez?»

«—Não, não estou louco, exclamou elle nunca o estive... é o remorso, entendes?»

«A pobre santa tentou sorrir.

«—Escuta, mulher, escuta... disse elle, deixa-me confessar-te o meu crime.

e talvez Deus depois tenha compaixão de mim e te não leve para si... Este menino, que tanto amas, não é teu filho... é filho dos fidalgos do castello... roubei-o eu na noite em que entrou aqui o homem do cão preto...»

«Minha mãe não respondeu, e apertou-me com mais força ao coração. Meu pae continuou com voz rouca e desvairada:

«—Olha, Magdalena, o nosso filho morreu... Eu proprio o colloquei no berço de setim branco, ao pé da senhora condessa, que estava dormindo; no dia seguinte tornei a vê-lo... estava dentro de um pequeno ataúde e parecia adormecido... Quando o funebre cortejo saiu do castello, senti que o coração se me despedia e perdi os sentidos. Depois, á noite, fui ao cemiterio... e enquanto estava orando sobre a sepultura do nosso filhinho, entrou o cão preto... dahi ha pouco começou o castello a arder, e eu vi sair do meio das chammas um homem, que parecia o demonio... era o dono do cão, o homem que com o olhar matára o nosso filho...»

«Minha mãe escutava-o sem o acreditar, porque sabia que a loucura de meu pae datava daquelle horrivel dia. Depois de um momento de silencio, continuou elle, soluçando:

«—E' esta a verdade, minha pobre Magdalena. Dirigi ha pouco fervorosas supplicas ao bom Deus! Se Deus me ouvir e te restituir a saude, cumprirei a promessa que lhe fiz... Os fidalgos foram para longe... venderam tudo e ninguem sabe onde existem... Embora! procural-os-emos quando estiveres restabelecida, pôr-nos-mos a caminho com o pequeno pela mão, até os encontrarmos... depois entregar-lhes-emos o filho que lhes roubei... E Deus ha de ser bom para nós, ha de ser misericordioso... ha de mandar-nos um outro filho.»

«Enquanto meu pae falava tinha eu minha mãe abraçada, a qual estava imóvel e silenciosa. De subito envidraçaram-lhe os olhos... pendeu-lhe para um lado a cabeça, e veio beijar-me o rosto o leve sopra de um suspiro...»

«—Então? disse por fim meu pae; não respondes, Magdalena?»

«E aproximou-se da cama. Instintivamente abri os braços e refugiei-me ao fundo do leito.

«Mas de repente meu pae soltou um grito... grito terrivel que nunca mais hei de esquecer... Minha mãe estava morta!

«Então dirigiu-se meu pae para mim e agarrou-me com violencia.

«— Ah! miseravel! exclamou elle com os dentes cerrados, fo.: tu a causa da morte de Magdalena.

«E atirou commigo para o chão, onde fiquei sem sentidos.

«Quando voltei a mim, a casa estava cheia de gente, e ardiam dois cyrios á cabeceira da cama, onde minha mãe se achava estendida. Meu pae estava mais doído que nunca... ria e cantava!

«Desde então, concluiu o Sem-Ventura começando elle a bater-me sem dó...»

Mostrava ter por mim um odio mortal,

e dizia sempre que fora eu a causa da morte de minha mãe.

«Quando o Sem-Ventura terminou a sua confidencia, perguntei lhe eu:

«E tu nunca acreditaste?»

«O que? a historia do cão preto? Oh! sim...»

«E nunca acreditaste que aquelle, a quem ainda chamas pae dizia talvez a verdade?»

«Algumas vezes, me respondeu o Sem-Ventura limpando os olhos que estavam inundados de lagrimas, convenço-me de que se eu fosse filho d'aquelle homem, me não trataria elle com tão horrivel aspereza. E então sinto acordar em mim não sei que sentimento de orgulho... e julgo-me filho dos fidalgos do castello... Mas occorre-me logo ao pensamento a recordação da santa, a quem sempre chamei mãe... da pobre camponeza que me educou, e morreu nos meus braços... e parece que não posso persuadir-me de que ella não fosse minha mãe...»

«E depois, accrescentou elle depois de uma breve pausa e sorrindo tristemente, como poderia provar-se que sou filho dos fidalgos e que fui roubado do berço? A criança morta de certo foi inscripta no registo da parochia como filha dos fidalgos...»

«Sim, lhe disse eu; mas tu tens no lado esquerdo da cabeça um signal que sempre me deu que pensar.

«O Sem-Ventura tinha effectivamente uma pequena madeixa de cabellos brancos, que sempre havia ido. Era porém tão pequena que só muito de perto se distinguia.

«Mas que prova isso? disse elle rindo e encolhendo os hombros

«—Não sei, respondi eu. As vezes ha coisas que parecem pequenas, e que mais tarde vêm a ter grande importancia... Quem sabe se esse signal te ajudará um dia a descobrir se effectivamente és filho dos fidalgos, ou de Magdalena?»

VII

«Mas voltemos agora continuou a cantora sorrindo, ao nancebo elegante e distinto que havia entrado na barraca.

«Havia exactamente ito dias que eu e o Sem-Ventura havíamos tido a conversa a que ha pouco me referi.

«Estávamos no inverno e fazia frio de véras. O desconhecido tinha em volta do pescço um grande cache-nez, e o chapéo enterrado pela cabeça abaixo até quasi aos olhos. Mostrava ter vinte e cinco annos pouco mais ou menos, e usava grandes bigodes.

«Logo que entrou na barraca, tirou o chapéo e o «cache-nez». Em seguida aproximou-se da grade que separava do publico a feroz e temivel mulher das barbas.

«Mas não era aquelle o espectáculo que alli o levava. O seu olhar depressa foi fo: fixar-se em mim, apesar de estar retirada no mais escuro canto da barraca, fitando-me com tal persistencia, que me senti corar até á raiz dos cabellos. Contudo, depois de ter baixado os olhos por um momento, decidi-me a olhar tambem para elle.

«Não pude deixar de estremecer... Pa: receu-me que não me era estranha aquella cara.

«Naquelle momento entrou o Sem-Ventura.

«Ora o Sem-Ventura tinha então quinze annos, e o desconhecido devia ter vinte e cinco; o Sem-Ventura trazia sobre si o fato extravagante, cheio de lanteoulas e ouropeis, com que os saltimbancos costumam trabalhar, e o desconhecido estava vestido como um fidalgo; emfim o Sem-Ventura era completamente imberbe, enquanto que o desconhecido usava grandes bigodes... Pois bem; apesar de todas estas differenças, pareceu-me que, no olhar, na posição da cabeça, nos gestos, e até mesmo no andar, havia entre elles uma semelhança vaga, que ordinariamente se costuma chamar-se ar de familia.

«Coqueluche estava na varanda da barraca, atroando os ares de quando em quando com um furioso rufo de tambor para chamar concorrência. A tia Coqueluche conservava-se á porta recebendo as esportulas dos que entravam. O bom Ba-taclan enumerava ao publico as singulares e extraordinarias qualidades, ou antes os instinctos ferozes da mulher das barbas.

O resto da companhia estava jogando as cartas sobre um panno estendido no chão, ao fundo da barraca.

«E portanto ninguem mais estava no principal compartimento da barraca, ao qual chamavamos sala, senão eu e os espectadores. O Sem-Ventura entrara e saíra logo; e eu ia segui-lo, quando o desconhecido se aproximou de mim e me disse:

«Perdão, menina; desejava fazer-lhe uma pergunta...»

«Ao ouvir-o falar estremeci de novo. Aquella voz, com quanto fosse mais viril, assemelhava-se no timbre á do Sem-Ventura.

«—Que me quer, senhor? lhe disse eu envergonhada.

«—A menina tem uma excellente voz. Já teve algum mestre de canto?»

«—Nunca, respondi eu ruborisada. Canto naturalmente.

«—Pois saiba que a sua voz vale cem mil francos por anno... e eu sou entendedor da materia.

«Este cumprimento aturdiu-me.

«—O senhor é artista? perguntei eu.

«—Sou director de um theatro, e não hesitaria em escriptura: a pelo ordenada que a menina fixasse.

«Eu estava estupefacta, e olhava atentamente para aquelle homem com receio de que estivesse a escarnecer-me.

«—Ia passando, e a ouvi tornou elle; fiquei surprehendido da afinação e do vigor da sua voz. Diga-me, onde poderei tornar a vê-la?»

«—Mas eu, respondi vivamente, não quero entrar em outro theatro... Estou já tão habituada aqui... E demais sou muito agradecida a esta boa gente que me educou... seria ingratição deixal-a

(Continúa).

FOLHETIM (7

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

Recordação de dois saltimbancos

VII

«—Não seja isso obstaculo, insisti elle. Pagar-se-ia aos empresarios deste theatrinho uma boa indemnisação, que não havia de desagradar-lhes.

«—Não, não, interrompi eu, não é possível...

«—Faz mal... muito mal, respondeu elle encolhendo os hombros

«E ao mesmo tempo fuchou por uma carteira, tirou de dentro della um bilhete de visita, que tinha no alto um braço de armas, e entregou-m'o.

«No bilhete lia-se o seguinte:

(BARÃO DE NEUVILLE)

«E mais abaixo em letra miudinha:

«Rua de Miromesnil 13»

«—Permitta-me, continuou elle, que lhe deixe a minha moçada. Estou convencido de que ha de reflectir, e que ha de ir falar-me antes de passarem tres dias. Repito; tenho valiosos interesses ligados á administração de um grande

theatro Posso eleva-l muito, indemnisar a peso de ouro os donos desta pobre barraca, onde o seu grande talento está deslocado, propo-cionar-lhe bons mestres, e apresental-a no theatro, onde de certo a espera um futuro brilhante.

«Desde que para mim se dirigira conservára-se sempre com a abeça descoberta. Ao mesmo tempo que falava haviam-se-lhe deslocado um pouco os cabellos abundantes e bastante compridos, e por isso, antes de pôr o chapéu, levou á mão á cabeça e compôl-os deitando-os para trás.

«Mas com este movimento afastou um pouco os cabellos do lado esquerdo da cabeça, e eu fiquei boquiaberta, attonita, com os olhos pregados a elle... No meio dos negros cabellos destacava-se-lhe uma pequena madeixa branca como neve!

«Se eu tivesse soltado um grito, terminaria sem duvida perguntado o motivo delle; mas, como a minha surpresa se traduziu em pasmo e silencioso assombro, julgo-a simplesmente consequencia das suas mirificas promessas. E por isso saiu da barraca depois de me haver collocado o bilhete na mão, e sem que eu pronunciasse uma unica palavra.

«Ora eu tenho uma dessas naturezas, que são energeticamente concentradas, e que, avaras da sua primeira impressão, não querem communical-a a ninguem. Qualquer outra iria immediatamente par-

ticipar a Coqueluche as propostas que acabavam de ser-me feitas. Qualquer outra se apressaria a ir dizer ao Sem-Ventura, que fallára nesse momento com um homem que se lhe assemelhava, e tinha tambem a madeixa de cabellos brancos...

«Mas eu guardei para mim o segredo, e desempenhei nessa noite o meu papel de saltimbanca, como era costume. Comtudo não dormi em toda a noite, e no dia seguinte dirigi ao Sem-Ventura as seguintes perguntas com ar indifferente:

«— Recordas-te do nome da povoação em que nasceste?

«— Recordo, me respondeu elle. Chamase Saint-Martin.

«— E que nome tinha o castello dos fidalgos que lhe ficava proximo?

«— Chamavam-lhe o castello queimado, nunca lhe soube de outro nome. Mas... porque me perguntas isso?

«— Simple curiosidade. Mas diz-me: Nos dias em que admittias a possibilidade de que Magdalena não fosse tua mãe, nunca te lembrou perguntar o nome dos fidalgos que tinham habitado o castello?

«— Nunca.

«— Sabes se elles tinham filhos?

«— Creio que não. Meu pae, quando me batia, chamava-me em tom de escarneo —«primogenito do senhor conde».

«— Em todo o caso, pensei eu, aqui ha o quer que seja de extraordinario...

«O Sem-Ventura não ligou grande importancia ás minhas perguntas.

«Esse dia e o immediato passaram sem que o desconhecido apparecesse na barraca. Eu abrigava a esperanza de que elle voltaria, e tinha escondido o bilhete de visita no fundo da mala onde guardava a minha roupa.

«Emfim, ao terceiro dia, dominada por um sentimento de ardente curiosidade, não pude conter-me. Vesti-me á pressa e escapei-me surratemente da barraca, onde tudo estava ainda dormindo. Depois perguntei á primeira pessoa que encontrei qual o caminho que devia seguir para ir á rua de Miromesnil, e parti.

«Do boulevard do Templo á rua Miromesnil é longo o trajecto. Gastei nelle uma boa meia hora, perguntando aqui e alli qual a melhor direcção a seguir. Ao mesmo tempo que caminhava ia fazendo as minhas reflexões.

«Ora uma rapariga de dezenove annos que corre as feiras em companhia de saltimbancos tem por força alguma prescencia da vida.

«A tia Coqueluche, que nos pregava moral nas horas vagas, tinha-nos sempre dito que a «jeunesse dorée» de Paris é em extremo perigosa, e estende ás

raparigas umas bonitas redes com malhas de ouro, das quaes não podem os pés desprender-se, por mais pequeninos que elles sejam.

«Cheguei pois á rua de Miromesnil presa de vagas inquietações, de susto como que inconsciente. Eram apenas nove horas da manhan. Aquelle aristocratico bairro parecia dormir ainda.

—«O senhor barão de Neuville? perguntei eu tremendo, ao porteiro da casa n.º 43.

—«No primeiro andar, me respondeu elle sem se dignar olhar para mim.

«Subi e puchei pelo cordão da campainha. Um creado de farda veio logo abrir-me a porta e introduziu-me em uma pequena sala de espera, coberta com antigos tapetes da fabrica dos Gobelins, e ornada de bronzes, de objectos de arte e de quadros magnificos.

«Eu nunca tinha visto aquellas coisas, e por isso nada podia avaliar; mas adivinhéi que tudo aquillo tinha muito merecimento, e que era preciso ser rico de véras para poder ter um alojamento assim.

«Na sala de espera estavam já, quando eu entrei, muitas pessoas, e entre ellas dois homens de gravata branca com grandes pastas sobraçadas, que pareciam ser procuradores, ou coisa semelhante. Es-

tavam tambem duas raparigas, e ia saindo uma terceira.

«Toda aquella gente esperava audiencia. Na sala vizinha ouviam-se através das portas duas vozes differentes, que parecia sustentarem uma discussão acalorada.

«Fiquei então tranquillizada. Decididamente o barão de Neuville não n e havia enganado, e era realmente á artista a quem elle desejava falar.

«A minha vez chegou enfim.

—«Ah! exclamou o barão ao ver-me e vindo ao meu encontro; começava já a receiar que não tivesse tomado a sério os meus offerecimentos.

«Ao ouvir estas palavras, um velho calvo, que estava assentado a escrever deante de uma pequena mesa a um canto do gabinete, ergueu os olhos para mim.

—«Amigo Borny, disse o barão, eis a futura «prima-donna», em que hontem lhe falei.

—«Ah! murmurou o velho olhando para mim com curiosidade.

—«A voz della vale cem mil francos por anno, tornou o barão de Neuville.

«Durante este curto dialogo examinava eu o gabinete em que me achava, cujas paredes estavam completamente mascaradas com livros de todos os tamanhos e feitios.

«A secretária do barão estava coberta de papeis de toda a especie, procurações, partituras, escripturas em branco, papel sellado, que sei eu?

«Tudo isto vi eu em um volver de olhos. Depois examinei o barão mais attentamente.

«Pareceu-me um homem frio, e sem sensibilidade. Conhecia-se, a despeito da sua mocidade, devia ser estranho a todas as paixões humanas, menos talvez ao amor do dinheiro.

—«Assente-se, menina, me disse elle; esteja á sua vontade e conversemos... Hoje almoça commigo...

—«Mas...

—«Commigo e com o sr. Borny, que é o meu delegado na direcção do theatro. «E tocou uma campainha.

—«Germano, disse elle a um creado que immediatamente appareceu, manda pôr o almoço na mesa. Esta menina almoça commigo e com o sr. Borny.

«Eu conservava-me ainda em pé; o barão pegou-me na mão e fez-me assentar.

—«Conversemos enquanto esperamos pelo almoço, me disse elle. Que idade tem?

—«Dezenove annos.

—«E' filha do saltimbanco?

—«Não, respondi eu. O saltimbanco Coqueluche tomou conta de mim quando eu era pequenina, e não tinha quem me protegesse. E' um excellente homem.

«Quando a menina fôr uma artista celebre, porque ha de sel-o, poderá então mostrar-lhe a sua gratidão.

—«E' serio isso, senhor barão? Seria maldade escarnecer de uma pobre rapariga...

—«Assevero-lhe que tem uma voz soberba.

—«Mas não sei nada...

—«Ha de aprender...

—«Mas enquanto estiver estudando, não poderei trabalhar na barraca de Coqueluche...

—«Ah! isso não...

—«Mas Coqueluche precisa de mim...

—«Socegue; tudo se ha de arranjar, disse elle.

«Depois vendo-me olhar para elle com ar incredulo e desconfiado, continuou:

—«Escute, menina: tenho já uma fortuna de quarenta a cincoenta mil francos de renda, e minha tia, a senhora condessa de Neuville ha de deixar-me o dobro. Sou loucamente apaixonado por musica, e associei-me com uma centena de mil francos em uma empresa que administra um grande theatro lyrico de Paris, Sou quasi co-empresario.

«Eu escutava-o com surpresa sem adivinhar onde elle queria chegar.

(Continúa)

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

Recordação de dois saltimbancos

VII

«Muitos rapazes da minha idade, continuou elle, são apaixonados por cavallos. Eu adoro a musica, e sobre tudo sou um homem serio em negocios. Ao ouvir a cant e os «couplets» da mulher selvagem, adivinhei na menina uma grande artista, uma celebridade do futuro, e portanto decidi escripturala...

«Ficou um momento e olhou para Borny.

«Que lhe parece, Borny? Poderia fazer-se escriptura por cinco annos?

«Sim... pelo menos, respondeu o velho.

«E' preciso contar com dois annos de estado... Que diria a minha futura «prima-donna» se lhe offercesse vinte mil francos por anno?

«Confesso que fiquei deslumbrada. Julguei mais uma vez que o barão estava zombando.

«Mas, senhor... balbuciei eu.

«Dou-lhe o tempo que gastarmos em almoçar para reflectir, disse-me elle sorrindo.

«N'esse momento abria o criado as portas que davam para a sala de jantar.

«O barão offereceu-me delicadamente o braço, dizendo:

«—Vamos...

«Logo que nos assentámos á meza, disse elle:

«Como a menina não tem mais que dezoito annos, é preciso que a escriptura seja assignada pelo saltimbanco, com quem tem vivido sempre, e por isso póde considerar-se como seu tutor. Redija-a n'esse sentido, Borny. A proposito, já me disse como se chama o saltimbanco, mas não me recordo...

«Coqueluche.

«E a menina?

«Entre os saltimbancos sou conhecido pelo nome de Bastinguette. Mas o meu nome de baptismo é Sophia.

«Qualquer delles é máu para um cartaz, disse elle abanando a cabeça. Chamar-lhe-emos... Paquita! Bravo! eis um excellente nome de theatro... E' que o publico tem caprichos extraordinarios... só os nomes estrangeiros o atrahem... Paquita...sim. Paquita ha de fazer um magnifico effeito.

«Emquanto o barão estava falando, olhava eu para elle com obstinação.

«Porque olha tanto para mim? me disse elle.

«Eu corei e baixei os olhos.

«Diga, diga, tornou o barão sorrindo.

«Eu queria a todo o transe saber a historia da madeixa de cabellos brancos.

«Oh! não, balbuciei eu; não me atrevo...

«—Mas o que é? diga... insistiu elle. «Então ergui os olhos e sorri. O velho Borny olhava para mim admirado.

«—Vamos... diga... tornou o barão.

«—E não se zanga conmigo, se eu fór curiosa e talvez indiscreta?

«—De certo que não. Todas as mulheres são mais ou menos curiosas. Que é o que a menina quer saber?

«—A sua cidade.

«—Quasi vinte e oito annos. Porque?

«—Porque... porque lhe vejo allí cabellos brancos...

«E apontei-lhe para o lado esquerdo da cabeça.

«—Ah! replicou elle; isso é de nascença... meu pae tambem tinha... assim como meu tio, o marido da senhora, em que ha pouco lhe falei, e que, visto não ter filhos, ha de deixar-me toda a sua fortuna.

«—E' celebre! disse eu fazendo todos os esforços para não mostrar senão curiosidade, naquelle momento em que me agitava uma fortissima commoção.

«—Vou contar-lhe essa historia, disse o barão depois de ter bebido um copo de vinho.

IX

«—O barão Alberto de Neuville exprimiu-se do seguinte modo:

«—A historia desta madeixa de cabellos brancos é uma verdadeira legenda de familia. Este signal distingue-nos entre mil, e já ha dois seculos que é privativo da nossa familia. Foi um caso de amores o que parece ter-lhe dado causa, que por isso merece ser contado.

«Toda eu era ouvidos e impaciencia.

«—Meu terceiro avô, continuou o barão, era official da guarda real. O rei chamava-se então Luiz xiv. O meu antepassado apaixonou-se por uma das damas de honor da rainha; e o rei tambem gostava della. Uma noite em Versailles, o official da guarda real viu ao clarão da lua o rei passeando em doce intimidade com a formosa dama de honor por entre as frondosas arvores do parque. O meu antepassado tinha então vinte e cinco annos, e um genio fogoso. Levou a mão á espada, e ia para correr sobre os dois nocturnos passantes... mas conteve-se e ficou immovel tremulo, como que petrificado... O vassallo fiel estivera a ponto de ser regicida!

No dia seguinte o cavalleiro de Neuville, ao levantar-se, lançou os olhos para um espelho e soltou um grito: haviam-lhe em branquecido os cabellos durante a noite! Desgostoso, deixou o serviço do rei, voltou a viver na provincia e casou-se. Mas —coisa celebre!— o seu primeiro filho nasceu com uma pequena madeixa de cabellos brancos no lado esquerdo da cabeça; com o filho deste succedeu a mesma coisa, assim como com todos os descendentes desde então. E provavelmente, se eu me casar, e tiver filhos, hão de ter tambem o mesmo signal.

«—Ah! disse eu, que tinha escutado a historia com religiosa attenção; então seu pae tinha esse signal?

«—Tinha, e meu tio tambem.

«—O senhor barão tem um tio?

«—Já tive. Morreu deixando o usufruto da sua grande fortuna a minha tia, para depois da morte della, rever-

ter para mim. Mas minha tia é triste e muito doente...

«Estas ultimas palavras pronunciou-as elle com indifferença, esquecendo que estava falando, não com um amigo intimo, mas com uma mulher que não conhecia.

«—Ah! então sua tia é doente? perguntei eu com tão manifesto interesse, que elle ficou surprehendido.

«—Perdão, disse eu corando; realmente sou em extremo curiosa... Mas que quer? é defeito das mulheres...

«E calei-me por um pouco. Mas estava sobre brazas, porque queria a todo o risco obter mais esclarecimentos. E portanto perguntei:

«—E' já muito velha a sua tia, não é?

«—Não é; é nova ainda. Ainda não tem quarenta annos. Mas ha quinze que soffre e, está muito abajida. Tem tido tantos desgostos!...

«No rosto do barão não transparecia nem alegria nem tristeza; estava frio e impassivel.

«Sobre a mesa havia um vinho muito forte e transparente como ambar; eu bebia o menos possivel, mas o barão ia bebendo sempre, de sorte que a pouco e pouco se ia tornando mais expansivo.

«—Minha tia, continuou elle, perdeu o seu primeiro e unico filho na povoação de Saint-Martin, em um castello que possuia no Nivernais.

«Ao ouvir estas palavras levei vivamente o copo aos labios, para occultar a subita perturbação que de mim se apoderou. O nome de Saint-Martin era exactamente o da aldêa onde nascêra o Sem-Ventura. O barão de Neuville proseguiu sem reparar na minha agitação:

«—No proprio dia em que se enterrou o filho de minha tia, pegou fogo no castello, morrendo muitas pessoas no incendio. No anno immediato, meu tio, que vendêra a sua propriedade de Saint-Martin, e viera estabelecer-se em uma quinta que possuia nas immediações de Versailles, morreu de um desastre andando á caça. Ficou, pois, minha tia viuva e sem filhos. Durante quatro ou cinco annos receei ainda que casasse; mas ella nem nisso pensa, e creio mesmo que não estará muito tempo neste mundo.

«O modo glacial por que foram pronunciadas estas palavras, deu-me idéa do que era o coração do barão de Neuville. Conhecia-se que esperava a morte da tia com impaciencia.

«Eu já sabia tudo o que precisava saber, menos o logar onde habitava a pobre e desconfortada viuva.

«O barão começára, a proposito não sei de que, a expôr uma magnifica theoria sobre a arte moderna. Eu dava tratos á imaginação para descobrir um meio de saber onde residia a condessa de Neuville.

De repente tive uma inspiração

«—Mas o senhor barão, exclamei eu

bruscamente, reside sósinho nesta grande casa?

«—De certo, respondeu elle rindo; e creia que não tenho medo...

«—Julguei que viesse com sua tia... «—Com minha tia? Safa!... Passam-se mezes e mezes que nem a vejo... Ella não gosta muito de mim...

«—Porque?

«—Porque... porque me julga extravagante, libertino, e que sei eu?...

«—Ah!

«—E depois é triste como um enterro, e eu tenho horror ás pessoas tristes. Além disso não habita em Pariz; vive encerrada no seu castello de Bellombre, perto de Versailles, como uma freira no convento.

«Sabia já tudo o que desejava saber.

«Passados alguns minutos olhei para o relógio da sala de jantar, e exclamei:

«—Ah! meu Deus, como o tempo passa! Já é meio-dia!...

«—E que tem isso?

«—Decerto foi já notada a minha ausencia... o tio Coqueluche vai ralhhar comigo!

«E puz a toda a pressa o chaile e o chapéu.

«Quer que a acompanhe? me perguntou o barão. Póde já ficar terminado o negocio com o seu empresario...

«—Oh! não, respondi eu. Deixe-me primeiro falar com elle... Não quero desgostal-o...

«—Pois bem; mas tornarei a vel-a depressa?

«—Sim... depois de amanha...

«Minutos depois saia eu de casa do barão de Neuville, firmemente resollvida a lá não voltar.

«Facilmente se imagina que a minha ausencia já havia sido notada na barraca. Quando eu cheguei, estavam os saltimbancos reunidos em sessão magna discutindo e commentando a minha subita desappareição. Tinham-se aventado mil supposições. O Sem-Ventura estava pallido como um cadaver.

«Coqueluche recebeu-me com uma cara de metter medo.

«—Ah! grande delambida, me disse elle; não tens vergonha! Assim te deixas embair por um «casaca» que anda de caruagem, e que dá quarenta «sous», em vez de cinco, para ver a mulher das barbas!...

«—Vê o que fazes, pequena? murmurou o bom Bataclan com tristeza.

«—Não ha coisa assim! acrescentou a tia Coqueluche. Estar a gente a crear esta sonsinha, para ella agora nos fazer uma destas?

«O Sem-Ventura estava silencioso e immovel; mas caíam-lhe pelas faces abaxo lagrimas grossas como punhos.

«Ora eu já esperava que a minha ausencia excitasse uma certa estranheza; mas não suppunha que se lembrassem de a attribuir á visita do desconhecido. Puz-me a rir tão franca e descuidosamente, que o Sem Ventura limpou as lagrimas, e ficou para mim mais animado.

«—Que escarcós para nada! exclamei

eu abraçando o Sem-Ventura. Também tu me julgas mal? Pois não sabes que eu quero que um dia me chamem — «a senhora Sem Ventura?»

—«Sim, sim, resmungou Coqueluche. Não é com essas que tu me engranzas...»

—«Ora vamos, papá, não seja máu, disse eu saltando ao pescoço do saltimbanco. Continúe a ser meu amigo, que não deixei de merecer-lh'o. Eu lhe direi tudo... mas mais tarde...»

«E recusei-me a dar explicações.

X

«O Sem-Ventura continuava a olhar-me com tristeza, Coqueluche ralhava, Bataclan dava suspiros, e a tia Coqueluche pré-gava moral. E eu, no meio de quella tempestade, sorria porque tinha a consciencia tranquilla. Por fim exclamou Coqueluche em tom resolutivo:

—«Quero saber de onde vens...»

—«Ha de ser difficil, respondi eu, e apresentel-me sobre o tambor que estava a um canto da barraca.

—«Minha querida Bastinguette, disse o bom Bataclan com voz supplicante, há de dizer-nos de onde vens, sim?»

—«Ha de dizel-o por força! exclamou Coqueluche com voz afroadora.

—«Que tal está a teimosa?! murmurou a mulher do saltimbanco.

—«Escusam de se cançar, disse eu; não há de sabel-o.

«E olhei outra vez para o Sem-Ventura, o qual, quando viu todos contrá mim, quiz passar para o meu lado.

—«Estou convencido, murmurou elle erguendo para mim os grandes olhos tristes, de que m'o diz a mim...»

—«Sim, respondi eu. Mas só a ti...»

—«Se lhe parece mande-nos retirar!... disse a tia Coqueluche em ar de escarneo.

—«Não é preciso, respondi eu tranquillamente. Hei de dizer-lh'o, mas não agora. Eu bem sei o que faço...»

«O tio Coqueluche já não podia conter-se.

—«Ora escuta, pequena, me disse elle com uma tranquillidade percursora de tormenta: recordas-te do tempo em que não querias dansar na corda?»

—«Se recordo! respondi eu. Trazia sempre as costas negras de pancadas!...»

—«Pois bem; se não respondes ao que te perguntamos...»

«E cresceu para mim com os punhos cerrados. Lia-se-lhe nos olhos que estava decidido a recorrer aos meios extremos.

—«Mu tio, disse eu então com seriedade. Lembre-se de que já tenho dezenove annos!

—«E que me importa isso?»

—«E que não sou filha...»

—«Mas és minha pensionaria.

—«Justamente. Se me bater recorro aos tribunaes para a annullação do meu contrato.

«Foi então que Coqueluche se exasperou devéras. Cheguei a receiar que lhe ddesse uma apoplexia fulminante.

—«Ingrata! mulher sem brio! exclamou elle furioso. E' melhor dizeres claramente que queres deixar-nos... para que has de estar com rodeios? Vaes então viver com o «casaca» que aqui veio ha dois dias?...»

—«Parecia um principe! disse Bataclan.

—«Deitou uma moéda de quarenta «sous» no meu avental, e não pediu troco, regougou a tia Coqueluche.

—«E foi-se embóra de carruagem, disse um outro.

—«Pois eu; murmurou a mulher das barbas que só em presença do publico era selvagem e antro-haga, olhei muito para elle...e, diga-se a verdade, é um bonito rapaz.

—«Falam todos e ninguem sabe o que diz, exclamei eu obrigando docemente o Sem-Ventura a assentar-se junto de mim sobre a metade do tambor, que provisoriamente estava elevado á categoria do banco. Querem saber quem é esse «casaca», como lhe chamam?»

—«O que sabemos perfeitamente, respondeu a tia Coqueluche com azedume, é que te não ha de custar muito a forjar uma historia para nos illudir.

—«Pois bem; eu, disse o Sem-Ventura, acredito o que Bastinguette disser.

—«O casaca», tornei eu, é nada mais nem nada menos, do que um director de theatro.

—«De saltimbancos? perguntou Coqueluche com ingenuidade.

—«Não; é director de um grande theatro.

—«Theatro de declamação?»

—«Não...de canto.

—«Mas que nos quer elle?»

—«Quer escripturar-me...»

—«A ti!!»

«E Coqueluche deu a esta unica palavra uma verdadeira expressão tragica.

—«Diz que tenho uma voz admiravel, continuei eu, e offerece-me vinte mil francos por anno, e uma escriptura por cinco annos.

«Estas palavras produziram um verdadeiro lance de theatro. Não me recordo do titulo de um livro, onde li a historia de tres exploradores — ue percorreram a Africa em um balão, e desceram em um paiz, conhecido pelo nome de —Paiz da Lua,—porque os seus habitantes, que eram pretos, adoravam este astro. Os pretos tomaram o balão pela sua deusa, e caíram de joelhos.

«Pois bem; com aquella somma fabulosa de vinte mil francos operei eu em Coqueluche e no resto da companhia o mesmo prodigio. Verdade é que a tia Coqueluche me havia ha pouco accusado de imaginar historias para os illudir,mas todos sabiam perfeitamente que eu nunca mentia.

«Coqueluche e os seus companheiros não caíram precisamente de joelhos aos meus pés como os pretos deante do balão, mas pouco faltou! Bataclan exclamou:

—«Vinte mil francos?! Não os ganharmos nós todos em dez annos.

—«So eu pudesse ganhar vinte mil francos com a garganta, disse a mulher selvagem, cortaria a barba, e nunca mais comeria ratos crus!...»

—«Eu, murmurou a tia Coqueluche, lambendo os beiços, vestia-me de seda da cabeça aos pés!

—«Só Coqueluche ficou calado; mas olhou para mim fixamente.

—«Isso é verdade? perguntou elle por fim.

—« Bem sabe que não minto nunca, respondi eu.

—« Mas o que será de nós sem ti? tornou o pobre saltimbanco com voz lacrimosa.

—«Ser-lhes-á paga uma avultada indemnisação... Dar-lhes-ei o que quizerem... Vejamos: quanto quer, meu tio?»

«Ao mesmo tempo que dirigia esta pergunta a Coqueluche, olhei para o meu pobre Sem-Ventura. Estava mais pallido do que nunca; tremia como se o devorasse a febre.

—«Quanto quer pela minha liberdade e por a do Sem-Ventura? tornei eu.

—«Do Sem-Ventura? exclamou Coqueluche, estupefacto. Queres também roubar-nos o Sem-Ventura?»

—«De certo, repliquei eu ingenuamente, visto que deve ser meu marido. Eu serei cantora, elle será escultor, e faremos assim um verdadeiro casamento de artistas...»

«O Sem-Ventura e todos os-outros olhavam para mim pasmados, aturdidos.

—« Comtudo, tornei eu após alguns momentos de silencio, ainda quero reflectir.

—«Reflectir? em que? perguntou Coqueluche admirado.

—«Nas propostas do director.

«Coqueluche era um excellente homem; olhou para mim com as lagrimas nos olhos, e disse-me:

—«Ora! não é preciso fazer mais reflexões; deves acceitar, pequena. Nós cá nos arranjaremos como pudermos.

—«Isso não, meu tio. Eu lhe digo o que devemos fazer. O tio vae-se fazendo velho e precisa descançar; e portanto retira-se comigo, com o Sem-Ventura e com a mamam Coqueluche; cedo a barraca ao nosso bom Bataclan, que irá ganhar com ella a sua vida, e o tio vae viver connosco feliz e tranquillo.

—«Tens um coração de ouro, rapariga, murmurou Coqueluche com commoção.

—«Sim, disse eu sorrindo; mas por isso não deixava de me querer bater ha pouco...»

—« E verdade, não o nego, replicou elle sorrindo também; e agora bater-te-ei se não acceitas...»

—«O que? as propostas do director?»

—«Sim...»

—«Mas eu já lhe dise que ainda quero pensar.

—«Pensar em que, tolinha?...»

—«E quero também, continuei eu com resolução, que durante estes oito dias me deixem fazer o que eu quizer... que não me contrariem...»

—«Contrariar-te? Oh! nunca, nunca! exclamou com calor a tia Coqueluche, encantada com a perspectiva de viver sem fazer nada.

—«E não de obedecer-me todos?»

—«Vejam lá isto! que caprichosa! disse Coqueluche sorrindo.

—«Que ordena Vossa Alteza? perguntou Bataclan com seriedade comica.

—«Já vaes ver, respondi eu. Não me disseste ha tempos que eras natural de Versailles?»

—«Exactamente. Mas ha que annos que lá não vou!...»

—«Pois has de ir agora commigo. Quero lá ir.

—«Bom; temos outro mysterio? perguntou a tia Coqueluche.

—«Oh! este, não há de sabel-o nem por ouro, nem por prata!

—«Esta sirigaita, disse Coqueluche fingindo-se agastado, faz de nós tudo quanto quer. Queres então ir a Versailles?»

—«Quero, meu tio.

—«E não dizes o que lá vaes fazer?»

—«Respondi com um gesto que significava que antes cortaria o pescoço, do que daria o motivo da minha projectada digressão.

—«E ha de ser Bataclan quem ha de acompanhar-te? perguntou o sem Sem-Ventura tremendo.

—«Elle mesmo.

—«E eu... não vou?»

—«Não.

«O pobre Sem Ventura baixou a cabeça. As minhas vontades eram ordens para elle.

—«E quando partimos? perguntou Bataclan.

—«Amanhan de madrugada.

—«E quando estaremos de volta?»

—«Amanhan á noite para a representação. Tenha paciencia, meu tio; durante o dia contente-se em mostrar só a mulher das barbas.

«O Sem-Ventura estava tomado de indescriptivel tristeza. Dirigi-me para elle e abracei-o, dizendo-lhe:

—«Ora vamos, tontinho, não estejas triste. Talvez ámanhan á noite tenhas motivo para estar contentissimo... Por tua causa é que eu vou a Versailles...»

«E não quiz dar mais explicações. Escuso de dizer que não preguei olho em toda a noite e que esperei com paciencia o dia seguinte.

XI

«Estavamos então no fim de janeiro. No dia seguinte, um pouco antes das seis horas, estava eu já em pé. O bom Bataclan dormia ainda como um bom beineventurado.

—«A pé! lhe gritei eu. Vamos,são horas...»

—«Mas olha que ainda não é dia, pequena! me disse elle esfregando os olhos.

—«Não importa, respondi eu. Ha de amachecer antes de chegarmos ao caminho de ferro. O primeiro comboio sae ás sete horas.

«De toda a «troupe» era Bataclan o que menos discutia as minhas vontades. Levantou-se pois immediatamente, e preparou-se para me acompanhar. Quando iamos a sair veio ao nosso encontro o Sem-Ventura.

—« Vaes-te embora sem me dizer adeus?! murmurou elle com tristeza.

(Continúa).

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

Recordação de dois saltimbancos

IX

«—Adeus, meu querido Sem-Ventura, adeus! lhe disse eu. Até á noite!

«E afastei-me apressadamente com Bataclan, enquanto que o Sem-Ventura, em pé no limiar da porta da barraca, nos seguia com o olhar. Começavam então a apparecer os primeiros alvares da madrugada.

«Um quarto de hora antes da partida do comboio chegavamos á estação. Uma hora depois estavamos em Versailles, onde eu ia pela primeira vez.

«Quando me vi naquella grande praça, no meio daquellas extensas ruas desertas, desanimei. Julgava eu que não havia senão uma grande cidade, Paris, e que todas as outras eram simples aldeias, como as que em outro tempo percorriamos com a nossa barraca ambulante, e onde todos se conheciam. Esperava que a primeira pessoa que encontrássemos nos designaria immediatamente o castello da condessa de Neuville.

«—Liz-me lá, pequena, me disse Bataclan notando a minha hesitação; para onde vamos? que temos a fazer?

«—Preciso falar com uma senhora... com a condessa de Neuville, respondi eu.

«—E reside em Versailles?

«—Não. Habita nas immedições...

«—Mas sabes acende?

«—Não, respondi eu já inquieta.

«—Ora essa! exclamou o Hercules. Como queres então encontrar-a? Versailles é muito grande...

«—Mas podemos perguntar...

«—Sim, nada se perde em tentar... respondeu Bataclan.

«E dirigimos-nos para uma mercearia, estabelecida em frente da estação.

«—Tem a bondade de me bizer, se sabe, onde mora a senhora condessa de Neuville? perguntei eu.

«O merceiro fez um gesto negativo.

«Eu e Bataclan entrámos successivamente em muitas lojas, repetimos em todas e pergunta e sempre com o mesmo resultado.

«Desanimados já, dirigimo-nos de novo para a estação e fomos fazer a pergunta a um carteiro, o qual nos respondeu que nunca ouvira falar em tal condessa.

«Aquelle nome, porém, que dentro de um quarto de hora havíamos pronunciado vinte vezes pelo menos, attraheu a attenção de um empregado, que passava junto de nós.

«—E' pela condessa de Neuville que a menina pergunta? me disse elle.

«—Sim, senhor. Conhece-a?

«—Ora espere... E' uma senhora viva?

«—Exactamente.

«—Sempre vestida de preto?

«—Sim, respondi eu ao acaso.

«—Dos seus quarenta annos?

«—E' iso mesmo, disse eu vivamente.

«—E' de certo uma senhora que vae a Pariz algumas vezes, e costuma vir aqui entrar no caminho de ferro... Não reside em Versailles... Se não me engano... parece-me que reside em um castello perto dos bosques de Neauphle.

«—Fica longe daquí? perguntei eu com interesse.

«—A uma legua de distancia. Para ir lá é preciso voltar á estrada de Pariz. E' melhor, porém, não irem pelo caminho de ferro; teriam de chegar, sem necessidade, até Vile-d'Avray.

«—Mas então por onde devemos ir?

«—Olhe, vê aquelle vehiculo que vem além? é o omnibus de Versailles a Vaucresson. Tomem logar nelle. O conductor deve saber ao certo onde é o castello da condessa de Neuville.

«Bataclan deitou a correr para o omnibus e fel-o parar. Eu agradei rapidamente ao obsequioso empregado e fui a toda a pressa entrar no carro. Bataclan estava já empoleirado em um dos logares da almofada e eu subi para o interior do vehiculo, onde estavam apenas duas pessoas, uma das quaes era um velho lacaio de libré.

«—Tem a bondade de me dizer se affectivamente é este o caminho de Vaucresson? perguntei eu.

«—Este mesmo, menina, respondeu o lacaio com bom modo.

«—E o castello de Bellombre ainda fica longe?

«Este nome, caído dos labios do meu futuro director, não me havia esquecido.

«—O castello da senhora condessa de Neuville? perguntou o lacaio, surprehendido.

«—Exactamente...

«—Vae passar-lhe em frente daqui a pouco. Mas porque me pergunta isso?

«—Porque lá é que eu vou.

«—E a menina conhece alguém em Bellombre?

«—Não, mas desejo falar com a senhora condessa.

«O lacaio olhou para mim com maior surpresa ainda.

«—Mas a menina diz que a não conhece! disse elle.

«? Não importa. Preciso absolutamente falar-lhe.

«—Minha menina, tornou o lacaio, a senhora condessa vive em retiro absoluto depois que o senhor conde morreu, e não recebe pessoa alguma. Pode acreditar-me... estou há vinte annos em casa della.

«—Meu Deus! meu Deus! murmurei eu com uma afflicção subita. Apesar de tudo eu preciso falar-lhe... assim é pre-

ciso... Tenho uma grande felicidade a annunciar-lhe.

«O lacaio abanou a cabeça.

«— Já não ha felicidades possiveis para a senhora condessa, depois que perdeu o filho e o marido!

«Estas palavras foram pronunciadas com tão grande tristeza, que profeci que aquelle homem tinha uma profunda dedicação pela pobre condessa.

«Fiquei por alguns momentos silenciosa; mas a expressão desolada do meu rosto impressionou-o.

«—Tem então muito interesse em falar á senhora condessa? me perguntou elle.

«—Oh! immenso!...

«—E diz que tem uma grande felicidade a annunciar-lhe?

«—Sim, sim, a maior de todas as felicidades.

«—E a senhora condessa conhece-a?

«—Nunca me viu.

«Havia nas minhas palavras um tal accento de verdade, que o lacaio não podia deixar de as acreditar.

«—E essa felicidade é segredo que não possa confiar-me?

«—Não é segredo meu... não posso dizer-lh'o.

«—Pois para lhe falar com franqueza: receio muito que a senhora condessa não queira recebê-la.

«Depois pareceu reflectir e examinar com attenção o meu vestuario modesto e simples.

«—Escute, menina, tornou elle. Ha apenas um meio de poder chegar até junto da senhora condessa. Se a offendo, propondo-lh'o, desculpe...

«—Diga... diga...

«—A senhora condessa precisa de uma creada de quarto. Havia-lhe eu falado em uma sobrinha minha, e ella tinha consentido em admittil-a. Venho agora de Versailles, onde fui procural-a para a trazer comigo, mas soube lá que já está acomodada...

«—Pois bem, respondi eu logo. Apresentar-me-á como se eu fosse sua sobrinha.

«—Não, isso não, mas como uma pessoa que vae ajustar-se.

«Facilmente se imagina que accitei sem hesitar o offercimento do velho creado. Meia hora depois parou o omnibus em frente do portão gradeado do castello de Bellombre, bonita construcção feita de tijolo, que se divisava a distancia, ao cabo de uma rua de arvores seculares. Bataclan saltou das almofadas ao ver-me sair do carro.

«—Quem é este homem? me perguntou o velho lacaio.

«—E' meu tio, respondi eu.

«Bataclan, com a sua barba grisalha e cara de bonacheirão, tinha a apparencia de um velho militar.

«—Espera-me aqui, lhe disse eu.

«O bom Bataclan era commigo como um soldado com o seu official; obedecia-me sempre sem hesitar, sem discutir. Fez portanto um signal de assentimento e assentou-se em um banco de ferro, que havia ao pé do portão.

«Eu e o lacaio depressa chegámos ao castello. Era uma morada triste e silen-

ciosa; o jardim estava despresado, a terra trepava por todas as paredes. Adivinhava-se que se asylava alli uma grande dôr.

«O velho criado caminhava na minha frente. Atravessámos um grande vestibulo, subimos uma extensa escadaria, e entrámos em uma grande sala.

«—Espere aqui, me disse elle; vou prevenir a senhora condessa.

«E deixou-me só no meio de um vasto salão sombrio, cujas paredes estavam mascaradas com velhos retratos de familia.

«Emquanto esperava puz-me a examinar aquelles retratos. O primeiro em que os meus olhos se pousaram fez-me estremecer. Representava um homem novo ainda vestido com uma farda encarnada e cujos cabellos eram brancos como neve.

«Recordei-me então da historia que me cotára o barão de Neuville e calculei que devia ser aquelle o heroe della.

«Ao lado deste retrato estava um outro, representando um official trajando uniforme azul e escarlate; estava de perfil, e tinha os cabellos pretos como ebano. Mas do lado esquerdo da cabeça via-se-lhe uma pequena madeixa de cabellos brancos, signal que se encontrava no terceiro e no quarto retrato.

«De repente parei boquiaberta, tremula, com o olhar fixo no quinto retrato. Figurava um rapaz dos seus quatorze ou quinze annos, vestido com a farda de discipulo da escola militar. Custou-me a conter um grito... Aquelle retrato era o do Sem-Ventura, ou pelo menos de alguém que se lhe assemelhava prodigiosamente.

«Nesse momento abriu-se uma porta ao fundo do salão, e entrou uma senhora, vestida toda de preto.

XII

Era a condessa de Neuville. Ao vel-a senti uma dolorosa impressão. Tinha apenas quarenta annos, e divisavam-se-lhe no rosto os vestigios de uma grande formosura; mas as faces pallidas e cavadas, o nariz afilado, os olhos amortecidos e rodeados de um circulo azulado, e os labios descórados, davam idéa do soffrimento moral daquella pobre senhora, que se definhava lentamente, de minuto a minuto. Quando andava, parecia que quasi nem tocava no chão; havia nella o que era que já não pertencia a este mundo. Via-se que era um corpo que ia partir-se para restituir á liberdade a pobre alma que nelle estava prisioneira.

«Dirigiu-se para mim vagarosamente, e disse-me com a sua voz doce e triste:

«—O meu creado Jacques disse-me que a menina desejava ajustar-se para o meu serviço.

«Eu cumprimentei-a, beijando-lhe respectosamente a mão. O meu rosto franco e aberto pareceu agrada-lhe.

«—Preciso mais de uma senhora que me acompanhe, do que de uma creada de quarto. Diga-me: sabe ler?

«—Sim, minha senhora.

«—O meu serviço é triste, minha menina, tornou ella. Não recebo pessoa alguma; a minha casa é como um sepulcro. Não receia vir viver nella?

Quando saíra de Pariz para ir em busca da mãe do Sem-Ventura, julgava eu que poderia chegar junto da condessa e dizer-lhe francamente: «Enxuga as lagrimas, mãe desconsolada; teu filho está vivo!»

«Mas quando vi aquella pobre senhora, despedaçada pela dôr, morta de desgosto, tão fraca, tão delicada que uma commoção qualquer podia apagar nella o tenue sopro de vida, que ainda a animava, convenci-me de que não devia fazel-o sem primeiro a preparar gradualmente para esse fortissimo choque.

«E portanto tomei logo uma resolução. Decidi que não voltaria nesse dia para Pariz, que accitaria o logar de creada de quarto da condessa, e esperaria um momento favoravel para revelar á desconfortada mãe a existencia do seu filho.

«—Não, minha senhora, respondi eu; nenhum receio tenho de vir viver junto de v. exa., que, sei, é muito bondosa...

«E tornei a beijar-lhe a mão.

«—Pois bem, me disse ella; então fique. Quer começar desde já o seu serviço?

«—Sim, minha senhora.

«—Mas diga-me; a menina veio só?

«—Acompanhou-me um parente velho, respondi eu, que está lá em baixo. Se a senhora condessa se digna tomar-me para o seu serviço, vou prevenil-o para que me mande alguma roupa de Pariz.

«—Sim, sim, pode ir.

«Sai em seguida do castello e dirigi-me para o portão do jardim onde Bataclan ficára. O hercules conservava-se ainda assentado fumando tranquillamente.

«—Ah! exclamou elle ao vêr-me, e levantando-se vivamente. Ainda bem que te não demoraste.

«—Tinhas então muita pressa de tornar a vêr-me, meu bom Bataclan? disse-lhe eu sorrindo.

«—Eu te digo: eu gosto de ter vêr... mas agora tinha ainda outra razão para desejar que não te demorasses...

«—Qual era?

«—Estive a orientar-me e a consultar as minhas recordações da mocidade; e lembrei-me de que a meia hora do caminho na nossa frente fica Vaucresson, onde ha uma soberba casa de pasto, celebre pelos coelhos magnificos que lá se comem... E' onde iremos almoçar.

«—Ah! meu bom Bataclan, hoje tens de almoçar sosinho...

«—O que? exclamou elle estupefacto.

«—Eu fico aqui.

«O pobre Hercules olhou para mim como se quizesse certificar-se de que eu não tinha enloquecido.

«—Fico aqui, repeti eu em tom decidido, e nem mesmo sei quando voltarei para Pariz.

«—Mas tu endoideceste, pequena!

«—Logo que chegues, continuei eu sem dar attenção a esta exclamação, has de mandar-me algum fato dentro de um bahú, que despacharás no caminho de ferro com direcção para o castello de Belombre, proximo a Versailles.

«Mas Bataclan, tirando bruscamente

o cachimbo da bocca, e enterrando com força o chapéu pela cabeça abaixo, exclamou:

«— Com mil trovões! tu tens muitos caprichos, e eu não quero...

«— Tu has de querer tudo o que eu quizer, lhe disse eu erguendo para elle um affectuoso olhar, e principalmente quando te disser a razão por que fico, meu bom Bataclan.

«— Pois bem; diz lá.

«— Digo, mas has de primeiro jurarme que será segredo só nosso, e que ninguem mais saberá onde estou.

«— Pois sim, juro.

«— Então, escuta. Recordas-te de que o homem, a quem o Sem-Ventura chamava pae, negava que elle fosse seu filho e asseverava que o roubára do castello dos fidalgos?

«— Recordo, sim. E então?

«— A historia é verdadeira.

«— Julgas isso?

«— Tenho a certeza. O Sem-Ventura é filho de uma familia distincta; a mãe é condessa, é muito rica, e habita neste castello... e eu vim aqui de proposito para lhe dizer que o seu filho vive...

«—E já lh'o disseste?

«— Ainda não. A pobre senhora está tão fraca, tão abatida, tão cheia de desgosto, que o mais pequeno choque pôde matal-a. E' preciso preparal-a primeiro, a pouco e pouco...

«—Ah! como tu és intelligente; exclamou Bataclan tomado de sincera admiracão.

«Depois murmurou, coçando atraz da orelha:

«—Mas que hei de eu dizer a Coqueluche e aos outros?

«—Nada.

«— Nada! isso é bom de dizer... o peor, é que elles lhão de querer por força saber o que fiz de ti!

«—Dir-lhe-ás que estou tratando de os enriquecer a todos; e se quizerem ainda saber mais, faz uma cruz na bocca...

«—Mas... e o Sem-Ventura?

«—A esse então é que nem por sombras deves dizer coisa alguma.

«Bataclan obedecia-me cegamente. Foi-se embora logo sem fazer mais objecções, e eu voltei para o castello, onde entrei immediatamente em serviço.

«A condessa tinha-me falado a verdade quando dissera que precisava mais de uma pessoa que a acompanhasse, do que uma creada de quarto. Passei o dia ao pé della a ler em voz alta. A pobre senhora havia chorado tanto que já não tinha vista para ler.

«A' noite puzeram-me uma cama em um gabinete contiguo ao quarto de dormir da condessa. Já eu estava deitada havia muito tempo, e a pobre senhora ainda se achava de joelhos aos pés da cama e orava a meia voz.

«Por fim adormeci, mas acordei dahi a pouco.

«A condessa continuava a orar. Na prece, cujas palavras me chegavam distinctamente aos ouvidos, misturava ella um nome, o nome do marido.

«—O meu adorado Carlos, dizia ella;

porque não ha de Deus permittir que sejam tranquillias as ultimas horas que me restam de vida? Ha já muitas noites que um sonho estranho e doloroso me persegue, Carlos! Vejo o nosso filho! não já aquelle pequenino ente que nós ambos collocámos no ataudé; não! O que a minha pobre imaginação doente me representa é um mancebo, que se assemelha a ti prodigiosamente! E o mancebo sorri para mim carinhosamente e diz-me:

«—Maman!... maman!... estou vivo!... vivo!...

«Eu escutava estas palavras, tremula e commovida; nem me atrevia a mexer-me na cama.

«Por fim a condessa foi-se deitar, mas ouvi-a chorar, ainda durante muito tempo.

«— Ah! pobre mãe! pensava eu. Se tivesse a certeza de que não morrerias de alegria, com que entusiasmo eu iria beijar-te e dizer-te: — Não é sonho, não... teu filho não morreu!

«No dia seguinte a condessa, ao levantar-se, achou-me já a pé occupada a desempenhar os deveres da minha nova profissão.

«O velho criado que no dia anterior viera commigo no omnibus entrou, trazendo na mão uma salva de prata, e sobre esta uma carta que acabava de chegar pelo correio.

«A condessa pegou nella com indifferença; mas logo que lhe deitou os olhos e viu as marcas, empallideceu e, agitada de convulsivo tremor, deixou-a cair no chão.

«—E' uma carta expedida de Saint-Martin... da povoação onde o meu filho morreu, murmurou ella. Abra e leia... eu não tenho força... Quem será que me escreve?! Ha quinze annos que de lá sai... Leia, leia...

«Peguei na carta e abri-a.

«Mas logo que li as primeiras linhas, manifestou-se-me no rosto uma tal commoção, que a condessa exclamou:

«—Que é? que é?...

«E arrancou-me a carta das mãos, dizendo:

«—Eu leio... eu leio. Tenho soffrido tanto neste mundo que nada receio já... os desgostos embotaram-me...

«E percorreu a carta com olhar avido e febril. Depois, de subito, soltou um grito estridulo e caiu-me nos braços desmaiada.

XIII

«Ao mesmo tempo que em regava todos os esforços para fazer voltar a si a condessa, peguei com mão tremula na carta, cujas primeiras linhas me haviam feito empallidecer, e li-a até ao fim.

«Era concebida nos seguintes termos:

«Exma. sra.

«Se eu não soubesse que o tempo tem o triste privilegio de mitigar todas as dôres, ainda as mais violentas e cruciantes, talvez não tivesse a coragem de escrever a v. exa. para o fim para que hoje o faço.

«Um homem, que esteve ao serviço de v. exa., na qualidade de jardineiro, acaba de soltar nos meus braços o derradeiro suspiro, e esse homem confessor-me um grande crime.

«Fido durante muitos annos em cop...

de doido, ninguem dava credito ao que elle dizia, quando, cedendo á voz imperiosa do remorso, falava da criminosa accção que commettêra.

«Infelizmente era verdadeira a extraordinaria historia que elle contava!... Assisti aos seus ultimos momentos e convenci-me de que, quando estava para morrer, tinha o pleno gozo de todas as suas faculdades intellectuaes.

Ha quasi deseseis annos que teve logar esse tristissimo successo. Emquanto que v. exa., angustiada por uma dôr immensa que só as mães sentem e comprehendem, soluçava e estorceia as mãos com horrivel e afflictivo desespero, acompanhava eu ao campo do repouso o cadaver de uma pobre creancinha, que o esposo de v. exa. seguia triste e silencioso. Essa creancinha, designada nos registos da minha parochia com o nome de Gastão René de Neuville, era filho de um homem do povo, era um entesinho obscuro, cujo pae se chamava João, e a mãe Magdalena.

«Commetteu-se um crime atroz durante a noite precedente. Um homem havia entrado furtivamente no quarto de v. exa., e substituíra a creança viva, que tranquillamente dormia no seu bercinho, por uma creança morta... O filho de v. exa. estava vivo e são, e não era por elle que no dia seguinte dobravam funebremente os sinos da minha egreja.

«João, o jardineiro, torturado pelos remorsos do crime que commettêra, endoideceu nesse mesmo dia. Mas de ordinario uma infelicidade nunca vem só! na noite seguinte pegou fogo no castello, que v. exa. habitava, e reduziu-o a ruinas ennegrecidas e informes.

«V. exa. e o seu bondoso marido, atormentados por indescrivel dôr, abandonaram em seguida esta terra, e decorreram desde então deseseis longos annos sem que uma voz se elevasse para lhes gritar: «Enxugae as vossas lagrimas, paes atribulados... o vosso filho vive!...»

«O jardineiro enloquecera, e a boa Magdalena nada sabia e educava a creancinha sem que nem por sombras suspeitasse que não lhe pertencia.

«Quando o jardineiro recobrou a pouco e pouco a razão, o menino tinha já sete annos ou oito. Magdalena adorava-o, João nunca se atreveu a confessar-lhe a triste verdade.

«Magdalena morreu. Ponco antes de exhalar o ultimo suspiro, foi João á egreja e alli, prostando ante a Divindade, fez a solemne promessa de entregar a creancinha aos seus verdadeiros paes, se Deus lhe conservasse Magdalena. Mas os mysteriosos decretos da Providencia são insondaveis. Magdalena morreu apertando nos braços a creança, que julgava ser a que trouxera no seio.

«Operou-se então uma sensivel transformação no allucinado espirito do jardineiro; attribuiu á pobre creança a morte de Magdalena! Dahi em deante o infeliz pequeno tornou-se para elle um ente odioso, e teve de soffrer os mais cruéis tratamentos, que brutalmente lhe inflingia o homem, que fôra como que o seu mau genio.

(Continúa).

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

XIII

«Mas ainda isto não é tudo, senhora condessa... Para o que vou dizer-lhe é que v. ex.a precisa fazer appello a toda a sua coragem e resignação: O seu filho vive, e contudo está talvez perdido para sempre!

«Um dia, há sete annos, o filho de v. ex.a, que por caridade fôra recolhido por um lavrador destas cercanias, caçado já dos maus tratos que lhe dava o homem, a quem julgava seu pae, desapareceu. A voz do povo assevera que foi em companhia de uma «troupe» de saltimbancos, cujo director se chamava Coqueluche. Um dos meus parochianos conta que no anno immediato viu o pequeno dansar na corda em Nevers, fazendo parte de uma companhia ambulante de arlequins, e usando da alcunha de «Sem-Ventura».

«Era dever meu, exma. sra., dar-lhe a saber este facto extraordinario, porque assim o determinou nos seus ultimos momentos o desg.açado, cuja confissão acabou de receber. Agora, minha senhora, vou ajoelhar e orar... vou pedir a Deus perdão para o criminoso, que morreu arrependido...

«Peço-lhe que tenha coragem. Quem sabe? talvez Deus lhe reserve ainda uma grande alegria. Creia v. ex.a., que faço sincerissimos votos por que assim aconteça...

«De v. ex.a.»

«Servo humilde e amigo respeitador»

«Padre ***»

«Paecho de Saint-Martin.»

«Enquanto que eu me não atrevera a dizer nem uma unica palavra á pobre condessa, por a ver tão fraeca, tão abatida, tão prostrada de corpo e de espirito que um pequeno choque podia mata-la, encarregára-se de meu papel a coisa brutal e não pensante que se chama — posta!

«Logo que vi a condessa sem sentidos, chamei por soccorro; os creados acudiram immediatamente. O desmaio durou perto de uma hora. Jacques, o velho lacaio, montara a cavallo e correa á desfilada para Versailles em busca de um medico.

«A condessa estava delirante, e devorada por uma febre ardentissima. Soitava phrases sem sentido com as quaes misturava os nomes do marido, do filho, do Sem-Ventura, do Padre***

«O medico era um joven doutor que pertencia á moderna escola philosophica que conhece e proclama que as impressões da alma se refletem directas e poderosamente no corpo. Desejou, portanto, ver a carta que a condessa havia recebido,

e pediu lhe contassem a attribulada vida daquella pobre senhora. Depois de alguns momentos de meditação, murmurou:

«Comprehendo agora tudo. Uma grande dôr pôz em risco a sua vida; uma grande alegria poderia salva-la!

«Jacques abanou a cabeça com desalento e disse:

«Ainda mesmo admittindo que seja verdadeiro o que o padre *** avança, o filho da senhora condessa está perdido da mesma forma...

«—Não, não... engana-se, exclamei eu.

«—Porque? Que quer dizer? perguntou elle com surpresa.

«—Recorda-se de eu lhe dizer hontem que tinha uma grande felicidade a annunciar á senhora condessa?

«—Sim... E então? exclamou elle com anciedade.

«—E' que eu sabia que o filho vivia... e sei onde elle está...

«A condessa continuava em delirio, e fixava em mim um olhar desvairado...

«—Contudo, murmurou Jacques abandonando outra vez a cabeça, eu vi a pobre creancinha morta no ataúde.

«—Não era o filho da senhora condessa.

«—E quem ha de provar-nos que o jardineiro falou verdade?... perguntou elle duvidando sempre.

«—A natureza! exclamei eu.

«E como o medico e o velho creado olhavam para mim com inquieta curiosidade, accrescente, dirigindo-me para este ultimo:

«—O senhor conde de Neuville, ultimamente fallecido, não tinha no lado esquerdo da cabeça uma pequena madeixa de cabellos brancos?

«—Tinha! é verdade! exclamou Jacques.

«—Poi bem; o Sem-Ventura tem uma identica madeixa!

«Jacques softou um grito:

«—E' elle! é elle! exclamou o dedicado e velho creado juntando as mãos.

«Nesse momento assentou-se a condessa na cama; o delirio pareceu abandonal-a; tinha o olhar mais doce, menos febril.

«—A menina conhece o meu filho! disse ella voltando-se para mim.

«—Sim, minha senhora respondi eu perturbada olhando para ella com susto.

«—O meu filho! o meu filho! repetia ella desatando a chorar.

«—Está salva! está salva! exclamou o bom doutor com alegria. E agora, menina, é preciso partir já... é preciso trazer-lhe immediatamente aqui o filho...

Onde está elle?... onde está?...

«—Em Pariz... Vou já já procural-o e trazel-o aqui...

«E quiz sair logo; mas a condessa demorou-me com um gesto.

«—Não, disse ella; não ha de ir só.

Eu quero ir tambem...

«O medico interveiu, dizendo:

«—Perdão, minha senhora; como medico não posso deixar de me oppôr a que v. ex.a ponha voluntariamente em risco a sua vida. Conheço que tem uma alma forte e corajosa; mas o corpo está extremamente debilitado e enfraquecido. Julgo que seria perigosissimo agitar-se agora... E, portanto, esta menina e Jacques vão partir já para Pariz. Dentro em duas ou tres horas estarão de volta, trazendo consigo o filho de v. ex.a. E creia a senhora condessa que, daqui até lá, precisa fazer provisão de força e de coragem para resistir a essa nova commoção, que de certo será a mais terrivel.

«A condessa abanou a cabeça; queria levantar-se, queria acompanhar-me; tinha pressa de estreitar nos braços aquelle filho que durante tantos annos julgára morto... Pobre mãe!...

«Por fim triumphámos da sua insistencia; resignou-se a ficar, pedindo-nos que fossemos depressa, que corressemos, que voassemos...

«Minutos depois entrava eu em uma pequena carruagem que o proprio Jacques guiava, e que era puchada por um vigoroso cavallo, e corriamos em rapido e vertiginoso galope para Pariz.

«Para irmos pelo caminho de ferro teriamos de esperar ainda uma hora, um seculo.

«Durante o trajecto dei a Jacques mil informações a respeito do meu pobre Sem-Ventura; falei-lhe do seu character doce e bondoso, dos seus costumes irreprehensiveis, e da sua alma elevada e generosa. O bom Jacques tremia de enthusiasmo, e exclamava a cada momento:

«—E' em tudo o retrato do pae, do fallecido senhor conde de Neuville.

«Chegámos assim a Saint-Cloud, e atravessámos a trote largo o bosque de Boulogne. Os Campos Elyseos e os «boulevards» desfilaram por diante de nós como em sonho.

«Avistámos emfim a barraca do tio Coqueluche e dahi a momentos parava á porta o cavallo escorrendo em suor, e arquejando.

«Eu saltei em terra com presteza, e entrei na barraca com a rapidez do raio, gritando:

«—Sem-Ventura! Onde está o Sem-Ventura?!

«Ninguem me respondeu. Olhei espavorida em redor de mim, e não vi senão rostos consternados.

«—Mas onde está elle? exclamei eu desvairada.

«—Perdido! murmurou Coqueluche, pela face do qual deslisava uma lagrima.

XIV

«Que significava aquella palavra de Coqueluche? Porque chorava elle? que se passára durante a minha curta ausencia?

«—Mas onde está o Sem-Ventura? repeti eu como louca.

«A tia Coqueluche levantou-se, foi a um canto da barraca buscar um jaleco e um chapéu velho e colloceu-os silenciosa-

mente diante de mim. Aquelles objectos pertenciam ao Sem-Ventura. Eu não podia, nem queria comprehender... Tinha medo...

«O bom Coqueluche pegou-me nas mãos e murmurou com commoção:

«—Escuta, filha. Desde que partiste, têm-se aqui passado coisas extraordinarias, que nenhum de nós pôde comprehender.

«—O que foi? perguntei eu com impaciencia febril.

«—Aquelle sujeito que se diz director de um theatro lyrico, e que queria escripturar-te, voltou aqui hontem, poucas horas depois de tu saires. Queria falar-te; e quando lhe dissemos que tinhas partido para Versailles, pareceu a principio ficar surprehendido e depois inquieto.

«—Que mais? que mais? perguntei eu com indescriptivel angustia.

«—Mas quando viu o Sem-Ventura, continuou Coqueluche, subiu de ponto a sua agitação. O Sem-Ventura, que estava devorado de ciumes, olhava para elle com colera.

«—Quem é este rapaz? me perguntou o tal sujeito.

«—Este, respondi eu, é o Sem-Ventura.

«—Extravagente nome!

«—Ainda tem outro, disse de além a mulher das barbas. Tambem lhe chamamos ás vezes — senhor visconde.

«—E porque? perguntou elle, cada vez mais impressionado.

«—Porque ha quem diga que é filho de uma condessa, e foi roubado por um jardineiro.

«O tal empresario, director ou quer que seja, deu um passo á rectaguarda e empallideceu. Depois começou a rir ruidosamente, e saiu dizendo:

«—Logo que a menina Bastinguette volte, digam-lhe que vá á minha casa. O director do theatro, com quem estou associado, deseja ouvi-la cantar.

«Logo que o homem desapareceu, disse-nos o Sem-Ventura:

«—Não sei porque... mas detesto este homem.

«—Ora! isso é parvoice! replicou minha mulher.

«—Então que quer? disse a mulher das barbas, se elle está com ciumes... imagina que este figurão faz a corte a Bastinguette!

«—Eu nem palavra disse, proseguiu Coqueluche; mas, para falar a verdade, fiquei convencido de que a mulher das barbas tinha razão.

«—Meu tio! exclamei eu; não me faça morrer de impaciencia. E depois? que aconteceu depois?

«Coqueluche continuou:

«—Durante todo o dia o Sem-Ventura não disse uma unica palavra, nem quiz comer. A' noite voltou Bataclan sem ti.

«—Que fizeste de Bastinguette? lhe perguntou o Sem-ventura com violencia.

«Mas Bataclan respondeu que te havia prometido não dizer onde estavas. Então o Sem-Ventura desatou a chorar, e disse-nos soluçando:

— Eu sei onde ella está! Está em casa do pretendido director do theatro, que veio aqui esta manhã só para nos illudir.

«Por mais que Bataclan protestasse contra essa asserção, o Sem-Ventura abanava a cabeça e murmurava:

«—Não te acredito.

«Depois chegou a hora da nossa representação, e o Sem-Ventura trabalhou como era costume, e sem que nelle se percebesse uma qualquer alteração de espirito.

«A noite quando nos iamos deitar, saiu elle da barraca.

«—Onde vaes tu? lhe perguntou Bataclan.

«—Vou tomar ar, respondeu elle. Doe-me a cabeça.

«Bataclan acreditou-o. Eu de certo teria adivinhado que o Sem-Ventura tinha um mau designio, e seguiu-o-ia. Decorreu uma hora sem que elle voltasse, depois duas, e tres, e toda a noite.

«De manhã é que notámos a falta d'elle. Como o tal empresario tinha deixado a sua morada, conjecturámos que o Sem-Ventura, louco de ciúmes, teria lá ido procurar-te; e portanto corri a casa d'elle. Encontrei-o a almoçar tranquillamente. Conte-lhe o que succedera, e elle declarou-me categoricamente que não tinha visto o Sem-Ventura.

«Esperámos ainda até ao meio-dia. A essa hora fui fazer a minha declaração ao commissario de policia, o qual me disse o seguinte:

«—Esta noite, seriam duas horas, afogou-se um mancebo debaixo dos arcos da Pont-au-Change, e ainda não foi possível encontrar-se o cadaver; comtudo parece certo ter havido um suicidio, porque o infeliz deixou sobre as guardas da ponte o jaleco e o chapéu. Quer ver estes objectos?

«Ao pronunciar estas ultimas palavras, Coqueluche desatou a chorar, e susteve-me nos braços. Eu julguei que era chegada a minha ultima hora... parecia que a vida me abandonava...

«O jaleco e o chapéu, apresentados a Coqueluche pelo commissario de policia, eram os que a tia Coqueluche collocara deante de mim...

... ..
A cantora interrompeu-se por alguns minutos; os soluços embargavam-lhe a voz. Os que a escutavam estavam extremamente commovidos; ninguem se atrevia a quebrar aquelle penoso silencio.

«—Que lhes direi eu mais? proseguiu ella por fim. A pobre mãe não morreu; mas durante um mez os medicos desesperaram de a salvar. Morreria depois, ou será viva ainda? Não sei... nunca mais tornei a vel-a?

«Eu propria, devorada por ardentissima febre, estive durante muitas semanas entre a vida e a morte.

«Bem podem imaginar que o primeiro director de theatro lyrico, que me escripturou, não foi esse abominavel cónde

de Neuville, a quem eu considero como causa indirecta da morte do meu pobre Sem-Ventura. Só passados dois annos é que deixei de ser saltimbanca.

«Os Coqueluche aposentaram-se; Bataclan continuou a administrar os negocios d'elles, mostrando pelas provincias a mulher das barbas. Eu choro sempre de saudade pelo meu nunca esquecido Sem-Ventura...

Quando a cantora pronunciava estas ultimas palavras, ouviram-se soluços a um canto do «boudoir». Todos se voltaram surprehendidos, e viram o mancebo, que fôra apresentado á «prima-donna» com o nome de Godefroy, e para quem ella nem olhára.

O mancebo soluçava. A cantora olhou para elle, ergue-se de salto, soltou um grito, cuja expressão não pôde traduzirse em palavras, e foi cait-lhe nos braços, exclamando:

—Ah! Não morreste! Tu és o Sem-Ventura!

—Sim! respondeu o moço, caindo de joelhos...

XV

Os convidados haviam saído. A cantora estava só com Godefroy, isto é, com o seu querido Sem-Ventura.

A noite estava a findar; as estrellas começavam a empallidecer; os primeiros clarões da madrugada illuminavam frouxamente as cortinas do «boudoir».

O lume havi-se extinguido no fogão. Aquelles dois entes que tanto se haviam amado quando creanças, estavam como que absortos na contemplação um do outro, com as mãos entrelaçadas. O Sem-Ventura, que durante annos Bastinguette julgára morto, contou a esta as aventuras, succedidas durante a época que decorrêra desde o dia em que se haviam separado. Eis a narração fiel dessas aventuras.

O Sem-Ventura, conforme Coqueluche dissera a Bastinguette, saira da barraca perto de meia noite, pretextando ter dor de cabeça e precisar por isso de tomar ar.

Este pretexto, porém, nada tinha de verdadeiro. O Sem-Ventura, devorado pelo abutre do ciúme, por isso que estava convencido de que Bastinguette se achava em poder do elegante peralta da rua de Miromesnil, queria tentar fosse o que fosse para lh'a arrancar das mãos. E, portanto, apesar da hora avançada da noite e sem dar attenção a que estava vestido ainda com o fato proprio de saltimbanco, fôra d'reito a casa do barão Alfredo de Neuville.

O bairro dos Campos Elysios de ordinario é tão animado á meia noite como em pleno dia. A essa hora cruzam-se as carruagens em todas as direcções; os concertos acabam, os jardins publicos fecham-se e os homens vão para os bailes e para os clubs.

O Sem-Ventura, perguntando aqui e alli qual o caminho que devia seguir, chegou á rua de Miromesnil, parou em frente da porta n. 13, e olhou para todas as janellas antes de tocar a campainha.

No segundo andar parecia haver baile; a fachada estava brilhantemente illuminada. Uma longa fila de carruagens estacionava já á porta, e estavam chegando muitas outras, de dentro das quaes saiam mulheres e homens caprichosa e grotescamente vestidos. Era um baile mascarado.

Esta circumstancia serviu de auxilio ao Sem-Ventura, a quem o guarda-portão não deixaria de certo entrar, se o não julgasse um dos convidados. Effectivamente o vestuario do saltimbanco que sobre si levava, dava logar a julgar-se que estava mascarado.

O guarda-portão olhou para elle curiosamente, e deixou-o entrar sem lhe perguntar para onde ia.

Na escada encontrou o Sem-Ventura, um creado, a quem perguntou se o barão de Neuville estava em casa.

—E' no primeiro andar! respondeu o creado que tambem o julgou um dos convidados para o baile mascarado.

O Sem-Ventura tocou a campainha do primeiro andar. Um outro creado veio immediatamente abrir a porta, e pareceu ficar surprehendido ao vel-o.

—O senhor engana-se! disse elle. O baile é no segundo andar.

—Bem sei, respondeu o Sem-Ventura. Mas eu quero falar com o senhor barão de Neuville.

Só então é que o creado conheceu que o mancebo não estava mascarado, e que os factos que usava eram os da sua profissão.

—E que quer? perguntou elle insolentemente.

—Quero falar-lhe, respondeu o Sem-Ventura.

—Quando alguém quer falar ao sr. barão, replicou o lacaio, deve vir de dia e não a meia-noite.

—Eu venho quando posso, e quero falar ao senhor barão, repetiu o Sem-Ventura com firmeza.

—E' impossivel!

E o creado atravessou-se em frente da porta, acrescentando:

—E de mais, o senhor barão não está em casa, ainda não veio do club.

E fechou a porta na cara do pobre Sem-Ventura. Mas este tinha a persistente tenacidade dos ciúmentos.

Não se retirou pois; encostou-se ao corrimão e esperou.

Os convidados que se dirigiam para o segundo andar, e os creados que subiam e desciam, olhavam para elle curiosamente. Mas o Sem-Ventura esperava impassivel.

Por fim chegou o barão de Neuville, quando batiam duas horas da madrugada.

O Sem-Ventura collocou-se ousadamente em frente d'elle. O barão reconheceu-o, deu um passo á retaguarda, e disse bruscamente:

—Que me quer?

—Falar-lhe! respondeu o Sem-Ventura.

—Pois sim, ouviu-o-ei, murmurou o barão depois de um curto momento de silencio. Mas diga-me primeiro: já tocou a campainha?

—Já.

—E o meu criado disse-lhe que eu não estava em casa? e recusou-se a deixal-o entrar?

O Sem-Ventura respondeu com um gesto affirmativo.

—Então, tornou o barão, entre sem fazer barulho...

E, tirando do bolso uma chave, mettu-a na fechadura e abriu a porta sem ruido. Na sala de entrada estava um candieiro acceso; mas o criado tinha-se ido deitar.

O barão de Neuville pegou na mão do Sem-Ventura e disse-lhe em voz baixa:

— Não faça bulha.

E apagou o candieiro. O Sem-Ventura ficou mergulhado em profunda escuridão. Mas não tremeu.

O barão fez-lhe atravessar muitas salas, cujo sobrado estava coberto com espessas alcatifas que abafavam o ruido dos passos. Ao cabo de alguns momentos gritou:

— Não precisas levantar-te, Germano. Sou eu.

O criado, em vista desta recommendação não saiu do quarto onde dormia, situado a pequena distancia da sala de jantar.

O barão de Neuville fez entrar o Sem-Ventura em um pequeno gabinete, em cujo fogão havia ainda um resto de lume, fechou a porta e accendeu uma vela.

Depois, olhando fixamente para o mancebo, perguntou-lhe outra vez:

— Que me quer?

— Senhor barão, disse friamente o Sem-Ventura, erguendo para o barão um olhar resolutivo, eu venho procurar Bastinguette.

O barão ia talvez responder que não vira a pobre rapariga, o que aliás era verdade; mas conteve-se.

— Bastinguette está aqui!... tornou o Sem-Ventura.

— Engana-se, respondeu o barão. E se quer certificar-se disso, pegue nessa vela, e venha commigo examinar toda a casa. Verá que a não encontra.

A tranquillidade, com que o fidalgo fallava, desconcertou o Sem-Ventura.

— Comtudo, disse elle, Bastinguette desapareceu...

— Ah!

— Dizendo que ia a Versailles...

— E' possivel!

— E o senhor por torça sabe onde ella está!

— Ora, meu amigo, replicou o barão, impassivel: não precisa exaltar-se...

— Quero saber onde está Bastinguette! repetiu o Sem-Ventura exasperado.

(Continúa.)

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

XV

— Pois bem... Eu podia renovar-lhe a proposta, que ha pouco lhe fiz, de o levar a examinar toda a casa, e dizer-lhe que não sei onde ella está; mas prefiro ser franco comsigo; antes quero dizer-lhe a verdade.

— Ah! então sabe onde ella está?... exclamou o Sem-Ventura.

— Sei...

— E vae dizer-m'o, não é verdade?

— Em primeiro lugar devo affirmar-lhe tornou o barão, que a menina Bastinguette nenhum perigo corre.

— Jura-m'o?

— Juro.

— Mas... onde está?

— Dir-lh'o-ei... com a condição de que primeiro ha de responder ás perguntas que vou fazer-lhe,

O Sem-Ventura olhou com surpresa para o barão.

— Como se chama? continuou este.

— Sem-Ventura.

— Mas não tem outro nome?

— Não, não tenho outro.

— Mas os saltimbancos ás vezes chamavam-lhe visconde...

E o barão contemplava a madeixa de cabellos brancos com demorada attenção.

— E' porque meu pae, que era doído, respondeu o Sem-Ventura, dizia nos seus accessos de loucura que eu era filho dos fidalgos do castello, a quem elle me havia roubado.

— Onde nasceu?

— Em uma pequena povoação do Nivernais, que tem por nome — Saint-Martin.

— Sim, murmurou o barão de Neuville, fingindo que fazia um certo esforço de memoria para recordar-se de alguma coisa; é exactamente a historia que Bastinguette me contou...

— Bastinguette falou-lhe de mim? perguntou o Sem-Ventura com maior surpresa ainda.

— Falou, sim.

— Mas onde está ella?

— Dir-lh'o-ei, mas é preciso que me acredite e tenha confiança em mim.

E como o Sem-Ventura continuava a mostrar-se desconfiado, proseguiu:

— Posso leval-o immediatamente onde ella está.

— A Versaill'es?

— Não, em Paris, donde ella não saiu. respondeu o barão, com hypocrita lhaneza, que illudiu completamente o Sem-Ventura. Estimo-a muito a ella, assim como ao senhor, sei que devem casar um com o outro, e quero fazer a fortuna de ambos...

— Mas... balbuciu o pobre Sem-Ventura.

O barão consultou o relógio, e continuou:

— E' já bem tarde... mas não importa! Vou conduzi-lo onde está Bastinguette, e verá que ella propria ha de repetir-lhe o que acabo de dizer-lhe. E agora não faça barulho... Não quero que se saiba que entrou aqui...

E, pegando na mão do mancebo, conduziu-o para fóra do gabinete. Quando chegou á casa de jantar, parou.

— Estou morto de sede, murmurou o barão.

E pôz sobre um bufête a vela que trazia na mão, abriu um aparador, tirou de dentro um copo e uma garrafa de rum que collocou tambem sobre o bufête, e disse para o Sem-Ventura:

— Não quer beber nada?

— Não... obrigado, respondeu o mancebo.

— Ora, replicou o barão, isso é pieguice. Ha de beber tambem... Não gosto de beber só.

E pegando em um copo, deitou-lhe rum até á altura de dois dedos, apresentando-o em seguida ao Sem-Ventura.

O mancebo não ousou recusar; levou o copo aos labios, e bebeu de um trago. O barão de Neuville ia tambem para beber; mas logo que provou o rum, fez uma careta, e despejou o copo para o chão, dizendo:

— Este imbecil Germano não tem emenda. Deixa sempre as garrafas destapadas, e o rum estraga-se.

XVI

O barão de Neuville pegou, sem affectação alguma, em outra garrafa e em outro copo, e bebeu.

Tudo isto fóra feito simplesmente, sem ruido, falando a meia voz; de sorte que o creado Germano nem por um instante interrompera o cadenciado resonar, que partiu de um quarto pouco distante da casa de jantar.

O barão pôz uma capa sobre os hombros, e deu ao Sem-Ventura uma outra, que se achava dependurada, na sala da entrada, dizendo-lhe:

— A noite está fria; agasalhe-se.

O Sem-Ventura pôz a capa silenciosamente. Desde que o barão de Neuville lhe dissera—«Sej que Bastinguette o ama, e devem casar um com o outro»—a aversão, que o barão lhe inspirava, transformára-se em uma especie de sympathia subita e irreflectida.

Além disto o barão havia-lhe dito — «Vamos vêr Bastinguette,»—e com estas magicas palavras ter-se-ia deixado conduzir até ao fim do mundo.

O Sem-Ventura saiu com o barão.

— Vamos aos Campos-Elysios, disse este. Acharemos lá uma carruagem.

A noite estava escura e fria. Comtudo, o pequeno saltimbanco sentia em si, ao caminhar, um calor extraordinario. Tinha o corpo humido de suor, como se estivesse em uma manhan do mez de agosto. De subito parou como que suffocado.

— Que tem? perguntou o barão.

— Não sei... Parece que tenho fogo

dentro do peito, respondeu o Sem-Ventura.

— Isso não é nada... E' effeito do rum... não está habituado a beber-o... Vamos, vamos...

E deu-lhe o braço.

Ao cabo da rua de Miromesnil fica a praça Beanveau e logo adiante os Campos Elysios, onde a toda a hora do dia e da noite se encontram trens de praça.

O barão fez signal a um cocheiro e apressou o passo.

O Sem-Ventura caminhava como se estivesse embriagado.

— Onde vamos, patrão? perguntou o cocheiro.

— Ao caes dos Célestins, respondeu o barão.

E fez subir para a carruagem o Sem-Ventura, que não podia já ter-se em pé.

O barão acendeu um charuto na luz da lanterna da carruagem, voltou-se para o saltimbanco, e contemplou por um momento o semblante do pobre rapaz.

O Sem-Ventura estava inundado de suor; no rosto tinha a pallidez livida de um cadaver.

— Depressa, depressa! gritou o barão para o cocheiro.

Este deu com o chicote nos magros rocinantes, que partiram a trote largo.

O Sem-Ventura tinha sensações singulares; parecia vêr tudo a dansar em redor d'elle, a carruagem, a praça da Concordia, o obelisco, as arvores das Tuherias...

— Está doente? perguntou o barão.

— Sim... não sei que sinto... balbuciu o Sem-Ventura.

— Isso não é nada; logo que veja a sua querida Bastinguette fica bom... replicou o barão com ironia.

Comtudo, ao passo que o corpo do Sem-Ventura, entorpecida, o seu espirito conservava toda a sua lucidez.

— Mas para que disse Bastinguette que ia a Versaill'es? perguntou elle durante o traj ecto.

— Eu sei a explicação disso. Fui eu que a induzi a que dissesse essa pequena mentira.

— Porque!

— Porque tanto eu, como Bastinguette, tinhamos receio de que o vosso patrão Coqueluche não quizesse rescindir o contrato della. E portanto quasi que pôde-se dizer que a raptei... mas conduzi-a para casa da minha mãe.

— Ah! então o senhor barão ainda tem mãe? perguntou o Sem-Ventura com inveja.

— Tenho, s'm. E o senhor?

— Oh! a minha morreu!

— Mas... não arredita na historia que seu pae contava? não crê que seja effectivamente filho dos fidalgos do castello?

— Sim... ás vezes, respondeu melancolicamente o Sem-Ventura. Principalmente quando em frente de um espelho con-

templo esta madeixa de cabellos brancos que tenho no lado esquerdo da cabeça.

O barão de Neuville estremeceu e enterrou o chapéu até aos olhos.

De subito o Sem-Ventura levou de novo a mão ao peito e fez um gesto de soffrimento.

— Mas que é o que tem? repetiu o barão.

— Tenho fogo dentro do peito.

— O rum faz sempre esse effeito na primeira vez em que se bebe. Direi a minha mãe que lhe dê um copo de agua de flôr de laranja e verá como fica logo bom.

A carruagem continuava a rodar. Havia passado em frente do Louvre, do Chatelet e do Hotel-de-Ville, e ao cabo de vinte minutos chegou ao caes dos Célestins, onde parou, por ordem do barão, em frente de uma velha casa de apparencia lugubre.

— E' aqui, disse o barão de Neuville ao Sem-Ventura.

E despediu o cocheiro, mettendo-lhe na mão uma moeda de prata.

O Sem-Ventura tentou caminhar, mas não pôde. Tinha as pernas como que paralyzadas.

Por sobre a porta, deante da qual o barão e o saltimbanco tinham parado, havia um lampeão, cuja claridade dava em cheio no pallido rosto do pobre Sem-Ventura. O barão de Neuville, que sem duvida sabia, melhor que ninguem, a razão porque elle estava tão extremamente pallido, e porque não podia caminhar, tornou a dar-lhe o braço e repetiu:

— Vae vêr a sua querida Bastinguette.

Este nome incutiu coragem ao Sem-Ventura. A porta abria sobre um corredor escuro e humido, ao cabo do qual havia uma escada muito ingreme e cheia de cofovellos.

O saltimbanco fez um supremo efforço e subiu os primeiros degraus, quasi que arrastado pelo barão. Mas quando chegou ao primeiro andar dobraram-se-lhe as pernas e caiu de joelhos, balbuciando:

— Não posso! Não posso!

Então o barão, que era robusto, pegou nelle nos braços e continuou a subir, levando-o como se fóra uma creança. Quando chegou ao segundo andar bateu a uma porta, por debaixo da qual passava uma tenue claridade.

O Sem-Ventura começava a ter medo. O aspecto sinistro daquella casa, para onde o barão o conduzia, junto á extraordinaria paralyxia que d'elle se apoderava a pouco e pouco, fel-o suspeitar que caíra em uma cillada. Mas que fim podia o barão de Neuville ter em vista?

A porta, a que o barão batera, abriu-se vagarosamente e o Sem-Ventura viu deante de si um pequeno quarto, que tinha muitas semelhanças com o de um estu-

Dentro estava um homem, assentado em uma grande poltrona, rodeado de malas, de caixas, de bahús e de trouxas de todos os tamanhos e feitios, e fumando em um enorme cachimbo.

Ao ver o barão, o homem levantou-se, e ficou respeitosamente o barrete que lhe cobria a cabeça.

— Preciso de ti, lhe disse o barão.

E assentou o Sem-Ventura, que já nem podia abrir os olhos, na poltrona, de onde acabára de se levantar o homem do cachimbo.

— E parece que chego a tempo, continuou elle olhando para as malas. Quando partes?

— Amanhan, pelo expresso das sete horas da manhan.

— E a que horas embarcas?

— Amanhan á tarde.

O Sem-Ventura, que sentia que a estranha paralytia que lhe entorpecera os membros ia prender-lhe tambem a lingua, fez ainda um esforço, e perguntou:

— Mas onde está Bastinguette?

— Já vein, respondeu o barão.

O pobre rapaz levou ainda uma ultima vez as mãos ao peito e balbuciou:

— Tenho séde... Oh!... parece que tenho fogo aqui.

O barão trocou um olhar de intelligencia com o homem do cachimbo, e disse-lhe:

— Dá-lhe um copo de agua.

O homem pegou em uma garrafa que estava sobre uma pequena mesa, encheu um copo de agua, e chegou-o aos labios do Sem-Ventura, que a bebeu soffregamente.

Mas de subito o saltimbanco soltou um grito estridulo, deu um pulo na poltrona, como se occulta mola o houvesse impellido, estrebuchou ainda durante um minuto em uma especie de convulsão, e ficou immovel.

— Agora podemos conversar á vontade, disse friamente o barão; não ha de ser elle quem ha de perturbar-nos...

XVII

Logo que o Sem-Ventura caiu naquelle estado de immobilidade aterradora, o barão pegou-lhe em um braço, erguendo-lho até ficar em posição horizontal, e largou-lh'o bruscamente... O braço caiu inerte. Ergueu-lhe depois todo o corpo pelos hombros, e deixou-o cair em seguida sobre a poltrona... Dir-se-ia que era um cadaver...

— Mas que quer dizer tudo isto? perguntou com surpresa o homem do cachimbo.

— Meu caro amigo, respondeu o barão, escuta-me com attenção. Este rapaz ha de estar como morto durante vinte e quatro horas.

— Mas ha de resuscitar?

— Sim... mas só daqui a vinte e quatro horas.

— E' singular! nunca julguei que um simples copo de agua — porque era agua pura o que lhe dei — pudesse produzir um semelhante effeito.

— E' porque ignoras os segredos da chimica.

— Como assim?

— Eu te digo: ha uma hora fi-lhe beber um calice de rhum.

— Bom. E depois?

— Nesse rhum estava misturada uma certa droga dos tropicos que tu, pelo facto de seres marinheiro, deverias conhecer, e da qual se servem os negros para produzirem uma catalepsia momentanea. Muito antes da medicina europea inventar o chlorophormio já os negros conheciam o uso dessa droga, que obtêm pisando diferentes hervas em um almofariz; e serviam-se della para tornarem um homem insensivel e cortarem-lhe um membro sem dôr. Uma forte dôse dessa droga, que se dilue em agua para poder distribuir-se instantaneamente por toda a economia, produz uma catalepsia como que fulminante. Tomada em menor dôse, e sem ser dissolvida em agua, não faz effeito senão passados alguns minutos, e então a catalepsia produz-se lenta e gradualmente. Eis a razão porque a misturei com uma muita pequena porção de rhum, e porque te pedi agóra que lhe desses um copo de agua.

— Mas, meu caro barão, que tencionas tu fazer deste rapaz, e em que posso eu auxiliar-te? perguntou o homem do cachimbo, que parecia ter pouco mais ou menos quarenta annos, e em cujo rosto anguloso transpareciam signaes evidentes de uma existencia agitada e tormentosa.

O barão pegou na vela accesa que se achava sobre a mesa, dirigiu-se para o Sem-Ventura, tirou-lhe o chapéu, e disse-lhe apontando-lhe para o lado esquerdo da cabeça:

— Olha!

— A madeixa de cabellos brancos! exclamou o homem do cachimbo. E' então verdade que não morreu?

— Bem vês. O bom do padrecia, ao mesmo tempo que escrevia a minha tia, escreveu-me tambem a mim. Se não fôsse essa excellente lembrança ficava eu logrado devéras; e a rapariguinha, que foi á minha casa com pretexto de se escripturar, e que teve a espezteza de me extorquir a minha historia e a de minha tia, pregava-me uma soberba peça! Sabes que ella foi a Versailles?

— Oh! com mil demonios!

— Mas o acaso auxiliou-me. O ciume apoderou-se deste formoso Romeu, que foi á minha casa procurar a sua adorada Julieta. Eu tranquillisei-o, moderei-lhe os impetos com palavrinhas doces, e com a ajuda do rhum, convenientemente preparado, conseguí trazel-o até aqui, onde, segundo lhe affirmei, devia elle encontrar a sua querida Bastinguette. Compreendes agóra?

— Não, muito bem...

— Ora vamos, tornou o barão, joguemos com as cartas na mesa. Tu deves-me vinte mil francos, e vaes procurar fazer fortuna na America, para o que te emprestei mais dez mil, o que prefaz um total de trinta mil francos. Tenho, é verdade em meu poder um

mandato de prisão passado contra ti; mas tu sabes perfeitamente que nunca me decidiria a fazel-o executar. Queres que te dê quitação desses trinta mil francos?

— Isso depende das condições...

O barão deu uma gargalhada.

— Aposto, disse elle, que estás a imaginar que vou propôr-te um crime...

— Ora! pelo preambulo é o que parece...

— Pois enganas-te. Em primeiro logar sou um homem honrado, e incapaz de commetter um crime; e em segundo logar não tenho nem o mais leve desejo de ir assentar-me no banco dos réus nos tribunaes. Comtudo, acontece que um homem, que pode fazer-me perder uma herança importante, surge repentinamente no meio do meu caminho. Emprego todos os meios ao meu alcance para o fazer desaparecer.

— E contaste commigo para te auxiliar?

— E' verdade... Partes amanhan de madrugada, não é verdade?

— Parto...

— Diriges-te para o Havre, e amanhan mesmo embarcas para a America. E portanto, daqui a vinte e quatro horas, o navio, em que seguíres viagem, ha de ter percorrido já uma grande distancia, e de certo não voltará atraz para depôr em terra o rapazola.

— Mas como queres tu que eu o embarque commigo?

O barão olhava com attenção para as caixas e trouxas do seu amigo.

— Ora, escuta, disse elle ao cabo de alguns instantes de silencio; fazendo aqui dois ou tres buracos por onde possa entrar o ar, temos a coisa arranjada.

— Mas como?

— Vamos metter o rapaz neste grande caixão comprido como um ataude. Despacha-se como se fosse uma caixa de fazendas, tanto no caminho de ferro como a bordo. O estado cataleptico ha de durar vinte e quatro horas...

— E depois?

— Depois... nada tens com o resto... O rapaz, logo que volte a si, começa a gritar... A gente do navio fica surpreendida e corre a abrir a caixa... Para as explicações, o rapaz que se arranje como puder.

— Mas elle conhece-me...

— Não pode ser. Quasi que nem tempo teve para vêr-te...

— Tudo isso está realmente muito combinado, murmurou o homem do cachimbo; mas, no entanto, confesso-te...

— Diz-me lá, interrompeu o barão friamente. Preferes que te faça prender amanhan na estação do caminho de ferro, e que te exija o pagamento dos meus trinta mil francos?

— Não.

— Então presta-me o serviço que de ti exijo...

— E dar-me-ias quitação da divida?

— Immediatamente.

— Mas tu não sabes o que esta caixa contém?

— Não.

— Pois bem...olha...

E o homem do cachimbo levantou a tampa do caixão. O barão de Neuville deu um passo á rectaguarda com espanto...

Dentro havia como que um cadaver es-tendido a todo o comprimento da caixa.

— Não te assustes, disse rindo o homem do cachimbo. E' uma figura de cera que vou mostrar por dinheiro nos Estados Unidos. Os americanos são muito apaixonados por estas exhibições.

— Quanto te custou?

— Mil e quinhentos francos.

O barão puchou pela carteira, e tirou de dentro della duas notas de mil francos que collocou sobre a mesa.

— Aqui estão dois mil, disse elle; mil e quinhentos pela figura de cera; e quinhentos para te pagar um banho que vaes tomar...

— Que banho?

— Já vaes vêr, respondeu o barão. Mas primeiro veste isto.

E despiu o jaleco ao Sem-Ventura.

— Não comprehendo...

— Espera, não seas impaciente. Logo que o rapaz esteja bem acondicionado dentro do caixão, has de tu enfarruscar a cara, desfigurar-te seja como fôr. Pode isso ser-te util na occasião em que o morto resuscitar...

— Não comprehendo ainda...

— Nessa occasião dirás tu que o rapazola é saltimbanco de profissão, o que aliás é a verdade; que veio ter commigo para te pedir que o levasse para a America, ao que tu não accedeste, retirando-se elle; e que finalmente voltára depois quando tu estavas ausente, e se mettéra elle no caixão no logar da figura de cera.

A' vista dos factos, todos hão de julgar a historia mais que verdadeira.

— Isso é na verdade muito engenhoso. Mas o que não comprehendo ainda é o que queres que eu faça do jaleco e do chapéu.

— Já lá vamos. Tu vestes o jaleco e pões a chapeleta na cabeça...

— Bom. E depois?

— Depois desces até ao caes e comesas a passear de um lado para o outro, dando mostras de grande agitação. De certo despertas a attenção de um qualquer guarda de policia, que, suspeitando que queres deitar-te ao rio, começa a seguir-te de longe. Tu vaes caminhando, e logo que chegues a uma ponte qualquer, desembaraças-te do jaleco e do chapéu, e lanças-te rapidamente á agua. Eu sei que nadas e mergulhas como um peixe. Farás a coisa de modo que não possam pescar-te os cidadãos humanitarios, que hão de correr ao chamamento do guarda de policia...

— Mas para que serve tudo isso?

— Preciso que o jaleco e o chapeu sejam levados para o commissariado da policia...

(Continúa)

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

XVII

—E que se julgue que o rapaz morreu?

—Justamente.

—O peor é que estamos no inverno, e a agua deve estar gelada, murmurou o homem do cachimbo.

—Aquescerás depois com um excellente «punch» que vou fazer aqui emquanto vae.

O homem do cachimbo não insistiu; vestiu o jaleco, pôz o chapéu e saiu.

Uma hora depois estava de volta. A agua que do colete e das calças lhe escorria mostrava que a comedia fôra representada até ao fim.

—Vi-te alguém? perguntou o barão.

—Ora, se viu! respondeu elle. Um guarda começou a gritar e a apitar; um outro apanhou logo o chapéu e o jaleco, um homem do porto, que dormia socega-

damente no seu barco, lançou-se logo a nado. Mas eu fui nadando silenciosamente até debaixo dos arcos da Ponte Nova, donde venho agora.

—Pois eu, durante a tua ausencia, disse o barão sorrindo, entretive-me em te arranjar as malas.

E ao dizer isto, mostrou ao homem do cachimbo o caixão da figura de cera. Dentro d'elle estava estendido o Sem-Ventura.

Horas depois o homem do cachimbo, que tão facilmente se prestara a servir de instrumento aos infernaes planos do barão de Neuville, rapaz de má reputação que se chamava Paulo Salbris, partia pelo expresso para o Havre, depois de haver feito despachar as suas bagagens, declarando que entre ellas ia um caixão que continha uma figura de cera de tamanho natural.

XVIII

O inverosimil ás vezes é verdadeiro. Tal é a historia do Sem-Ventura.

O barão de Neuville facilmente conseguira com a sua droga mysteriosa que o pobre saltimbanco caisse em estado de catalepsia. Effectivamente os membros do Sem-Ventura estavam inertes; o coração quasi nem lhe pulsava. Todo o corpo apresentava os symptommas da morte.

Um unico sentido porém fôra poupado por aquella singular paralyisia geral: o ouvido.

E o ouvido corresponde ao cerebro, isto é, ao pensamento. O Sem-Ventura, aparentemente morto como estava, ouvia e pensava.

Não via, mas adivinhava tudo o que

em redor d'elle se fazia. A conversa do barão com Paulo Salbris revelára-lhe muitas coisas, que para elle eram ainda mysterio: o motivo da ida de Bastinquette a Versailles, a certeza de que era com effeito filho dos fidalgos do castello e a existencia da sua verdadeira mãe.

Por fim sentiu que o mettiam naquelle grande caixão, que, segundo o barão dissera, tinha semelhanças com um ataúde, dentro do qual devia substituir a figura de cera.

A partir desse momento foi singular a existencia do pobre morto-vivo. Estava em um sepulcro; não era homem, mas sim uma mercadoria, que ia ser conduzida através dos mares para o fim do mundo.

Tudo o que o misero rapaz sabia, por ter ouvido aos dois cumplices, é que ia ser transportado para o Havre, que ahi seria levado para bordo de um navio, o qual seguiria rumo para longe de França e da Europa; e isto queria dizer que nunca mais tornaria a vêr Coqueluche nem Bastinquette...

Bastinquette, a quem tanto amava e que estava destinada a ser um dia sua esposa!

Um homem que, julgado morto, foi encerrado em um ataúde, e que de subito acorda da sua lethargia na sinistra escuridão do tumulto, faz menos esforços para levantar a pedra que o esmaga, do que o Sem-Ventura fez para se libertar daquella paralyisia horrivel que lhe prendia os membros! Esforços em vão, desespero inutil!

Só o pensamento e o ouvido tinham sobrevivido naquelle naufragio, em que perdera todos os outros attributos da vida! O pensamento e o ouvido que o obrigavam a assistir em espirito a todos aquelles terriveis preparativos de partida para longinquas regiões, de onde talvez nunca mais voltaria!

Era medonha a situação do pobre saltimbanco!

Ouviu, porque não sentia, que alguém mexia no caixão que lhe servia de morada, e que mudavam de logar, batendo com elle aqui e alli de encontro ás paredes. Eram dois creados que carregavam as malas e caixas de Paulo Salbris, e as transportavam para um omnibus, que devia conduzi-la, bem como o dono, para a estação do caminho de ferro.

Na estação percebeu pela voz dos empregados que o caixão passava do omnibus para o vagão das bagagens.

Ouviu um empregado perguntar a Paulo Salbris:

—O que ha dentro desta caixa?

O Sem-Ventura teve um momento de esperanza. Mas Paulo Salbris respondeu tranquillamente:

—E' uma figura de cera que vou mostrar por dinheiro aos americanos. Se a caixa não estivesse já pregada e enleada,

abril-a-ia para que visse como é perfeita a figura que vae dentro. Não ha nada tão semelhante com um verdadeiro cadaver.

Pouco depois chegou aos ouvidos do pobre Sem-Ventura o silvo da locomotiva.

O comboio partia.

E durante seis horas ouviu a monotona respiração da machina, que corria sobre os «rails», e que parava de espaço, a espaço para tornar logo a caminhar de novo. Quando parou de todo, o Sem-Ventura comprehendeu que se achava no Havre.

Ahi, ouviu as conversas dos carregadores, e percebeu que estes transportavam para outra parte a caixa em que se achava encerrado.

Se o barão de Neuville não tivesse traçado por acaso na noite precedente o itinerario que o infeliz Sem-Ventura devia seguir, tel-o-ia este talvez adivinhado.

Para cada profissão ha uma linguagem especial. Aos empregados do caminho de ferro succederam os marinheiros, que falavam em vento fresco do noroeste e do «Bella Margarida» que ia levantar ferro.

O «Bella Margarida» era o brigue de commercio, a bordo do qual Paulo Salbris ia embarcar com as suas bagagens.

O Sem-Ventura percebeu que a caixa era transportada em um pequeno barco para bordo do navio. Paulo Salbris conversava com o araes do barco, a qual estava tranquillamente assentado sobre a caixa, dentro do qual o Sem-Ventura jazia immovel como um cadaver. O araes dizia:

—Parece que se commetteu hontem á noite em Pariz um horrivel assassinato. Uma pobre rapariga, filha de uma vendadeira de fruta, appareceu morta com o corpo crivado de pinhaladas.

—E foi preso o assassino?

—Não. Diz-se que é um mancebo que hontem á noite mesmo saiu de Pariz por um comboio expresso. Por causa disso foi estabelecida uma grande vigilancia na estação do caminho de ferro no Havre, e a policia visitou cuidadosamente todos os navios, que estão para partir.

—O nosso tambem foi visitado?

—De certo. Em serviços dessa natureza não ha excepções.

O Sem-Ventura escutava, e dizia mentalmente:

—Oxalá o navio recebesse nova visita! quem sabe se a caixa seria então aberta?

O araes do barco continuou:

—O mar agora está bom... não sei se estará assim por muito tempo! Parece-me que o capitão do «Bella Margarida» faz mal em levantar ferro esta tarde... Lá para noite hão de ter um ventinho que ha de dar-lhe que fazer... O senhor verá.

Estas palavras deram ao Sem-Ventura uma nova esperanza. Quem sabe se o

capitão addiaria a partida para o dia seguinte?

O dia seguinte era para elle a salvagão. Se era verdade o que o barão de Neuville dissera, sairia daquella catalepsia, e poderia chamar, gritar...

O barco atracou ao navio.

As bagagens de Paulo Salbris foram içadas para bordo.

Nesse momento dava a sineta do navio o signal da partida. O capitão commandava a manobra.

Dahi a pouco o Sem-Ventura percebeu que o «Bella Margarida» tinha levantado ferro, e caminhava.

A caixa tinha chegado ao termo das suas peregrinações; estava agora no porão.

O Sem-Ventura já não abrigava esperanças illusorias.

O navio deixava a França!

Durante o resto do dia ouviu elle o ruido, que os marinheiros de bordo faziam em volta d'elle, arranjando e arrumando as bagagens e as mercadorias no porão, e as ordens que o capitão dava de continuo. Depois tudo ficou silencioso, e julgou por isso que chegára a noite.

O termo da catalepsia approximava-se. O Sem-Ventura adivinhou-o por uns leves estremecimentos que começavam a agitar-lhe o corpo de espaço a espaço, e porque lhe pareceu que principiava a sentir os primeiros symptommas do enjão. Mas os membros conservavam ainda a mesma rigidez, e o saltimbanco não podia ainda abrir os olhos, por mais esforços que para isso fizesse.

O ouvido, porém, parecia ter adquirido uma percepção sobrenatural! Não só distinguia o mais pequeno ruido que no brigue se produzia, mas até percebia o gemer dos ventos através dos cabos, e o ranger dos mastros.

O araes do barco não se havia enganado; o mar estava agitado devêras, e o capitão tinha sido pouco prudente, levantando ferro com tão máu tempo.

De subito sentiu que ia grande balburdia e confusão em todo o navio, e principalmente no porão, e ouviu a voz rude de um contra-mestre que gritava:

—Icem primeiro as pipas, e depois as caixas.

O capitão dava repetidas vozes de commando; e ouvia-se o ruido produzido pelos movimentos da manobra.

As caixas e bagagens dos passageiros foram de novo desarrumadas, e içadas do porão para o pavimento superior do navio.

Os gritos de terror dos passageiros, as pragas da marinagem, e a voz atroadora do capitão davam a entender ao Sem-Ventura que o navio estava em perigo. O máu tempo degenerára em tempestade.

De repente ouviu-se um horrivel estrondo, seguido de um tumulto impossivel de descrever. O navio batera de encontro ao um banco de arêa que havia á flor da agua.

—Estamos perdidos! gritaram muitas vozes.

— Ao mar as pipas! ordenou o capitão.

O pobre Sem-Ventura compreendeu que depois das pipas, chegaria a vez ás malas e caixas, e por consequencia áquella que ha tantas horas lhe servia de morada. Recommendou, pois, a alma a Deus. Se pudesse mexer os labios de certo teria pronuciado o nome de Bastinquette ...

As pipas foram lançadas ao mar.

O navio, que se inclinára um pouco para o lado, ergueu-se algum tanto; mas não estava ainda bastante alliviado.

—Ao mar! ao mar! repetia o capitão.

E o Sem-Ventura ouvia de instante a instante um ruido surdo, produzido pela queda de um corpo que as encapeladas ondas engoliam. Depois das mercadorias havia chegado a vez das bagagens dos passageiros.

E a catalepsia do Sem-Ventura durava ainda...

Por fim dois marinheiros pegaram no caixão, em que ha perto de vinte e quatro horas se achava encerrado...

O Sem-Ventura percebeu que o caixão era elevado acima da trincheira, e que as revoltas aguas iam entreabrir-se para o receberem. Pareceu-lhe que o coração lhe pulsava com mais violencia... Fez um esforço sobrenatural para se libertar daquella paralytia horrivel...

XIX

Paulo Salbris era um homem devasso e sem consciencia. De mais o prova a facilidade com que se tornára cúmplice do barão de Neuville, e se prestara a auxiliar-o na execução dos seus execráveis projectos.

Tinha exercido differentes profissões na sua vida, e commettido muitas acções reprehensíveis, talvez mesmo gatunices. Estava habituado a viver de expedientes, e portanto as generosidades do barão de Neuville eram muito tentadoras para que elle pudesse regeital-as.

Contudo não podia dizer-se que fosse um malvado, ou um grande criminoso. Não. Póde mesmo affirmar-se que se teria recusado energicamente a associar-se a um assassinato.

Tendo em pequena conta a propria vida, como em geral acontece com os homens aventureiros como elle era, não saíra da coberta do navio desde que a tempestade começara, e dizia philosophicamente para os seus botões:

— Tanto importa morrer hoje como amanhã, no mar como em terra.

Tinha sobre si todo o dinheiro que possuía, mettido dentro de um cinto impermeavel. Nas malas tinha apenas objectos de não muito grande valor.

Não perdera portanto a sua habitual tranquillidade e indiferença, ao ver lançar um a um ao mar os volumes que lhe pertenciam.

Mas de subito soltou um grito.

Grito de angustia e de remorso ao mesmo tempo... Os marinheiros haviam pega-

do na caixa, onde o Sem-Ventura estava encerrado, e iam arrojá-la ás ondas...

—Alto! alto! gritou elle.

E correu espavorido para os marinheiros, continuando:

—Não é uma caixa que vão lançar ao mar, é um homem!

Os marinheiros, surprehendidos, tornaram a collocar o caixão sobre a coberta. Ao mesmo tempo approximou-se, correndo, o capitão.

Paulo Salbris tirara do bolso uma navalha e fizera saltar com ella as dobradiças da caixa...

A marinheragem ficou estupefacta ao ver sair de dentro um homem pallido como um cadaver, com os olhos esgazeados, as faces contraídas e os cabellos em desordem...

Era o Sem-Ventura.

A suprema commoção, porque acabára de passar, dissipara de todo a catalepsia. O saltimbanco recuperava ao mesmo tempo o ar livre, a liberdade dos movimentos e a vista.

Soltou um profundo suspiro e saiu de todo da caixa.

Apesar da tempestade, apesar da situação critica em que o navio se achava, do terror dos passageiros e das preoccupações da equipagem, aquella appareição brusca e inesperada de um homem, saindo vivo de uma especie de ataude, atraiu por um momento todas as attentões.

O capitão era o que costuma chamar-se um velho lobo do mar, duro, e brutal na apparencia, mas bom e generoso de coração. Collocou a mão sobre o hombro do pobre saltimbanco, e perguntou-lhe com voz rude, mas em que transparecia um certo interesse:

— Quem és tu?

— Um infeliz rapaz. A quem levam á força para a America, respondeu o Sem-Ventura.

Depois, vendo junto de si Paulo Salbris apontou para elle e continuou:

—E' este homem... reconheço-o perfeitamente. E' um miseravel!

E quiz lançar-se a elle; mas um marheiro segurou-o por um braço.

— Mais tarde explicaremos isso, disse o capitão que sympathisára com a dosto franco e aberto do Sem-Ventura.

O navio, alliviado de todo o lastro, que acabava de ser sacrificado, havia-se erguido a pouco e pouco. Uma vaga mais alterosa e violenta fel-o safar do banco de arêa e pô-lo de novo a nado, mas desmastroado e quasi sem governo.

A no e foi tormentosa; a tempestade durou até ser dia claro. O capitão conservou sempre o navio a distancia das costas inglezas, cujos pharoes se divisavam através do nevoeiro, com o receio de ir de novo bater em algum escolho.

Ao amanhecer, porém, o vento abançou a pouco e pouco; e a equipagem começou activamente a reparar as avarias do navio, algumas das quaes eram importantes.

Tratou-se então do Sem-Ventura, que

estava no meio de um circulo de curiosos, a quem contava o modo por que fóra alli parar.

Mas o que o pobre rapaz contava era extremamente inverosimil; Paulo Salbris a quem elle accusava, provou-o com duas palavras.

— Diga-me, capitão, exclamou elle: não foi hontem o navio visitado de dia pela policia?

— Foi, respondeu o capitão.

— Para vêr se aqui estaria escondido um pequeno saltimbanco, que se dizia ter assassinado a sua amante, crivando-a de punhaladas?

— E' verdade.

— Pois bem, disse Paulo Salbris friamente; o assassino... eil-o ahi!

Elevou-se um murmurio de incredulidade entre os espectadores daquella scena extranha. Como podia uma creança tão sympathica, e na apparencia tão inoffensiva, ser um assassino?

— Este homem mente! exclamou o Sem-Ventura com energica indignação.

— Disse a verdade, tornou Paulo Salbris, e vou provar o que disse. Quiz salvar esse desgraçado do cadafalso... Vejam como sou recompensado... Arrependo-me agora de o não ter deixado lançar ao mar.

— Oh! este homem é um infame! exclamou o Sem-Ventura.

— Cala-te, rapaz! disse o capitão.

E dirigindo-se para Paulo Salbris, continuou:

— Mas explique-nos como é que este pobre diabo estava dentro de uma caixa, que lhe pertence.

— Oh! é simples, respondeu o impostor. Este rapaz que é saltimbanco de profissão, morava em um quarto do sexto andar da casa em que eu habitava...

— E' falso, disse o Sem-Ventura violentamente.

— Cala-te, repetiu o capitão.

Paulo Salbris continuou:

— Hontem de manhan, quando eu estava para partir, senti bater á porta. Fui abri-la, e com grande surpresa minha, vi entrar este rapaz, todo salpicado de sangue, com uma grande faca na mão, e balbuciando: «Salve-me! salve-me!» E, lançando-se aos meus pés, contou-me que, em uma allucinação de ciúme, tinha assassinado a sua amante, a filha de uma vendedeira de frutas. O rapaz estava como doido, chorava, estorcía as mãos, arrancava os cabellos... Tinha medo do cadafalso... Eu tive pena dellé e salvei-o, como bem patente está.

— Tudo isso é uma abominavel mentira! exclamou o Sem-Ventura.

— Isso é o que vamos saber já, respondeu o capitão.

Um movimento de curiosidade acolheu estas palavras. O capitão continuou:

— Hontem, como se sabia que eu ia seguir viagem, mandaram-me pelo telegrapho os signaes do assassino. Tenho o

telegramma lá em baixo no meu camarote... Vou buscal-o...

O Sem-Ventura julgou-se salvo, e esperou com confiança que o capitão regressasse. Momentos depois voltou este com o telegramma na mão, e começou a lê-lo, examinando detidamente o Sem-Ventura, em que estavam fixos todos os olhares.

Os signaes do assassino estavam detallados:

«Edade, dezoito annos, pouco mais ou menos; estatura regular; um pouco magro; cabellos castanhos; olhos azues; bigode a despontar; profissão saltimbanco.»

Por uma fatalidade inaudita aquelles signaes eram exactamente os do Sem-Ventura! De mais a mais, a faixa amarella e azul, e o collete escarlate, que tinha sobre si, demonstravam que a sua profissão era identica!

— Oh! murmurou elle cobrindo o rosto com as mãos. E' com toda a razão que me chamam o Sem-Ventura!

O capitão tomou aquella exclamação como uma confissão do crime.

— E' pena! disse elle. E' um rapaz sympathico e que inspira confiança logo á primeira vista... E' pena!

Depois, dirigindo-se para o immediato do navio, continuou:

— Mande metter este passarinho na gaiola. Vamos tratar de arribar a um dos portos da Inglaterra para podermos reparar convenientemente as nossas avarias. Entregal-o-emos na primeira occasião a um qualquer navio francez, que o importará como preciosa mercadoria consignada aos tribunaes.

O Sem-Ventura chorava silenciosamente...

XX

Logo que se viu algemado no fundo do porão, o Sem-Ventura pôz-se a reflectir.

Vieram-lhe á memoria as recordações da mocidade; tinha passado horas tristissimas desde o momento em que a pobre Magdalena, a santa a quem tantos annos chamára mãe, soltára o derradeiro suspiro, até ao dia em que os saltimbancos, condoidos da sua misera sorte, o haviam acolhido.

A sinistra legenda do homem do cão preto, que nunca lhe saía do pensamento, parecia dever presidir a todos os actos da sua vida, e fazer desta uma ininterrompida cadeia de desventuras.

Mas a natureza encerrára dentro daquelle corpo debil e franzino uma alma forte e energica. O mancebo, ao cabo de alguns momentos de desalento, fez um gesto de resolução, e, enxugando as lagrimas, murmurou:

— Não importa... hei de lutar! Quem sabe? Talvez um dia eu consiga triumphar da adversidade.

Que eram para elle aquelles ferros que lhe algemavam os pés e as mãos, comparados com aquella horrivel e temerosa lethargia que, durante vinte e quatro horas, o havia reduzido ao estado de cativer?

(Continúa)

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

XX

Estava prisioneiro, é verdade, e accusado de um crime gravissimo... mas podia mover-se, pensar e procurar um qualquer meio de salvação... E esse meio de salvação, não seria facil de encontrar?

O Sem-Ventura, analysando a sangue frio os successos e circumstancias que na sua vida se haviam dado durante os ultimos dias, assim o comprehendeu.

A conversação, que tivera logar entre o barão de Neuville e Paulo Salbris, e que o Sem-Ventura havia escutado, dava-lhe a certeza de uma coisa, da qual já não podia duvidar; convenceera-se de que não era filho de Magda'ena e do jardineiro, mas sim dos fidalgos do castello, e de que vivia ainda a sua verdadeira mãe.

Aquella hora já Bastinguette a havia de certo encontrado.

Ora, se elle pudesse voltar para Paris, seria-lhe a coisa facil provar que era estranho ao assassinato de que o accusavam, a despeito daquelles signaes que tanto se assemelhavam aos que tanto o caracterizavam.

E portanto o facto de ser algemado com um grande criminoso... até ao dia em que um qualquer navio francez se encarrégasse de o recolher para França para o entregar aos tribunacs, era um poderoso auxilio para os seus projectos. Em vez, pois, de se desesperar, o Sem-Ventura mostrou resignação com a sua triste posição.

Durante o resto do dia, toda a noite seguinte, e ainda durante parte do dia immediato, o navio demastreado pairou quasi sem ruído per entre as ondas. Contudo, era impedido para a Inglaterra por uma forte brisa de sudoeste, e por fim conseguiu entrar ao cair da dia no porto de Brighton. Um pequeno navio a vapor rebocou-o até ao ancoradouro.

Com quanto estivesse algemado no fundo do porão, o Sem-Ventura, que tinha um cuidado finissimo, estava ao facto de tudo o que se passava.

Pelas oscillações mais suaves e regulares, adivinhou que o navio entrara em um porto e ia fundear. Os ruidos da manobra cessaram de ouvir-se: dir-se-ia um navio abandonado. Era certo que chegara a noite e que a equipagem fóra a terra.

Desde que fóra algemado e recolhido no porão, não lhe haviam levado de comer senão uma unica vez. A fome começava a tortural-o, quando de subito foi o navio illuminado por uma luz viva. O Sem-Ventura que estava deitado de costas no chão, ergueu o corpo um pouco,

e olhou para o ponto donde a luz partia. Viu o capitão que para elle se dirigia, com uma lanterna na mão.

O capitão, como já dissemos, era um velho lobo do mar, extremamente brutal na apparencia, mas bom e generoso de coração, e incapaz de fazer mal a quem quer que fosse.

Chegou silenciosamente ao pé do Sem-Ventura, tirou-lhe as algemas, e disse-lhe bruscamente:

— Vem commigo!

E dirigiu-se com elle para um pequeno salão reservado que havia junto do seu camarote. Chegado ahí, pegou em um jornal francez que estava sobre a mesa, e disse para o Sem-Ventura:

— E's feliz de veras, rapaz! sabes lêr?

— Sim, respondeu o saltimbanco.

O capitão collocou-lhe deante dos olhos o jornal, indicou-lhe com o dedo uma noticia, e disse-lhe:

— Pois então lê!

A noticia era assim concebida:

«O saltimbanco que assassinou a filha da vendedeira de frutas do arrabalde Saint-Martin foi preso hoje de manhan em uma taberna, e confessou detalhadamente o crime com cynismo revoltante. Foi immediatamente recolhido á prisão, onde vae esperar o julgamento dos tribunacs».

— Já vê que eu não mentia quando affirmava que estava innocente, disse simplesmente o Sem-Ventura.

— E' verdade, respondeu o capitão abandonando a cabeça; mas ainda assim não sei como explicar o facto de seres encontrado escondido dentro de uma caixa a bordo do meu navio.

O Sem-Ventura ergueu para o velho marinheiro o seu olhar claro e limpido.

— Póde crêr que não minto, murmurou elle.

— Sim... é possível, disse o capitão com voz menos rude. Deixa-me dizer-te a verdade... eu sympathiso com tua cara... Como te chamas?

— Sem-Ventura.

— Pois, meu amigo, o nome está plenamente desmentido, porque tiveste uma valente sorte em não ires servir de pasto aos peixes...

— Ah! capitão, disse o pobre Sem-Ventura com tristeza, isso nada vale. Tenho tido má sorte toda a vida e hei de continuar a tel-a... O meu nome tem sido, e ha de continuar a ser, bem justificado.

— Ora vamos, tornou o capitão, já que dizes que não mentes, explica-te.

— E acredita-me-á?

— Sim... se não me contares fabulas...

O Sem-Ventura foi claro e succinto na sua narração; em dez minutos pôz o capitão ao facto dos successos mais notaveis da sua vida, desde a noite tormentosa, em que apparecera na choupana e no castello do homem do cão preto, até ao momento fatal em que tivera a má inspiração de ir ter com o barão de Neuville.

A historia, aliás verídica, da catalepsia era por tal forma inverosimil, que o Sem-Ventura, ao contal-a, tinha o rosto inundado de suor, receiando que o capitão não quizesse dar-lhe credito.

Mas este felizmente havia-se, em outro tempo, entregado ao commercio da escravatura, e por isso não lhe eram desconhecidas as substancias soporíferas, empregadas pelos habitantes do interior da Africa.

— Resulta daí, disse elle logo que o Sem-Ventura coucluiu a narrativa, que és filho de uma condessa, não é assim?

— Tenho todas as razões para assim o julgar...

— E se voltasses a Paris, fornasses a vêr Bastinguette, poderias encontrar tua mãe?

— Creio que sim.

O capitão ficou por um momento pensativo.

— Pois olha, rapazote, disse elle, por fim, olhando fixamente para o Sem-Ventura; se inventaste toda esta historia para me illudires, paciencia... O impulso é sempre para lastimar do quem por elle se deixa enganar... E como o velho rifão diz—«faz bem, não cates a quem»—eu vou fazer alguma coisa em teu favor.

— Ah! exclamou com alegria subita o pobre rapaz, cujos olhos brilharam de esperança.

— Está no porto de Brighton, continuou o capitão, um navio que parte amanha para Boulogne. O capitão é um meu amigo e antigo camarada; entregar-te-ei a elle para que te dê meios de transporte para Paris, e te recomendo a pessôas bem collocadas, as quaes, se quiserem proteger-te, têm bastante credito e influencia para fazerem com que tu te rias desse tal barão de Neuville.

— Ah! como é bondoso! exclamou o Sem-Ventura agarrando nas mãos do velho lobo do mar, e beijando-as com effusão.

— Não podes ficar a bordo esta noite, continuou o capitão, porque o navio vae ser conduzido daqui ha pouco para a doca. Irás, por isso, dormir em terra.

E, ao mesmo tempo, tirou do bolso dois luizes, que deu ao Sem-Ventura.

— Vae para a primeira hospedaria que encontrares. Eu tenho casa de amigos para onde vou hospedar-me, mas não posso levar-te commigo. Mas olha que amanha muito cedo deves achar-te no céas, no «public house» da marinha, especie de café que tem a frontaria pintada de encarnado; encontrar-me-ás ahí com o capitão que ha de levar-te para França.

Depois, reparando no singular vestuario que o Sem-Ventura tinha sobre si, deu-lhe uma camisola de marinheiro e um chapéu encerado, e disse-lhe rindo:

— Adeus, senhor conde; até amanha!

O Sem-Ventura foi-se para terra cheio de esperanças. A perspectiva de vêr em breves dias a sua querida Bastinguette fazia-lhe pulsar com violencia o coração. Não conhecia Brighton, e, portanto, não sabia para onde havia de ir. Come-

çou a caminhar ao acaso, pensando em Bastinguette, em Coqueluche, e naquella desolada mãe que sem duvida o procurava, e a quem elle nunca tinha visto...

Logo que chegou ao céas começou a andar na sua frente, atravessando um labiryntho de ruas estreitas e tortuosas, pelas quaes passeavam numerosos grupos de marinheiros de todas as nações.

Apoquentado pela fome entrou em uma taberna, cujas mesas estavam rodeadas de marinheiros que bebiam, cantavam e riavam.

Ao principio ninguem reparou nelle. Explicando por signaes o que desejava, porque nem uma unica palavra sabia de inglez, conseguiu que lhe dessem um pedaço de carne e um grande copo de cerveja. O Sem-Ventura começou a comer.

Foi então que dois homens, assentados junto da mesa immediata, repararam nelle começaram a conversar em voz baixa.

Mas o Sem-Ventura, que tinha fome, continuava a comer com avidéz, sem notar que tinha atrahido a attenção dos seus dois vizinhos.

XXI

O Sem-Ventura nenhuma idéa tinha dos perniciosos effeitos que produz aquella bebida fermentada, a que os inglezes chamam «ale», e que mergulha o homem, que della abusa, em uma embriaguez pesada e estúpida.

O vinho sobe á cabeça e dá alegria; raras vezes perturba completamente a razão, salvo quando o seu effeito é aggravado pelo de outras bebidas espirituosas.

A cerveja embrutece.

Mas o Sem-Ventura tinha fome e sede, e por isso, pensando sempre em Bastinguette, pediu um segundo copo de cerveja, e depois um terceiro.

Os dois homens assentados junto da mesa immediata, não o perdiam de vista e continuavam a conversar em voz baixa.

Um era novo ainda; tinha louros os cabellos e era de estatura delicada. O outro era já velho, mas robusto; tinha espessas as sobrancelhas e apresentava no rosto uma expressão muito pronunciada de extrema dureza.

Ambos indicavam pelo vestuario qual era a sua profissão... Eram marinheiros.

Contudo o mais moço dos dois homens tinha sobre si uma camisola de panno azul mais fina do que a do seu companheiro, e no chapéu usava uma ancora bordada a ouro.

O velho, que tinha sobre a manga um galão prateado, chamára ao outro «capitão»; e este dava-lhe o titulo de «tenente».

Continuavam a conversar a meia voz, olhando de quando em quando para o Sem-Ventura.

— O capitão sabe perfeitamente, dizia o tenente, que para o commercio do «pau de ébano» (escravatura), mais covêr homens nervosos e resolutos, do que gigantes com muita força e sem energia. Estou convencido de que aquelle marinheiro vale só por si tres do Yorkshire.

Evidentemente a camisola, que o capitão do «Bella Margarida» dera ao Sem-Ventura, illudia os dois marinheiros. E na verdade quem havia de duvidar de que elle fosse um marinheiro, vendo-o, com aquelle vestuario, installado em uma taberna frequentada unicamente por homens do mar?

Como a conversa do capitão e do seu companheiro tinha logar em inglez, lingua da qual, como já dissémos, o Sem-Ventura não sabia uma unica palavra, continuava este a beber e a comer tranquillamente, sem que forma alguma suppozesse que os seus vizinhos estavam falando d'elle.

— O que o capitão precisava a bordo, continuou o tenente, era uma duzia de marinheiros como aquelle.

— Sim... Mas aquelle já está provavelmente alistado!

O tenente sorriu e replicou:

— Com um copo de «gin» e outro de «whisky» desalista-se. Quer vêr?

E voltou-se para o Sem-Ventura, a quem cumprimentou com o copo.

O Sem-Ventura correspondeu.

O tenente disse-lhe em inglez:

— Queres beber conosco um copo de «gin», camarada?

O Sem-Ventura fez signal de que não comprehendia.

— Já eu te havia dito, Josué, disse o capitão, que é um marinheiro francez.

E como sabia falar perfeitamente a lingua franceza, o capitão dos cabellos louros disse para o Sem-Ventura:

— Desde quando estás em Brighton?

O Sem-Ventura sentiu grandissima alegria ao ouvir falar a lingua do seu paiz, saudou de novo o capitão e respondeu:

— Chegámos esta tarde.

— Em que navio?

— No «Bella Margarida».

— E' o navio que esteve arriscado a ir a pique, disse o tenente para o capitão.

— Queres beber conosco um copo de «gin», tornou o capitão.

— Com mil vontades, respondeu o Sem-Ventura, que estava já um pouco embriagado.

O tenente pediu logo uma garrafa de «gin»; e, dirigindo-se para o Sem-Ventura, perguntou-lhe em máu francez:

— Tostas do capitão do «Bella Margarida»?

— Oh! murmurou o Sem-Ventura, é um excellente homem, um verdadeiro coração de ouro.

Os dois marinheiros trocaram um olhar que queria dizer: «Não ha de ser facil desalistar-o».

— E porque não estás tu a bordo? perguntou o tenente Josué.

— Porque, respondeu o Sem-Ventura que se recordava ainda do termo que o

capitão do «Bella Margarida» empregára, o navio foi para a doca.

— Dormes então em terra?

— Sim.

— Já tens hospedaria?

— Ainda não, respondeu o Sem-Ventura levando aos labios um terceiro copo de «gin».

— Pois então vaes para a nossa, disse o capitão com voz affectuosa.

O Sem-Ventura sentia-se attrahido para o affavel capitão por irresistivel sympathia. Josué pô-se a rir.

— Temos uma hospedaria magnifica, disse elle.

— Como se chama? perguntou o Sem-Ventura.

— «Fowler».

— Exquisito nome! murmurou o Sem-Ventura.

— E olha que a nossa hospedaria caminha perfeitamente, continuou Josué que era galhofeiro.

— Como assim? balbuciu o Sem-Ventura, de quem se apoderava cada vez mais a embriaguez. Também ha hospedarias que caminham?

— E que dão volta ao mundo, respondeu Josué.

O capitão olhou sorrindo para o Sem-Ventura e disse-lhe:

— Não faças caso do que elle diz, está a caçoar contigo. A hospedaria de que elle fala é o nosso navio.

— Ah!

— Estamos fundeados e devemos demorar-nos aqui um mez. O «Fowler», que faz viagens entre Brighton e Nova-York, tem a metter desta vez uma cargação importante. Logo que estejamos promptos, partiremos.

E offereceu um quarto copo de «gin» ao Sem-Ventura que balbuciu:

— Mas dormem em terra?

— Não, a bordo.

— Então não posso acompanhá-los.

— Porque?

— Porque hei de estar por força amanha muito cedo no «public house» da marinha.

— Para que?

— Para me encontrar com o capitão do «Bella Margarida».

O capitão dos cabellos louros não desanimou.

— Por isso não deves deixar de vir dormir a bordo do «Fowler», disse elle. O que posso fazer é trazer-te commigo na minha canôa, e acompanhar-te ao «public house», onde eu costume almoçar todas as manhas.

O Sem-Ventura murmurou algumas palavras inintelligiveis; a embriaguez era completa. Parecia-lhe que as paredes da taberna estavam dansando em redor d'elle.

O capitão dos cabellos louros chamou a dona da locanda e deu-lhe uma moeda de prata. O Sem-Ventura, que era orgulhoso, tirou também um dos seus dois luizes do bolso e quiz pagar. Mas o capitão oppôz-se.

O Sem-Ventura levantou-se com difficuldade. O robusto Josué offereceu-lhe o

braço, e em seguida saíram todos tres da taberna.

O pobre Sem-Ventura descrevia zigzags ao caminhar. O tenente fez um signal ao capitão, que significava: «E' nosso!»

E dirigiram-se todos para o caes. Dois marinheiros e uma canôa do «Fowler» esperavam pelo capitão e pelo immediato.

O Sem-Ventura, apesar de se achar em completo estado de embriaguez, hesitava ainda.

— Mas promettem-me que amanha muito cedo virão pôr-me em terra? disse elle com voz rouca e mal segura.

— Sim, sim, respondeu o capitão.

E fel-o entrar para a canôa, para a qual saltou em seguida.

Vinte minutos depois o Sem-Ventura estava a bordo do «Fowler». O capitão foi com o immediato e com o Sem-Ventura para um quarto reservado, e preparou um fortissimo «punch»; o imprudente Sem-Ventura continuou a beber. Uma hora depois caia para debaixo da mesa.

Uma como que vertiginosa oscillação despertou o Sem-Ventura, que olhou surprehendido em redor de si. Estava deitado no camarote do capitão sobre uma esteira.

Levantou-se rapidamente, esfregou os olhos, tentou reuipir as suas recordações, meio envolvidas nos ultimos vapores da embriaguez, e saiu, ainda com passos vacillantes, do camarote, cuja porta estava aberta, e subiu precipitadamente a escada que ia dar á coberta.

Ao chegar ao cimo parou, mudo, espaavorido, com o olhar fixo e desvaireado...

O «Fowler» corria de vento em pôpa, e a todo o panno; o capitão dos cabellos louros estava em pé nos degraus do catavento...

Para todos os lados para onde o olhar se dirigisse via-se apenas a esverdeada amplidão das aguas...

As costas inglezas tinham desaparecido no horisonte... O «Fowler» levava o Sem-Ventura para mysteriosas paragens...

XXII

O Sem-Ventura ficou por um momento como que aturdido, estúpido, perguntando a si proprio se tudo aquillo seria um sonho. O navio, impellido por forte vento nordeste, cortava as aguas com extraordinaria velocidade.

De subito o Sem-Ventura sentiu uma pesada mão pousar-lhe rudemente sobre o hombro. Voltou-se e viu junto de si o homem que na vespera o convidara para beber, em uma taberna de Brighton: Era o tenente Josué.

— Olá meu rapaz, disse este galhofeiroamente, que me dizes tu a isto?

O Sem-Ventura ergueu para elle um olhar estúpido.

— Então não vaes cumprimentar o capitão?... Olha; está além...

E Josué apontava para o homem dos cabellos louros, que se achava a poucos passos de distancia.

— Mas onde estamos nós? exclamou por fim o Sem-Ventura com subito desespero.

— Vamos sair do mar da Mancha, respondeu Josué.

A estupefacção do Sem-Ventura augmentou.

— Ao pôr do sol, cotinou o immediato, havemos de dobrar o cabo; daqui a oito dias ficar-nos-ão para traz as costas dos Açores, e dentro em quinze dias entraremos a barra do Senegal.

— Meu Deus! meu Deus! murmurou o pobre Sem-Ventura cobrindo o rosto com as mãos.

O falador Josué continuou:

— Hontem á noite estavas «torto» a valer! Rolaste para debaixo da mesa como um verdadeiro filho de Albion, e contido és francez. Mas sempre ouvi dizer que um homem, que bebe bem, bate-se melhor. Estou convencido de que has de ser um valente marinheiro.

O Sem-Ventura escutava, mudo, immovel, como petrificado.

— Mas eu não sou marinheiro, exclamou elle por fim, nunca o fui! Que queres fazer de mim?

Josué pôz-se a rir.

— Sempre me saíste um farçante! disse elle. Queres então convencer-me de que nunca foste marinheiro?

— E não sou, não... nunca o fui...

— Mas porque estavas tu em Brighton?

Ao ouvir esta pergunta, o Sem-Ventura recordou-se do bondoso capitão do «Bella Margarida», que de certo o havia esperado no «public house», e que lhe havia promettido mandal-o outra vez para Pariz. Josué continuou:

— Quer sejas marinheiro, quer não, estás a bordo como tal. Verás como has de acostumar-te depressa á vida do mar... Não a ha melhor...

— Mas eu não quero tal vida... Quero ir para terra!...

Josué encolheu os hombros e replicou friamente:

— Já é tarde. Estamos já muito longe de terra. E de mais, o capitão gosta de ti.

O homem dos cabellos louros desceu nesse momento os degraus do catavento e dirigiu-se para o immediato e para o Sem-Ventura.

— Ah! exclamou este indo-lhe ao encontro, o senhor enganou-me.

O homem ds cabellos louros pôz-se a rir, como já o fizera o tenente Josué.

— Meu rapaz, disse elle, quando estás para nos fazer de vela, completando a tripulação conforme podemos.

O Sem-Ventura chorava silenciosamente.

(Continúa)

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE
XXII

— Não te desconsolés, rapaz, proseguiu o capitão. Has de dar-te commigo tão bem como te davas com o capitão do «Bella Margarida». Quanto ganhavas tu lá?

— Mas eu, senhor, não sou marinheiro, creia! murmurou o infeliz Sem-Ventura com voz entrecortada de soluços.

— Ora! estás brincando...

— Asseguro-lhe que nunca naveguei...

— Vieste então de França a Brighton pelo caminho de ferro?... disse o capitão em ar de escarneo.

Ao ouvir esta graça, o jovial Josué soltou uma grosseira gargalhada.

— Mas ainda que assim seja, tornou o capitão, verás que quando entrarmos a barra do Senegal has de já ser mestre no officio...

O Sem-Ventura juntou as mãos com ar supplicante.

— O' senhor capitão, balbuciu elle, condôa-se da minha triste sorte... seja generoso!

— O capitão! exclamou Josué. E' o melhor de todos os homens... mas sempre é bom fazer-lhê todas as vontades... é mais seguro...

— Oh! senhor! em nome do céu mande-me pôr em terra! tornou o angustiado Sem-Ventura.

— Para que? perguntou o capitão.

— Quero voltar para França...

Josué tornou a pôr-lhe a rude mão sobre o hombro.

— Ora escuta: vou fazer-te uma advertencia, disse elle. Vês aqui o nosso capitão que é um bonito rapaz, e que é affectuoso como uma donzella? Pois olha que até hoje ainda ninguem se atreveu a dizer a bordo, e em presença d'elle, a palavra «quero!»

O Sem-Ventura pediu, supplicou, chorou, estorceu as mãos com desespero... O capitão escutou-o primeiro com paciencia; depois enrugou ligeiramente as sobrancelhas, e por fim disse para Josué bruscamente:

— Este rapaz ha de entrar de quarto com o turno de estibordo.

E voltou as costas ao Sem-Ventura que estava debulhado em lagrimas.

— Meu pequenote, disse Josué, attende o que te digo: bem vês que tenho cara de poucos amigos, e comtudo sou um cordeirinho em comparação do nosso capitão. Só na ultima extremidade é que me sirvo da gaxeta, e assim a pesar meu. E portanto aconselho-te que sejas docil... porque se mostrares má vontade tem a certeza le que te mandarei applicar um castigozinho que ha de chegar-te a roupa ao pello,

«O turno de estibordo só entra de quarto ás tres horas. Podes ainda deitar-te ao sol um pedaço e dormir, isto no caso de não quereses almoçar.

E Josué fez como o capitão dos cabellos louros; voltou-lhes as costas ao desolado Sem-Ventura.

O pobre rapaz assentou-se, ou para melhor dizer, deixou-se cair sobre um montão de cabos, pensando na sua querida Bastinguette, que talvez nunca mais tornaria a ver.

Josué tinha-se dirigido para a cozinha, e havia dado diversas ordens ao mest e cozinheiro, o qual, minutos depois, foi ter com o Sem-Ventura, a quem disse:

— Camarada, o nosso capitão quer que todos passem bem a bordo. Os marinheiros aqui são tratados como principes. Aqui tens o teu almoço.

E collocou em frente do improvisado marinheiro uma posta de carne salgada, um pão fresco e uma garrafa de vinho.

O Sem-Ventura nem mesmo voltou a cabeça, e continuou a chorar silenciosamente.

— A fome obriga os lobos a descer dos montes, murmurou o mestre cozinheiro.

E afastou-se.

Ao cabo de meia hora, o Sem-Ventura, com o olhar fixo sobre a immensidade das aguas, nem tocára ainda no almoço.

Nesse momento um homem, um rapaz, se dirigiu para elle, de rastos, como uma cobra. Tinha sobre si uma grossa camisola escura, e na cabeça um gorro de lan encarnada.

— Bons dias, camarada, disse elle logo que chegou junto do Sem-Ventura, e indicando que era marsehez pelo accento da pronuncia.

O Sem-Ventura voltou a cabeça e olhou para elle.

— Conhece-se bem que não te agrada estar aqui, continuou elle depois de uma breve pausa.

O Sem-Ventura não respondeu.

— Has de habituar-te... Ora! a mim aconteceu-me outro tanto!... São os inconvenientes da gente se demorar nas tabernas da Inglaterra... Os capitães dos navios mercantes são pouco escrupulosos no modo de arranjarem as suas tripulações.

O Sem-Ventura continuava olhar para o seu interlocutor; com quanto não lhe respondesse, sentia, comtudo, grandissimo prazer em ouvir falar a sua lingua patria.

O nosso novo conhecido que tinha desejos de desferrujar a lingua, proseguiu:

— Quando digo navios mercantes, modo de falar... Apparentemente este navio é de commercio autorisado, mas não é tal...

O Sem-Ventura mostrou uma certa curiosidade no olhar.

— Saimos de Brighton com o fim apparente de ir aos Estados-Unidos buscar uma carregação de algodão; mas qual? ... a coisa é outra...

— Mas onde vamos nós então? perguntou o Sem-Ventura, que se decidiu enfim a abrir a bocca.

A resposta do mancebo foi piscar os olhos e apontar para o sul.

— Não entendo! murmurou o Sem-Ventura.

O outro pôz-se a rir.

— Bem se vê que és novato, disse elle.

E preciso pôr-te os pontos nos ii.

E accrescentou em voz mais baixa:

— Vamos para as costas da Africa.

— Fazer o que?

— Commercial em «páu de ébano.»

A expressão de surpresa que no rosto do Sem-Ventura se desenhou, deu a conhecer ao outro que elle não havia comprehendido.

— O «páu de ébano» é o nome que se dá aos pretos. E' um commercio rendoso, e se não tivesse tantos perigos...

O Sem-Ventura, que começára a limpar as lagrimas, recordou-se das phrases campanudas, de que o tio Coqueluche se servia para fazer o elogio e exaltar a ferocidade da famosa mulher das barbas.

— Ah! sim, disse elle, ha negros que comem os outros homens. Chamam-se antropophagos, não é assim?

— Sim, respondeu o outro sorrindo; mas não é esse o nosso caso. Primeiro comeriamos nós os pobres pretos do que nos comeriam elles a nós. Mas o perigo não vem d'ahi.

— Dónde vem então?

— Dos brancos.

— Ah! murmurou o Sem-Ventura, que continuava a não comprehender.

— Eu te digo: este excellent commercio, comquanto a escravatura não esteja ainda abolida em toda a parte, é prohibido. A Inglaterra não consente que se ganhe a vida por esta «honestissima» maneira. Se uma fragata de sua majestade britannica nos encontrasse com uma carregação de páu de ébano, capturava-nos, e... não ficavamos em muito bons lençoes...

— Que nos fariam?

— Pouca coisa... Deitavam-nos uma cordasinha ao pescoço, e apertavam, apertavam até nos fazer deitar dois palmos de lingua fóra da bocca.

— Ah! murmurou o Sem-Ventura com indifferença.

E ficou silencioso.

— Parece que não és muito conversador, camarada, disse o marsehez ao cabo de alguns minutos.

— Penso no meu paiz, que talvez nunca mais torne a vêr, e nas pessoas que estimo e que neste momento me julgam morto, disse o pobre Sem-Ventura comovido.

— Ora! a gente, mais dia, menos dias, volta sempre ao seu paiz. Eu, aqui onde me vês, que sou natural de Canebière, asseguro-te que...

— Tu és francez? interrompeu o Sem-Ventura.

— Sim... e de mais a mais marsehez. E tu?

— Tambem sou francez.

— Como te chamas?

— Sem-Ventura.

— Oh! que estrambotico nome! O meu tambem é extravagante.

— Como é então?

— Chamam-me o «Gorgulho», respondeu elle rindo, porque como, sem me custar nada, as razões dos outros.

E ao dizer isto, olhava cupidamente para o almoço do Sem-Ventura.

— Então tu não almoças? perguntou elle.

— Não, respondeu o Sem-Ventura.

— Porque?

— Porque não tenho vontade.

— Deixa-me então justificar o meu nome.

E o Gorgulho começou a devorar com invejavel appetite o almoço do Sem-Ventura.

XXIII

Decorreram dois mezes. O «Fowler» navega nas aguas africanas.

Como o arabe, que de noite se esconde por detraz dos arbustos de onde pôde atirar o laço aos cavallos do deserto, como a fera que espreita a presa nas sombras, o «Fowler» solta á noite todo o panno, e corre vertiginosamente, sem signaes á pôpa, e sem fanal no gurupés.

De dia navega tranquillamente em pleno mar, sob a protecção da bandeira britannica que leva desenrolada.

Se uma fragata de guerra o encontra e vem á fala, o capitão dos cabellos louros apressa-se a ir a bordo della com a obediencia e tranquillidade proprias de um subdito fiel da rainha, que tem os seus papeis perfeitamente em regra, e que vai ás Indias buscar uma carregação de arroz e de assucar.

Ao anoitecer, quando, depois do pôr do sol, o crepusculo confunde ao longe o mar com o céu, o «Fowler» aproxima-se da costa, guiado por alguma fogueira que de subito surge no alto de uma penedia, por debaixo dos gigantescos ramos de um «baobab». A fogueira é um signal.

A tribu guerreira que vive ao longo da costa travou um sanguinolento combate com os seus vizinhos do interior, e ficou vencedora.

Em outro tempo comia os prisioneiros; agora mesmo algumas vezes os come ainda, mas só depois de os ter alguns mezes em seu poder, e quando, depois de ter debalde accendido mil fogueiras nas emilencias, nenhum negreiro corre a offercer-lhe, em troco daquella mercadoria humana, a tão appetecida cachaça, aquella almejada aguardente, que é a terrivel moeda com que os europeus pagam todas as coisas em Africa.

O capitão dos cabellos louros tinha razão para estar contente. Nos ultimos dias tinha feito negocios extremamente vantajosos.

Os prisioneiros eram em grande numero; tinha muito onde escolher. De mais a mais a mercaderia vendia-se ad desbarato. Dava-se um homem por um machado, e uma garrafa de aguardente!

O «Fowler» esperava por uma noite escura para metter a bordo a carregação. Um dia subiu até á embocadura de um

dos immensos rios, que os negros cortam em todas as direcções com as suas compridas pirogas.

O capitão estivera durante todo o dia trepado no alto de uma verga explorando o mar com um grande oculo de alcance.

Nem um só navio se divisava ao longe, na solidão infinita das aguas. Nenhum indiscreto viria nessa noite entremetter-se nos mysteriosos negocios do «Fowler». Nessa noite, a costa estava mergulhada em escuridão profunda. Os negros, que conheciam os perigos que corriam os brancos, e que de mais a mais estavam seguros de que o navio se não afastaria, não haviam accendido as fogueiras. A transacção estava quasi concluida. Durante o dia, o rei da tribu embarcára na sua apparatusa barca de gala, e fôra a bordo do «Fowler» entender-se com o capitão dos cabellos louros.

O rei tinha em vista um outro interesse mais poderoso, do que era o resultante do simples commercio, e por isso fôra pessoalmente entender-se com o negreiro.

O rei queria nessa noite exercer uma vingança cruel e infame.

Não só tencionava vender os seus prisioneiros, mas desejava ardentemente vender tambem um seu inimigo pessoal, o homem que, por ser do seu proprio sangue, devia um dia succeder-lhe no poder supremo.

Esse homem era um irmão seu. Haviam-se disputado um ao outro a herança paterna; o irmão mais novo depuzera por fim as armas, e jurára obediência e fidelidade ao rei.

Mas tinham ambos passado para um outro campo de batalha, e nesse ficára o rei vencido. Ambos amavam a mesma mulher, e ella só para o irmão do rei tinha sorrisos.

Dahi nascia o odio a que ia servir de instrumento o capitão dos cabellos louros.

Chamava-se Adomo o irmão do rei; era novo, intelligente, e entusiasta. Tinha idéas mais avançadas do que o rei; nunca quiz comer carne humana, e tinha horror do sangue.

O povo detestava-o, como detesta sempre aquelles que lhe não lisongiam os instintos brutaes e sanguinarios; mas em compensação, os grandes, os que entreviam no meio das trevas da sua barbaria, um cantinho do céu azul da civilização, adoravam-n'o.

E por isso o rei negro nunca se atrevêra a fazel-o prisioneiro, receando dar ensejo a manifestações em seu favor. Adomo continuava a viver na corte; dormia no palacio do irmão, e este parecia ter esquecido todo o seu resentimento.

Mas o rei era vingativo e cruel. Nesse dia conversára por longo tempo com o capitão dos cabellos louros, e este promettera fazer tudo o que o rei desejava.

Chegára, pois, a noite. Um nevoeiro espesso cobria as duas largas margens do rio, envolvendo as arvores e as rochas em escuridão profunda.

O navio, porém, estava illuminado; o fanal da pópa acabava de accender-se, e servia como que de pharol ás pirogas

dos negros. A equipagem estava toda a postos; os canhões estavam carregados de metralha. Cada marinheiro tinha duas pistolas á cinta e o sabre da abordagem na mão.

O capitão andava açodado da prôa para a popa, e vice-versa, trazendo sempre ao hombro uma boa espingarda de caça. Josué parecia immenso; em toda a parte apparecia mostrando uma actividade incomparavel. Agora estava elle fazendo içar as pipas de rhum e de aguardente, que deviam dar-se aos negros em troco da sua mercadoria. O capitão, ao ver aquelles preparativos, sorriu ironicamente e disse para o immediato:

— Não tenhas tanta pressa, meu caro Josué...

— Quem compra tem de pagar, respondeu Josué que tinha uma robusta probidade commercial.

— E quem te diz a ti, replicou o capitão, que eu não paguei já?

— Mas como? se o rei nada levou comigo?

— Tu verás... tu verás...

Josué afastou-se resmungando:

— Não comprehendo... Mas não importa; o negocio é do capitão e não meu.

O Sem-Ventura e o Gorgulho, assentados ao pé do leme, conversavam em voz baixa.

O ex-saltimbanco, de boa ou de má vontade, fizera-se marinheiro; e, como o isolamento faz que os homens se aproximem uns dos outros, nascera entre elle e o Gorgulho uma affeição profunda. O primeiro fazia frequentemente o trabalho do segundo; em compensação este comia ás vezes a ração daquelle, e ajudava-o sempre a esvasiar a garrafa de vinho.

Fôra disso o marselhez era um excellentemente companheiro; tinha immensa graça em tudo o que dizia, e era philosopho, como em geral costumam ser os preguiçosos.

O Sem-Ventura não se esquecera de Bastinguette, e abrigava no coração a esperança de voltar um dia á França.

Contudo a philosophia do Gorgulho havia-se-lhe até certo ponto communicado.

Agora estava quasi que resignado, e havia-se a pouco e pouco habituado á vida de marinheiro.

Nos ultimos dias porém sentia-se agitado pela raiva da impotencia e da indignação. Revoltava-se-lhe o coração por se ver forçadamente reduzido á infamissima condição de commerciante de carne humana!

Tambem elle, á semelhança do capitão, explorára durante todo o dia o horizonte com o olhar; os seus desejos porém eram perfeitamente oppostos aos do homem dos cabellos louros. Queria ver surgir de subito os mastros e a bandeira de uma fragata; depois ver brilhar um rapido relampago por sobre as ondas, seguido de uma névra espessa de fumo, e sentir a pancada sinistra de uma bala arrojada ao casco do infame «Fowler».

Mas o «Fowler» tinha a certeza da impunidade.

O Sem-Ventura e o Gorgulho, que estavam com o ouvido á escuta, distinguiram o bater regular e compassado dos remos sobre as aguas do rio.

— Lá vêm elles! murmurou o Gorgulho, a quem o commercio da carne humana repugnava menos do que ao Sem-Ventura.

— Não és capaz de adivinhar o que eu estava pensando neste momento... disse este.

— Pensavas... na ceia, talvez...

— Ora! Pensava... na possibilidade de ser o navio capturado pelos negros...

O Gorgulho encolheu os hombros desdenhosamente, e murmurou sorrindo:

— E' impossivel!

— Mas emfim... se isso acontecesse... de certo nos levavam para terra... Ora, segundo o capitão disse ha pouco, estamos a cem leguas apenas de distancia do Senegal...

— E que relação tem uma coisa com a outra?

— Tem muita. O Senegal é terra franceza, e, portanto, se lá pudessemos chegar, ficariam livres...

— Não comprehendo bem a combinação, disse o Gorgulho.

— Pois é simples... Suppõe tu que o navio é capturado.

— Bom! E depois?

— A marinhagem é levada prisioneira para terra.

— Muito bem!

— Nós dois evadimos-nos...

— Mas mil trovões! isso não tem senso commum, disse o Gorgulho. Em primeiro lugar temos os nossos canhões promptos a metralhar toda essa «pretalhada»; e de pois tambem é preciso que saibas que, se acontecesse o que estás dizendo...

— Que succederia?

— Seria todo o nosso rhum bebido pelos pretos.

— E depois?

— E depois... comer-nos-iam. Se elles gostam de carne de preto, muito mais hão de gostar ainda da carne de branco, a que poucas vezes podem chegar.

O Sem-Ventura não respondeu. Ficou silencioso e meditabundo.

As pirogas aproximavam-se. Dahi ha poucos momentos entravam ellas no circulo de luz, descripto pelo fanal da pópa. Eram quatro.

Havia em cada uma dellas trinta prisioneiros solidamente amarrados, e deitados de costas, que eram guardados por negros armados de espingardas.

Na primeira vinha um homem em pé á prôa, vestia uma tunica rajada de azul e de escarlata, cobria-lhe a cabeça uma especie de capacete, feito de casca de uma tartaruga, e tinha uma grossa argola de ouro enrolada em volta do tornózelo direito. Era o principe Adomo, irmão do rei, a quem este nomeára chefe da expedição e encarregára de concluir a venda dos prisioneiros com o capitão dos cabellos louros.

A piroga veio atracar ao fundo da escada de estibordo, e o principe subiu para o «Fowler».

Ao clarão do fanal de pópa o Sem-Ventura e o Gorgulho puderam examinar muito á sua vontade o principe negro.

Era de elevada estatura, e parecia ter vinte e cinco annos pouco mais ou menos. Os cabellos lisos e corredios, o nariz quasi aquilino, e a barba não muito preta contrastavam com as enredadas carapinhhas e com as feições achatadas e imberbes dos que o acompanhavam.

O principe Adomo parecia ser robustissimo. No rosto, com quanto energico e resoluto, não lhe transparecia a expressão de ferocidade bestial, que de ordinario resalta das feições dos homens da sua raça.

Não era talvez sem grandissima repugnancia que elle vinha entregar os prisioneiros ao negreiro que os faria escravos; mas, obedecendo ás ordens do irmão, obedecia ao mesmo tempo a um certo sentimento de humanidade.

Para as nações incultas e primitivas, a escravidão é preferivel á morte; e a morte era o que esperava aquelles que não fossem vendidos.

O capitão foi ao encontro do principe com grande affabilidade e estendeu-lhe a mão. Adomo sabia algumas palavras da lingua ingleza. O Sem-Ventura começava a comprehendê-la e o Gorgulho falava-a perfeitamente.

O capitão disse para o principe:

— Seja bemvindo a meu bordo, senhor!

— Capitão, respondeu o principe, o rei meu irmão encarregou-me de vir entregar-lhe cento e trinta prisioneiros. Segundo elle me disse, o preço está já convencido.

— Sim, senhor, respondeu com sorriso estranho o capitão.

Adomo fez um signal aos negros que o acompanhavam, os quaes desprenderam immediatamente as pernas dos prisioneiros para poderem subir para bordo. Deixaram-lhe porém as mãos almeçadas atrás das costas.

Cada piroga veio por sua vez atracar, ao fundo da escada de estibordo e os prisioneiros subiram um a um para bordo do «Fowler».

O Sem-Ventura olhava melancolicamente para aquelles desventurados, hontem guerreiros altivos e indomaveis, escravos hoje, que accetavam com a resignação do fanatismo a triste sorte que para elles destinára o deus das batalhas. Caminhavam com a cabeça curvada sobre o peito, tranquillos, resignados, serenos, sem mostrarem colera nem amargura!

A' proporção que iam entrando a bordo eram algemados brutalmente, sem que soltassem um unico murmurio, e em seguida levados para o porão, onde eram amarrados uns aos outros.

Esta operação durou perto de duas horas.

O principe Adomo, que estava assistindo a ella, dizia para o capitão:

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

XXIV

— Não é de uso entre os lomens da minha raça ter inquietações pela sorte dos inimigos... contudo, eu supplico-te homem branco, que tenhas compaixão com estes desgraçados.

— De certo! de certo! respondeu o infame capitão com ar de zombaria. Hão de ser tratados como se fossem príncipes!

E voltando-se para Josué, apresentava:

— Pudera! temos ali negros que vão em duas mil piastras a olhos fechados!

— Devo mandar embarcar o rum? perguntou Josué, quando entravam no «Fowler» os ultimos prisioneiros.

— Ainda não, respondeu o capitão.

— A noite caminha, o astro de luz em breve despontará no horizonte, disse então Adomo na sua linguagem cheia de imagens e figuras; e tu, homem branco, tens ainda grande distancia a percorrer antes que as estrellas empalideçam. Adeus, pois, homem branco. Oxalá os ventos te sejam favoráveis.

Mas o capitão respondeu:

— Não desejaria que se separasse de mim, meu caro príncipe, sem que me desse a honra de beber uma garrafa de rum no meu camarote.

— Eu nunca chego aos labios esse terrível licor de fogo que perturba a razão do homem, e o faz, nos instinctos, semelhante a fera, respondeu o príncipe.

— Mas ao menos ha de permitir-me que lhe offereça um copo de vinho de França, insistiu o capitão.

— Pois bem, acceto, respondeu Adomo. Não quero que tome a minha recusa como injuria.

O capitão mostrou ao príncipe a esada que conduzia para o camarote.

— Devo mandar embarcar o rum? perguntou segunda vez o immediato.

— Cala-te, bruto! respondeu o capitão com violencia, em francez, lingua que o príncipe Adomo não comprehendia. Escuta bem as ordens que vou dar-te...

O príncipe havia feito um signal aos negros da sua comitiva, que tinham logo saltado para as pirogas. Duas destas iam já proximas da costa; uma terceira estava a desatracar; e a ultima, que era a do príncipe, esperava por elle e pelo rum, polvora, aguardente, e outros objectos que pelo homem branco deviam ser entregues como preço da venda dos negros.

— Manda levantar ferro, disse o capitão para o immediato.

— Comol... pois partimos assim?

— Immediatamente, respondeu o capitão.

— Mas devo primeiro mandar embarcar o rum?

— Que demonio de teimoso! Vem primeiro beber connosco.

E o capitão desceu para o seu camarote, acompanhado pelo príncipe negro e pelo immediato Josué, que ia resmungando:

— Me finem, se entendo! Mas enfim... o capitão lá sabe o que faz!...

O Sem-Ventura dizia nesse momento para o Gorgulho:

— Está-me parecendo que o capitão prepara alguma acção infame.

— Mil trovões! respondeu o marselhez. O maldito é capaz de tudo. Mas que nos importa isso a nós?

— O príncipe negro, tornou o Sem-Ventura, parece-me mais intelligente e melhor do que os outros.

— E' possível, respondeu o descuidoso Gorgulho com a sua costumada indifferença de philosopho.

— Quem sabe se vai acontecer-lhe alguma desgraça...

— Ora!... disse o Gorgulho encolhendo os hombros; o capitão é capaz de o levar tambem.

— Como escravo?

— Está visto!

— Mas isso seria uma traição infame!

— Ah! meu pobre Sem-Ventura, tornou o Gorgulho rindo, estás ainda por conquistar! Olha que por mais que faças, não és capaz de emendar o mundo!

Nesse momento appareceu Josué que mandou levantar ferro.

— Mil trovões! exclamou o Gorgulho com máu humor. Nunca a gente pôde descansar um momento!

— Se queres eu vou tomar o teu lugar, disse o bom Sem-Ventura.

— Se tens nisso muito prazer... respondeu o Gorgulho, que nunca se fazia rogado.

O capitão, ao mesmo tempo que offerecia um copo de vinho ao príncipe Adomo, dera em francez as suas ordens ao immediato.

Quando este lhe perguntou pela quarta vez se devia mandar embarcar o rum, o capitão respondeu:

— Não... Em vez disso mandarás apontar para a ultima piroga os nossos dois canhões carregados de metralha.

— Bom. E depois? perguntou Josué que começava a comprehender.

— Manda levantar ferro e desenrolar o panno todo...

— E que mais?

— Quando ouvires um tiro de pistola...

— Farei fogo sobre a piroga, não é assim?

— De modo que a metras no fundo com todos os negros que a tripulam. Logo em seguida pegará no porta-vóz e tomarás o meu lugar...

— E faço-me ao largo, não?

— Exactamente.

Josué subiu logo para a coberta.

O capitão offerecera um outro copo de vinho ao príncipe Adomo.

Mas este não o acceptára.

— Não, disse elle. Bebo só enquanto tenho sede.

E, levantando-se, estendeu a mão ao capitão negroiro.

Então este abriu a porta do camarote, e convidou delicadamente o príncipe a ir na frente.

Mas de subito o príncipe, logo que deu um passo fóra da porta, soltou um grito...

Abrixa-se na sua frente um alçapão, e o desventurado precipitára-se no porão. Ao mesmo tempo o capitão, tirou do cinto uma pistola, approximou-se de uma portinhola, e disparou.

Josué executou immediatamente e á risca as ordens que havia recebido.

O navio deu volta sobre si mesmo; um marinheiro cortou com uma só machadada a amarra da piroga, a qual começou a fluctuar sobre as aguas, com grande surpresa dos negros da comitiva do príncipe, que, como bem pôde suppôr-se, não estavam iniciados no segredo da vingança do rei negro.

O «Fowler» virou de bordo.

De subito foi o espaço illuminado por dois relampagos, seguidos de duas detonações horribes. Sobre a piroga caiu uma chuva de ferro e fogo...

O baixel desapareceu com toda a tripulação...

Então o «Fowler» desenroloou todas as suas velas, como se fossem umas azas enormes, e voou para o alto mar...

O Sem-Ventura, consternado, murmurava:

— Ah! estes infames não são homens! são monstros... são demonios!

No dia seguinte, ao amanhecer, entrava de quarto o turno de estibordo. O Sem-Ventura e o Gorgulho conversavam em voz baixa a respeito dos acontecimentos da noite.

— Mas que é feito do príncipe? perguntou o Sem-Ventura.

— Está provavelmente no porão amarrado com os outros negros, para ser vendido no primeiro mercado da America, para onde agóra vamos.

— Pois eu, disse o Sem-Ventura depois de alguns momentos de silencio, tenho cá uma idéa...

— Diz...

— Se pudéssemos libertal-o...

— Ora! estás doido!

— Póde ser... mas...

O Gorgulho encolheu os hombros e murmurou, estendendo a mão:

— Olha!

Não se via mais do que céu e agua. Havia já muitas horas que as costas africanas tinham desaparecido no horizonte.

— Que importa? respondeu o Sem-Ventura. Quem quer deversas uma coisa, acaba sempre por conseguil-a!

XXV

Decorreram oito dias.

Contudo o «Fowler» pairava ainda nas alturas da costa da Africa. Porque?

E' que os ventos favoráveis, que o ingenho e generoso príncipe negro desejára á equipagem do capitão dos cabellos louros antes de ser victima da mais infame das traições, haviam-se tornado em ventos contrarios.

Uma série de tempestades, vindas de sudoeste para nordeste, tinham por assim dizer prohibido que o «Fowler» avançasse.

Dir-se-ia que a derrota da America lhe estava fechada para sempre.

O escurbuto declarára-se a bordo entre os desventurados negros accumulados no porão, e amarrados uns aos outros.

O capitão andava receioso de que se lhe deteriorasse a mercadoria. A tripulação não lhe dava cuidado...

Branco tinha elle a rôdo. Mas negros!...

Cada negro que morria — e já tres cadaveres haviam sido arrojados ao mar.

— era uma perda segura para o infame e ávido mancebo que, debaixo daquellas feições delicadas e maneiras effeminadas, escondia um coração de tigre.

Até o proprio Josué, o sempre jovial e folgasão Josué, já não ria nem cantava.

Já não batia amigavelmente com a mão no hombro do Sem-Ventura, nem lhe chamava «senhor conde».

Até mesmo se tinha esquecido de reprehender o preguiçoso Gorgulho, que continuava a ter excellente appetite e a comer a metade das rações do Sem-Ventura.

Numa palavra, Josué apresentava todos os symptomas de uma grandissima inquietação.

— Eu cá tenho a minha idéa, dizia elle ás vezes alludindo aos transtornos da navegação, e sem querer dar mais explicações.

Qual seria a idéa de Josué? Ninguém e sabia. Contudo dava a entender que só elle conhecia a causa de todas as calamidades que successivamente caiam sobre o «Fowler».

Por fim a tempestade serenou e o vento foi a pouco e pouco abançando.

Mas de repente cessou de todo e o «Fowler», por mais força de vela que fizesse, nem recuava nem avançava!

A' tempestade succedera a calmaria.

Os marinheiros estavam descontentes, Josué resmungava cada vez mais, e o capitão despedia relampagos do olhar.

O Sem-Ventura e o Gorgulho pareciam indifferentes ao descontentamento geral. Nos ultimos oito dias o Sem-Ventura havia-se transformado com-

pletamente; fizera-se de repente um excellente marinheiro, e desempenhava o seu serviço com um zelo e boa vontade que surpreendiam o proprio Josué.

O Gorgulho continuava a beber o vinho do Sem-Ventura; os dois francezes pareciam passar vida regalada a bordo daquelle navio onde reinava a morte e a desolação.

E' que o Sem-Ventura fôra pelo capitão incumbido de uma delicada missão de confiança. Encarregou-o de servir o desventurado principe captivo.

O capitão do «Fowler», o homem dos cabellos louros e rosto effeminado, era tão cruel como o rei negro, que lhe vendera o seu proprio irmão. Para divertir-se, para tornar ainda mais horrivel a situação do pobre negro, resolvera tratar com umas certas honras irrrosórias aquelle infeliz, que ia ser escravo.

Não o conservara no porão no meio dos outros negros; não quizera misturar um principe com a ralé.

—Cada qual no seu lugar, dizia o negro rindo.

E dera ao principe Adomo um bom camarote, e um homem para o servir.

Esse homem era o Sem-Ventura.

—Um preto servido por um branco... Tem graça! dissera o capitão para Josué.

O immediato desatára a rir—porque então ainda elle ria.—Era o dia seguinte aquelle em que o «Fowler» largara as praias africanas e não lutava ainda com a tempestade, nem o escombuto fizera ainda a sua terrivel aparição a bordo.

O Sem-Ventura depressa se affeioou ao infeliz negro, a quem o capitão dava por esarneo o tratamento de alteza, apesar de o ter algemado e acorrentado.

O saltimbanco tratava o pobre principe com affectuosa solicitude, que este lhe agradecia de continuo. Não eram já um para o outro carcereiro e captivo, eram dois amigos verdadeiros.

Durante as noites ternerosas em que a cada momento as rajadas furiosas do vento punham o navio em imminente risco de sossobrar, quando a marinagem a postos escutava attentamente as vozes de manobra dadas pelo capitão, o Sem-Ventura, deitado ao lado do negro escutava as narrações despretenciosas, que o principe lhe fazia da sua infancia bellicosa e aventureira.

O pobre Adomo falava então, com voz entrecortada de soluços, da esposa e dos filhos, que nunca mais tornaria a ver.

A's vezes dizia elle:

Ah! se um dia eu pudesse ainda pousar os pés em terra africana, toda a tribu se revoltaria em meu favor e me proclamaria rei! E então havia de eu prohibir nos meus estados o infame commercio da escravatura, havia de castigar severamente aquelle dos meus subditos que comesse carne humana, e ensinaria a todos o culto do verdadeiro Deus!

A primeira vez que o principe avançou esta ultima idéa, o Sem-Ventura mos-

trou-se surprehendido de ouvil-a. Contou-lha então Adomo que o rei, seu pae, tinha em outro tempo recebido nos seus estados a visita de dois missionarios, dois pobres irlandezes, a quem consagrara grande affeição. Os padres christãos haviam ensinado ao joven principe as primeiras noções da sua religião, e Adomo nunca as esquecerá.

Fallecido que fôra o velho rei, subira ao throno o irmão de Adomo, e aproveitára o ensejo da revolta deste para mandar massacrar os dois desventurados irlandezes.

Em troca destas confidencias, tinha o Sem-Ventura contado a sua triste historia ao principe negro. Estabelecera-se entre os dois prisioneiros uma affectuosa intimidade. Um dia dissera Adomo:

— Escuta, Sem-Ventura: eu nado tão bem como os peixes do mar. Se pudesse soltar-me destes ferros que me algemam e lançar-me ás ondas em uma noite escura, havia de nadar tanto e por tanto tempo que conseguiria aportar a uma ilha qualquer, a um rochedo, ou mesmo a um navio tripulado por homens, e não por monstros.

Uma hora depois o Sem-Ventura, que havia logo saído do camarote do principe, voltou trazendo uma lima, e disse ao principe:

— Vou limar-lhe os ferros.

— Não, respondeu o pobre negro. Não quero fugir eu só... não quero separar-me de ti.

— Pois bem, disse o Sem-Ventura simplesmente. Procurarei meio de fugir contigo.

O Gorgulho disse uma vez ao Sem-Ventura:

— Diz-me lá: que estás tu, horas esquecidas, a parolar lá em baixo com o principe?

— Nada, respondeu o Sem-Ventura, que não tinha ainda no marseiz a confiança necessaria para o fazer seu confidente.

No entretanto Josué tornava-se de dia a dia mais sombrio, e dizia muitas vezes a quem queria ouvil-o:

— A causa de todos os nossos contratempos conheço-a eu!

Uma tarde, um pouco antes de anoitecer, o capitão, caçado já de ouvir aquellas malsoantes palavras do immediato, veio collocar-se em frente delle com colera, e disse:

— Pois bem, já que sabes a causa de todas as nossas adversidades, dil-a... Vamos, desembucha, imbecil...

— Queres saber-a? perguntou Josué.

— Quero.

— Ora, para que? Tu não fazes caso disso...

Mas o capitão despediu um relampago do olhar, e levou a mão branca e pequenina á coronha das pistolas, que tinha á cinta.

Josué teve medo

— Queres saber porque nos persegue a má sorte? disse elle com má humor. E' porque praticamos nma acção desleal.

—Ora! disse o capitão encolhendo os hombros desdenhosamente.

—A minha opinião, continuou Josué, é que devemos procurar sempre ser honestos e leaes em negocios.

— Que queres dizer com isto?

— Quero dizer que estamos soffrendo o castigo da infamia que praticámos.

O capitão tornou a encolher os hombros:

— Referes-te ao principe negro? perguntou elle

— Sem duvida...

— E' um homem robusto e vigoroso...

Vale pelo menos duas mil e quinhentas piastras.

— Verás que Deus ha de punir-nos, tornou Josué.

— E tu acreditas em Deus?

E o capitão soltou uma gargalhada motejadora.

— De certo, acredito, replicou Josué.

— Pois melhor para ti.

E o capitão voltou as costas ao immediato.

Este porém soltou de repente um grito.

— Olha! olha! exclamou elle.

—Que é? perguntou o capitão.

— Uma vela.

E Josué dirigia o oculo para um ponto do horizonte.

— Uma vela! murmurou o capitão arrancando o oculo das mãos do immediato.

— Sim, uma vela, disse Josué. E' uma fragata ingleza que vem na nossa esteira, e que deve ter maior velocidade do que o «Fowler», porque tem os mastros mais altos do que os nossos, e por isso ha de encontrar ainda algum vento...

«Daqui a pouco manda-nos ella uma bala de signal; em seguida vem visitar-nos a mestrança no grande escaler... e depois, seremos eu e tu içados para as vergas com um laço de corda ao pescoço... Lá me dirás depois se ha ou não um Deus...

— Maldição! exclamou o capitão dos cabellos louros. E' effectivamente uma fragata da rainha...

Em seguida percorreu o mar com um olhar desesperado. A superficie das aguas estava quasi tão lisa como a de um lago.

— E nem a mais leve aragem corre! murmurou elle com raiva.

— Acreditas agora em Deus? perguntou o immediato com accento de triumpho.

XXVI

O capitão não respondeu. Continuava porém a ter o oculo assestado para aquella vela, que se via ao longe.

A principio parecia como que um ponto imperceptível; dir-se-ia uma gaivota repousando sobre uma taboa perdida.

x Depois a gaivota foi crescendo, crescendo, até parecer a aza de um condor; depois continuou a crescer ainda, tomando

as proporções da vela latina de uma das muitas barcas catalans, que de continuo sulcam o azulado Mediterraneo.

Depois cresceu mais, e mais e sempre...

E então dividiu-se, multiplicou-se... «Hurrah!»

Não havia que duvidar; era uma boa fragata de Sua Majestade a rainha Victoria, commandada por um «commodoro» de casaca escarlata, e guarnecida por «midshipmen» de calças azues, e officiaes cobertos de bordados de ouro. Era uma bella fragata que com quatro tiros metteria no fundo aquelle abutre dos mares, que se chamava «Fowler».

—Havemos de ser enforcados; a coisa é mais que certa! dizia Josué por entre os dentes.

O capitão encolhia os hombros sem se incommodar a responder-lhe. Estava como que absorto na contemplação da fragata, que continuava a avistar-se no horizonte.

A fragata tinha sido durante um momento impellida por uma leve brisa; agora porém diminuia de velocidade; conhecia-se que entrára na zona em que reinava a calmaria.

—Ainda não estamos á distancia de bala, disse o capitão.

E voltando-se tranquillamente para o immediato, disse-lhe:

—Que fazes tu ahí, imbecil? Porque não mandas largar todo o panno?

Josué obedeceu.

O capitão não deixava de ter o oculo assestado para a fragata, que ia augmentando lentamente de volume.

E comtudo o «Fowler» caminhava tambem; mas tão vagarosamente que, se antes do pôr do sol se não levantasse algum vento, de certo seria alcançado pela fragata dentro de duas ou tres horas.

De subito o capitão exclamou:

—Hurrah! hurrah! viva o «Fowler!»

—Que é? que é? perguntou Josué approximando-se...

—Olha além... á esquerda da fragata... a nordeste.

E deu-lhe para a mão o oculo.

Josué olhou e viu um ponto branco á cima das aguas.

Era uma outra vela?

O ponto branco augmentava de volume, não insensível e lentamente como a fragata, mas por modo brusco e rapido.

—Vento! é vento! exclamava o capitão. O «Fowler» está salvo!

Josué continuava a examinar a nuvem attenta e silenciosamente. A nuvem ia-seg alastrando.

—Teremos vento antes que a fragata nos alcance; tornou o capitão. Ha de soprar de nordeste.

— Mas ha de soprar para a fragata da mesma forma que para o «Fowler», respondeu Josué.

(Continúa).

FOUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

XXVI

— Sim, mas ha de impellir-nos para a costa.

— E que importa isso?

— Importa muito. A costa esté semeada de escolhos e de bancos de arêa. A fragata, que é de grande lotação, não pôde de certo approximar-se muito della para nos dar caça. Um commodoro, que tem a honra de trajar casaca escarlata bordada a ouro, não arrisca a existencia de um navio de guerra de sua majestade britannica, só pelo prazer de metter no fundo um honesto negreiro.

Josué abanou a cabeça.

— Embora, disse elle. Seja como fôr, o resultado ha de ser máu. Se nós praticámos uma acção infamé...

— Bruto! respondeu o capitão encolhendo os hombros. Olha!

— E apontou para as velas que começavam a intumecer-se.

— Dahi a poucos momentos ouvia-se á prôa do «Fowler» um certo ruído, e via-se nas aguas a espuma branca, que de ordinario indicam acceleração de velocidade.

— Já temos mais andamento! dizia o capitão.

A fragata não havia tomado vento ainda; da mesma forma que de bordo do «Fowler» se vira augmentar de volume gradualmente, via-se agora diminuir a pouco e pouco, e tornar-se de novo semelhante a uma gaivota, pousada em uma toboá perdida.

— «Hurrah! Hurrah pelo «Fowler»! gritava o capitão.

E o «Fowler» corria agora a todo o panno com grande velocidade.

— Se nos perderem de vista antes do anoitecer, dizia o capitão, estamos salvos!

O Sem-Ventura, que estivera na prôa assistindo a estas scenas, desceu ao camarote em que o infeliz Adomo jazia carregado de ferros e deitou-se junto delle. Depois, approximando os labios do ruído do principe negro, murmurou:

— Talvez a liberdade esteja proxima...

— A liberdade? perguntou Adomo surprehendido.

— Sim, respondeu o Sem-Ventura. Escuta... Nem todos os homens brancos são maus e cruéis como os deste infame navio. Na Europa ha leis que dão protecção ao fraco contra o forte, que casti-

gam os criminosos e recompensam os bons. O vergonhoso commercio que o capitão faz, é prohibido sob pena de morte. Se o navio em que temos a desgraça de estar captivos, fosse apresado por um navio de guerra de uma nação europêa, a equipagem seria enforcada e os negros restituídos á liberdade.

— Já os irlandezes me diziam a mesma coisa, respondeu o principe negro.

— Pois bem; tenhamos esperanza, tornou o Sem-Ventura. Está uma vela á vista...

— Uma vela?

— Sim. O capitão e o immediato estão consternados, e dizem que é uma fragata ingleza.

Então, ajudado pelo Sem-Ventura, Adomo poud erguer-se um pouco apesar das algemas, e arrastar-se até á vigia, por onde entrava luz para o camarote. A fragata naquelle momento não estava tão longe, que o olhar penetrante de um selvagem não pudesse descobri-la sem auxilio de oculo.

— Vês? perguntou o Sem-Ventura.

— Vejo.

— Approxima-se?

— Sim... sim...

Durante um quarto de hora, Adomo e o Sem-Ventura tiveram o olhar fixo naquelle ponto branco que ao longe se divisava.

Depressa porém se levantou o vento, e os dois captivos comprehenderam pelo movimento do navio e pela espuma branca que vinha bater no grosso vidro da vigia, que o «Fowler» procurava escapar-se do alcance do navio inglez.

A fragata, depois de haver augmentado de volume gradualmente, foi a pouco e pouco diminuindo até se perder de todo nas brumas do horizonte.

— Os infames estão salvos... e nós... perdidos sem remedio! murmurou o pobre Sem-Ventura.

A noite approximava-se com extraordinaria rapidez; nos tropicos quasi não ha crepusculo, nem aurora. O vento continuava a soprar com força de nordeste, e dava azas ao «Fowler».

O Sem-Ventura saiu do camarote do principe negro, e aproximou-se do Gorgulho.

O marsehez disse-lhe em voz baixa:

— Apanhei ha pouco um susto!

— Viste a fragata?

— Vi, e tive medo de que nos alcançasse... Estou ainda sem pinga de sangue...

— Mas a fragata trazia-nos a liberdade! exclamou o Sem-Ventura sem comprehender.

— Ou a morte, replicou o Gorgulho. Crês tu que o commodoro gastaria tempo em interrogar-nos? Se o «Fowler» fosse apresado, seriamos todos enforca-

dos sem explicações. Eu sei bem como estas coisas correm.

— Embora, disse o Sem-Ventura. Quero antes morrer, do que viver por mais tempo no meio destes homens infames.

O Gorgulho encolheu os hombros, e murmurou:

— Tu não és philosopho!

— Então tu não desejas livrar-te deste horrivel covil?

— Oh! se desejo! respondeu o Gorgulho. Não quero porém escapar-me sem ter a certeza de que não caio em peor ratoeira.

— Ah! e se tivesses essa certeza?

— Ora... então... Mas temos muito tempo para pensar nisso daqui até que cheguemos a um qualquer porto da America do Sul.

— Não, não devemos guardar isso para tão tarde, tornou o Sem-Ventura. Pelo contrario, devemos pensar nisso já... Agora estou eu como o immediato Josué... tambem tenho cá a minha idéa.

— Diz... diz depressa...

— Escuta. O capitão disse ha pouco que estavamos a vinte milhas apenas de distancia da costa...

— E' possivel.

— Pois bem; suppõe tu que uma noite destas cae ao mar uma das embarcações miudas do «Fowler».

— Para isso é preciso desprende-las dos «turcos».

— Está entendido. Suppõe tambem que nós tinhamos meio de nos escaparmos na lancha...

— Davam pela nossa falta no mesmo instante, e mettiam-nos no fundo com uma bala raza. A salvação, de que falas, consistiria em irmos servir de pasto aos peixes... Muito obrigado.

— Mas se conseguissemos descer a lancha sem ruído em uma noite escura?

— Que fariamos então?

— Poderiamos então chegar á costa...

— Sim, para sermos comidos pelos pretos, disse o Gorgulho encolhendo os hombros. Pódes limpar as mãos á parede pelas tuas lembranças.

— E se levassemos comnosco o principe para nos proteger? insistiu o Sem-Ventura.

— Isso agóra já tem mais jeito... replicou o Gorgulho coçando atraz da orelha. Quem sabe?

— Está então combinado? Queres ser dos nossos?

— Talvez... talvez...

O Sem-Ventura apertou-lhe a mão, e murmurou:

— Silencio!

E com um gesto imperceptivel apontou para o immediato que se approximava.

De subito, porém, Josué parou, e soltou uma exclamação de cólera.

No horizonte apparecia um ponto luminoso. E contudo não era mais uma estrella entre as muitas que fulguravam nequelle céu azul escuro.

Era o pharol de pôpa da fragata que acabava de tomar vento, e dava caça ao «Fowler».

O coração do Sem-Ventura começou a pulsar com força; agitava-o a esperanza apesar das sinistras prophcias do Gorgulho.

XXVII

A fragata navegava de noite com pharoes, como leal navio que cumpre honestamente os seus deveres, e nada tem que occultar.

O «Fowler», porém, que nenhum interesse tinha em attrahir as attenções, tinha apagado todas as suas luzes.

O capitão dos cabellos louros e o immediato Josué conversavam a dez passos de distancia do Gorgulho e do Sem-Ventura.

— A fragata dá-nos caça ao acaso, dizia Josué. Agóra não pôde ver-nos.

— Esrou mesmo convencido de que nos não viu ainda. Provavelmente tomou vento agora, e aproveitou-o.

— O peor é que o vento, bom para ella, é agora máu para nós. Em vez de nos impellir para a costa, soprando, como até aqui, de nordeste, acaba de virar a sudoeste, e portanto leva-nos de novo para o largo.

O Sem-Ventura ouviu estas palavras e tomou nota.

— Amanhan, continuou o immediato, ao amanhecer, se a fragata não nos viu ainda, como dizes, ha de vê-nos; e, se o vento não muda e continua soprando da costa, havemos de vêr uma bruxa com ella.

— Tens medo, Josué? perguntou desdenhosamente o capitão.

— Tenho... é verdade... E olha que é a primeira vez na minha vida, respondeu o immediato com ingenuidade.

— Mas que razão tens tu para isto?

— A razão é que nos «desandou a roda».

— E attribues essa «desanda» á presenca do principe negro a bordo?

— Sim, respondeu Josué.

— Pois bem, tornou o capitão com um sinistro sorriso, se amanhan a fragata continuar a dar-nos caça...

— Que farás? perguntou Josué ingenuamente.

— Pegarei em uma das minhas pistolas, metterei duas balas na cabeça desse negro infernal, e lançal-o-emos ao mar. Dessa forma acabará o enguiço.

— Não crês então em Deus? repetiu ainda o immediato.

— O que eu creio é que, se continuas a perder a cabeça como um imbecil, respondeu o capitão com a sua habitual tranquillidade, vou algemar-te de companhia com os negros. Toma bem nota disto, meu caro camarada.

Josué não deu nem mais uma palavra.

— Por agora, tornou o capitão, toma o commando do navio até meia-noite. Eu vou-me deitar.

O pharol avermelhado da fragata continuava a brilhar no horizonte.

O «Fowler» navegava com vento em pópa, e a todo o panno, e comtudo a luz que ao longe se divisava, ia crescendo, crescendo; prova de que a fragata tinha mais andamento do que o navio negroiro.

O capitão, porém, apesar de fazer esta observação, não deixou de descer para o seu camarote.

O Sem-Ventura dizia em voz baixa para o Gorgulho:

— Se amanhã ao amanhecer o principe Adomo estiver ainda a bordo, está irremediavelmente perdido!

— E como ha de elle salvar-se? perguntou o Gorgulho.

— Se quizeres auxiliar-me, salvamos nós.

— Que é preciso fazer?

— E salvar-nos-emos com elle. Não ouviste ha pouco o immediato dizer que o vento tinha mudado e que amanhã estaríamos a cem milhas de distancia da costa?

— Ouvi, é verdade.

— Pois bem, tornou o Sem-Ventura com animação; a noite está escura, e toda a attenção da marinhagem está concentrada sobre a fragata. Espera-me aqui.

— Onde vaes?

— Vou tirar as algemas do principe, respondeu o Sem-Ventura, que conservava ainda a lima, que Adomo rejeitára dias antes.

E desceu para o camarote em que o principe negro continuava a espreitar pela vigia. Naquelle momento distinguira elle o pharol da fragata.

— Os brancos, disse elle em voz baixa para o Sem-Ventura, continuam a perseguir-nos. Talvez amanhã tenhamos liberdade!

— Não, disse o Sem-Ventura ao ouvido do principe; não podemos esperar pelo dia de amanhã. Seria tarde. O capitão attribue á tua presença a bordo todos os males de que o «Fowler» tem sido victima, e prometteu metter-te duas balas na cabeça amanhã ao alvorecer.

— Deus é grande! murmurou o principe negro com resignação. Seja feita a sua vontade.

— Não, respondeu o Sem-Ventura, Deus não quer a tua morte. Trago-te a salvação.

— Tu?

— Sim, respondeu o Sem-Ventura, começando a limar surdamente um dos anéis de ferro, que retinha as mãos do principe algemadas atraz das costas.

A lima era bôa; mordia bem no ferro.

O Sem-Ventura trabalhava com ardor. Ao cabo de uma quarto de hora o anel estava aberto, a corrente separada em duas e o principe tinha as mãos livres.

— Agora, disse o Sem-Ventura, podes tu continuar a trabalhar com a lima; desembaraça-te dos ferros que te algemam as pernas. E quando estiveres completamente livre...

— Lanço-me á agua pela portinhola?

— Sim.

E o Sem-Ventura subiu para a coberta. Calculára que Adomo precisaria trabalhar pelo menos durante um quarto de hora para se desembaraçar das algemas, e, portanto, não havia tempo a perder.

O Gorgulho tinha-se dirigido sem affectação para uma das lanchas suspensas nos flancos do navio. Em seguida saltára para ella e assentára-se dentro a fumar.

Josué passou dahi a pouco a pequena distancia do Gorgulho, e, vendo-o dentro da lancha, perguntou-lhe bruscamente:

— Que fazes tu ahi?

— Não tenho somno, respondeu o Gorgulho, e, estou melhor aqui nesta lancha do que na coberta. Gosto deste balanço.

— Se o capitão te visse ahi, tinhas castigo certo.

— E' possível respondeu o Gorgulho; mas o tenente não é como o capitão... o tenente é um bom homem.

— Julgas isso? resmungou Josué.

— E não extranha que a gente nova goste de se devertir...

— A's vezes...

— Mas o tenente não se diverte agóra muito.

— E tu que sabes?

O Gorgulho apontou para o pharol avermelhado da fragata, que crescia sempre, e replicou:

— Sei, sei. Está além uma estrella que lhe dá algum cuidado, não é verdade?

— Palavra de honra, murmurou o immediato, que dava de bom grado uma parte dos beneficios da viagem, para que o maldito principe negro não estivesse a bordo.

— Sim?

— E' como te digo.

— Então porque não o põe fóra daqui?

— Porque o capitão não quer.

— Atire-o ao mar.

— Não, disse Josué, porque morreria; e os nossos males não provêm d'elle directamente, mas sim da má acção que o capitão praticou.

— Isso quer dizer, tornou o Gorgulho, que era bom que o principe pudesse escapar-se...

— Sim.

— Sem que o tenente para isso concorresse.

— Exactamente.

— E que elle fosse tão bom nadador, que chegasse á costa são e salvo.

— E' isso sem tirar nem pôr, respondeu com toda a condescendencia o immediato.

— Pede bastantes coisas, meu tenente! disse uma voz na retaguarda de Josué.

O immediato voltou-se bruscamente e viu o Sem-Ventura junto d'elle.

— Sim... suspirou Josué; mas como todas são impossiveis, continuará o enguiço a estar a bordo do «Fowler».

— Quem sabe? murmurou o Sem-Ventura.

— Tens algum meio de conseguir essas coisas, tu? disse o immediato em ar de escarneo.

— Póde ser... respondeu o Sem-Ventura. Bem sabe que... fui saltimbanco.

— Sim.

— Que tenho o meu tanto ou quanto de feiticeiro...

— Estas brincando!

— Tanto não estou, tornou o Sem-Ventura, que, se consente em afastar-se d'aquele por espaço de um quarto de hora apenas...

— Que farás?

— Acharei meio de esconjurar o enguiço. Sei para isso umas certas palavras magicas...

— Farçola! disse Josué sorrindo.

E afastou-se docilmente.

Então o Sem-Ventura saltou de um pulo para dentro da lancha, onde já se achava o Gorgulho e disse para este:

— Está tudo prompto?

Roubei ao cozinheiro uma porção de biscoute e duas garrafas de rhum, respondeu o Gorgulho, cujo primeiro pensamento era sempre para a comesana.

— Arma os remos. Bem. Agora toca a desprender a lancha!

Nesse momento ouviu-se um ruido surdo. Era o principe Adomo que se lançava a nado.

— Solta! disse o Sem-Ventura em voz baixa para o Gorgulho.

Os dois laços que prendiam a lancha aos «turcos» foram corridos ao mesmo tempo e a pequena embarcação caiu na

agua, enquanto que o «Fowler» continuava a sua derrota a todo o panno...

— Andem lá, meus meninos, murmurava Josué, que não me comeram por tolo!

E o immediato seguia com o olhar, apesar da profunda escuridão da noite, o negro que nadava vigorosamente para a lancha, e a pequena embarcação, que o Sem-Ventura e o Gorgulho governavam como se fossem velhos marinheiros.

Josué viu o principe negro saltar para dentro da lancha.

— Agora tudo vae bem, murmurou elle então. O enguiço já lá vae... Deus o leve para onde não faça mal.

— Mas é preciso que todas as acções tenham condigna recompensa, disse uma voz junto d'elle.

Era o capitão, que puzera a carabina á cara e apontava para o Sem-Ventura...

XXVIII

A lancha, logo que caiu na agua, esteve a ponto de submergir-se, agitada pelos embates da corrente estabelecida pelo andamento do navio. Durante alguns momentos as ondas passaram por sobre as cabeças dos dois rapazes.

O Gorgulho, porém, que era extremamente preguiçoso quando não corria perigo algum, punha de parte a sua indolencia habitual quando se tratava de salvar a vida.

De mais, era marsehez; e toda a gente sabe que o povo marsehez é intelligente, activo quando é preciso, muito zeloso do seu bem estar, e conhecedor dos trabalhos do mar, ao qual deve tudo.

O marsehez é o primeiro marinheiro do mundo.

Tão bem governou o Gorgulho a lancha que conseguiu safal-a da impetuosa corrente, sem que se virasse. O principe Adomo lançára-se ao mar pela portinhola nadava na direcção da lancha.

O Sem-Ventura ia ao leme.

Foi no momento em que o principe saltava para a lancha que o capitão apontou a carabina.

O «Fowler» já ficava longe; mas a carabina era de grande alcance e o capitão tinha muito certeza pontaria.

No momento em que brilhou a bordo do «Fowler» o clarão do tiro, o Sem-Ventura deu um grito, e caiu de braços dentro da lancha.

— Com um milhão de mil trovões! exclamou o Gorgulho correndo para o amigo.

— Oh! como são infames aquelles homens brancos! murmurou o principe negro erguendo as mãos para o céu.

O Sem-Ventura estava sem sentidos e banhado em sangue.

(Continúa.)

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE
XXVII

Duas novas detonações se ouviam ainda, e duas balas sibillaram successivamente; mas passaram dois palmos acima da cabeça de Adomo e do Gorgulho.

Este ultimo, apesar de ser pouco sensível, murmurou:

— Pobre Sem-Ventura! Ah! está mais uma vez justificado o nome que usa!

O «Fowler» afastava-se rapidamente, o pharol da fragata continuava a brilhar no horizonte, e a lancha, governada agora sómente pelo Gorgulho, fluctuava sobre as aguas.

O principe negro inclinára-se sobre o corpo do Sem-Ventura e examinava-o attentamente.

— O ferimento é no hombro, disse elle por fim.

E fez-lhe jogar a articulação do braço.

— Mas não tem gravidade, accrescentou elle.

O Gorgulho havia-lhe dado um lenço, com o qual o principe, depois de haver estancado o sangue, vendou fortemente a ferida para impedir a hemorragia.

O pharol da fragata via-se cada vez mais clara e distinctamente. O Gorgulho, fazendo esta observação, exclamou:

— Ah! se ella passasse tão perto de nós que pudesse recolher-nos a bordo!

O principe negro havia pegado na garrafa de rhum, e, approximando-a dos labios do ferido, fizera-lhe beber algumas gottas do liquido.

O Sem-Ventura reanimou-se a pouco e pouco.

— Viva a Canebière! exclamou o marsehez.

O principe não comprehendeu, mas sorriu e disse:

— Sinto a bala debaixo dos dedos. Se tivesse um pedaço de madeira de bambú, faria com um canivete um pequeno instrumento para a extrahir.

O Sem-Ventura abriu os olhos, e murmurou:

Onde estou eu?

— Estás salvo, e nós tambem! respondeu o Gorgulho. O «Fowler» já vae longe.

Estas poucas palavras trouxeram as recordações ao espirito do Sem-Ventura.

— Ah! disse elle. Mas como é que eu estou ferido?

— Foi uma das ameixas que o «Fowler» nos enviou de presente. Vieram ainda mais duas, destinadas uma para o principe e outra para mim. Ma passaram-nos acima da cabeça. Fomos mais felizes do que tu.

— Se eu não tenho ventura! disse o pobre rapaz com tristeza. Mas embora!

tenho força de vontade. Ao menos conseguí o que tão ardentemente desejava. Já não estamos a bordo do infame «Fowler»!

— Que decerto já está longe, concluiu o Gorgulho.

— E a fragata vae-se approximando, accrescentou o principe Adomo. Soffres muito, meu amigo?

— Sim... respondeu o Sem-Ventura. Parece que tenho o hombro em fogo!

— Tranquillisa-te, tornou o principe. O ferimento não é mortal. Logo que consigamos chegar á costa, collocarei sobre elle uma herva pisada, cuja virtude é soberana e infallivel.

O Sem-Ventura, que não tinha muita fé na medicina dos negros, respondeu:

— Antes queria que nos avistassem os da fragata, nos recolhessem, e tratasse de mim o cirurgião de bordo!

Apesar do ferimento, o Sem-Ventura quiz conservar-se em pé. Emquanto que o principe negro lançava mão dos remos, e que Gorgulho dirigia o leme, o ferido começou a agitar um lenço em guisa de signal.

A noite, porém, estava escura. Admittido mesmo que o leme fosse visto de bordo da fragata, o que era pouco crível, podia julgar-se que eram as azas de uma gaivota esvoaçando á flor da agua.

O Gorgulho era homem de precauções. Duas horas antes, havia levado para a lancha a pouco e pouco, á surdina, umas poucas de coisas: biscoito, duas garrafas de rhum, uma peça de carne surripada na cozinha, um pequeno archote, um pedaço de isca, pedra e fusil, etc.

— Deixa estar que eu faço com que nos vejam! disse o marsehez.

E, abandonando o leme por um momento, accendeu o archote. Uma chamma azulada se elevou então da lancha. Semelhava a um desses peixes de escamas phosphorescentes, que de noite apparecem á superficie das vagas.

Mas logo em seguida se ouviu ao longe uma detonação, e alguma coisa passou sibillando por sobre a cabeça do principe negro. O Gorgulho mergulhou vivamente na agua o archote, e murmurou:

— O «Fowler» já vae longe; mas em todo o caso é mais prudente não servirmos de alvo á carabina do capitão.

O pharol da fragata via-se agora tão distinctamente, que o Gorgulho, habituado á vida do mar, desde pequeno, calculou pela simples vista, que o navio de guerra devia estar naquelle momento á distancia muito menor de duas milhas da lancha.

Durante meia hora, o Sem-Ventura e os seus dois companheiros abrigaram a esperanza de ver passar a fragata tão perto, que pudessem vir á fala com a tripulação della, que de certo os recolheria a seu bordo.

Depressa porém perderam essa esperanza; o pharol começou a diminuir de diametro a pouco e pouco, e a fragata afastou-se da mesma fórma que se afastára o «Fowler».

O vento havia refrescado; a lancha dansava de onda e monda. O vento impellia-a para a costa.

Durante toda a noite, perdidos entre o céu e a agua, no meio de escuridão profunda, o Sem-Ventura e os seus dois companheiros lutaram contra a borrasca.

Depois um frouxo clarão illumjnou o céu ao oriente, e o dia começou a apparecer.

Ao longe via-se, mal distincta ainda, a costa de Africa, meio perdida entre as brumas da madrugada. O vento serenou a pouco e pouco.

— Estamos salvos! exclamou o principe negro, que durante toda a noite não havia largado os remos.

Apesar de soffrer muito, o Sem-Ventura quiz render o Gorgulho ao leme.

— Safa! murmurou este. Vamos almoçar?

— Nunca te falta o appetite, murmurou o Sem-Ventura sorrindo melancolicamente.

— Se vivemos, é para comer, respondeu o Gorgulho.

E, indo buscar a peça de carne, o rhum e o biscoito, collocou tudo junto do companheiro que continuava a ir ao leme.

O principe negro contemplava com olhos avidos a costa d' Africa, que se tornava mais distincta á medida que augmentava a claridade do dia.

— Voltarei ao meu paiz, dizia elle com enthusiasmo; sublevarei os guerreiros da minha tribu, os velhos guerreiros que acompanharam meu pae em todas as batalhas; dir-lhes-ei como fui atraído por meu irmão; e elles hão de fazer-me rei.

Ao mesmo tempo murmurava o Sem-Ventura:

— Mais tarde ou mais cedo hei de achar um navio qualquer que me conduza para a Europa, e tornarei a ver a minha querida Bastinguette.

O Gorgulho comia, o que equivale a dizer que nem pensava, nem falava.

O «Fowler» e a fragata haviam desaparecido. O mar estava agora tranquillo; a lancha era brandamente impellida para a costa por suave brisa.

Os tres companheiros começavam a distinguir as altas montanhas, umas azuladas como o oceano, outras mais escuras, e outras ainda quasi negras.

O ferimento fazia soffrer muito o Sem-Ventura. O pobre rapaz não podia reprimir um gríto, quando ás vezes o balanço o lançava contra as pranchas da lancha.

— A Africa está proxima, dizia-lhe então o principe Adomo, e sobre a terra d' Africa ha plantas maravilhosas que curam. Cõheço-as eu.

De subito o Gorgulho, que levára a garrafa de rhum aos labios, pousou-a bruscamente e exclamou, estendendo a mão para o sul:

— Ouvem?

Um ruido surdo ribombava com effeito ao longe, no alto mar.

— E' o troar do canhão, disse o Sem-Ventura.

— Vejam! vejam! exclamou o principe negro, que se havia posto em pé sobre a bancada da lancha para vêr mais ao longe.

— Que é? perguntou o Sem-Ventura.

— Dois navios que se dão caça.

— Hurrah! exclamou o Gorgulho, que havia embarcado tambem um binoculo na lancha, é a fragata que dá caça ao infame «Fowler». Hurrah! Hurrah! pela fragata!

E dirigiu o binoculo para o theatro do combate.

XXIX

O espectáculo que então se apresentou aos olhos do Sem-Ventura e dos seus dois companheiros era grandioso.

O «Fowler» fugia sempre; mas a fragata não cessava de perseguil-o.

De minuto a minuto produzia-se nos flancos dos dois navios um relampago, seguido de uma nuvem de esbranquiçado fumo, e passados poucos segundos ouvia-se o ribombo de um tiro de canhão.

O negreiro fugia desesperadamente, e diligenciava approximar-se da costa, com o intuito de se abrigar em alguma bahia de pouco fundo, para onde a fragata se não ativesse a avançar.

O Sem-Ventura, por seu turno se havia apoderado do binoculo, e seguia as peripecias daquella scena extraordinaria, viu que o «Fowler» dirigia a sua rapida marcha na direcção da lancha, e exclamou:

— Cuidado connosco! O «Fowler» vem sobre nós!

O Gorgulho aproou immediatamente para o sudoeste, e o principe Adomo começou de novo a remar com vigor.

Mas de subito a lancha foi impellida por uma corrente que se dirigia do alto mar para a costa. Tornaram-se então inúteis os remos, e só o leme funcionou.

A lancha foi como que arrastada para a costa com vertiginosa rapidez, emquanto que o «Fowler», que havia mudado de direcção, se afastou de novo, perseguido sempre pela fragata.

O Sem-Ventura, em pé, á pópa, não perdia um unico detalhe da luta.

O «Fowler» respondia a cada tiro de canhão da fragata com um outro tiro de canhão.

— O negreiro está desesperado, murmurou o Gorgulho. Ha de vender cara a vida.

— Agóra vejo distinctamente o que se passa na coberta, disse o Sem-Ventura, olhando pelo binoculo. O capitão está no seu posto de commando; os marinheiros têm todos uma pistola em uma das mãos, e o sabre da abordagem na outra.

— O demónio do capitão é capaz de pensar em aprisionar a fragata, disse o Gorgulho.

— Que loucura! murmurou o Sem-Ventura.

— Em todo o caso não é homem que se deixe cair vivo em poder do inimigo, tornou ainda o Sem-Ventura.

A fragata conseguira varrer com as suas balas quasi toda a mastreação do

— O capitão está arengando á equipagem, disse o Sem-Ventura passados alguns momentos. Provavelmente está-a dispondo para receber a abordagem da guarnição da fragata.

— Vencer ou morrer! exclamou o Gorgulho.

Pela manobra que nesse momento se executava á prôa do «Fowler», deprehendia-se que o capitão dos cabellos louros estava resolvido a defender-se a todo o transe.

A fragata, porém, não lhe deu a honra de uma abordagem; demorou um pouco a sua marcha a meia distancia de tiro de canhão, e, voltando sobre si mesma, fez fogo com as suas duas baterias sobre o «Fowler», crivando-lhe de balas o casco.

Depois afastou-se magestosamente. O «Fowler» fazia agua por todos os lados.

O Sem-Ventura e os seus dois companheiros viram-n'o submergir-se a pouco e pouco, e ir a pique ao som sinistro dos clamorosos gritos de terror da sua mutilada equipagem.

A fragata continuava a sua derrota tranquillamente, depois de haver destruido o abutre dos mares, chamado «Fowler».

No entretanto a lancha era rapidamente impellida para a costa, cujos penhascos escarpados a pouco e pouco se elevavam.

O principe Adomo, consultando as suas recordações, procurava orientar-se e reconhecer o ponto da costa, a que iam aportar.

De repente exclamou: — Já sei...

— Ah! disse o Gorgulho; conhece aquella parte da costa?

— Sim; fica a dez leguas pouco mais ou menos ao sul dos limites do reino de meu irmão.

— E a quem pertence o paiz, a que vamos abordar?

— Vamos pôr pé em terra de inimigos meus, disse o principe.

— Muito obrigado! exclamou o Gorgulho. Vão comer-nos.

O Sem-Ventura sorriu e disse para o marselhez:

— Tens muito medo de morrer!

— Não é de morrer que tenho medo, respondeu o Gorgulho; é de ser feito de fricassé...

O principe continuava a examinar a costa.

— Comtudo, disse elle por fim, os nossos inimigos estão longe da beira-mar; vivem no interior das terras. A costa é deserta. Seguindo-a sempre poderemos acabar de um dia de marcha chegar ao reino onde meu irmão governa.

— Nada, nada, replicou o Gorgulho; nesse caso prefiro ficar eu na lancha. Para andar muito ninguem me convide.

Adomo olhou para o Sem-Ventura e perguntou-lhe:

— Faz-te ainda soffrer muito o ferimento, irmão?

O Sem-Ventura tentou negar; mas no rosto pallido e contraído, transpareciam-lhe evidentes signaes de que soffria muito.

— E' preciso que te cures, disse o principe. Isso não pôde continuar assim.

A lancha nesse momento não estava a distancia maior do que um quarto de milha da costa. A corrente submarina parecia começar a affrouxar, porque a pequena embarcação avançava agora vagarosamente.

Adomo lançou de novo mão dos remos, e começou a manear-os vigorosamente.

Meia hora depois a lancha deslisava docemente por sobre um leito de arêa entre dois penhascos.

Milhares de passaros de todas as côres e feições estavam pousados sobre os rochedos, e voaram soltando agudos gritos logo que viram a lancha.

— Eis a melhor prova, disse o Sem-Ventura, de que a costa não costuma ser, neste ponto, frequentada por homens.

Adomo amarrou solidamente a lancha uma das pontas salientes da penedia.

— Vamos! A terra! disse elle, saltando para a arêa.

O Gorgulho, porém, ficou immovel.

— Estou bem aqui, disse elle. Eu fico.

— Como assim? disse o Sem-Ventura; não queres vir connosco?

— Não, respondeu o Gorgulho; ainda alli tenho carne, biscoitos e rhum...

Adomo pareceu hesitar.

— Fica então com o teu amigo, disse elle para o Sem-Ventura, e espera-me até ao pôr do sol. Vou em busca das plantas que hão de curar-te.

E antes que o ex-saltimbanco tivesse tempo de o demorar, saltou para os penhascos e começou a preparar por elles com a agilidade de um gato ou de um macaco.

Os dois rapazes viram-no desaparecer por entre as rochas, e então o Gorgulho que era sceptico, voltou-se para o Sem-tura e disse-lhe:

— Está-me parecendo que o preto caçou connosco.

— Porque?

— Porque estou convencido de que não torna mais a apparecer-nos...

— Pois eu estou convencido exactamente do contrario, disse o Sem-Ventura. Eu, que tenho vivido com elle em intimidade, sei que é tão leal como bondoso.

— E' possível; mas se os negros que habitam nestas paragens o fizerem prisioneiro?

— Dir-lhes-á como foi infamemente atraído pelo irmão, e a indignação

tornará amigos delles os pretos até agora inimigos.

— Tu és dos que têm confiança em tudo e em todos, disse o Gorgulho encolhendo os hombros.

— E achas que me tenho dado mal com isso até agora? perguntou o Sem-Ventura sorrindo. Se tivéssemos ficado a bordo do «Fowler»...

— Com um milhão de mil trovões! estavam os peixinhos a esta hora de volta connosco...

— E' verdade... E comtudo estamos aqui vivos, e livres, replicou o Sem-Ventura.

— Vivos e livres, sim, tornou o Gorgulho; mas com viveres apenas para um dia, e perdidos em terra de antropophagos. Diz-me lá: não tens medo de ser comido pelos pretos?

— Não, respondeu o Sem-Ventura. E' susto que ainda não tive.

— Pois bem, insistiu o marselhez; mas quando mesmo o principe negro volte a ter connosco, de que nos servirá isso?

— Iremos com elle para o seu paiz.

— Onde o irmão nos fará esquarterar, e pôr de conserva, não é assim?

— Não, homem. Pois não sabes que o principe tem lá um partido seu?

— Bem. Quero conceder que esse partido ponha de escabêche o rei actual, e o faça rei a elle. Que vantagem teremos nós com isso? Seremos primeiros ministros da «pretalhada»?

— Não; mas teremos meio de ir para o Senegal e dali para a Europa.

— Acho tudo isso muito complicado, disse o Gorgulho abanando a cabeça. Parece-me que ha um meio mais simples, e com mais probabilidades de bom resultado...

— Qual é?

— E' voltarmos para o mar, seguindo ao longo da costa, e esperar que no alto mar passe um navio qualquer, a que possamos fazer signaes.

— E se do navio os não virem?

— Esperaremos que um outro passe.

— Mas porque não tens tu confiança no principe negro? perguntou o Sem-Ventura ao cabo de alguns momentos de silencio.

— Ora! quem pôde ter confiança em pretos? respondeu o Gorgulho. Daqui a pouco apparece elle por ahi com uns poucos de guerreiros e apodera-se de nós e da lancha.

— Mas para que?

— Uma lancha sempre serve para alguma coisa...

— Pois bem; mas nós...?

— Nós? Engordam-nos e comem-nos... Tu verás!

O Sem-Ventura desatou a rir, e respondeu:

— Embora; em todo o caso esperaremos pelo negro até ao pôr do sol.

E saltou da lancha para sobre a arêa.

— Onde vaes tu? perguntou o Gorgulho.

— Procurar ovos de tartaruga, respondeu o Sem-Ventura.

O Gorgulho deitou-se dentro da lancha e adormeceu, o que para elle era o melhor modo de fazer a digestão.

Horas depois estava de volta o Sem-Ventura, trazendo consigo dois ovos de tartaruga, alguns mariscos, e uma especie de caranguejo que encontrára arrastando-se por sobre a areia.

— Se queres, disse então o Gorgulho, enquanto esperamos pelo preto, que provavelmente nunca mais nos torna a apparecer, cozinharemos o nosso jantar.

Sobre os penhascos havia sargaço secco. O Sem-Ventura reuniu-o em um pequeno montão e, batendo o fusil, deitou-lhe fogo. Quasdo, porém o sargaço começava a arder, e uma azulada chamma ia brilhando ao meio de uma nuvem de negro fumo, exclamou o Gorgulho:

— Eil-os! Lá vêm os negros! vêm? vêm?

O Sem-Ventura ergueu o cabeça e viu, com effeito, meia duzia de pretos, que desciam do alto dos rochedos para a praia.

— Embarca! embarca! exclamou o Gorgulho com terror. E rememos para o largo!

O Sem-Ventura, porém, que tinha vista finissima, respondeu:

— Não te assustes... Adomo vem com elles.

— E' o que eu temia, disse o atrapalhado marselhez. Foi buscal-os para nos comerem... tu verás...

E fazia grandes esforços para desamararrar a lancha.

A esse tempo, porém, os negros já estavam na praia, com Adomo á sua frente...

XXX

O Sem-Ventura nem por um só momento partilhara o terror do Gorgulho. Mas quando mesmo assim não fosse, teria depressa tranquillizado.

Como effeito, o principe negro tinha o rosto sereno e risonho como sempre, e os seis negros que o acompanhavam, mostravam ter por elle profundo respeito.

O principe trazia ao hombro um pequeno sacco feito de casca de palmeira, e os negros que o acompanhavam traziam cada um um outro igual.

Os saccos, ao que parecia, estavam cheios de provisões.

O principe, que saíra quasi nú e sem armas da lancha, voltava agora com uma especie de saial de seda escarlata apertado na cintura, um grande chapéu de palha na cabeça, um punhal á cinta, e uma carabina de origem ingleza debaixo do braço.

Os negros que o acompanhavam estavam tambem armados, á excepção de um que parecia ser já muito velho, e cujos cabellos eram completamente brancos.

O principe Adomo saltou aos braços do Sem-Ventura; depois, apontando para elle, dirigiu algumas palavras aos outros negros em lingua desconhecida.

(Continúa)

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE
XXX

O Sem-Ventura compreendeu que o príncipe negro lhe estava tecendo elogios, e que os negros o contemplavam com grata admiração.

O Gorgulho não estava ainda tranquilo. Contudo a inquietação, de que estava possuído, diminuiu um pouco, logo que os negros despejaram dentro da lancha os seus saccos de casca de palmeira. Uns continham farinha de páu, outros arroz, e outros umas aves semelhantes aos patos da Europa.

Dentro do ultimo havia grande porção de polvora e balas.

O príncipe contou então aos dois francezes as suas aventuras do dia.

Logo que chegára ao alto dos penhascos procurára orientar-se, e certificára-se de que se achavam em territorio pertencente á tribu, inimiga daquella, a cujos destinos seu irmão presidia.

O príncipe começou desde logo a procurar a planta benéfica, cujo succo cicatriza promptamente as feridas, sobre tudo aquellas que são produzidas por armas de fogo.

De subito porém parára, tremulo, palpitante de commoção... Chegára-lhe aos ouvidos um ruido que lhe era muito familiar, cujos ecos mal distinctos o vento lhe trazia de espaço a espaço... Ouviam-se ao longe os sons de uma flauta de bambú, combinados com os de um tambor coberto por uma pelle de serpente.

Era a musica militar da sua tribu!

Adomo julgava estar sonhando; depressa porém se convenceu de que o não illudiam os ouvidos.

Os sons que estava escutando partiam do fundo de uma floresta que se estendia a algumas centenas de passos na sua frente, e para a qual o príncipe se dirigiu logo.

Guiado sempre por aquella musica, que tão agradáveis recordações lhe despertava, em breve chegou á entrada de uma clareira...

Ahi parou, offegante, com o coração a palpitar de commoção, e como que fascinado pelo espectáculo que se lhe offerencia aos olhos deslumbrados.

Ao meio da clareira erguiam-se tres grandes choupanas, feitas com hastes de bambú. No alto de uma dellas, da maior, fluctuava um pedaço de estofado e seda encarnada que era nem mais nem menos do que a sua propria bandeira.

A porta dessa choupana viam-se uns trinta negros armados, rodeando uma creança, que se achava assentada em uma especie de estrado coberto com um outro retalho de seda encarnada.

Junto da creança, uma mulher estava em pé, e cantava com acompanhamento

do tambor, um canto extranho e monotonico, cuja letra pôde traduzir-se do seguinte modo:

«Não, não morreu o guerreiro invencível, deante de quem fugiam os inimigos espavoridos; não morreu, e ha de voltar...

«Não, não succumbiu na luta com os «faces pallidas» do navio; afirma-o a prophetisa que reside nas cavernas abertadas pela natureza, no tronco do baobah, e a prophetisa nunca mentiu.

«Adomo foi atraído pelo irmão, e os guerreiros, que a este obedeciam, revoltaram-se e pegaram em armas. Indignados por tão infame e negra acção, não quizeram por mais tempo respirar o ar corrupto pela deslealdade, nem pisar a terra deshonrada pela traição, e abandonaram o paiz em que nasceram, para virem viver no meio destas florestas virgens e independentes.

«Aqui hão de esperar com confiança o regresso do príncipe Adomo, que cedo ou tarde ha de voltar... Disse-o a prophetisa...

«Emquanto, porém, esse dia venturoso não chega, será o seu filho educado no espirito da vingança, que é paixão protegida pelos nossos deuses... enquanto o filho de Adomo crescer e se fizer homem, e que seu pae não haja voltado, ha de elle vingal-o!

Este canto extravagante dizia eloquentemente o que se passára.

Debalde havia o rei negro tentado vencer o seu povo de que Adomo fôra victima de uma traição do capitão dos «faces pallidas». Uma prophetisa desmentira essa asserção e gritára, alto e bom som, que o traidor fôra o proprio rei.

Então a mulher de Adomo quizera chamar a si o povo e a nobreza, e revoltal-os contra o soberano. O povo fôra indifferente ao appello.

Alguns nobres, porém, alguns guerreiros que amavam Adomo e partilhavam ás suas idéas avançadas, haviam-se reunido em torno da princeza, e da creança, filha do príncipe Adomo, e tinham emigrado.

O paiz que o príncipe negro designára aos seus amigos da lancha como sendo habitado por uma tribu inimiga da sua, fôra pouco tempo antes abandonado por ella.

Os guerreiros seus partidarios tinham-se alli estabelecido tranquillamente havia quatro dias, e tratavam de lançar os fundamentos de uma nova colonia naquelle ponto.

Emquanto estivera cantando aquella mulher, que era a sua, Adomo conservára-se á distancia, escondido por detrás do gigantesco tronco de um baobah, e tinha os olhos inundados de lagrimas.

Mas quando o canto cessou, não pôde conter-se; arrojou-se como um raio ao meio dos seus guerreiros fieis, pegou com frenetico transporte no filho e conservou-o por largo tempo estreitado ao coração.

Os guerreiros, entusiasmados, exclamavam:

—A prophetisa do baobab nunca mentiu!

Adomo, porém, era um homem leal; depois de ter consagrado algumas horas ás expansões da sua alegria, recordára-se dos dois «faces pallidas», que o haviam restituído á liberdade, e cujo destino elle partilhára.

Descrevêra com vivas côres o que o Sem-Ventura e o Gorgulho naviam feito por elle, e o seu pequeno povo exclamára em côro:

—Devemos ir procural-os. Tratal-os como irmãos, e ás horas de comer terão entre nós o logar de honra!

Adomo partira, levando consigo os mais considerados dos seus subditos, e o velho dos cabellos brancos, medico celebre da tribu.

—Irmãos, disse elle para os dois francezes logo que concluiu a narração, venho saber qual o partido que querem tomar. Atormenta-os por ventura o desejo ardente de voltarem á patria? Eis aqui viveres, polvora, balas e armas. Partam, e que felizes ventos lhes bafegem a fragil lancha, que me trouxe vivo e livre ao seio dos meus irmãos.

«Preferem viver debaixo do meu tecto, partinar a minha ventura e o meu poder? Fiquem... e venham commigo.

O Sem-Ventura e o Gorgulho dirigiram um demorado olhar para o mar... Nem uma vela se divisava naquella infinita solidão das aguas...

—Que te parece? disse o Sem-Ventura.

—Eu te digo, respondeu o Gorgulho; os viveres depressa se acabam quando a gente anda no mar...

—Sim, mas poderíamos talvez encontrar um navio qualquer...

—Mas suppõe que esse navio ia para as Indias... Que lucravamos nós com isso?

E os dois francezes ficaram silenciosos por momentos, como quem medita profundamente.

—Se eu tivesse a certeza, disse por fim o Gorgulho exprimindo-se em francez para não ferir as susceptibilidades do príncipe negro, de que esta «pretalhada» não tinha um bello dia a fantasia de nos comer...

O Sem-Ventura encolheu os hombros.

—No fim de tudo, continuou o Gorgulho depois de uma pequenina pausa, o que me parece melhor é ficar, e procurarmos ir na primeira occasião para o Senegal por terra...

—Pois seja assim, disse o Sem-Ventura, que nem por um momento deixava de pensar em Basttinguette.

—Está então resolvido que ficamos? perguntou ainda o Gorgulho.

—Sim! respondeu o Sem-Ventura suspirando.

... ..
Ao chegar a este ponto, o mancebo, conhecido agóra pelo nome de Godefroy, interrompeu a sua narração.

O sol entrava já pelas janellas do «boudoir» da cantora, e brincava alegremente

nas tapeçarias das paredes, e no tapete de enramados florões.

A cantora, que em outro tempo usára o nome de Bastinguette, pegou nas mãos do mancebo, e disse:

—Agóra vamos almoçar. Ao mesmo tempo poderás concluir a tua historia.

—Minha senhora... balbuciou envergonhado o pobre rapaz.

A cantora, porém, deitou-lhe os braços em roda do pescoço, e exclamou:

—Minha senhora! Então já não és Sem-Ventura? E não sou eu tambem a tua querida Bastinguette?

Godefroy tinha os olhos rasos de lagrimas.

XXXI

A cantora tocou uma campainha, e logo em seguida appareceu um creado de libré, a quem ella deu algumas ordens: Depois, voltando-se para o Sem-Ventura, perguntou:

—Onde moras?

—Em Montmartre, respondeu elle.

—Ha quanto tempo vives em Pariz?

—Ha dois annos.

—Mas não sabias então que eu tambem aqui vivia?...

—Ah! disse o mancebo com commoção; seio-o apenas ha oito dias, e ha cinco que revolvo céu e terra para vir aqui... Esperava não ser reconhecido.

—Ingrato! ingrato! exclamou ella. Duvidaste do meu coração!

O ex-saltimbanco ergueu para ella um olhar terno e ao mesmo tempo timido, e murmurou:

—Ha uma tão grande distancia entre a «diva» Paqueta e a pobre Bastinguette!

—Tonto! disse ella rindo. Estou então mais feia?

—Oh! balbuciou elle baixando os olhos. Poderia eu pensar semelhante coisa?

A cantora levantou-se, e dirigindo-se para elle beijou-o na testa.

—Adivinho o que se passa no teu espirito, disse ella sorrindo; mas não quero dar-te explicação alguma sem que concluas a narração das tuas aventuras.

—Mas depois? perguntou elle com voz tremula.

—Verás... verás... respondeu ella.

E, offerecendo a mão ao Sem-Ventura, conduziu-o para a sala de jantar, que estava adornada com riqueza e gosto extremos.

—Vamos almoçar em «tête-à-tête», disse ella, como dois namorados... de outro tempo.

E, sorrindo, ameaçou com a mão formidissima o ex-saltimbanco, que baixou a cabeça, suspirando e empallidecendo.

Bastinguette limpou furtivamente uma lagrima que se escapou dos seus grandes olhos azues escuros, e disse com precipitação:

—Vamos, vamos ao fim da historia...

O Sem-Ventura retomou o fio da sua narração:

O principe Adomo fizera desde logo do Gergulho e do Sem-Ventura seus amigos e seus conselheiros intimos.

O Sem-Ventura era ingenuo e o Gorgulho preguiçoso; comtudo eram europeus; tinham uma certa instrucção e podiam, portanto, ser um grande auxilio para o pobre monarcha negro, que ia tratar de conquistar um reino.

Adomo queria, logo nessa noite, pôr-se á testa do punhado de homens de que podia dispôr e marchar ousadamente a combater com as tropas do irmão. Foi o Gorgulho quem o dissuadiu de tal proposito.

O marseizez alliava á preguiça uma grande prudencia; eram estas duas as suas mais caracteristicas qualidades. Depois de haver pedido ao principe que o informasse sobre quaes eram as forças, de que podia dispôr o rei negro que tinha a combater, declarou que o principe Adomo, apesar de toda a sua valentia, seria batido, feito prisioneiro e comido, assim como os seus guerreiros pretos e os seus dois amigos brancos. E esta perspectiva não lhe sorria, a falar a verdade.

A estas reflexões respondia Adomo: — Basta que eu appareça, para que o paiz se revolte em meu favor.

A isto respondia o Gorgulho: — E' possivel... mas não é certo. Nunca fiando...

Nas tribus que habitavam a costa septentrional da Africa, ha certos negros, que são tidos em conta de santos, isto é, passam de uma tribu para outra, de um campo amigo, para um campo inimigo, sem que deixe de ser-lhes por todos testemunhado o maior respeito.

Estes negros são musicos domesticadores de serpentes.

A serpente é uma das divindades que os negros adoram.

O homem que brinca descuidosamente com aquelles perigosissimos reptis, cuja mordedura mata, é considerado superior aos outros homens, é protegido pelos deuses e está ao abrigo das paixões humanas. Desta creença provém o respeito que todos lhe consagram.

Adomo havia contado isto ao Sem-Ventura e ao Gorgulho. Este, que tinha o espirito engenhoso dos marseizezes, disse para o principe negro:

— Recordas-te de que, quando lutavamos com as ondas, nos dizias que tinhas horror ao sangue?

— Sim, respondeu Adomo. Mas ás vezes não ha meio de conseguir o que é justo sem que se derrame o sangue dos nossos irmãos. E' o unico meio que eu tenho de lançar fóra do throno de meu pae o homem que me atraçou e que por isso é indigno de o ocupar.

— Pois bem! replicou o Gorgulho. Se queres seguir os meus conselhos, terás meio de derramar muito menos sangue.

Fala, homem branco! disse Adomo com voz grave.

O marseizez aconselhou então o principe que desse presentes valiosos a dois domadores de serpentes, que no dia anterior tinham vindo pedir hospitalidade á choupana de Adomo, e que os enviasse como exploradores ao reino de seu irmão.

Os pretendidos santos annunciariam o milagroso regresso de Adomo e prophetisariam que os deuses haviam de escolhel-o para reinar sobre aquelle povo.

Esta combinação pareceu agradar ao principe negro, que tratou immediatamente de escolher os presentes, com que havia de brindar os dois domesticadores de serpentes, a quem ensinou a lição. No dia immediato partiram elles.

Passaram-se oito dias. Ao cabo desse tempo foi uma noite a pequena colonia acordada em sobresalto por um ruido de tambores e de flautas.

O principe levantou-se á pressa e viu a choupana rodeada de guerreiros, á frente dos quaes estava um homem, em quem reconheceu um dos mais ricos e dos mais poderosos personagens do reino de seu irmão.

— Viva o rei Adomo! gritou este homem.

— Viva o rei Adomo! repetiram os guerreiros que lhe obedeciam.

Os domesticadores de serpentes tinham conscienciosamente cumprido o que haviam promettido a Adomo. Tinha anunciado o regresso do principe, e o povo, julgando vêr nesse regresso o effeito de uma decidida protecção da parte dos deuses, havia-se revoltado em favor de Adomo.

— Mil trovões! exclamou o marseizez esfregando as mãos. Hão de convir que dêi um excellente conselho a sua majestade.

O Sem-Ventura e o Gorgulho tiveram de acompanhar o principe Adomo.

Este reuniu logo em torno de si o seu pequeno exercito, entou o seu canto de guerra, e partiu ao amanhecer com a musica na frente, se musica pôde chamar-se ao horrivel charivari produzido pelos sons da flauta de bambú, casado com as descompassadas pancadas, que um gigantesco negro batia no tambor de pelle de serpente.

Durante uma duzia de leguas caminharam como em marcha triumphal. Os negros espalhados pelos valles e pelas florestas, abandonavam um a um os covis, em que habitavam, e vinham incorporar-se no exercito do principe, gritando desesperadamente:

— Viva o principe Adomo!

Alguns lançavam para o Sem-Ventura e para o Gorgulho um olhar de curiosidade.

O marseizez estremeia e dizia ao ouvido do ex-saltimbanco:

— Estes demonios deitam-nos cada olho! Parece que lhes cresce agua na bocca...

Olha que, se pudessem, enterravam-nos o dente...

A afeição porém que o novo rei testemunhava aos dois francezes forçava os gastronomos a moderarem os seus impetos antropophagos, e o Gorgulho começava a respirar mais livremente.

A primeira povoação que encontraram rendeu-se como um só homem; depois uma segunda, e depois ainda uma terceira. Adomo dizia alegremente para os seus dois amigos brancos:

— Verão que hei de subir ao throno, sem que seja necessario derramar uma gotta de sangue!

E, ao mesmo tempo que caminhavam, o principe negro ia expondo ao Sem-Ventura as suas theorias politicas:

O primeiro passo que tencionava dar, logo que se sentasse no throno dos seus antepassados, era abolir a escravidão e prohibir que se comesse carne humana; em seguida, substituiria a musica de flauta e tambor de pelle de serpente por trombetas de cobre, eguaes ás que tinham os principes de Sudan, que comtudo eram tambem negros.

E como as povoações continuavam a render-se, o principe ia tambem ampliando as suas aspirações politicas:

Faria um tratado de alliança com o governador do Senegal, e teria em todos os rios dos seus estados uma esquadra de pirogas, que mandaria construir pelo modelo de lancha, que pertencera ao «Fowler».

— Pobre lancha! murmurava o Gorgulho por entre os dentes; quem sabe se algum dia, talvez depressa, nos julgaremos bem felizes por te encontrarmos.

E a marcha triumphal continuava.

O principe Adomo chegou enfim com o seu exercito á margem de uma larga ribeira, a qual em certos pontos podia ser atravessada a váo.

As duas margens estavam povoadas de grandes arvores, cuja folhagem era quasi impenetravel.

Comtudo o Sem-Ventura e o Gorgulho julgaram ver por detraz das arvores uma grande multidão de negros.

O sol fez mesmo sentillar aqui e alli alguns canos de espingarda.

— Que será aquillo, Majestade? disse o marseizez para o novo rei que já estava com agua até á cintura.

E', sem duvida, alguma nova população que vem ao meu encontro para me saudar, respondeu o principe cheio de confiança, e continuando a avançar.

O principe Adomo enganava-se. Apenas o seu exercito entrou na agua, foi saudado por uma descarga de fusillaria.

— Mil milhões de mil trovões! exclamou o Gorgulho. Ainda é capaz de dizer que isto são salvas de artilheria em sua honra!

E mostrava ao Sem-Ventura uma duzia de negros, feridos em pleno peito, que se estorciam agonisantes, e que tingiam com o seu sangue as aguas da ribeira.

Por detraz das arvores estava o exercito do rei negro esperando tranquillamente o principe Adomo, e as populações revoltas em favor delle.

— Meu velho, disse o Gorgulho para o Sem-Ventura, parece-me que desta vez não teremos remedio senão batermo-nos muito a serio.

— Pois bem, bater-nos-emos, respondeu o Sem-Ventura, que não era medroso.

— Aposto que o nosso principe já não pensa em substituir o pifaro por trombetas, disse ainda o marseizez.

Uma bala que lhe sibilou a pequena distancia da cabeça, fez-lhe perder a vontade de brincar.

Levou á cara sua excellente carabina e fez fogo ao acaso. Um negro gigantesco, que se achava na margem fronteira, e que parecia ser um dos chefes do exercito inimigo, caiu para não mais se levantar.

— Bom tiro! murmurou o Gorgulho, começando logo a carregar de novo a carabina.

— Não ha remedio, disse elle em seguida para o Sem-Ventura; ou vencer, ou ser comido!

E collocando-se á frente de um troço de negros, avançou com elles para o inimigo.

XXXII

A batalha foi renhida e sanguinolenta. Prolongou-se até quasi á noite.

O principe Adomo fez prodigios de valor; os seus companheiros porém foram caindo um a um, até ficar apenas um pequeno numero delles, que se salvou fugindo.

Ao cair da tarde o principe estava quasi só com o Sem-Ventura e o Gorgulho, que nem por um momento o haviam abandonado.

O nosso heroe justificára mais uma vez o seu triste nome. Tinha o corpo coberto de feridas e de contusões; a força de vontade porém trazia-o ainda em pé a combater, apesar de ter perdido muito sangue e de estar extremamente fatigado.

Quando o principe viu perdida a sua causa, exclamou:

— Não quero cair vivo em poder de meu irmão!

E deitou a fugir, seguido sempre pelo Gorgulho e pelo Sem-Ventura.

O combate, como já dissemos, tivera logar na margem de uma ribeira de pouco fundo, e a pequena distancia do mar.

O principe Adomo, que estava longe de suppôr que o seu exercito seria desbaratado, tinha dito nesse dia pela manhã aos seus dois amigos brancos.

— Quero que esta pequena embarcação, por meio da qual sai do «Fowler» e escapei de ser escravo, seja collocada no meu palacio e coroada com os tropeus que eu tomar aos meus inimigos.

A pobre lancha, a que o principe negro reservava de manhan tão altos destinos, era agora a sua unica esperança de salvação.

(Continúa)

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE
XXXII

Dois dos seus guerreiros haviam de manhã saltado para ella, com ordem de irem navegando ao longo da costa.

Adomo calculou que os dois guerreiros, remando todo o dia, como era de supôr tivessem feito, não deveriam estar longe, e que por isso, se pudesse chegar á praia, veria logo a lancha e servir-se-ia della para fugir.

As noites nos tropicos chegam rapidamente; o dia acaba de subito ao pôr do sol, e o crepusculo dura apenas alguns minutos.

A noite pôz fim ao combate, e o principe refugiou-se com os seus dois amigos brancos entre os juncos de um pantano.

Adomo estava, como o pobre Sem-Ventura, coberto de feridas. O Gorgulho, apesar de se ter batido como um leão não havia recebido o mais leve ferimento.

Todos tres emprehenderam então uma penosa viagem através do pantano, entrando na agua lodosa até á cintura, e ás vezes mesmo quasi até aos hombros. O negro, porém, com o seu maravilhoso instincto de selvagem, evitava aos precipicios, os pontos onde a agua era muito profunda, ou o lodo perfido, e abria caminho pelo meio do paul como um crocodillo das margens do Nilo.

O Sem-Ventura e o Gorgulho seguiam-n'o sempre.

Algumas vezes paravam todos tres para escutarem os ultimos ruidos do combate; os vencedores perseguiam os fugitivos.

Depressa, porém, continuavam a caminhar.

— Ah! dizia Adomo em voz baixa, amparando o Sem-Ventura extenuado, bem fiz eu em deixar a minha pobre mulher e o meu filho na choupana, que os meus fieis guerreiros haviam construido no paiz deserto. Se tivessem caído em poder de meu irmão, teria elle feito morrer a creança no meio das mais horribéis torturas, e mandaria a mãe para o seu serralho.

A esperança de vêr a mulher que amava e o filho incutia coragem ao pobre negro. O Sem-Ventura pensava na sua querida abStinguette, e esse pensamento dava-lhe forças para continuar aquella laboriosa viagem.

O Gorgulho, que não morria de amores por jornadas nem por um combate, caminhava comtudo como um gymnasiarca, e tinha-se batido heroicamente. Para isso, porém, tinha elle uma excellente razão: não queria ser comido...

Se o não animasse esse receio, não teria tomado o partido do principe Adomo, e subiria a uma eminencia para gosar, como simples e tranquillo espectador, todas as peripecias do combate.

O mar não ficava muito longe do ponto em que a batalha se ferira; era porém tão difficil aquella marcha através de um pantano, que decorreram muitas horas antes que os tres fugitivos chegassem á praia.

Quando saíram do paul já o cume das montanhas começava a illuminar-se com uma frouxa e indecisa claridade, que se reflectia ao longe sobre as aguas.

O principe parou na praia, e fez com as mãos uma especie de ocular de vêr ao longe. Sobre as aguas fluctuava um ponto negro. Era a lancha; viuva porém dos dois guerreiros que a tripulavam, e abandonada ao capricho das ondas.

Que teria sido feito dos dois guerreiros negros?

Provavelmente, ao ouvirem o longinquo fragor do combate, tinham desembarcado para o interior das terras, abandonando a pequena embarcação.

O principe continuava a caminhar, seguido sempre pelos seus dois amigos brancos. Quando apenas algumas centenas de passos os separavam das primeiras ondas, ouviram atraz de si uma detonação. Uma bala passou sibilando por cima da cabeça do principe, e depois uma outra, e ainda uma terceira.

Uma duzia de negros, armados uns de espingardas e outros de arcos e flechas, saiu do pantano correndo e soltando gritos ferozes.

— A lancha... á lancha... exclamou o principe Adomo.

— Já vamos, disse o Sem-Ventura friamente. Deixa-me primeiro descarregar a carabina.

E voltando-se para traz, pôz a arma á cara e disparou os seus dois tiros sobre o grupo. Dois negros caíram.

O Gorgulho imitou o Sem-Ventura, e outros dois negros rolaram pelo lodo.

Em seguida os dois francezes lançaram-se á agua.

O principe imitou-os.

Quando porém estava apenas a duas braças de distancia de beira-mar, uma frecha sibilo no ar e foi espetar-se entre as espaldas do pobre negro, que soltou um grito de dor, continuando comtudo a nadar.

O Sem-Ventura foi o primeiro que chegou junto da lancha, a que deitou as mãos, saltando para dentro della, depois de haver por alguns momentos lutado ainda com as ondas.

O Gorgulho, que o seguia a pequena distancia, saltou tambem logo para a lancha.

O principe, porém, apesar de ser um vigoroso nadador, avançava agora com custo. Os dois francezes lançaram mão dos remos e impelliram a lancha em direcção do infeliz negro.

Adomo parecia extenuado; comtudo, auxiliado pelos seus dois amigos, conseguiu içar-se tambem para a pequena embarcação.

A flecha que se lhe cravára entre as espaldas estava ainda na ferida. O Sem-Ventura arrancou-a.

— Ah! murmurou o principe; sinto que vou morrer...

— Morrer! exclamaram os dois mancebos.

— Sim, disse elle com um triste sorriso; a flecha está envenenada.

Da ferida saia em borbotões uma onda de sangue negro.

— Para este veneno não ha antidoto, accrescentou o principe.

No entretanto alguns dos negros haviam-se lançado a nado na esperança de alcançarem a lancha, para se apoderarem della e dos que a tripulavam.

— Ao leme! ao leme! gritou o Gorgulho para o Sem-Ventura.

E lançando mão dos remos, começou a manejar-os vigorosamente.

A lancha cortou então as ondas rapidamente, distanciando-se em breve dos negros, que estavam extenuados de fadiga.

O principe estava agonizante; um torpor geral se lhe apoderava dos membros; tinha já os olhos envidraçados!

— Vou morrer! vou morrer! repetia elle.

O Sem-Ventura, ao mesmo tempo que manejava o leme, amparava o pobre negro.

— Amigos, disse o principe com voz desfallecida; façam-me uma promessa...

— Fala! disse o Sem-Ventura.

— Quando a vida se me apagar, continuou o negro, não desejaria que o meu cadaver fosse lançado ao mar...

O Gorgulho olhou surprehendido para o Sem-Ventura, como quem queria dizer:

— Que demonio quererá elle que lhe façamos?

O Sem-Ventura porém disse para Adomo:

— Adivinho o teu desejo, amigo, e creê que hei de cumprir a tua ultima vontade. Irems sepultar-te em terra africana, ainda que soubessemos que encontrariamos lá a morte.

O principe fez um gesto de agradecimento. Em seguida balbuciou com voz cada vez mais fraca:

— Não é só esse o meu ultimo desejo, amigos.

— Que queres então?

O principe voltou ainda para o norte os olhos já sem luz, e continuou:

— Os homens brancos que no meu paiz conheci, os padres irlandezes protegidos por meu pae, e a quem meu irmão mandou assassinar, falavam em um Deus unico, que é bom e misericordioso.

— Queres ser christão? perguntou o Sem-Ventura.

— Sim... respondeu o principe.

Na lancha havia uma odre cheio de agua doce.

O principe olhou para os dois francezes, e murmurou:

— Os «faces pallidas» diziam que, aspergindo algumas gottas de agua sobre a cabeça de um homem, se torna elle christão...

— E' a verdade, disse o Sem-Ventura. Para isso, põe-te do joelhos...

O negro fez um esforço supremo e ajoelhou, amparado pelos dois mancebos.

Então o Sem-Ventura molhou na agua as mãos, ergueu-as acima da cabeça do negro moribundo, e murmurou com voz commovida:

— E nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo, eu te baptizo e te faço christão!

Os labios do moribundo entreabriram-se em um sorriso ineffavel; passou-lhe pelos olhos como que um raio de luz celeste, e contemplou por um momento as montanhas azuladas do seu paiz, e mar immenso que a seus pés se revolviam...

Depois extinguiu-se-lhe a luz dos olhos, e soltou do peito um ultimo suspiro...

Estava morto...

XXXIII

Os dois mancebos, curvados como estavam sobre o pobre negro que naquella momento expirara, deixaram durante algum tempo a lancha a balouçar-se ao capricho das ondas.

O Gorgulho foi o primeiro que rompeu aquelle penoso silencio.

— Estás resolvido, disse elle para o Sem-Ventura, a cumprir a promessa que fizeste ao pobre principe?

— Sem duvida, respondeu o ex-saltimbanco. A ultima vontade de um moribundo é sagrada.

— Queres então levar'o cadaver para terra?

— De certo.

— Mas olha que a costa está povoada de antropophagos, disse o Gorgulho com expressão de susto.

— Esperaremos pela noite...

— Mas isso não nos livrará do risco de sermos comidos!

O Sem-Ventura era tenaz nas suas resoluções.

— Embora... disse elle. Prometti, hei de cumprir.

O Gorgulho encolheu os hombros e começou a passar á lancha uma minuciosa inspecção.

As armas, a polvora e os viveres, que o principe Adomo havia feito transportar para a pequena embarcação, lá se achavam ainda. Havia tambem um odre cheio de agua doce, e um outro com uma bebida fermentada, que os negros obtêm distillando o côco, grande porção de farinha de pau, bananas e outros frutos.

— Tudo isto, murmurava o marselhez, não vale um naco de toucinho, e duas boas garrafas de rhum.

O Sem-Ventura mantinha a lancha ao largo, mas sem perder nunca de vista a costa.

Havia estendido no fundo da pequena embarcação o cadaver. A morte do pobre negro tinha sido tão tranquilla, que parecia estar adormecido.

Durante todo o dia os dois francezes puderam vêr as costas da Africa á sua esquerda; pelo menos o sisudo Sem-Ventura não as perdia de vista.

O Gorgulho, apesar de não estar ferido, havia adormecido profundamente algumas horas depois da morte do principe negro. Verdade é que antes de fechar

os olhos tinha comido e bebido até mais não poder.

Nenhum dos ferimentos do Sem-Ventura era de gravidade; lavou-se com a agua do mar, e collocou sobre elles fragmentos da sua propria camisa, que despedaçara com os dentes.

O binoculo, que o Gorgulho trouxera de bordo do «Fowler», estava ainda na lancha.

O Sem-Ventura serviu-se delle para explorar a costa.

O vento havia impellido a lancha um pouco para o sul. O ex-saltimbanco, apesar de não ser um grande marinheiro, calculou que se achava a trinta milhas pouco mais ou menos de distancia do ponto da costa em que pela manhã embarcára; e que, portanto, já estava longe do valle pantanoso que havia percorrido na noite precedente, e daquella ribeira, nas margens da qual fóra desbaratado o exercito do principe negro.

Além disto, era mais que provavel que o paiz, para que o vento parecia impellir a lancha, fosse, senão deserta, pelo menos habitado por negros que viviam longe da costa. Graças ao binoculo, o Sem-Ventura via de longe elevados rochedos negros, e cortados quasi a pique.

O sol baixava rapidamente no horizonte; a noite estava proxima. O Gorgulho continuava a dormir. O Sem-Ventura acordou-o.

— Com um milhão de mil trovões! exclamou o marsehez, abrindo os olhos estremunhado; estava sonhando que andava a passeiar na Cannebière, e que havia sido nomeado admirante de uma grande esquadra.

E, assentando-se na bancada da lancha sobre que estava estendido, esfregou os olhos, e viu, primeiro o seu compatriota, e depois o cadaver do pobre negro.

— Então não desistes da tua idéa? disse elle para o Sem-Ventura. Queres decididamente que vamos dar sepultura em terra a este «pretalhão»?

— Assim lh'o prometti; devo cumprir! respondeu o ex-saltimbanco.

Corria uma forte brisa de oeste, que impellia a lancha para a costa.

O Gorgulho içou a pequena vela latina, e foi collocar-se ao leme. A lancha começou a navegar de vento em pópa.

Horas depois abordava á uma praia deserta, situada aos pés dos altos rochedos.

O Sem-Ventura e o Gorgulho passaram a noite em terra, deitados sobre a areia, depois de terem amarrados solidamente a lancha entre dois enormes pedaços de granito, destacados do resto da penedia.

Ao amanhecer, antes ainda de apparecer o sol no horizonte, deitaram mãos á obra.

O Gorgulho, que estava sempre agitado pelo receio de que apparecesse a «pretalhã», como elle lhe chamava, pôz de parte a sua habitual indolencia, e começou a escavar na areia, servindo-se para isso de um dos remos da lancha, como se fosse uma pá.

Deste modo abriu uma cova, mesmo junto aos penhascos, e em sitio onde as

aguas do mar, mesmo nas maiores marés, não podiam chegar.

Em seguida desceram para a alcova o cadaver do principe Adomo, e cobriram-no com areia e grandes pedras.

Depois o Sem-Ventura cortou uma haste de um arbusto selvagem, que vegetava por entre as fendas dos rochedos, e applicou-a em forma de cruz, e collocou-a sobre a sepultura do pobre negro.

Apenas porém acabára de prestar esta piedosa homenagem á memoria do principe, soltou o Gorgulho um grito de alegria.

— Uma vela! uma vela! exclamou elle, apontando para o mar.

O Sem-Ventura voltou-se, e viu um navio navegando a todo o panno a poucas milhas de distancia da costa.

O Sem-Ventura e o Gorgulho precipitaram-se para a lancha, e puzeram-na immediatamente a nado.

— Já vês, disse o ex-saltimbanco, que uma boa acção é sempre recompensada. No momento em que concluimos o enterro do pobre negro, apparece um navio ao largo! se conseguirmos que nós veja, estamos salvos!

O Gorgulho içou a vela, mais como um signal do que como meio de mais rapidamente navegar para o alto mar, porquanto o vento havia cessado de soprar. Para avançarem foi-lhes necessario lançar mãos dos remos, e então é que o marsehez mostrou o que valia.

O Sem-Ventura carregou as espingardas, e começou a disparar tiros sobre tiros.

O navio parecia aproximar-se da costa, á medida que a lancha se afastava della.

Por fim as detonações foram ouvidas de bordo do navio.

Era um brigue hollandez mercante; o Gorgulho reconheceu a bandeira com o auxilio do binoculo.

O brigue lançou a nado uma das suas embarcações miudas, e sus endeu por algum tempo a rapida carreira.

Uma hora depois, os nossos dois aventureiros subiam para bordo.

O capitão do brigue hollandez era um grande bebedor de cerveja, bondoso a valer, mas positivo e intransigente quando se tratava de negocios.

A narração das romancescas aventuras dos dois francezes não o impressionou muito.

— Meus rapazes, lhes disse elle, recolhi-os a bordo porque era dever que me impunha a consciencia. Mas bem podem suppôr que por sua causa não vou mudar de rumo, e voltar á Europa. Vou ao Cabo, onde permanecerei até ao outomno, não voltarei a Amesterdam senão no proximo inverno. Têm dinheiro com que paguem a passagem e o sustento a bordo?

O Sem-Ventura e o Gorgulho não tinham dinheiro algum, e assim o confessaram humildemente ao gordo hollandez.

— Pois bem, disse então o capitão; farrão o serviço de marinheiros.

Os dois mancebos acceitaram, e o navio continuou a sua derrota para o Cabo,

No momento em que Godefroy chegava a esta parte da sua narração, ouviu-se tocar com força a campainha da escada.

O pobre rapaz estremeceu, lançou para a cantora um demorado olhar, e balbuciou:

— Talvez a minha presença aqui...

— Acaba, disse a cantora sorrindo.

— A incommode... talvez...

A cantora desatou a rir tão franca e alegremente como no bom tempo, em que era conhecida pelo nome de Bastinguette.

— Tem paciencia que t'o diga, murmurou ella; és um tofino...

Ao mesmo tempo abriu-se a porta, e o ex-saltimbanco soltou um grito de alegria e de estupefacção...

Duas pessoas estavam paradas no limiar da porta, não menos surpreendidas, não menos interditas.

Era um homem de cabellos grisalhos, e uma gorda matrona, fresca e rubicunda. Aquelle trajava um casaco de panno muito forte, e um bonet com palla de couro. Esta ostentava um magnifico chapele sobre os hombros, e uma vistosa touca de fitas na cabeça.

— Então, perguntou Bastinguette, não o conhecem?

Antes, porém, de ella acabar de pronunciar estas palavras, já o Sem-Ventura estava aos abraços ao tio Coqueluche e á sua digna esposa.

— Os bons velhos choravam de alegria, e murmuravam, cobrindo de beijos o Sem-Ventura:

— Ai, o nosso querido Sem-Ventura, que tantas lagrimas nos fez chorar!... E' então verdade que não morreste?

XXXIV

O Sem-Ventura parecia doído de alegria; não se fartava de beijar e de abraçar a excellente e bojudã tia Coqueluche, e o velho saltimbanco.

A cantora, que nos sentimentos do coração era ainda Bastinguette, sorria ao contemplar aquellas affectuosas expansões.

O bom Coqueluche, que tinha lagrimas nos olhos, assentou-se e batendo com o punho fechado sobre a mesa, exclamou:

— Isto realmente custa a acreditar!

O Sem-Ventura contemplava-os com os olhos brilhantes de alegria e de commoção.

— Ha pouco, disse Bastinguette, sorrindo, para o Sem-Ventura, quando dei as ordens para o almoço, mandei a minha creada de quarto pedir a meu tio e a minha tia que viessem cá logo, logo.

O Sem-Ventura limpava furtivamente as lagrimas. Bastinguette continuou, dirigindo-se a Coqueluche:

— Já almoçaram, tio?

— Iamos sentar-nos á mesa no momento em que chegou a tua creada Fanny, respondeu a tia Coqueluche.

— Pois então assentem-se e almocem... No entretanto o meu pobre Sem-Ventura acabará de contar-me a sua história.

— Mas de onde vens tu, rapaz? perguntou o velho saltimbanco. Como é que nos appareces vivo e são, quando todos te julgavamos morto ha tanto tempo?

— Olha, filho, disse a rubicunda matrona carinhosamente, tenho chorado muita lagrima por tua causa, e ha já cinco annos, que, de tempos a tempos, mando dizer missa por tua alma!...

— Pois sim, sim... Mas agora deixem-no continuar a narração das suas extraordinarias aventuras... estou desejava de lhe vêr o fim.

Os esposos Coqueluche inclinaram-se, e não deram mais palavra. Conhecia-se que tinham por habito condescender com todos os desejos e caprichos de Bastinguette.

O Sem-Ventura retomou do seguinte modo o fio da sua narração:

O capitão do brigue hollandez seguia rumo para o Cabo, a que Vasco da Gama chamou — das Tormentas — e que era guardado pelo terrivel gigante Adamastor.

A viagem foi longa, difficil, cortada por tempestades e calmarias. O Sem-Ventura fazia sempre a diligencia por cumprir com o seu dever de marinheiro. Segundo o antigo costume, deixava muitas vezes as suas rações ao Gorgulho, que em casa lhe deixava a sua parte de trabalho.

Chegaram enfim ao Cabo. Ah! o hollandez chamou os dois francezes, e disse-lhes:

— Meus amigos, têm tanto geito para marinheiros, como eu para frade, e no brigue «Rotterdam» não se querem marinheiros ignorantes das suas obrigações. Não lhes pago coisa alguma, porque entendendo que nem o seu sustento ganharam. Aconselho-lhes que esperem aqui per que appareça um navio, cuja equipagem tenha sido dizimada pelo escorbuto ou pela febre amarella, e que queira alistal-os. Eu já não preciso dos seus serviços.

O Gorgulho, que tinha o genio desconfiado dos marsehezes, e que não conhecia pae nem mãe, tanto lhe importava viver aqui como alli, e por isso não se impressionou muito com esta resolução do hollandez.

Mas o pobre Sem-Ventura que, pensando sempre na sua querida Bastinguette, tinha abrigado no coração a doce esperanza de voltar a Europa, desatou a chorar como uma creança.

O Gorgulho tentou consolal-o.

— Cala-te ahí, choramingas!... dizia-lhe elle. A bordo do brigue hollandez andava a gente a cair de lazeira. O capitão é um sovina! Pondo de parte o commercio da escravatura, que te não agradava, não podemos deixar de confessar que estavamos muito melhor no «Fowler». E tambem...

— Nunca mais tornarei a ver Paris, nem Bastinguette, nem os bons Coqueluche, soluçava o Sem-Ventura.

O SEM-VENTURA

XXXIV

— Pois eu, respondia o Gorgulho, tenho cá um presentimento de que havemos de fazer fortuna neste paiz... Dahi a pouco estamos nós casados com as filhas de algum boer...

— Um «boer?»... o que é um «boer?», perguntou o Sem-Ventura.

O Gorgulho, que na sua qualidade de marselez sabia tudo e inventava o resto, explicou ao Sem-Ventura que os boers são, no Cabo, holandezes ricos, que vivem como grandes senhores nas suas propriedades, onde têm grande numero de escravos, rebanhos sem conta, mulheres formosíssimas, emfim todas as alegrias e commodidades da vida.

Note-se que o Gorgulho estava fazendo a ennumeração de todas aquellas agradáveis coisas, sem ter um unico «shilling» na algibeira, e no momento em que estava fumando a sua ultima «cachimbada».

O Sem-Ventura, a quem não seduziam os confortos da vida holandeza, tinha saudades da sua miseravel existencia de saltimbanco, da barraca de Coqueluche, e dos ternos olhares de Bastinguette.

A cidade do Cabo é grande. Os dois francezes andavam uma parte da manhan

errando pelas ruas á ventura, e pararam em uma grande praça, onde havia uma feira de cavallos.

Na praça havia muita gente, e entre esta muitos daquelles famosos holandezes, tão preconizados pelo Gorgulho, que passavam altivos e orgulhosos por deante do dois francezes.

O Gorgulho olhava disfarçadamente para elles, e dizia de espaço a espaço para o Sem-Ventura:

— Verás que algum delles nos leva consigo!

Mas os boers passavam, e nem os olhos lançavam para os dois europeus.

Então o Gorgulho, vendo que a montanha não vinha ter com elle, decidiu-se a ir elle ter com a montanha; isto é, tomou a resolução de ir offerecer os seus serviços ao primeiro holandez que passasse.

Hesitou comtudo na escolha, porque estavam a pequena distancia uns trinta boers, comprando e vendendo. Emfim, um delles, que se havia apeiado para concluir um negocio, tornou a montar a cavallo de muito bom humor, signal certo de que lhe fóra vantajosa a transacção, e então o marselez não hesitou mais.

Foi direito ao holandez, cumprimentou-o respeitadamente, e chamou-lhe «esquire», isto é, cavalleiro; o boer parou surprehendido.

A palavra «esquire» fisonjeia sempre um boer.

— Que queres tu? perguntou elle com bom modo ao Gorgulho.

— Excellentissimo senhor, respondeu o marselez; eu e este meu companheiro eramos marinheiros no brigue «Rotterdam», que está ancorado no porto; mas o capitão despediu-nos...

— Porque?

— E' um homem caprichoso e lunatico, respondeu o Gorgulho. Quando tem debaixo de mão um bom marinheiro, não faz a diligencia por o conservar; dá-lhe de repente a «telha», e despede-o como me fez a mim e ao meu companheiro.

— Mas que tenho eu com isso, rapaz? perguntou o boer. Que posso eu fazer?...

— Não sei, disse o Gorgulho apparentando ingenuidade; comtudo, excellentissimo senhor, devo confessar-lhe que eu e o meu pobre companheiro estamos em terra extranha sem dinheiro e sem recommendações.

O boer julgou que os dois marinheiros queriam uma esmola, e tirou do bolso uma pequena moeda de prata que offereceu ao marselez. Este, porém, não a aceitou e disse, córando até á raiz dos cabellos:

— Nós não mendigamos!

— Mas então, tornou o boer surprehendido, que posso eu fazer em seu favor, meus rapazes?

E olhava alternadamente para os dois francezes.

— Nós queríamos, tornou o Gorgulho, uma qualquer occupação honesta, em que pudessemos ganhar a vida honradamente.

— Mas eu não tenho navios, replicou o boer, e por consequencia não preciso de marinheiros.

— Quem é, como qualquer de nós, bom marinheiro, disse o Gorgulho, com in-pertubavel seriedade, serve para tudo.

— Eu sou apenas um proprietario do interior.

— Pois bem; cultivaremos as suas terras...

— Mas é que eu não sou lavrador, mas sim criador de gados.

— Seremos então pastores...

Um tão grande desejo de trabalhar seduziu o bom do holandez, que de mais a mais sympathisava com os dois rapazes, e principalmente com o semblante attraente do Sem-Ventura. apesar de que este ainda não tinha pronunciado nem uma unica palavra.

O boer ficou pensativo por um momento.

— Sabem montar a cavallo? perguntou elle aos dois francezes.

— Mil trovões! disse o Gorgulho para os seus botões; um marselez deve saber fazer tudo!

E respondeu com todo o desembaraço:

— De certo, de certo, excellentissimo senhor.

O Sem-Ventura fez tambem um gesto affirmativo; mas esse não mentia porque fóra elle quem sempre tratára dos cavallos do velho Coqueluche.

— Pois então, meus rapazes, tornou o boer, vou levá-os commigo. Comprei ha pouco um lote de cavallos; entregar-

Th'os-ei para m'os conduzirem para uma das minhas propriedade.

— Estamos promptos, disse o Gorgulho immediatamente.

— Mas primeiro, disse ainda o hollandez, dejeo saber quanto querem ganhar.

— Por agora, excellentissimo senhor, não queremos ganhar senão a sua benevolencia. Mais tarde nos retribuirá os nossos serviços segundo o que elles merecerem.

Esta resposta do Gorgulho teria resolvido o hollandez, se por ventura elle ainda hesitasse.

— Pois bem; venham commigo, disse elle

O Sem-Ventura e o Gorgulho acompanharam-n'o.

XXXV

O boër devia ter pouco mais ou menos quarenta e cinco annos; no rosto, cujo typo era perfeitamente hollandez, transparecia-lhe a bondade, que de ordinario caracteriza os naturaes dos Paizes-Baixos. Era um pouco obeso, mas de estatura elevada. Parecia um Hercules.

O Sem-Ventura sentiu-se logo attrahido para elle por uma sympathia irresistivel.

O boër tinha mettido o cavallo a passo, e, voltando-se um pouco para o lado, dizia para os dois francezes:

— E' então verdade que estão sem recursos, meus rapazes?

— Verdade pura, excellentissimo senhor.

— Talvez mesmo não comessem coisa alguma desde hontem?

— Nem comemos nem bebemos, respondeu o Gorgulho com a maior franqueza.

— Pois então venham commigo á hospedaria para almoçarem. Só ao pôr do sol é que tencioo partir do Cabo.

O Gorgulho lançou para o Sem-Ventura um olhar triumphante, e disse-lhe em francez, baixando um pouco a voz:

— Já vês, meu patarata, que aquelles que têm a honra de viajar em companhia de um filho da Cannebière, vencem sempre as difficuldades.

O boër, ao cabo de um quarto de hora de caminho, parou á porta de uma hospedaria de magnifica apparencia, e pôz pé em terra. Os creados vieram immediatamente rodeal-o com a maior solicitude para receberem as suas ordens.

O boër dirigiu-lhe algumas palavras em hollandez, e entrou em seguida para uma vasta sala situada ao rez-do-chão, em que estava posta uma grande mesa em forma de ferradura.

Na physionomia de Gorgulho transpareceu desde logo uma pronunciada expressão de sensualidade gastronomica.

Sobre a mesa havia grande profusão de iguarias e carnes frias, e de espaços a espaço estavam dispostas muitas garrafas de crystal, dentro das quaes scintillava o vinho transparente das cellinas de Cabo, que na Europa é pago por um preço louco.

O hollandez assentou-se á mesa, e disse para os dois francezes:

— Comam e bebam á sua vontade. Depois conversaremos.

O Gorgulho não desmentiu os seus habitos de gastronomo; e, ainda que é ponto assente que um romancista não deve fazer descer o heroe do seu romance, e muito mais estando elle apaixonado, ás miseraveis e mesquinhas necessidades da vida, nós não podemos deixar de confessar humildemente, e em homenagem á verdade, que o Sem-Ventura imitou o Gorgulho.

O hollandez sorria ao vêr os dois pobres rapazes consolarem-se em poucos minutos de longas e crueis horas de privação.

O marselhez, que andava no mar desde os dez annos, nunca assistira a uma festa que fosse tanto do seu agrado. Mesmo ao pobre Sem-Ventura, que nunca passára das magras refeições da «troupe» de Coqueluche, do biscoito emperdenido do «Fowler», e da carne salgada do «Rotterdam», não desagradou aquelle festim.

O boër contemplava o Sem-Ventura com interesse. A sympathia, que ao principio lhe haviam inspirado os dois francezes, parecia convergir agora toda para o êx-saltimbanco.

Acabada a refeição, o hollandez começou a fumar silenciosamente.

O marselhez, porém, que estava de excellent humor, graças ao vinho do Cabo começou a dar largas ao seu espirito me-

ridional em uma onda de palavras e de brincadeiras.

Os povos do norte em geral não apreciavam o espirito francez, que lhes contrariava os seus habitos de seriedade austera e empavonada.

Mas, em compensação, o marselhez é festejado em toda a parte. A sua verbosidade tradicional e as suas picantes graças conseguem fazer rir os allemães, que em geral não riem facilmente.

O boër, que todavia era serio e grave, como o maior numero de seus compatriotas, teve de sair dos seus habitos, e riu a bom rir ao ouvir as facecias do Gorgulho.

Um creado da hospedaria veio por fim dar parte ao hollandez, que nesse momento havia entrado para as cavallariças, o lote de cavallos que tinha comprado horas antes ao mercado. O hollandez, porém, não se incommodou, e continuou a escutar com risonho semblante as patranhas do marselhez.

Quando acabou de fumar ergueu-se pesadamente, e foi, seguido peios dois francezes, ver os cavallos que comprara, que eram uns trinta.

O hollandez como bem pôde imaginar-se, não tinha ido sósinho para a cidade do Cabo. Tiviam-n'o acompanhado meaduzia de creados seus, cafres e hottentotes, que obedeciam a uma especie de intendente de raça branca, de origem tambem hollandeza.

(Continúa).

O SEM-VENTURA

XXXV

Este ultimo personagem chamava-se Paddy. Era um solido e bem construido rapagão, tão robusto como o boer, mas muito mais novo do que elle.

Logo que viu os dois francezes, deitou-lhe um olhar insolente, que desagradou em extremo ao Gorgulho, o qual disse em voz baixa para o Sem-Ventura:

—A nossa entrada para o serviço do boer parece não agradar muito a este gigante; é preciso andarmos com o olho nelle...

O hollandez deu diversas ordens ao intendente.

Paddy, que falava peffettamente o inglez, foi logo com o Sem-Ventura e com o Gorgulho correr as lojas, para lhes comprar fato.

As velhas camisolas dos dois ex-marineiros estavam feitas em pedaços, e os chapéus encerados estavam já cheios de buracos.

Ao mesmo tempo que caminhavam, o Gorgulho tentou fazer rir o intendente com as suas brincadéiras de marsehez; Paddy, porém, não era como o boer; nem os labios descerrou em um simples sorriso. Comtudo executou pontualmente as ordens que recebera.

Em menos de uma hora os nossos dois heroes estavam vestidos com fatos semelhantes aos de Paddy.

—Sim, senhor; isto é que se chama fazer bem as coisas! dizia o Sem-Ventura, referindo-se á liberalidade do boer.

—Hum! murmurou o Sem-Ventura abanando a cabeça; isto não dura...

—Com um milhão de mil trovões! exclamou o Gorgulho; já tu principias com as tuas pieguices?

—Tu verás... Não sabes que sou o Sem-Ventura?...

É o pobre rapaz sorriu melancolicamente.

O Gorgulho, de caminho para a hospedaria, quiz puchar pela lingua a Paddy; este, porém, quasi nada lhe respondia senão por monosyllabos.

Conseguiu comtudo saber que a herdade e as vastas propriedades do boer eram situadas a umas quinze leguas de distancia do Cabo, na provincia de Saldanah, em paiz isolado de toda e qualquer habitação, mas muito proximo dos cafres, raça feroz, que vive em perpetua guerra com os europeus.

—São antropophagos? perguntára com inquietação o Gorgulho, que continuava a ter medo de ser feito em fricassé.

—Não, respondeu Paddy laconicamente.

O boer, que se chamava Van-hopp, estava já a cavallo quando o intendente e os dois francezes chegaram á hospedaria.

Os cavallos estavam já emparelhados dois a dois.

No meio delles estava o boer, como um official commandando um esquadrão.

—A cavallo! gritou elle para o Gorgulho e para o Sem-Ventura.

O cavallo, que estava destinado para o marsehez, era pequeno, mas cheio de fogo.

Paddy convidou ironicamente o Gorgulho a que montasse.

—Mil milhões de mil trovões! murmurou marsehez montando a cavallo resolutamente; morra um homem, mas fique fama!

O cavallo começou a pinotear e a dar galões, e o pobre Gorgulho, apesar de se agarrar ás crinas com unhas e dentes, foi arremessado a quatro ou cinco passos de distancia.

Em compensação, o Sem-Ventura recordava-se ainda da sua primeira educação, e saltou, com a agilidade de um saltimbanco, para sobre o cavallo mais fozoso de todo o grupo.

De um só golpe de vista o boer, que ria ao vê o Gorgulho levantar-se do chão envergonhado, conheceu que o Sem-Ventura era um bom cavalleiro, e fez-lhe signal para que levasse á garupa o pobre marsehez.

Em seguida deu a ordem de partida e a caravana saiu a passo da cidade do Cabo, para se dirigir para o interior das terras.

O Sem-Ventura, quando chegou ás alturas que dominam a povoação, voltou-se um pouco sobre a sella, e lançou um ultimo e demorado olhar para o mar...

XXXVI

O hollandez Van-Hopp e a sua caravana saíram da cidade do Cabo ao pôr do sol.

O Gorgulho, montado sobre a garupa do cavallo do Sem-Ventura, apertava o seu amigo, e agarrava-se a elle, como o naufrago se agarra á taboa, que se lhe appróxima.

O cavallo, sobre que os dois francezes iam montados, caminhava a par com o do boer.

O hollandez Van-Hopp, ao mesmo tempo que caminhava, começou a conversar com o Sem-Ventura, pondo-o ao facto da existencia que elle e os seus passavam no interior das terras.

O Gorgulho, occupado como estava em sustentar-se sobre a garupa do animal, quasi nem ouvia o que elles diziam.

Pelo contrario, o Sem-Ventura escutava attentamente; e eis em poucas palavras o que pôde saber:

Os boers são descendentes dos primeiros colonos hollandezes, que alli se estabeleceram, e têm conservado os costumes e opiniões dos seus antepassados. Sugei-

fos hoje á Inglaterra, nunca acceitaram francamente a sua dominação, e lamentam sempre a perda da protecção da mãe patria.

A Inglaterra é tolerante com os boers; deixa-os viver tranquillamente nas suas solidões, onde estão sempre em luta com os cafres e com os hottentotes.

E' por isso que cada herdade é uma especie de fortaleza, rodeada de altos muros de terra, de estacadadas e de fossos.

E não são os cafres e hottentotes os unicos inimigos que os boers têm a temer. A Africa meridional é povoada de animaes ferozes, taes como tigres, pantheras, leopardos, e bufalos selvagens, conhecidos pelo nome de — uros.

As herdades ficam longe umas das outras, muitas vezes á distancia de cinco ou seis leguas, e quasi sempre separadas por vastas florestas.

Algumas vezes, de noite, o boer, a sua familia e os seus creados, são de subito acordados em sobresalto. Os cães uivam furiosamente, os cavallos tremem, os bois mugem com susto...

O boer e os seus criados levantam-se, e repellem a tiro os nocturnos visitantes.

Outras vezes são os cafres que atacam a herdade; então o boer e os seus homens montam a cavallo, e trava-se o combate.

Quando o dia apparece a tranquillidade volta até á noite seguinte. De dia reina sempre a paz; o homem é só trabalhador.

O boer dava com toda a condescendencia estas informações ao Sem-Ventura, e mostrava-lhe as pistolas que levava n's coldres, e as excellentes carabinas que elle, e todos os seus homens levavam penduradas do arção da sella.

No entretanto a noite chegára, e os criados do hollandez caminhavam a dois a dois levando ao centro os cavallos sem cavalleiros.

Paddy ia na frente, conversando com um cafre quasi branco, pertencente á raça mestiça que procede do cruzamento dos hollandezes com os cafres, e que são designados com o nome «Africanders».

O africander, a quem Paddy, hollandez de sangue puro, honrava com a sua conversação, era um homemzinho magro, nervoso, de olhos negros e fundos, e de labios delgados e descorados. Tudo nelle indicava astucia e maldade.

—Olá! «paesinho», dizia elle, servindo-se da locução familiar que os homens de côr costumam usar quando se dirigem aos homens brancos; que pensa dos dois rapazolas que o patrão encontrou não se sabe onde, e a quem parece tratar já como amigos?

—Hum! não me agradam, respondeu Paddy.

—Nem a mim, disse o africander, que se chamava Tom. O patrão é muito sincero... entram-lhe todos no coração, como em uma casa aberta...

—E' verdade, é, respondeu o hollandez O mulato continuou;

— Com palavras lisongeiras, todos podem fazer do patrão o que quizerem; e os dois homens brancos têm lingua de prata... E' preciso ter cuidado, paesinho.

— Que queres dizer com isso? perguntou Paddy seccamente.

— Katt é tão formosa... acrescentou o astuto cafre.

Ao ouvir o nome de Katt, Paddy deu um salto sobre a sella e empallideceu.

— Zombas comigo, escravo? disse elle com voz surda.

— Não, paesinho. E' que eu bem sei que «alguem» ama a formosa Katt...

— Sim, amo-a...

— E que esse «alguem» tem esperanças de que o pae lh'a dê em casamento. Não é isto verdade, paesinho?

Paddy não respondeu logo e ficou por momentos pensativo.

— E a quem queres tu que a dê? disse elle por fim rindo grosseiramente. A um homem de côr, talvez?

— Não, disse o mulato; a branca e formosa Katt não pode unir-se a um homem de côr. E como hontem havia um só homem branco na herdade, além do pae e do irmão de Katt, era de suppôr que.....

Paddy cerrou os punhos e murmurou com os dentes cerrados:

— Oh! se eu soubesse que aquelles dois demonios iam fazer-me sombra, torcialhes o pescoço!

— Se eu ousasse dar-lhe um conselho, paesinho...

— Fala.

— Dir-lhe-ia que mais vale prevenir o mal do que remedial-o.

— Não te comprehendo.

— No seu logar, paesinho, arranjaria as coisas de modo que Katt não visse os dois francezes.

— E' difficil...

— E que elles saíssem amanha mesmo da herdade... por bem ou por mal...

— Talvez tenhas razão, talvez, murmurou o ciumento Paddy; o que dizes, porém, é difficil de realizar.

— Julga isso, paesinho? perguntou o cafre, descerrando os labios em um perfido sorriso.

— De certo, respondeu o hollandez, encolhendo os hombros. O patrão não os tomou hoje ao seu serviço para já amanha os despedir.

— O patrão pode mudar de opinião.

Paddy abanou a cabeça.

— Quer o paesinho dar-me carta branca? tornou o africander. Encarrego-me eu de o desembaraçar dos dois francezes, não amanha, mas muito depressa.

— Como?

— Isso é segredo meu, respondeu Tom. Comtudo vou propor-lhe um contrato.

— Diz lá.

— O paesinho sabe que amo Gipsy...

— A filha do hottentote Jupiter?

— Sim, paesinho. Ora Gipsy está promettida em casamento pelo patrão a Patrik. Mas é a mim a quem ella ama.

— E queres talvez que eu faça com que o patrão desista da idéa de fazer casar Patrik com Gipsy?

— Exactamente, paesinho.

— E com essa condição livrar-me-ias dos dois francezes?

— Sim.

— Pois bem; aceito o contrato.

No entretanto a caravana havia adeantado caminho no meio de vastas solidões, mergulhadas em profunda escuridão. Depois appareceu a lua por detraz das altas montanhas.

Ao mesmo tempo, quando a caravana chegou a uma eminencia, o Sem-Ventura que seguia com o olhar a direcção que o boër lhe apontava, avistou uma vasta habitação, situada ao fundo de um extenso valle, e que se assemelhava mais a uma pequena povoação, do que á residencia de um simples particular.

Era Ankastrem, a herdade do boër.

XXXVII

Havia oito dias que os nossos dois heroes se achavam na herdade de boër Van Hopp.

Logo no dia immediato ao da chegada, haviam sido installados nas suas funcções, que, como vae ver-se, eram completamente diferentes.

O Gorgulho falava bem o inglez, e sabia ler, escrever e contar. O Sem-Ventura era talvez mais instruido do que o seu compatriota, mas a sua habilidade como picador havia fixado a attenção do boër.

E, portanto, o primeiro fôra encarregado da contabilidade da casa, que estava longe de ser regular. Desde logo começou o Gorgulho a escripturar os livros para pôr em dia as contas, que andavam muito atrazadas.

O boër apresentou o marselez a sua filha Katt, que era quem devia prestar-lhe qualquer esclarecimento de que elle carecesse.

Katt era uma esbelta e formosa donzella de vinte annos pouco mais ou menos, de olhos azues; cabellos castanhos, fresca como uma rosa, e alegre e expansiva como uma franceza.

O Sem-Ventura havia atrahido as attensões do boër pela sua audacia como picador e pela sua maravilhosa agilidade em todos os exercicios do corpo. O hollandez, como já dissemos, sentira desde o primeiro dia uma irresistivel sympathia por elle.

— Meu filho, lhe disse o boër, servindo-se de um tratamento muito usado entre os hollandezes, ficam a teu cargo os cavallo meo-selvagens que crio nos meus vastos prados.

Ficára, pois, desde logo o Sem-Ventura equiparado ao hollandez Paddy, a cargo do qual estavam os rebanhos de carneiros e de bois.

Os costumes dos boers são patriarchaes; amos e creados comem á mesma mesa, occupando os brancos uma extremidade, e a gente de côr a outra.

O Gorgulho assentava-se, pois, á mesa do boër, e a sua inexgottavel alegria gracejadora de marselez faria rir ás gargalhadas a formosa Katt.

O Sem-Ventura montava a cavallo logo pela manhan, e saia para os prados, donde quasi sempre voltava de noite.

A formosa Katt, porém, passados que foram os primeiros dias, começou a entristecer. Dir-se-ia que se lhe communicára a melancolia do Sem-Ventura.

O Gorgulho attribuiu desde logo á sua pessoa aquella modificação no espirito da donzella, e como um marselez nunca pôde guardar para si um segredo, resolveu fazer do Sem-Ventura seu confidente.

Tinha acabado a refeição da noite e o boër havia dado já o signal de repouso. Os cafres e os hottentotes empregados em Ankastrem dirigiram-se para a porta do edificio que occupavam.

A formosa Katt tinha tambem ido já para o seu quarto.

O Gorgulho levou o Sem-Ventura para o jardim da herdade, e ambos, fumando, começaram a passeiar por entre as arvores ao clarão da lua.

— Vou fazer-te uma pergunta, amigo, disse então o Gorgulho; responde-me francamente.

— A que respeito?... perguntou o Sem-Ventura surprehendido.

— Amas ainda Bastinguette?

— Mais que nunca.

— E pensas em voltar á Europa?

— De certo. E' o meu sonho dourado.

— Mas nós estamos bem aqui. O boër é um excellente homem...Katt é encantadora...

— Sim... murmurou o Sem-Ventura; tudo iso é verdade...

— Com franqueza, tornou o marselez, é ainda Bastinguette a quem tu amas?

— Ora essa! quem querias tu que eu amasse? perguntou o ingenuo Sem-Ventura.

— Eu sei... podias amar Katt...

— A filha do boër?

— E porque não?

O Sem-Ventura encolheu os hombros.

O Gorgulho continuou:

—Notaste como ella ria alegremente quando nós chegámos á herdade?

—Sim; e agora já não ri?

—Muito menos. Anda melancolica, pensativa...

—Ah!

—Parece que estava destinada a ser tarde ou cedo mulher de Paddy... ria e brincava com elle de boa vontade... e quando elle lhe pegava na mão, não a retirava... E agora parece andar a fugir delle.

Arrufos, talvez...

—Nada, nada... é que o não ama já...

E então ama algum outro...

E o Gorgulho calou-se por um momento; depois, olhando para o Sem-Ventura com uma especie de commiseração, perguntou-lhe ainda outra vez:

—E' bem verdade que continuas a amar Bastinguette?

—A minha via é della, respondeu simplesmente o Sem-Ventura. Mas porque é essa insistencia?

—Porque? porque quero ter a certeza de que não sou teu rival. Nas sabes que Katt me adora?

O Sem-Ventura olhou para o marselez em ar de duvida; este continuou:

—Adora-me... já não vê senão a terra que eu piso. Hei de casar com ella, e ser muito rico... E já que tens tantos desejos de voltar á Europa, dar-te-ei depois dinheiro para a viagem... Irás casar com Bastinguette.

—Bom!

—E virás depois com ella fazer-nos uma visita.

O Sem-Ventura sorria...

... ..

Ora, por detraz de uma sébe, ao longo da qual andavam passeando os dois francezes, estava escondido um homem, que, mais de uma vez, já havia apertado com mão convulsa a carabina que tinha consigo. Era Paddy.

Cada palavra que o Gorgulho pronunciava, chegava-lhe ao ouvido clara e distincta, e entrava-lhe no coração como a ponta de um punhal. Louco de raiva, murmurava:

—E' verdade, é verdade o que diz aquelle francez maldito... Foi elle que me roubou o coração de Katt...

E apertava a carabina entre as mãos; mas não ousava mettel-a á cara, e murmurava:

—Ma se o mato, o boër expulsa-me da herdade, e Katt despreza-me...

O Gorgulho, porém, continuava a vangloriar-se do amor de Katt, e a desenvolver os seus projectos de futuro, partindo sempre do mesmo principio — casar com ella.

Por fim Paddy, perdendo a cabeça, murmurou:

—Mato-o para que não case com Katt.

E, levando a carabina á cara, esperou que o Gorgulho se approximasse.

XXXVIII

O Gorgulho continuava a uassear vagamente junto do Sem-Ventura, fazendo a enumeração das suas fortunas futuras. Veiu um momento em que elle ficou collocado entre dois troncos de arvores. A lua lançava sobre os dois amigos o seu pallido clarão.

Paddy ajustou a pontaria, e preparou-se para fazer fogo.

De subito, porém, mão invisivel lhe ergueu vigorosamente o cano da carabina. O tiro não partiu.

Paddy voltou-se estupefacto, e achou-se face a face com o africander.

— Por que me impedes tu de matar aquelle estrangeiro maldito? perguntou Paddy, tremendo de raiva.

— Vou já dizer-lh'o. Venha commigo

E, pegando-lhe na mão, levou-o para longe da sébe. Depois fazendo-o assentar em um tronco de arvore, disse-lhe:

— O paesinho ia fazer um grandissima asneira.

— Porque? perguntou o feroz Paddy.

— Porque as leis punem os assassinos...

—Não me importa!

— E depois o patrão expulsava-o da herdade.

— Já contava com isso!

— E não poderia casar com Katt...

— Embora!

— De mais, matando aquelle para quem apontava, não causava pena, nem prazer a Katt.

— Porque?

— Porque Katt não o ama.

— E' então a mim quem ella continúa a amar?

— Ah! isso não, paesinho, disse o africander com hypocrita compaixão.

Paddy levantou-se bruscamente e exclamou:

— Quem ama ella então?

— O «outro».

— Vem commigo, Tom, disse Paddy, com os dentes cerrados. Vaes vêr...

— Onde quer ir, paesinho? perguntou o africander.

— Matar o «outro», respondeu Paddy lançando mão da carabina, que momentos antes pousára sobre a terra...

— O paesinho está louco.

— Estarei. Mas vingó-me...

— A melhor vingança é casar com Katt.

— Mas se ella me não ama.

— Não o ama já porque ama um outro... mas quando não vir esse outro... que tenho meio de fazer desaparecer...

— Tu?

— Sim disse o africander. Não lhe prometti eu que casaria com Katt, se concorresse para o meu casamento com Gipsy, a filha do hottentote Jupiter?

— E' verdade, respondeu Paddy; mas prometteste-me isso ha mais de oito dias, e os malditos francezes ainda aqui estão.

—Eu posso desembaraçal-o do que é mais perigoso...

— Como?

— Posso desembaraçal-o do estrangeiro, e fazer com que Katt o despreze depois de o ter amado, concluiu o africander.

E falava em tom tão tranquilo e convicto que Paddy teve confiança nelle.

— Escute, tornou Tom, eu surprehendi os segredos do francez... Katt ama-o, mas elle não o sabe...

Paddy interrompeu bruscamente o africander.

—E como sabes tu que Katt ama esse francez maldito?

—E' facil de Katt está triste emquanto o francez está ausente...e os seus labios não sorriem...

—E' verdade, suspirou Paddy.

— Mas quando chega a noite... quando o francez volta dos prados, o semblante de Katt illumina-se; os olhos fulguram-lhe como dois soes, e os labios entreabrem-se-lhe em sorrisos...

— Tens razão, murmurou Paddy tremendo de raiva. Tambem eu tenho notado isso.

(Continúa).

FOLHETIM

(22)

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

XXXVIII

O africaner mostrou os brancos dentes em um medonho sorriso.

—Escute, paesinho, tornou elle; conhece uma herva amarella de cinco folhas, que cresce nas margens dos ribeiros, e que os negros chamam «matoupa»?

— Sim...e então?

—Essa herva pisada tem a propriedade de tornar louco ao cabo de uma ou duas horas aquelle que a comer.

— E queres fazel-a comer ao francez?

—A elle, não. Ao cavallo em que elle montar amanha quando for para os prados.

—Começo a comprehender, murmurou Paddy.

— O cavallo, continuou Tom, tomará o freio nos dentes e começará a correr, a galopar desenfreadamente, saltando valados, transpondo ribeiros, deixando para traz de si montes e valles...

— E por fim atirárá comsigo e com o cavalleiro para algum precipicio?

— Assim o espero; mas se o francez não morrer e voltar á herdade, o patrão ha de expulsal-o.

— Porque?

— Porque ninguem saberá que o cavallo comeu a herva «matoupa» e ha de julgar-se que o francez quiz fugir. E como o francez ha de ter roubado o patrão...

— Roubado! exclamou Paddy com surpreza.

— Sim...eu arranjarei isso. Enquanto o francez andar por lá ha de dar-se pelo roubo na herdade.

— Mas que roubo? perguntou Paddy, estupefacto.

— Venha commigo, paesinho, disse Tom. Verá... verá...

A lua acabava de desaparecer por detraz das montanhas, e a noite tornara-se escura.

O africaner dirigiu-se com Paddy para a parte principal do edificio. O boer estava já ha muito recolhido.

Tom e Paddy penetraram em casa, e o africaner abriu uma porta ao rez-do-chão, que dava entrada para uma vasta sala, onde o boer guardava muitas coisas, taes como armas, polvora, instrumentos de diversos misteres, e até o seu linheiro.

Na ante-vespera o boer tinha vendido a um parente seu, que possuia uma herdade do outro lado dos grandes bosques situados ao norte de Ankastrem, um grande numero de carneiros, cujo preço fôra pago á vista em moedas de ouro inglezas.

O roubo de dinheiro é coisa pouco frequente entre os boers, e entre as pessoas ao serviço delles. Os cafres, e os hotten-

totes, que lhes fazem guerra de continuo roubam-lhes os gados, os cavallos, e as colheitas mas nunca pensam em se lhes introduzir em casa, com o fim de lhes roubarem o dinheiro.

E é por isso que o boer guardava todo o seu dinheiro em uma secretária, junto da qual a maior parte das vezes deixava a chave.

— O patrão está deitado, disse Tom, e tem o somno tão pesado que nem um tiro de peça o acordaria.

— Mas que queres tu fazer?

O africaner não respondeu; dirigiu-se para a secretária, abriu-a, e tirou de dentro um sacco de couro cheio de moedas de ouro.

— Mas que quer isso dizer? murmurou Paddy que ainda não comprehendia.

— Não somos nós os ladrões...

— Então... quem...?

—E' o francez... venha commigo...

Paddy seguiu Tom, e ambos saíram de casa cautelosamente para não serem presentidos.

— Mas onde vamos nós? perguntou Paddy, já impaciente.

— A' cavallariça, esconder este dinheiro no forro da sella do francez...

— Ah! agora comprehendo, murmurou Paddy.

— E em seguida irei colher a herva «matoupa» na margem da ribeira.

Comtudo Paddy hesitava ainda, apesar de estar devorado pelo ciúme e pela raiva.

— Mas é infame o que estamos fazendo! murmurou elle por fim.

— E' o unico meio que temos de fazer com que Katt despreze o francez.

Paddy suspirou pensando em Katt, e seguiu o africaner em direcção das cavallariças.

XXXIX

Um tenue e indeciso clarão illuminando o horizonte, começava a fazer empallidecer as estrellas, que ainda brilhavam no firmamento. Era a madrugada a despontar.

Os habitantes de Ankastrem já se achavam a pé.

O boer que, á noite, adormecia facilmente logo que se deitava, andava já percorrendo com toda a actividade os curraes e as cavallariças, dando as suas ordens, e examinando com olhos de verdadeiro entendedor os cavallos, os bois e os carneiros.

A propria Katt estava já na cozinha preparando o almoço.

Só o Gorgulho, o preguiçoso Gorgulho, dormia ainda.

O Sem-Ventura tinha já sobre os hombros a pelle de bufallo, com que costumava resguardar-se do frio e da chuva, e tinha calçadas as grandes botas impermeaveis, com que entrava nos pantanos, que rodeavam os vastos prados do boer. Estava deante do lume, pensativo e melancolico como sempre, esperando que a refeição estivesse preparada. Não prestava attenção alguma á formosa Katt. Parecia nem a ver.

A pobre rapariga pelo contrario, ao mesmo tempo que ia e vinha, dando as suas ordens, fazendo amigaveis advertencias a Gipsy, a bonita mulata, cuja mão tão ambicionada era por Tom, o africaner, e reprehendendo docemente os criados mais preguiçosos lançava de espaço a espaço a furto um olhar para o Sem-Ventura, e soltava do peito um fundo suspiro.

Paddy entrou tambem. Estava pallido; no rosto sombrio e inquieto transparecia-lhe uma viva preocupação. Aproximou-se de Katt, e, pegando-lhe na mão affectuosamente, murmurou:

—Bons dias, menina Katt.

Mas a formosa Katt retirou a mão vivamente, e quasi nem lhe respondeu.

Então o hollandez mordeu os labios com despeito, e lançou para o Sem-Ventura, que estava de costas voltadas para elle, um olhar, que Katt surprehendeu.

E tão implavel odio, tão medonha raiva, fuzilava nos olhos de Paddy n'esse momento, que a donzella estremeceu e còrou ao mesmo tempo.

Estremeceu, porque teve medo por causa do Sem-Ventura; e còrou, porque comprehendeu que Paddy tinha adivinhado o segredo do seu coração.

O boer chegou tambem d'ahi a pouco, e o almoço foi logo posto sobre a mesa.

—Que tens tu, minha querida Katt? perguntou o boer com expressão affectuosa, beijando a filha carinhosamente. Parece que estás triste...

—Não, meu querido pae, respondeu ella fazendo esforços por sorrir. E' que ainda estou com somno.

— Talvez estivesse a pé até muito tarde a ler algum dos livros que nos vem da Europa, tornou o boer.

—E' verdade, murmurou Katt, que se fez ainda mais corada por estar mentindo.

A pobre rapariga não havia lido nem uma unica linha, e tinha-se deitado logo que se retirára para o seu quarto; mas não pudera pregar olho em toda a noite...

O hollandez, os criados, Katt, Paddy e o Sem-Ventura estavam todos assentados em volta da mesa. De todo o pessoal da herdade faltavam apenas o Gorgulho e o africaner. Aquelle estava, por graça especial do bondoso boer dispensado de se levantar cedo; nãas o segundo?

—Onde está o africaner? onde está Tom? perguntou o hollandez Van-Hopp. Talvez esteja ainda a dormir, disse a formosa mulata Gipsy, que parecia ouvir com um certo prazer pronunciar o nome de Tom.

Não, disse Paddy, foi á ribeira procurar peixe.

—Pobre Tom! murmurou Gipsy; está sempre prompto para o trabalho!

—Trata das tuas obrigações, rapariga, e não penses em Tom, disse o boer.

Katt sorriu para Gipsy com expressão que significava:

—Não te desconsolés...tudo se ha de arranjar. Um velho negro resmungou na outra extremidade da mesa algumas palavras malsoantes. Era o hottentoté Jupiter, pae de Gipsy.

Nesse momento entrava Tom o africaner.

Katt surprehendeu-otrocando um rapido olhar com Paddy, e pela segunda vez estremeceu sem que pudesse explicar a si propria o motivo da extraordinaria inquietação que a agitava.

A refeição matinal acabou sem outro incidente e meia hora depois abriam-se as portas das cavallariças e doscurraes.

Paddy tinha a seu cargo a direcção dos rebanhos de carneiros e das manadas de bois; o Sem-Ventura dirigia as de cavallos.

Tom aproximou-se de Paddy, e disse-lhe rapidamente, baixando a voz.

Prompto!

—O cavallo comeu a herva?

— Sim...

Katt, immovel no limiar da porta, seguia com o olhar o Sem-Ventura, que andava de um lado para outro examinando os animaes que lhe estavam confiados.

Por fim saltou ágilmente para sobre um fogoso cavallo, negro como azeviehe.

O valente animal, cheio de fogo e de vida, empinava-se, dava galões, ladeava, e o Sem-Ventura perfeitamente seguro de si, dava-lhe a mão e deixava-o brincar á vontade.

Katt não se fartava de admirar a maravilhosa agilidade do ex-saltimbanco. Partiram primeiro os carneiros, depois os bois, e finalmente os cavallos.

Katt deixou o limiar da porta para subir apressadamente ao seu quarto, cujas janellas olhavam sobre os campos.

Ao frouxo e indeciso clarão da manhã porque o sol ainda não havia surgido no horizonte, viu ella desfilarem os gados, que eram a sua herança, verdadeira fortuna biblica que levaria como dote, quando um dia se ligasse ao homem que lhe fizesse pulsar o coração.

E, ao mesmo tempo que admirava as suas riquezas, seguia de longe com o olhar o Sem-Ventura que ia á frente da manada de cavallos, seguido por uns dez ou doze cafres, que tinha sob suas ordens.

O cavallo que o Sem-Ventura montava parecia ter nesse dia mais vivacidade ainda do que costumava; saltava com uma especie de furia...

E Katt dizia de si para si, pensando no Sem-Ventura:

—Felizmente é bom cavalleiro!

Por fim toda a «troupe» desapareceu ao longe, e Katt deixou de ver o Sem-Ventura. Fechou então a janella, e desceu para a cozinha, onde a mulata Gipsy andava lidando.

Gipsy cantava alegremente.

—Porque estás tu tão contente? lhe perguntou Katt.

—Porque Tom me disse ha pouco palavras affectuosas...

—E' então verdade que amas o africaner?

—Sim, minha senhora.

—Mas tu não ignoras que meu pai não quer que cases com Tom...

—Veremos, veremos, disse Gipsy sor-
rindo. Tom disse-me que o patrão havia
de vencer...

—Ab!
—Fei Paddy quem lh'o prometteu.
Ao ouvir o nome de Paddy, Katt estre-
meceu de novo, e recordou-se do olhar
de intelligencia, e do sorriso entre elle e Tom.

A pobre Katt sentiu, máu grado seu,
o espirito agitado por um vago e inex-
plicavel terror, e passou-lhe pelo pensa-
mento a idéa de que bem podia ser que
Tom e Paddy urdissem algum tenebro-
so trama contra o Sem-Ventura...

O cavallo, que o Sem-Ventura monta-
va, parecia nesse dia muito mais difficil
de conduzir, e a mais rebelião para o ca-
valleiro. Era de balde que o affagava,
passando-lhe a mão por sobre as lustro-
sas crinas. O cavallo tinha tomado um
rapido trote, e distanciava-se da ma-
nada.

O Sem-Ventura tentou moderar-lhe o
passo, mas o cavallo, como que exaspera-
do, despediu a galope.

Então o cavalleiro apertou os joelhos
vigorosamente, para o obrigar a
mudar de passo; mas esteve a pon-
to de ser cuspidado da sella, tão violentos e
desconpostos foram os galões que o ca-
vallo deu.

Começou então uma verdadeira luta
entre o homem e o animal. Este parecia
furioso, e via-se que fazia esforços pro-
digiosos para se desembaraçar do caval-
leiro; mas o Sem-Ventura parecia pre-
gado sobre a sella...

A herva «matoupa» operava com cres-
cente violencia no animal, espalhando-se-
lhe como fogo por todos os membros, e
abrazando-lhe as veias.

Por fim já não obedecia nem aos joelhos
nem ao freio, e uma fantastica carreira
começou então para o Sem-Ventura, que
depressa desapareceu ao longe.

Os cafres, que o seguiam, olhavam,
surprehendidos uns para os outros.

O cavallo ia saltando por sobre todos
os obstaculos que encontrava na sua fren-
te, transpondo fossos, ribeiros e silva-
dos; parecia fuor de um perigo myste-
rioso e invisivel.

Passados os pastos, o cavallo entrou no
deserto chegando por fim á margem de
um rio, que transpôz a nado, mordendo
phreneticamente a agua, como se esti-
vesse atacado de hydrophobia.

O frio da agua não apagou o fogo que
lhe abrazia os membros; pelo contrario,
pareceu exacerbar-lhe a furia.

O rio era dominado por uma collina. O
cavallo, cada vez mais exasperado, subiu-
a á desfilada, saltando por sobre os ro-
chedos com agilidade e ligeireza de um
cavallo selvagem.

De subito o Sem-Ventura soltou um
grito.

O cavallo, tendo chegado ao cume da
collina, começou a descer, tambem a
galope, por um rapido declive, ao fundo
do qual havia um temeroso precipicio...
Era uma cova enorme, para dentro da
qual haviam rolado grande pedaco de

granito, deslocados do alto da montanha.

O Sem-Ventura fez um ultimo e supre-
mo esforço para fazer parar o cavallo,
mas não o conseguiu.

Então o Sem-Ventura fechou os olhos
e pensou na sua querida Bastinguette...
Dez segundos depois, cavallo e caval-
leiro rolavam para o precipicio...

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

PRIMEIRA PARTE

Recordações de dois saltimbancos

XL

Na herdade passara-se o dia, sem que
occorresse qualquer incidente extraordi-
nario.

Katt estivera inquieta desde que vira
partir o Sem-Ventura. Sentia-se agita-
da por vagos e inexplicaveis presentim-
entos, que parecia não terem razão de
ser. E comtudo a pobre rapariga esta-
va dominada por profunda tristeza.

O boer Van-Hopp era um infatigavel
e apaixonado caçador de antilpes. De
manhan, logo depois da partida dos ga-
dos para as pastagens, havia saído da
herdade, acompanhado pelo hottentote
Jupiter, e levando consigo dois galgos
magnificos.

A formosa Katt havia pois ficado só
em Ankastrem com a mulata Gipsy, a
qual não pensava nem falava senão no
seu adorado africander.

Ao pôr do sol voltou o boer da ca-
ça; acompanhava-o o velho Jupiter, tra-
zendo sobre os robustos hombros um an-
tilope gigantesco.

Logo depois do hollandez, chegaram
os gados á herdade; primeiro os bois,
depois os carneiros, e por fim os caval-
los.

Os bois segundo o costume eram con-
duzidos por Paddy, e os carneiros pelo
africander; os cavallos porém entraram
na herdade sem o seu chefe ordinario.

Os dois cafres e os dois hottentotes,
que haviam de manhan saído de Ankas-
trem debaixo das ordens do Sem-Ventu-
ra, tinham-no visto tomar a galope atra-
vés dos prados, e correr, correr desen-
freadamente, até desaparecer do outro
lado da ribeira.

E por isso é que os cavallos entraram
na herdade acompanhados só pelos dois
hottentotes. Os cafres tinham ido em
busca do seu chefe.

Os hottentotes affirmavam que o ca-
vallo, em que o Sem-Ventura ia mon-
tado, havia tomado o freio nos dentes,
e que o cavalleiro, apesar de toda a sua
pericia, não pudera refreal-o.

Katt empallidecera ao escutar esta
narração, que fizera contrair as sobran-
celhas ao boer.

Paddy tomou um ar indifferente, e
Tom mostrou-se extremamente surpre-
hendido. Comtudo Katt surprehendeu-
os no momento em que trocavam um
olhar de intelligencia.

O Gorgulho, que assistira á chegada
dos hottentotes, e que era frio e tran-
quillo como poucos, dizia que o susto

era de certo infundado; que, se o caval-
lo havia tomado freio nos dentes, teria
provavelmente galopado, galopado até
ao momento em que, desfallecido e já
sem forças, tivesse caído para não mais
se levantar. E desse modo facilmente
estava explicada a inusitada demora do
Sem-Ventura, por isso que teria de vol-
tar a pé para a herdade, e um homem
corre muito menos do que um cavallo.

Apesar porém desta, mais que satis-
factoria, explicação, a formosa Katt,
tremula e angustiada, havia exclama-
do, olhando para o bondoso Van-Hopp:
—E' preciso ir em busca delle em to-
das as direcções.

Paddy, ao ouvir estas palavras, fize-
ra-se livido; mas os olhos brilhavam-
lhe com fulgor sombrio, e toda a sua
physionomia exprimia, sem que elle mes-
mo o soubesse, a satisfacção da vingança.

Tom o africander disse então para o
boer:

—Patrão: creio que todos se enga-
nam...

—Que queres dizer? perguntou o
boer.

—O branco, tornou o africander em
tom insinuante e persuasivo, suspirava
de continuo...

—Porque?

—Tinha saudades da patria...

—E que tem uma coisa com outra?

—Tem muito... O pensamento fixo do
branco era voltar ao seu paiz.

O boer encolheu os hombros.

—O paiz do branco é muito longe, e
não se pôde lá ir a cavallo...

—Mas pôde-se ir até á cidade do Ca-
bo...

—E depois?

—Depois, chegado que fosse ahi, em-
barcaria immediatamente para a Euro-
pa.

O boer desatou a rir.

—Para embarcar, é necessario pagar
a passagem, e o rapaz não me consta
que tivesse dinheiro algum.

—Mas o africander não se deu ainda por
vencido.

—E' que o branco, tornou elle, dei-
xou uns amores no seu paiz.

—Amores no coração não trazem di-
nheiro ao bolso, replicou o boer.

O Gorgulho, que nem por sombras
suspeitava a traição urdida pelo africander
e por Paddy contra o infeliz Sem-
Ventura, não se atrevia a desmentir as
asserções de Tom, e dizia para os seus
botões, que era muito possivel que o
Sem-Ventura pensasse em recuperar a
sua liberdade, por amor a Bastinguette.
E por isso se conservava silencioso e com
a cabeça baixa.

O boer porém dirigiu-se para elle, e
perguntou-lhe:

—Que pensas tu de tudo isto?

—Nem eu sei... respondeu o Gorgu-
lho; ha, porém, uma coisa que me causa
admiração extrema.

—O que é?

—E' não me ter o Sem-Ventura confi-
ado o seu projecto de fuga.

—Mas é ou não verdade, tornou o boer,
que deixou o coração preso no seu paiz?

—E' verdade, murmurou o Gorgu-
lho.

A formosa Katt deixou-se cair sobre
um banco, e a partir desse momento não
pronunciou nem mais uma palavra.

O africander tomou de novo a palavra:

—Coração que sabe amar, disse elle
olhando ternamente para a mulata Gi-
psy, vence até o impossivel para se ap-
proximar do objecto que adora. Talvez
elle se escapasse com o intuito de se en-
corporar como marinheiro em algum na-
vio.

Esta explicação era a mais verosimil,
e o boer não estava longe de adoptar.

Paddy triumphava. Katt sentia-se mor-
rer de angustia.

O Gorgulho fazia de si para si reflec-
ções sobre a ingratitude dos homens, e
murmurava:

—Acreditem lá na amizade!

O boer, que tinha o espirito frio e tran-
quillo, e que não podia convencer-se de
que se praticassem grandes excessos por
causa de uma mulher, exclamou por fim:

—Os cafres, que foram em busca delle,
não devem tardar muito; esperemos, por-
tanto, que elles cheguem, e deixemo-nos
de fazer supposições inúteis.

Katt tinha os olhos rasos de lagrimas.
Que lhe importava agora que o Sem-
Ventura fosse morto ou vivo, visto que
tinha outros amores?

O boer ainda não havia dado fé do rou-
bo commetido pelo africander, pela sim-
ples razão de que tinha passado todo o
dia na caça, e não precisára ainda ir
abrir a secretária.

Paddy, porém, queria a todo o custo
perder o Sem-Ventura, para que, no ca-
so de não haver morrido e de voltar á
herdade, fosse expulso com infamia pelo
boer. Dirigiu-se, portanto, para este, e
disse-lhe:

—O patrão disse-me esta manhan, que
queria mandar-me a casa do boer Mens-
troem, ao outro lado da floresta...

—Sim, disse o boer, para lhe levaraes
uns quinhentos florins que lhe devo.

—E' possivel, continuou Paddy, e
mesmo muito provavel que o boer Mens-
troem, que é um grande caçador, e que
se occupa mais em dar caça aos antilopes,
do que em cultivar as suas terras, não
esteja em casa amanha quando eu che-
gar, e então terei de esperar por elle pa-
ra que me dê um recibo do dinheiro.

—Pois bem, esperarás, disse o boer,
encolhendo os hombros.

—Antes quereria montar a cavallo esta
noite, com as pistoias nos coldres e a ca-
rabina dependurada no arção, e ir lá ain-
da hoje...

(Continúa).

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

Recordações de dois saltimbancos

XL

Como quizeres, disse o hollandez Van-Hopp, que continuava a pensar na extraordinaria desappareição do Sem-Ventura.

E pegando em um candieiro, levantou-se e disse para Paddy, dirigindo-se para o seu gabinete:

—Vem buscar o dinheiro.

Katt, que ficara assentada a um canto da cozinha, fazia esforços por conter as lagrimas.

O Gorgulho, persuadido de que o coração da formosa rapariga só por elle pulsava, aproximou-se della ingenuamente, com a intenção evidente de lhe fazer deitar os dedos de côrte; não teve, porém, tempo para isso.

Nesse momento entrou o boer, pallido, tremulo, com os olhos relampagueantes e os labios contraídos.

—Oh! que miseravel! exclamou elle fóra de si.

Katt e o Gorgulho olharam para o hollandez surprehendidos.

—Roubou-me... o infame roubou-me... tornou Van-Hopp, que nesse momento dera pela falta do sacco do dinheiro.

—Impossivel! murmurou o Gorgulho.

—Mas Deus! meu Deus! balbuciou a pobre Katt, consternada.

Estas vozes, porém, foram cobertas por um grande tumulto e gritaria, que de subito se produzia no pateo da herdade.

Tom e africaner saiu precipitadamente da cozinha.

Eram os dois cafres que voltavam. Um trazia a sella do cavallo do Sem-Ventura dependurada da sella, sobre que vinha montado. O outro havia collocado deante de si o Sem-Ventura, ensanguentado e desfallado, e assim o conduzia.

Ao darem com os olhos naquella triste spectacula, a pobre Katt soltou um grito de suprema angustia, e o boer esqueceu desde logo toda a sua colera.

O infeliz Sem-Ventura foi em seguida levado para dentro de casa. Tinha uma grande brecha na cabeça, uma perna partida, e havia perdido completamente os sentidos.

Os dois cafres contaram que o tinham encontrado no fundo de um medonho precipicio, ao lado do cavallo morto.

Nesse momento entrou Paddy com a sella que o cafe tinha trazido, e atirou com ella rudemente para o chão. A sella, ao cair, produziu um som como que me-

tallico, e uma chuva de peças de ouro se espalhou por sobre os tijolos da cozinha.

O boer e Katt que estavam curvados sobre o ferido, diligenciando fazel-o tornar a si, voltaram-se ao ouvirem aquelle ruido, e viram as moedas de ouro, que caiam da sella e rolavam pelo chão.

Paddy, que não pôde occultar o jubilo de que estava possuido, exclamou: —Já vê, patrão, que o africaner disse a verdade. O branco queria fugir, levando-lhe o seu dinheiro.

O boer baixou a cabeça e não respondeu. O proprio Gorgulho, esmagado pela evidencia, voltou os olhos.

Mas Katt deu um pulo de leão para Paddy, e agarrando-lhe violentamente nas mãos, exclamou com voz tremula de indignação:

—Mentes, miseravel! mentes! o ladrão foste tu!

Katt tinha surprehendido o olhar triumphante, trocado entre Paddy, e Tom o africaner.

XLI

Katt tinha o genio tranquillo e sereno como de ordinario costumam tel-o as hollandezas. E por isso todo o pessoal da herdade, que se achava reunido na cozinha, ficou extremamente surprehendido, ao vê-la agitada por aquella colera subita e inexplicavel. Foi uma nova e fortissima commoção geral.

O proprio boer exclamou:

—Que tens tu, filha? que queres dizer?

—Quero dizer que este homem é um miseravel! disse ella com força.

E apontava para Paddy, que estava livido, e que, contraindo os labios em um sorriso forçado, murmurou:

—A menina Katt de certo está louca!

—Não, infame, respondeu Katt, não estou louca. Tu sabes perfeitamente que tenho toda a razão para te accusar!

A animação da donzella era um enigma para o boer, que sempre tivera Paddy em conta de homem honrado, fiel e dedicado em extremo. Com que fundamento o accusava Katt, e de que o accusava ella?

O Sem-Ventura continuava a estar sem sentidos, e o Gorgulho, consternado, andava apanhando as moedas de ouro, disseminadas pelo chão.

O africaner, tomado de subita inquietação ao ver Katt encolerizada, havia-se refugiado no mais escuro canto da cozinha.

—O que é evidente, murmurou Paddy, é que o branco roubou o dinheiro do patrão, e queria fugir com elle.

—Mentes! mentes! bradou Katt.

E dardejou-lhe um tal olhar, que Paddy baixou a cabeça. A sua attitude naquella momento era quasi uma confissão.

Todavia o boer disse para Katt:

—Volta em ti, minha filha... Bem vêes que não podia ser Paddy quem me roubou, visto que o dinheiro se achava na sella do cavallo, que este desgraçado mantava.

Katt havia-se tranquillizado subitamente. Voltou-se para o pae, e disse-lhe:

—Ah! o pae julga isso?

—Julgo, sim, filha... Não pôde duvidar-se de que elle queria fugir, levando consigo o meu dinheiro.

Katt aproximou-se então do boer, e beijou-o.

—O meu querido pae estima-me muito, não é verdade? disse ella.

—Oh! filha! que pergunta! Adoro-te! respondeu o bom hollandez, surprehendido.

—Pois bem! tornou a donzella; se eu lhe pedir que me deixe ser aqui senhora absoluta durante uma hora, consentirá nisso?

—Sim, filha... respondeu o boer, cada vez mais admirado.

—Deixar-me-á fazer tudo o que eu quizer?

—De certo, filha... tenho plena confiança em ti, disse ainda Van-Hopp.

Katt soltou um grito de triumpho, e correndo para Gipsy, trouxe-a pela mão para o meio do grupo.

—Gipsy, disse ella, não podes casar com Tom o africaner; ficas prohibida de pensar nelle de ora ávante com esse sentido.

Gipsy soltou um gemido de angustia.

—Anda cá, Tom; continuou Katt; expulso-te da herdade; não quero mais ver-te.

—Mas, minha senhora, balbuciou Tom a tremer, que mal fiz eu?

Katt dardejou sobre elle um olhar brilhante de colera.

—Atreves-te ainda a perguntal-o?... exclamou ella.

O africaner curvou a cabeça.

—Expulso-te, repetiu Katt, e não casarás com Gipsy, a quem amas.

—Mas, minha querida menina Katt, soluçou a pobre Gipsy.

Katt voltou-se então para a mulata, e exclamou:

—Escuta, Gipsy: este homem, a quem tu amas fez-se cúmplice de Paddy, que quer, a todo o transe, perder este infeliz francez...

E apontava para o Sem-Ventura, ainda sem sentidos, cujo rosto estava inundado de sangue.

O africaner fez um gesto de negação. Katt proseguiu, dirigindo-se sempre para Gipsy:

—Se elle se presta a dizer toda a verdade, dar-te-ei licença para casares com elle, visto que meu pae consentiu em delegar em mim por uma hora a sua autoridade. Mas se não quizer dizel-a, obrigal-o-ei a ir-se embora immediatamente.

Gipsy correu para o africaner, e apertou-lhe as mãos com phrenesi, exclamando:

—Ouviste, Tom? ouviste?...

—Sim, murmurou elle: mas...

E o africaner, indeciso, olhava, ora para Katt, tremula de indignação, ora para Paddy, livido de colera.

O africaner ficou por alguns momentos silencioso, a reflectir. Compreendeu que, succedesse o que succedesse, já não poderia Katt consentir em casar com Paddy, a quem de certo ficaria odiando. E portanto, nenhuma razão tinha para sacrificar a sua felicidade, e que tanto era preciso para salvar Paddy.

—Pois bem! disse elle por fim; se a menina Katt e o patrão me promettem que Gipsy ha de ser minha mulher...

—Prometto, exclamou Katt.

—Tambem consinto... murmurou o boer, que estava impressionado pela extraordinaria pallidez e pelo ar constrangido de Paddy.

—Então, disse o africaner resolutamente, vou dizer-lhes a verdade.

A estas palavras seguiram-se alguns momentos de profundo silencio; ouviam-se apenas as respirações offegantes dos espectadores daquella scena extranha.

—A coisa é simples, tornou o africaner; Paddy ama a menina Katt.

A donzella lançou para o hollandez um olhar de desprezo.

—Paddy tem ciúmes, continuou Tom; tem ciúmes do europeu e quiz levar o patrão a expulsal-o da herdade.

—E' falso! bramiu Paddy.

—Foi Paddy quem roubou o dinheiro do patrão, proseguiu o africaner, que vendo o seu cúmplice perdido, queria lançar sobre elle toda a culpa.

—Contigo! exclamou Paddy fóra de si.

E' verdade, replicou o africaner tranquillamente; porque me havias prometido empregar a tua influencia junto do nosso patrão, para o levares a consentir no meu casamento com Gipsy. Mas fôste tu que roubaste o sacco de dinheiro e o escondeste debaixo da sella do cavallo do francez.

Paddy soltou um grito de raiva.

—E' falso! é falso! repetiu elle.

—Se é preciso provar o que avanço, prova-o-ei... disse o africaner sem se alterar.

—E como has de tu prova-l-o? perguntou o boer bruscamente.

—O cavallo comeu a herva «matoupa».

Todos os circumstantes sabiam qual era a extranha propriedade daquella planta.

Apenas o africaner pronunciou a palavra «matoupa», Gipsy saiu correndo em direcção á choupana onde Tom dormia.

O africaner comprehendeu o que ella ia fazer, e disse para Paddy:

—Já vaes vêr se minto, Paddy.

Um momento, voltou Gipsy, trazendo na mão um pequeno almofariz, que mostrou ao boer e a Katt.

No almofariz, tinha sido pisada a herva «matoupa», cujos residuos se viam ainda no fundo,

O boer já não podia duvidar. Deu um passo para Paddy, que estava como fulminado, e disse-lhe com os dentes cerrados pela colera:

— Vae-te, infame; e não tornes a apparecer diante de mim!

E, voltando-se para o africaner, continuou:

— Tu... casarás com Gipsy, já que minha filha t'o prometteu. Mas depois hão de sair ambos da herdade...

Katt não ouviu estas ultimas palavras. Tinha ouvido um gemido do ferido, e correrá immediatamente para junto d'elle.

O Sem-Ventura começava a voltar a si.

Dois mezes depois, em uma abrasadora noite do mez de junho, passeavam no jardim de Ankastrem os nossos dois amigos Sem-Ventura e Gorgulho, e conversavam.

O Sem-Ventura estava quasi de todo restabelecido; o ferimento da cabeça estava já cicatrizado, e a perna esquerda tinha-lhe sido habilmente encanada por um cirurgião negro. O ex-saltimbanco já caminhava sem difficuldade.

— Com um milhão de mil trovões! murmurava o marsehez. Vão lá confiar em mulheres! O que nos vale, é a philosophia; se não fosse ella, ficava o mundo despojado dentro em pouco; suicidavamos-nos todos!...

— Por que? perguntou o Sem-Ventura ingenuamente.

— Ora porque! respondeu o Gorgulho encolhendo os hombros; porque as mulheres são como a folha do olmo... viram com todos os ventos.

— Não são todas... murmurou o Sem-Ventura, cujos olhos se voltaram para o norte, como se quizessem ver Bastinguette atravez do espaço.

E depois de haver ficado durante alguns momentos pensativo, voltou para o Gorgulho, e perguntou-lhe:

— Mas porque razão dizes tu isso? A quem te referes?

— A Katt...

O Sem-Ventura estremeceu.

— Não é a mim a quem a formosa Katt ama, disse o Gorgulho suspirando.

— Ah!

— E tambem não ama Paddy... Se o amasse não consentiria em que o boer o expulsasse...

— Então não ama ninguém.

— Oh!... que sim... ama alguém... e esse alguém...

O Sem-Ventura olhou para o Gorgulho com inquietação.

— Esse alguém... és tu... concluiu o Gorgulho com tristeza.

O Sem-Ventura não respondeu. O Gorgulho proseguiu:

— A repariga ama-te, e o boer sabe-o... Basta-te-á pronunciarees uma unica palavra para casares com ella...

O Sem-Ventura abanou a cabeça com tristeza e murmurou:

— Pobre Katt!

— Eu, continuou o Gorgulho, no teu logar, não hesitava. O boer é rico. Seriamos nós os senhores nesta magnifica herdade... Ora adeus! para um pobre saltimbanco como tu, era «um páu por um olho!» Que te parece?

O Sem-Ventura abanou outra vez a cabeça, e respondeu simplesmente:

— Amo Bastinguette.

No momento em que o Sem-Ventura acabava de pronunciar estas palavras, os dois francezes ouviram passos na sua retaguarda.

Voltaram-se e pararam surprehendidos.

Era a formosa Katt que se dirigia para elles...

XLII

Katt estava pallido como um cadaver, a quem Deus houvesse permittido sair do tumulto. Avançou para os dois mancebos, lentamente, como se quizesse demorar ainda por alguns instantes uma explicação solenne.

O Gorgulho e o Sem-Ventura estavam immovéis, e olhavam para ella com dolorosa surpresa.

Katt já não parecia a mesma, que era quando os dois francezes haviam chegado á herdade. Nesse tempo tinha ella as faces da cor das rosas, os labios sempre entreabertos em sorrisos, e os olhos brilhantes de alegria e de ventura; agora já não sorria; nas faces mostrava umá pallidez doentia, e tinha os olhos circumdados por um largo disco azulado.

Katt dirigiu-se para o Sem-Ventura com a heroica simplicidade das almas dilaceradas pelo soffrimento.

— Extranheiro, disse ella, com voz mal segura, sei a tua historia Arrancaram-te violentamente do teu paiz; separaram-te da mulher que amavas, e a quem amas ainda... e desde então o teu unico e ardente desejo, o teu mais dourado sonho é tornar a vê-la...

O Sem-Ventura curvou a cabeça e não respondeu. Katt continuou:

— Pedi a meu pae que te facilitasse os meios necessarios para poderes voltar á Europa.

O Sem-Ventura não pôde reprimir um grito—grito de alegria, que fez empallidecer ainda mais a pobre repariga, que, todavia, foi heroica até ao fim.

Tirou do seio uma pequena carteira de marroquim azul, e estendeu-a para o Sem-Ventura, murmurando:

— Ha dentro desta carteira uma somma de cinco mil florins...peço-te que os accéites por amor de mim... Amanhan, ao alvorecer, montarás a cavallo, e partirás, acompanhado por meu pae, para o Cabo, onde se acha um navio que vae partir para a Europa.

E conservava a carteira estendida para o Sem-Ventura, sem que este ousasse pegar nella.

— Toma, balbuciou Katt, com a voz alterada por subita commoção.

E metteu-lhe a carteira na mão á força. Em seguida voltou as costas aos dois francezes, e fugiu. O Gorgulho seguiu-a com os olhos.

— Comella te ama! murmurou elle, suspirando.

O Sem-Ventura acompanhou tambem com o olhar a donzella; depois, quando ella desapareceu por entre as arvores, curvou a cabeça e ficou contemplando silenciosamente a carteira, que lhe caíra aos pés.

— Ficaste embezzerrado, homem! disse então o Gorgulho. Parece que comeste um marmello crú! Estás com escrúpulos?

O Sem-Ventura hesitava. O Gorgulho abaixou-se e pegou na carteira:

— Pois bem! disse elle resolutamente; serei eu o «bolsa».

— Que queres dizer nisso?

— Quero dizer que hei de eu pagar tudo.

— Não comprehendo, murmurou o Sem-Ventura a quem a dor da pobre Katt havia impressionado profundamente.

— Pois tem pouco que comprehender: farei eu todas as despesas durante a viagem.

— Queres tambem partir?

— De certo.

— Commigo?

— Comtigo.

O Sem-Ventura olhou com surpresa para o seu compatriota, e murmurou:

— Eu julgava que querias ficar aqui...

— Para que? Katt só a ti ama...

— Mas quando eu tiver partido, que ella deixe de ver-me, ha de esquecer-me.

— Mil milhões de trovões! exclamou o marsehez. Tambem tenho o meu orgulho... não quero servir só para as faltas!

— Queres então voltar á Europa?

— Quero ir para a França, respondeu o Gorgulho. Demais, amigos, como nós somos, nunca devem separar-se. Se casares com Bastinguette, serei eu uma das testemunhas da cerimonia, e quando tiveres filhos, servir-lhes-ei eu de padrinho!

E ao pronunciar estas palavras, o Gorgulho saltou ao pescoço do Sem-Ventura.

No dia seguinte muito antes de nascer o sol, o bondoso boer Van Hopp, o Sem-Ventura e o Gorgulho saíam a cavallo da herdade de Ankastrem, e tomavam a cabeça do Cabo.

O Sem-Ventura tinha os olhos rasos de lagrimas. A corajosa Katt havia, como era costume, presidido á refeição matinal; mas a extraordinaria pallidez do seu resto indicava que não tinha dormido em toda a noite.

Abraçou o Sem-Ventura sem fraqueza, e desejou-lhe uma feliz viagem. O Sem-Ventura partiu.

Durante a primeira hora de caminho nem uma palavra foi pronunciada pelos tres viajantes. Por fim o boer disse para o Sem-Ventura com tristeza:

— Se o teu coração fosse livre, meu amigo, e tivesses podido dal-o a Katt, ser-me-ia ventura chamar-te filho. Mas Deus não quiz que assim fosse... resignemo-nos. Vaes regressar ao teu paiz, onde casarás com a mulher que amas, e serás feliz.

— Quem sabe? murmurou o mancebo.

— Has de ser feliz, continuou o hollandez, porque és bom...

— Nasci sob a influencia de uma má estrella, murmurou o ex-saltimbanco. Não é sem razão que me deram o nome de Sem-Ventura.

O boer não era supersticioso; todavia ouviu com uma especie de estupefacção a legenda do homem do cão negro, que o Sem-Ventura lhe foi narrando ao mesmo tempo que caminnavam.

Ao entardecer, os tres viajantes atravessavam as ultimas collinas que dominam a cidade do Cabo. O sol ia desaparecer, e o mar, azulado como um 'ago dos Alpes, reflectia os ultimos raios do astro do dia.

De repente o Sem-Ventura soltou um grito estridulo e fez parar bruscamente o cavallo em que ia montado.

— Que é isso? perguntou o hollandez surprehendido.

— Vejam... além... além! balbuciou o Sem-Ventura, que se fizera pallido como um cadaver e que mostrava estar agitado por grande terror.

E ao mesmo tempo apontava para um grupo de rochedos sombrios, que se viam ao sul, dominando a estrada.

— Não vejo nada, murmurou o boer cada vez mais admirado.

— E' elle... é elle... murmurava o Sem-Ventura.

— Elle... quem?

O Sem-Ventura, porém, pareceu não ouvir esta pergunta, e continuou, dando mostras de violento pavor.

— E' elle... está vestido de negro... e contempla-me com olhos fulgurantes... o seu olhar annuncia-me uma nova desventura... junto d'elle está o cão negro... vejo-o, vejo-o.

O boer e o Gorgulho, por mais que abrissem os olhos, nada viam. Por fim, o Sem-Ventura murmurou:

— Agora afasta-se...afasta-se... segue o o cão negro... desapareceram por detrás dos rochedos... já não os vejo...

O boer e o Gorgulho olharam com tristeza para o Sem-Ventura.

— Tens o espirito doente, meu amigo, disse então o hollandez. Volta comigo para Ankastrem; lá não ha de acontecer-te mal.

— Não, não, respondeu o Sem-Ventura; já agora não voito atraz... partirei.

— E eu tambem, disse o Gorgulho, porque não sou supersticioso, e não creio na influencia do homem do cão negro.

Uma hora depois chegaram á cidade do Cabo.

O boer acompanhou os dois francezes a bordo do navio, que havia de conduzil-os para a Europa, e pagou-lhes elle proprio as passagens. Quiz que o Sem-Ventura levasse intacta a carteira que Katt lhe havia dado.

— E' o dote de Bastinguette, dizia elle sorrindo.

O navio destinava-se para Lisboa, mas fazia escala pelo Rio de Janeiro.

O SEM-VENTURA

PRIMEIRA PARTE

Recordações de dois saltimbancos

XLII

As despedidas do boer e dos dois francezes foram commoventes; o bom hollandez, vendo-os chorar de reconhecimento, verteu tambem algumas lagrimas.

O Sem-Ventura e o Gorgulho ficaram já a bordo nessa noite, mas nem um nem outro dormiu.

Ao amanhecer fez-se de vela o navio. As collinas estavam envolvidas ainda em meia escuridão; o sol não havia surgido ainda por detraz das altas montanhas que fechavam o horizonte. O navio, que se chamava «Vasco da Gama» dirigiu-se para o alto mar.

O Sem-Ventura e o Gorgulho, em pé á pôpa, olhavam silenciosamente para a terra que pouco e pouco se ia tornando menos distincta..

—Pobre Kati! murmurou por fim o Gorgulho. O amor que te consagrou a ti era muito mais bem empregado em mim... que lh'o havia de comprehender e retribuir melhor!

Nesse momento, porém, soltou o Sem-Ventura um outro grito.

—Que temos agora? perguntou o marsehez.

—Lá está... lá está... vejo-o...

—Vês... o que?

—O homem do cão negro!

—Estás doido?! exclamou o Gorgulho.

Mas o Sem-Ventura olhava obstinadamente para as nuvens que corriam nos ares, e repetia como se estivesse em delirio:

—Vejo-o... vejo-o... nas nuvens!

O «Vasco da Gama» navegava a todo o panno e de vento em pôpa com velocidade extraordinaria. Já não havia meio de vo'tar a Ankastrem.

XLII

O «Vasco da Gama» andava bem; o vento era favoravel, o mar estava tranquillo, e o céu puro. Ao cabo de oito dias, appareceram algumas nuvens no horizonte. O capitão enrugou as sobrance-lhas, e ficou todo o resto do dia silencio-so e carrancudo.

No nono dia, o vento refrescou muito, o mar encapellou-se, as ondas transformaram-se a pouco e pouco em montanhas liquidas, e o navio continuou a navegar com parte do panno recolhido.

O Gorgulho, um pouco triste na occasião da partida do Cabo, depressa re-adquirira a sua habitual alegria e bom humor. O Sem-Ventura, porém, comquanto estivesse a caminho para a Europa, onde poderia abraçar a sua querida Bastinguette, da qual cada rajada de vento mais o approximava, continuava a estar triste como a noite.

—Que tens tu, homem? lhe perguntou por fim o marsehez.

—Tenho medo, respondeu o Sem-Ventura.

—Medo de que?

—Do homem do cão negro.

O Gorgulho desatou a rir.

—Tens o espirito perturbado, meu pobre Sem-Ventura.

—Não tenho, não, respondeu o ex-saltimbanco. Sei muito bem o que digo...

—Ora adeus!

O Sem-Ventura abanou a cabeça e murmurou:

—Verás que não é ainda ao cabo desta viagem que havemos de vêr a nossa querida França.

O Gorgulho encolheu os hombros e continuou a rir. Mas o seu companheiro assentou-se tristemente sobre um grande rolo de cabos e fixou o seu olhar melancolico no horizonte, na extremidade do

qual se acastellavam negras nuvens, produzindo imagens caprichosas e fantasticas.

—Vejo sempre e para todos os lados para onde me volte, o homem do cão negro! murmurou elle com desalento.

O Gorgulho afastou-se suspirando e murmurou:

—Pobre amigo! está doido!...

O Sem-Ventura, ao mesmo tempo que contemplava o céu, escutava o que diziam os marinheiros.

O céu entenebrecia-se; o vento fazia ranger os mastros sinistramente. A marinagem não dissimulava a inquietação de que se achava possuida.

Só o capitão se mostrava tranquillo e descuidoso.

Um velho lobo do mar approximou-se delle e disse-lhe:

—Capitão, o mar está a querer brincar connosco...

—Ora! murmurou o capitão encolhendo os hombros.

—Estamos navegando para sudoeste, continuou o velho lobo do mar, que era nada menos do que o immediato.

—E' o nosso rumo.

—Sim... mas se não aproarmos um pouco para o norte...

—Que acontecerá? perguntou o capitão fleugmaticamente.

—Iremos cair sobre um banco de arêa.

O capitão deu uma gargalhada e chamou imbecil ao immediato.

O navio proseguiu na sua derrota.

O dia passou-se sem incidente; chegou noite.

Noite sem lua, sem estrellas e de mais mais obscurecida por denso nevoeiro. Quasi nem se distinguia o pharol de gurupés; a coberta estava mergulhada em escuridão profunda.

—Mas em que estás tu pensando?... repetiu o Gorgulho, approximando-se ás apalpadellas do Sem-Ventura, que estava ainda assentado sobre o rolo de cabos.

—Penso que vamos naufragar!... respondeu o Sem-Ventura.

—Cruzes, demonio que agoirenta creatura que tu és! não ouviste o que disse ha pouco o capitão?

—Não... Que disse elle?

—Que levamos bom rumo, e que nem mesmo ha receios de tormenta.

—Não vêz como está negro o céu?

—Ora! são pequenas nuvens...

—Não ouves ranger os mastros?

—E' porque a marinheiragem está largando mais panno.

O Sem-Ventura não partilhava a confiança do Gorgulho.

—Fu verás! tu verás! murmurou elle ainda.

O vento augmentava de violencia de momento a momento.

Perto da meia noite o immediato desceu precipitadamente ao camarote do capitão, e disse-lhe:

—Capitão; o navio leva máu rumo; governamos em linha recta sobre um banco de areia.

O capitão encolheu os hombros, e respondeu já com impaciencia, que o navio seguia boa direcção.

As previsões do immediato tiveram uma triste confirmação; ás tres horas da manhan o navio bateu de encontro a um escolho, produzindo um medonho e terrivel fragor. O casco desconjuntou-se instantaneamente e o navio foi a pique.

Estava realisada a predilecção do Sem-Ventura! a appareição do homem do cão negro fora-lhe prenuncio de catastrophe!...

—Agora, continuou Godefroy depois de alguns momentos de descanso, e olhando alternativamente para a tia Coqueluche e o velho saltimbanco, a metade das minhas aventuras pôde resumir-se em poucas palavras.

«Dez horas depois da perda do navio, os homens que haviam sobrevivido ao naufragio estavam amontoados sobre uma especie de jangada, construida á pressa, a qual foi durante muitos dias o juguete das ondas encapelladas, e dos ventos furiosos.

«Por fim chegou a fome com todos os seus horrores. Havia já dois dias que não comíamos, quando uma vela appareceu no horizonte.

«Estamos salvos. Era um navio mercante, armado em brigue, que nos recolheu a bordo.

«O brigue seguia rumo para o Brasil.

«No naufragio havíamos perdido a carteira, que Katt me havia dado. Estávamos salvos, é verdade; mas reduzidos á mais absoluta e temerosa miseria.

Eu e o Gorgulho passámos tres annos no Brasil, lançando mão de todos os trabalhos para podermos ganhar o pão de cada dia. O meu sonho dourado era sempre o mesmo: voltar á França e ver a minha querida Bastinguette... E por isso eu trabalhava sem treguas e com perseverança, para ajuntar um pequeno peculio com que pudesse pagar as despesas da viagem.

«Ao cabo de quatro annos consegui a realisação do meu sonho.

«Oito mezes depois eu e o Gorgulho chegámos a Pariz.

«Percorremos debalde todas as ruas, todos os cantos da grande cidade. Ninguem se recordava já do saltimbanco Coqueluche, nem da sua «troupe».

«Cheio de amargura e de desalento, tratei de distrair-me com o trabalho; e entrei como aprendiz para a officina de um moldador. O Gorgulho conseguiu para si um modesto emprego.

«Hoje sou esculptor; mas luto com a miseria, que de continuo ameaça estrangular-me.

«Pensei ainda em pedir algumas informações ao barão de Neuville; mas não pude encontrá-lo. Disseram-me que havia saído de Pariz.

«É minha mãe? vive ainda? Não sei...

— E como pudeste encontrar-me? perguntou Bastinguette.

— Oh! murmurou Godefroy com commoção; é essa uma historia extraordinaria e ao mesmo tempo muito simples.

«Ha oito dias veni procurar-me um companheiro de officina, e disse-me:

— Tenho hoje um camarote no theatro. Queres acompanhar-me?

«Aceitei. A' noite ia morrendo de alegria e de commoção ao ver entrar em scena a minha querida Bastinguette! Estive toda a noite em um estado de agitação indescriptivel; por momentos duvidava ainda... Seria illusão dos meus olhos?

«A' saída do theatro fui postar-me junto da pequena porta, por onde costumam sair os artistas. Poucos momentos depois vi-a passar, e então convenci-me de que era effectivamente a minha sempre querida Bastinguette.

«O resto... é facil de advinhar, ajuntou elle, erguendo para a cantora um olhar melancolico e triste.

Bastinguette apertou-lhe as mãos com affectuoso enthusiasmo e exclamou:

— Pois bem! agora que estamos reunidos, nunca mais havemos de nos separar.

— Oh! murmurou o Sem-Ventura abanando a cabeça; sou pobre e obscuro...

A cantora olhou para elle, sorrindo.

— Aposto, disse ella, que me estás julgando mal...

O Sem-Ventura baixou os olhos e calou-se.

— Deslumbra-te o luxo que me cerca, não é assim? proseguiu ella.

O Sem-Ventura continuou a ficar silencioso.

— Pois bem, tornou Bastinguette; é preciso que saibas que ganho quarenta e oito mil francos por anno, isto é, quatro mil francos por mez; e que ainda, nem por um momento deixei de ser digna do meu pobre Sem-Ventura.

O pobre rapaz soltou um grito de alegria, e caindo de joelhos aos pés della, cobriu-lhe as mãos de freneticos beijos.

— Todavia, tornou ella, não podes ainda ser meu marido. Primeiro quero que trabalhes, e que sejas um artista celebre; que encontres a tua familia, e que reivindiques o teu nome e a tua fortuna... Tenho esperanças de que, apesar de te chamarem Sem-Ventura, cedo ou tarde havemos de triumphar da tua má sorte.

O Sem-Ventura escutava-a, e contemplava-a extasiado.

Os esposos Coqueluche limpavam a fronte as lagrimas de enternecimento.

De subito abriu-se a porta bruscamente, e um homem entrou. Era um rapaz, vestido miseravelmente, mas em cujo rosto transparecia a philosophia e o bom humor.

— Desculpem-me, disse elle, se os incommodo. Ha mais de quatro horas que corro Pariz em todas as direcções em busca do meu amigo Sem-Ventura, e estava já com muito cuidado d'elle.

E dirigindo-se para Bastinguette, continuou:

— Talvez v. exa. me não conheça...

— Não... respondeu a cantora sorrindo e estendendo-lhe a mão; mas adivinho que é o Gorgulho.

— Justamente, disse-lhe o marsehez.

E se quer obsequiar-me, convide-me para almoçar... Ha perto de vinte e quatro horas que não como, e estou morrendo com fome!

E o Gorgulho sentou-se logo á mesa sem mais ceremonias...

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

I

— Meu caro senhor, exclamou Nivelin, depois de haver escutado com attenção extrema a narração, que o Sem-Ventura acabava de fazer-lhe; tudo o que me tem contado é por tal fórma extraordinario, que me não atrevo a responder immediatamente; permitta-me, pois, que medite durante alguns momentos...

— E' extraordinario, mas é a verdade, respondeu o Sem-Ventura.

— Não digo que não, tornou Nivelin; mas vemos de confessar que essa verdade é perfeitamente inverosimil, e os tribunaes não pódem fundamentar as suas sentenças com hypoteses.

Mas quem era Nivelin? perguntará, e com razão, o leitor.

Nivelin era um advogado de Pariz, que no palacio da justica era considerado como um dos mais habéis e activos. Não se imagine, porém, que era um desses velhos procuradores de causas, cujo typo nos desereve Balzac, que andava inva-

riavelmente de gravata branca e de casa preta, e que tinham o perfil anguloso, o rosto severo e carrancudo, e os pequenos olhos pardos, brilhantes de astucia e malicia, escondidos por detrás de uns oculos de vidros azues.

Não; Nivelin era um elegante e bonito rapaz de trinta annos, que tinha passado, e passava ainda viva alegre e divertida. Tinha louro os cabellos, os olhos azues, semblante risonho e agradável, e uns bellos dentes, que se lhe entreviam no meio dos rosados labios, promptos sempre para sorrirem.

A's 5 horas, no mez de maio, era certo no bosque de Bolonha, guiando elle mesmo o seu «phaeton», tirado por dois magnificos trotadores. De manhan, saia sempre a cavallo.

Apesar de muito novo, Nivelin tinha já uma grande autoridade como advogado. Todas as questões importantes lhe iam ter ás mãos; nos ultimos annos tinha desenredado, e feito julgar em favor dos seus clientes, processos extremamente intrincados.

O Sem-Ventura acabava de relatar-lhe todas as circumstancias do seu nascimento, e pedia-lhe conselho sobre o procedimento a seguir para reivindicar o nome e a fortuna que lhe pertenciam.

Não eram todos os que conseguíam penetrar no gabinete do elegante advogado e havia mesmo uma certa difficuldade em obter uma audiencia do escrevente mais graduado do escriptorio. E comtudo o Sem-Ventura, conhecido no mundo dos pequenos artistas pelo nome de Godefroy, havia sido introduzido, apesar do seu fato rapado e do seu velho chapéu, no gabinete do advogado, logo que se apresentára. E' que Godefroy tinha-lhe enviado pelo continuo dos escriptorios um pequeno bilhete de apresentação, assignado por uma celebridade do mundo lyrico, pela «prima-donna» Paqueta, e esse bilhete era então um talisman com que abriam todas as portas.

O advogado Nivelin mandára entrar immediatamente o portador do bilhete,

(Continúa)

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

I

— Não, meu caro senhor, tornou Nivelin, os tribunaes não podem basear em hypotheses as suas sentenças... são-lhes precisos factos positivos e inquestionaveis.

E depois de alguns momentos de silencio, continuou:

— Ora resumamos os factos principaes...

O Sem-Ventura esperou que o advogado proseguisse.

— Nasceu então em Saint-Martin-les-Champs, não é assim? tornou Nivelin.

— Sim, senhor.

— No livro dos baptismos declara-se que é filho do jardineiro...

— Mas esse assentamento não me diz respeito a mim, mas sim ao verdadeiro filho do jardineiro.

— Que importa? O senhor passou a sua primeira infancia em casa do jardineiro, de quem foi sempre considerado filho, e, portanto, esse assentamento forçosamente lhe ha de ser attribuido. De mais a mais, e isso complica cada vez mais a questão, dos registos da freguezia ver-se-á que em tal dia de tal anno foi sepultado o filho unico do conde de Neuville.

— Mas a creança que foi sepultada era filha do jardineiro.

— Acredito-o piamente, mas é preciso proval-o perante os tribunaes. Como? Por quem? Esta é que é a questão.

— E' verdade, suspirou o pobre Sem-Ventura.

— A sua unica prova, continuou o advogado, é essa madeixa de cabellos brancos que tem no lado esquerdo da cabeça. Essa prova póde convencer um sabio ou um medico; mas os tribunaes não podem contentar-se com ella.

«Além disso o barão de Neuville, que ao que parece, é seu primo, é um homem rico e considerado, e, portanto, é de suppôr que todas as opiniões fossem em favor a e. E como havia de o senhor provar, que testemunhas poderia invocar para tornar evidente o facto de ter elle conseguido, com o auxilio de uma bebida mysteriosa, mergulhal-o em uma catalepsia que durou vinte e quatro horas, encerrando-o assim em uma caixa, e expetindo-o em seguida para a America?»

«Na verdade é essa uma aventura extraordinaria, romanesca e inverosimil; e comtudo eu tenho-a como verdadeira e

real, porque m'o affirma o accento de sinceridade com que me tem falado. Mas serão os tribunaes tão facéis em se vencerem?»

— Ah! disse o Sem-Ventura, estou certo de que, se minha mãe me visse...

— Já ha pouco lhe disse em que estado se acha a pobre senhora, que diz ser sua mãe, tornou o advogado. A senhora condessa de Neuville, cuja saude era ha annos muito precaria, enlouqueceu e está recolhida em um hospital de alienados.

— Mas talvez possa curar se.

Nivelin abanou a cabeça.

— Escute, disse elle. Alguns medicos curam, ou pretendem curar a louçura, mas o publico não crê em semelhantes curas. O homem que uma vez esteve doido, nunca poderia convencer aquelles que o viram nesse estado, de que voltou completamente á razão.

«Vou ainda mais longe. Supponha que a senhora condessa de Neuville enlouqueceu, como o senhor affirma, e como se diz tambem neste bilhete, em consequencia da falsa alegria que experimentou quando lhe disseram que seu filho vivia...»

— E' a verdade, senhor.

— Creio, creio. Supponhamos ainda que, apparecendo o senhor de subito na sua presença, ella, impressionada pela semelhança que o senhor diz ter com o fallecido conde de Neuville, o reconhecesse, o proclamasse seu filho, e voltasse instantaneamente á razão...

— Oh! então estava eu salvo! Já não podia duvidar-se...

— Engana-se; duvidariam todos!... respondeu o advogado.

O Sem-Ventura olhou para elle surprehendido.

— Diziam, continuou Nivelin, que a pobre condessa estava mais doida do que nunca.

O Sem-Ventura curvou a cabeça com desalento.

— Quer saber, tornou o advogado depois de alguns momentos de silencio, o que seria preciso para o senhor poder reivindicar a posição, a que se julga com direito?

— Diga, senhor.

— Em primeiro, era necessario que o jardineiro visse ainda, e o senhor não sabe ao certo se elle é vivo ou morto...

— Sabel-o-ei.

— Que viesse elle proprio declarar á justiça o crime que commetêra e que o fizesse com tão minuciosos detalhes, com provas tão irrecusaveis e convincentes, que a justiça não pudesse deixar de as admitir...

— E se elle fizesse isso?

— Espere, espere... Seria ainda precisa uma outra coisa... e essa é absolutamente impossivel...

— Que é?

— Que esse homem nunca houvesse passado por doido, e que não tivesse estado durante dois annos

encerrado em um hospicio de alienados. Já vê, senhor, que a sua situação é extraordinaria... é impossivel. Por mais que faça ou diga, ha de ser sempre o Sem-Ventura, filho do jardineiro.

— E se pudesse encontrar-se Paulo Salbris, o cúmplice do borão de Neuville?

— Paulo Salbris negaria.

— Mas o capitão do navio que me levou para a America não negaria!

— De certo, não; mas não poderia provar que foi o barão de Neuville quem o fez metter dentro de uma caixa, como se fosse uma qualquer mercadoria.

— E' justo, suspirou o Sem-Ventura.

— E ainda que o provasse, continuou o inflexivel advogado, julgariam todos que o barão de Neuville estava apaixonado por Bastinguette, e que, julgando-o seu rival, quizera afastal-o para muito longe. Não poderia de fórma alguma apresentar-se esse facto isolado como prova de que o senhor é filho da condessa de Neuville.

— Tem razão. Adeus pois! murmurou o Sem-Ventura tristemente.

E saiu suspirando. Quando porém atravessava a sala dos escreventes e se encaminhava para a porta, levantou-se um delles e foi ter com elle.

— Perdão, senhor, lhe disse o escrevente, talvez eu tenha para dizer-lhe palavras mais animadoras do que as do sr. Nivelin... Se quiser attender-me...

O Sem-Ventura olhou para elle com ansiosa curiosidade.

— Eu saiu tambem, tornou o escrevente. Ao ar livre conversaremos mais á vontade.

E saiu dos escriptorios juntamente com o Sem-Ventura.

II

Só na escada é que o Sem-Ventura reparou bem no escrevente. Era corcunda e anão; tinha apenas quatro pés de alto, e parecia contar os seus vinte e quatro annos ou vinte e cinco annos.

Apesar da deformidade do corpo, era sympathico; tinha o rosto agradável e bem talhado, com olhos azues e expressivos, em que transluzia uma grande viveza e intelligencia. Nos labios adejavalle de continuo um sorriso melancholico, que parecia dar a entender quanto a sua alma soffria por estar encerrada em tão grotesca prisão.

Logo que chegaram á rua, disse elle para o Sem-Ventura.

— Quer vir commigo áquelle café? E' a hora a que costuma estar deserto. Iremos sentar-nos para um canto, onde poderemos conversar muito á nossa vontade.

O Sem-Ventura acompanhou-o.

O café que o escrevente fallava, estava situado a pequena distancia dos escriptorios do advogado Nivelin, á esquina da rua da Michodière. Era um desses mais que modestos estabelecimentos em que se servem chavenas de café a yntem cada uma,

— Olhe bem para mim, senhor, disse o escrevente, logo que se installaram em frente um do outro, com um grande copo de cerveja ao lado de cada um delles. Chamo-me Castillon, e sou corcunda, como vê. Objecto de compaixão para uns, e assumpto de gargalhadas para outros, entro em toda a parte sem incommodar pessoa alguma. Nos escriptorios chamam-me — o bom Castillon — e nunca ninguém se lembrou de me invejar. O unico papel que na minha vida tenho representado é o de confidente, porque todos os que me conhecem, vêm contar-me as suas maguas e alegrias.

O escrevente calou-se por um momento e olhou para o Sem-Ventura, que estava surprehendido.

— Pela expressão do seu rosto, tornou o escrevente, conheço eu que não sabe a razão porque lhe digo estas coisas...

— E' verdade, respondeu o Sem-Ventura.

— E' para provar-lhe que as pessoas, que mais facilmente levam os seus negocios a bom fim, são aquellas que não excitam a inveja dos outros.

E ao dizer-lhe estas palavras, ergueu a cortina de cassa que cobria os vidros de uma porta, junto á qual estavam assentados.

— Olhe, continuou elle, apontando para o outro lado da rua; vê aquelles dois armazens?

— Vejo, sim, respondeu o Sem-Ventura, aquem a singular conversação do corcunda começava a interessar.

— O da direita, tornou o escrevente, é uma pequena loja defumada de um modesto quincalheiro. A frontaria é pintada de côr escura e sombria, e lêm-se por cima da sua unica porta as seguintes palavras: «Fazendas baratas». Os que passam, nem reparam na pobre lojinha. Mas todos os moradores do bairro sabem por experiencia que encontram lá coisas muito boas e não caras, e portanto vão lá comprar.

«Veja agora o armazem da esquerda; é uma casa de modas. Tem as «montres» cobertas de vistosos e magnificos estofos: os tectos são dourados, as paredes semeadas de pretenciosas pinturas; um exercito de caixeiros vae e vem em grande azafama, e, ao baleão, uma rapariga, tão bonita como uma gravura de modas, ostenta uns abundantes cabellos louros, que estiveram durante uma hora entre as mãos de um afamado cabeleireiro. Pois apesar de todo aquelle luxo, o donó do estabelecimento de modas está fallido, e sollicita dos seus credores uma concordata. E o modesto quincalheiro tem adquirido uma boa fortuna.

«E' a historia da vida: os que passam despercebidos não precisam parar nunca.

— Talvez tenha razão, murmurou o Sem-Ventura pensativo.

— Quando o senhor, ha pouco, entrou no gabinete do advogado, tornou Castillon, estava eu junto da porta.

— Ah!

— E ouvi tudo, como se lá estivesse dentro; e portanto sei a sua historia tim tim por tim tim.

— E que lhe parece? perguntou o exaltimbanca anciosamente,

— Acredito nella piamente. Basta vê-lo para se ficar desde logo convencido, de que o senhor é incapaz de mentir.

— Sim, disse o Sem-Ventura tristemente, o sr. Castillon julga verdadeira a historia do meu nascimento, mas é talvez da opinião do advogado.

— Não sei... não sei...

— E está talvez convencido tambem de que nada pôde fazer-se...

Castillon fez um signal negativo.

— Engana-se, disse elle. Sei alguma coisa das subtilizas forenses, a que vulgarmente chamam chicana; e asseguro-lhe que não ha questão alguma, por mais desesperada que seja, a que, procurando bem, se não ache no futuro.

Os olhos do Sem-Ventura illuminaram-se com um raio de esperança.

— Como assim?! exclamou elle; julga que seria possível...

— Já ha pouco lh'o disse, meu caro senhor, atalhou Castillon; aquelles que, como eu, não são notados nem invejados, e a quem ninguém se incommoda a impedir o passo, vão avançando lentamente; são como as toupeiras, que abrem caminho por debaixo da terra. Talvez tenhamos de trabalhar durante muito tempo, mas se quizer entregar-se nas minhas mãos, e ter confiança em mim, é possível que...

— Aceito, aceito, interrompeu o Sem-Ventura apertando com reconhecimento as mãos do Corcunda.

— Pois bem! tornou Castillon. Eu não concordo com a opinião do sr. Nivelin; para mim não é o caso tão desesperado como elle o julga.

— Oh!... será possível?! exclamou o Sem-Ventura.

— Quer que eu tome conta da questão? perguntou o corcunda.

O Sem-Ventura estremeceu, e olhou para elle com embaraço.

— Mas eu, murmurou elle, sou pobre... e não poderei...

Castillon não o deixou concluir, e disse-lhe, sorrindo melancolicamente como costumava:

— Não importa; formaremos uma «liga de pobres». De mais para começar não preciso de dinheiro.

E ficou por momentos pensativo. Depois perguntou:

— Onde mora?

— Na calçada dos Martyres, em Montmartre.

— Numero?

— Numero 31.

— Bem. Nada mais preciso saber Adeus

— Mas... quando tornarei a vê-lo?

— Logo que tenha alguma coisa para dizer-lhe, procural-o ei.

E os dois rapazes, que uma hora antes se não conheciam ainda, separaram-se como se fossem amigos velhos, trocando entre si um vigoroso aperto de mão.

O corcunda voltou para os escriptorios, e o Sem-Ventura tomou o caminho do Montmartre.

Ahi, no sexto andar de uma velha casa, havia um miseravel quarto de 12 pés quadrados, onde o Sem-Ventura e o Gorgulho viviam em commum.

Na occasião em que o Sem-Ventura entrou, o Gorgulho estava melancolicamente estendido sobre uma pobre cama.

— Então? perguntou elle erguendo meio corpo, logo que viu entrar o companheiro.

O Sem-Ventura saltou-lhe ao pescoço, exclamando:

— Ah! meu amigo, tenho o coração cheio de esperanças!

— Mas dinheiro... trazes?

— Não... balbuciou o Sem-Ventura.

— Mas tu bem sabes que não temos nem um «sou»...

— E' verdade...

— Como havemos de nós almoçar? murmurou o marselhez com expressão de angustia.

Nesse momento ouviu-se na rua uma voz roufenha, gritando:

— Ferro velho! ferro velho!

O Sem-Ventura e o Gorgulho instinctivamente lançaram em redor de si um triste olhar...

III

A guarda-roupa dos dois amigos era de uma simplicidade lastimosa. Comtudo, no meio de tres ou quatro andrajos, que estavam dependurados na parede, havia um paletot ainda em bom estado.

O Gorgulho, que continuava a ser philosopho, disse para o Sem-Ventura:

— Estamos já no mez de abril; o verão está á porta. Já pôde bem sair-se de casa sem paletot...

— Como quizeres, murmurou o Sem-Ventura suspirando.

O Gorgulho correu logo á janella, e soltou um «psiu», que, apesar de muito vigoroso, não conseguiu chegar á rua, tal era a altura em que a janella se achava.

O «ferro velho», porém, que andava de nariz no ar, viu os signaes que Gorgulho lhe fazia, e entrou logo porta dentro com a sua carga de trapos.

— Leva os seus bons dez minutos a subir, disse o Gorgulho tirando-se da janella, cento e sessenta e nove degraus... uma boa viagem! Temos tempo para conversar.

E foi pendurar o paletot.

— Quanto pediremos por elle? perguntou elle.

— Eu sei lá! respondeu o Sem-Ventura encolhendo os hombros.

— Vinte francos?

— Ora! é muito pouco.

— Sim, murmurou o Gorgulho, é pouco... Mas se tivéssemos vinte francos chegar-nos-iam para quatro dias. Quem sabe? Talvez o inglez, que quer comprar o teu capote, volte daqui até lá...

— Talvez...

— E eu, continuou o Gorgulho, tenho já trabalho. O negociante de vinhos, alli defronte, dar-me-á desde hoje noventa francos por mez para lhe fazer a escripturação...

O Sem-Ventura sorria com melancolia.

— E dizer que hei de ser rico um dia!

murmurou elle. Porque hei de sel-o, embora tenha nascido debaixo da influen-

cia de uma estrella má... Tenho um certo talento, tenho força de vontade e, portanto, hei de um dia conseguir vencer a adversidade.

— Se tu quizesse, disse o Gorgulho, já podias ser rico...

O Sem-Ventura fez um gesto de impaciencia.

— Já sei o que vaes dizer-me; mas eu é que não quero.

— Ora adeus! isso é tolice rematada! Bastinguette ama-te, e quer casar contigo.

E está combinado que havemos de casar um dia.

— Mas porque não ha de ser já?

— Porque Bastinguette ganha quarenta mil francos.

— E que tem isso? exclamou o Gorgulho ingenuamente...

E eu, continuou o Sem-Ventura, não ganho nada e não quero viver á custa della. Julgas tu que, se não fosse isto, teria eu tanto cuidado em lhe occultar a nossa pobreza?

O Gorgulho encolheu os hombros. Nesse momento bateram á porta; era o «ferro velho», que, logo ao entrar, lançou em redor do quarto um olhar investigador e pareceu ficar contrariado por ter subido tantos degraus por tão pouco.

— Que têm para vender? perguntou elle em tom duro, e como quem duvidava de que alli houvesse alguma coisa que pudesse valer um triste «sou».

— Isto, disse o Gorgulho, apresentando-lhe o paletot.

O «ferro velho» pegou no casaco, examinou-o por todos os lados e disse por fim com ar desdenhoso:

— Não é coisa que valha muito dinheiro...

— Quanto dá por elle? perguntou o Gorgulho que tinha fome...

— Sete francos, respondeu o homem.

— Isso é muito pouco, tornou o Gorgulho. Ao menos dez...

— Não... Sejam oito, e não fallemos mais nisso.

— Pois sim... dê cá, murmurou o Sem-Ventura suspirando.

O «ferro velho» tirou das profundezas de um bolso enorme uma grossa moeda de cinco francos e três de vinte «sous», pousou-as sobre a mesa, lançou o «paletot» para cima de um monte de trapos que trazia ás costas, e saiu apressadamente, talvez com receio do que os dois rapazes reconsiderassem.

— Ah! vamos almoçar! exclamou o Gorgulho que se precipitou sobre o dinheiro com comica avidez.

— Almoça tu, disse tristemente o Sem-Ventura.

— E tu?

— Eu... não tenho vontade.

E o Sem-Ventura lançou-se para sobre a miseravel cama, que de noite partilhava com o seu amigo Gorgulho, e pôz-se a meditar sobre as bellas promessas do corcunda Castillon.

A esse tempo já o Gorgulho estava fóra do quarto, e descia a quatro e quatro a escada.

... ..
Ora, enquanto o Gorgulho subia de novo os cento e sessenta e nove degraus da escada, munido de um pão de kilogramma, de um pé de porco, e de um litro de vinho, o «ferro velho», continuava o seu gyro matinal, e dirigia-se para o «boulevard» dos Martyres.

A' esquina da calçada estava parada uma carruagem. No momento em que o «ferro velho» passava jundo della, uma voz de mulher disse:

— Holá! amigo... dá-me uma palavra?

O «ferro velho» era novo ainda, e um homem novo para sempre, quando é interrompido por uma mulher.

Parou pois e olhou. Na portinhola da carruagem estava o mais formoso rosto, que elle tinha visto em dias de sua vida, apesar de ser frequentador assiduo dos bailes do «Chateau-Rouge» em Belleville, onde iam as mais bonitas e elegantes costureiras do bairro do Temple.

Ficou portanto hesitando sobre se devia ou não approximar-se... Não era talvez a elle a quem aquelle formoso rosto se dirigia...

Mas o formoso rosto, que pareceu adivinhar o motivo das hesitações do «ferro velho», tornou, acenando-lhe com a pequenina mão:

— E' comsigo com quem fallo, é...

O «ferro velho» approximou-se então.

— Ora diga-me, meu amigo, tornou ella: não subiu a um sexto andar, mesmo a meio da calçada?

— Sim, minha senhora.

— Quem lhe falou lá?

— Dois rapazes.

— E o quarto, onde elles se achavam, era uma especie de «atelier» de escultor?

— Creio que sim.

Nesse momento deu ella com os olhos no «paletot», que o «ferro velho» tinha sobre os hombros, e pareceu reconhecer-o.

— Lá é que comprou este «paletot»? perguntou ella.

— Sim, minha senhora.

— Quer o senhor ganhar cem francos?

O «ferro velho» recuou deslumbrado. A formosa senhora repetiu a pergunta.

O homem, primeiro estupefacto, voltou um pouco em si, e respondeu, ainda com modos de desconfiado:

— Nunca pessoa alguma se recusou a ganhar dinheiro.

— Onde mora?

— Na rua Lamartine.

A desconhecida abriu a portinhola da carruagem, e fez-lhe signal para que subisse.

— Vamqs a sua casa, disse ella.

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

III

E ao mesmo tempo introduziu-lhe furtivamente na mão cinco moedas de ouro, para o convencer de que não estava zombando.

Sob a indicação do «ferro-velho», a carruagem atravessou o boulevard exterior, e desceu a rua dos Martyres.

—Ha muita pobreza no quarto dos dois rapazes? perguntou ella durante o tracto.

—Para lhe dizer a verdade, respondeu o «ferro-velho», não me parece que haja lá grande fartura. O quarto é miseravel... Creio mesmo que esperavam pelos oito francos, que eu lhes dei pelo casaco, para irem almoçar...

—Pobre Sem-Ventura! murmurou a desconhecida limpando uma lagrima.

A carruagem parou á porta da casa indicada pelo «ferro-velho», na rua Lamar-tine.

—Não tenho precisão de me apeiar, tornou ella. ..qui mesmo posso dizer-lhe o que desejo... O senhor ha de descoser o forro deste «paletot»...

—Bom. E depois?

—E depois leval-o-ha a casa dos dois rapazes, a quem entregará estas quatro notas de cem francos, que de proposito estão amarradas e sujas, e dir-lhes-á que os encontrou no forro... Julgo-o um homem honrado, e creio que não é capaz de deixar de cumprir as minhas intenções... Demais, teria meio de o saber...

—Póde ficar descaçada, minha senhora, respondeu o «ferro-velho», extremamente commovido. Sou pobre, mas incapaz de praticar uma acção má.

E, pegando nas quatro notas, entrou para casa, emquanto que a desconhecida se afastava.

O leitor adivinhou já quem ella era, não é verdade?

IV

A vista do succulento almoço que o Gorgulho trouxera, o Sem-Ventura, que havia muitas horas não tinha comido, começou a sentir que se lhe despertava o appetite, e por fim assentou-se tambem á mesa. O Gorgulho devorou as tres quartas partes da refeição sem pronunciar uma unica palavra, e só depois de ter devorado a ultima codea de pão é que começou a dar curso ao seu espirito philosophico e paradoxal.

—Primeiro que tudo, principiou elle, accendendo o cachimbo, devo dizer-te que este festim de Balthasar importou ao todo em trinta e sete «sous». Ainda nos ficaram portanto, uns cobres, que hão de chegar para as nossas despesas de hoje e de amanhã.

O Sem-Ventura fez com a cabeça um melancolico signal de assentimento.

—Agóra conversemos, tornou o marselez. Sabes que nunca te vi tão triste e desalentado, como andas desde que estás em Pariz? E todavia tornaste a ver a tua querida Bastinguette...

—Sim, murmurou o Sem-Ventura: mas está mais longe de mim do que nunca!...

—Porque?

—Já muitas vezes t'o tenho dito. E' uma artista celebre, e eu não sou nada...

—Mas não póde duvidar-se de que tens talento.

—Sim, mas...

—E cedo ou tarde has de tambem...

—Mas quando? suspirou o pobre Sem-Ventura.

O Gorgulho deu um murro sobre a mesa, e exclamou:

—Com um milhão de mil trovões! na minha terra, na Canebière, ninguem tem esses escrupulos tolos!

—Quaes escrupulos?

—Quando um homem e uma mulher se amam, como tu e Bastinguette, casam e acabou-se! Se o homem é rico, tanto melhor para elles; e se é ella quem tem o «bago», não tenhas medo de que elle se faça grave por isso!...

—Pois sim, mas eu tenho idéas differentes, respondeu o Sem-Ventura em tom que significava, que lhe era desagradavel aquella conversa.

—Pódes limpar as mãos á parede, replicou ainda o Gorgulho, encolhendo os hombros.

E não insistiu mais.

O Sem-Ventura pegou no seu cinzel e pôz-se a trabalhar.

Uma parte do dia correu assim. O Gorgulho passou-a deitado sobre a cama a dormir para digerir o almoço.

Ao mesmo tempo que trabalhava, o Sem-Ventura meditava sobre as palavras do corcunda Castillon, e dizia para os seus botões que, se algum homem lhe havia algum dia inspirado confiança, era de certo aquelle.

Perto das quatro horas, o Gorgulho acordou, e pronunciou as seguintes sublimes palavras:

—Talvez seja tempo de pensarmos no jantar. Que te parece?

—Como quizeres, respondeu o Sem-Ventura que continuava a trabalhar, e que não póde reprimir um sorriso.

—Queres que jantemos aqui, ou que vamos á casa de pasto? tornou o Gorgulho, que não podia tratar de leve aquellas questões.

—Como quizeres, repetiu o Sem-Ventura, que respondia sempre com a mesma formula áquellas perguntas do Gorgulho.

marselez encolheu os hombros e accendeu outra vez o cachimbo, murmurando:

—Este rapaz nunca ha de olhar a vida pelo lado positivo.

No momento, porém, em que fazia esta reflexão, o Gorgulho ouviu um passo rapido na escada e alguém bateu em seguida á porta. O Sem-Ventura foi abrillado pelo grito de surpresa e de alegria á vista do visitante.

—Ora, o advogado, o corcunda Castillon.

—Sala! disse elle soltando um fundo suspiro, é preciso almoçar tres vezes para cá chegar acima. Um homem que se precipitasse da janella para a rua, teria tempo de morrer de fome no ar!...

O Sem-Ventura offereceu-lhe uma das duas unicas cadeiras que no quarto havia.

—E depois, continuou o corcunda, vim a correr... Quem tem bõas novas para dar, tem tambem bõas pernas para as levar.

O Sem-Ventura estremeceu.

O corcunda olhou meio desconfiado para o Gorgulho; mas o Sem-Ventura disse logo:

—Póde falar deante delle como se estivessemos só nós dois; ha sete annos que vive commigo dia a dia, hora a hora.

—Quasi que somos irmãos, murmurou Gorgulho.

Castillon tomou desde logo um ar presenteiro, e disse bruscamente para o Sem-Ventura:

—Não perdi o meu tempo desde pela manhã.

—Que fez então?

—Estudei a sua questão.

—Bom.

—E fiz umas poucas de descobertas.

—Sim? exclamou com alegria o Sem-Ventura.

Vae vêr, replicou o corcunda. Ora escute...

—Sem-Ventura era todo ouvidos; o Gorgulho deixou apagar o cachimbo.

Não lhe disse o advogado Nivelin, proseguiu Castillon, que só um homem podia com o seu testemunho fazer inclinar a questão em seu favor?

—E' verdade.

—Mas que esse homem talvez tenha morrido.

—E' provavel.

—Morreu effectivamente; mas confesso o seu crime á hora da morte.

—A quem?

—Ao cura de Saint-Martin-des-Champs. O Sem-Ventura ignorava aquella circumstancia. Bastinguette nunca lh'o havia dito.

—Ora o cura de Saint-Martin vive ainda, continuou o corcunda; dizem-me que é um bom velho, que conserva ainda toda a sua lucidez de espirito, e o seu testemunho faria por isso um certo peso na balança.

—Deverei eu escrever-lhe? perguntou o Sem-Ventura.

—Espere, tornou Castillon. Sabe o que é feito do barão de Neuville?

—Não; mas é provavel que resida em Pariz.

—Engana-se; vive em uma propriedade no Nivernais, muito perto de Saint-Martin-de-Champs. Raras vezes vem a Pariz.

—Ah!

—E parece-me, se fossemos passar ambos uns oito dias na provincia do Nivernais... adeantariamos extraordinariamente a questão...

O Sem-Ventura estremeceu, e ficou calado.

O corcunda continuou:

—Achei já um pretexto para me ausentar do escriptorio por quinze dias... O bom Nivelin não me recusa coisa alguma... isto é, coisa alguma, menos dinheiro...

—Dinheiro! murmurou o Sem-Ventura, a quem aquella palavra fez experimentar verdadeiro terror.

—Realmente o dinheiro, proseguiu o corcunda, é uma terrivel coisa; não se póde passar sem elle; é necessario para tudo. Não se dá um passo na vida, sem que vá adeante o dinheirinho.

O Sem-Ventura trocou com o Gorgulho um olhar eloquente de desespero.

Castillon continuou:

—Ora, eu tenho umas economiasitas; mas são tão modestas que de certo não chegam a uns pobres duzentos francos. Será bastante para a nossa digressão?

O Sem-Ventura fez um gesto de recusa. Tomou então o Gorgulho a palavra:

—Dá-me licença que eu entre na conversa? perguntou elle.

—Pois não! murmurou o corcunda.

—Com franqueza: o senhor julga que se tirará alguma vantagem da viagem ao Nivernais?

—De certo.

—Mas qual é o fim que tem em vista?

—Escute, tornou Castillon. Se o senhor Godefroy é effectivamente filho do conde de Neuville, como supomos, é impossivel que não tenha com seu pae uma vaga semelhança; e essa semelhança ha de impressionar a gente de Saint-Martin-des-Champs.

—Póde ser, póde... murmurou o Gorgulho com pouca convicção.

—Além disso, continuou o corcunda, o castello, onde o barão de Neuville habita, não fica muito longe da povoação...

—Ah!

—E o barão fez transportar para lá todos os seus retratos de familia.

O Sem-Ventura estremeceu, porque se recordou de que Bastinguette lhe contára, que no salão da condessa de Neuville, vira um retrato tão extraordinariamente semelhante ao Sem-Ventura, que ella soltára um grito de surpresa e de admiração.

O Gorgulho estava meditando. Por fim murmurou:

Parece-me, porém, que não ha necessidade alguma de fazer saber ao barão de Neuville o regresso do Sem-Ventura.

— Também é essa a minha opinião, disse Castillon vivamente; mas eu cá tenho o meu plano, e se o sr. Godofroy quer acompanhar-me...

— Onde? perguntou bruscamente o Sem-Ventura.

— Ao Nivernais. Bastar-nos-ão apenas trezentos francos para isso.

— Trezentos francos! exclamou o Sem-Ventura com voz dolorosa; trezentos francos!

— Arranjo-os eu, disse o Gorgulho resolutamente.

— Tu!

— Sim, eu. Não te dê isso cuidado...

— Mas como? Quero saber...

— Mais tarde... mais tarde o saberás, replicou o Gorgulho, cujo intuito era nem mais nem menos do que ir pedir aquella somma a Bastinguette, sem que o Sem-Ventura o soubesse.

Nesse momento, porém, alguém bateu á porta, que o Sem-Ventura foi immediatamente abrir. Um homem entrou, e o Sem-Ventura e o Gorgulho reconheceram ser o «ferro-velho» que de manhan lhes comprára o «paletot».

— Meus senhores, disse este, que de proposito se apresentava com ar franco e jovial; venderam-me esta manhan por oito francos um «paletot» que valia quatrocentos e oito. Venho trazer-lhes os quatrocentos...

O Gorgulho soltou um grito de surpresa e o Sem-Ventura esfregou os olhos para se certificar de que estava bem acordado; parecia-lhe aquillo um sonho.

V

Ao mesmo tempo que assim falava, o «ferro-velho» tirou do bolso as quatro notas que Bastinguette lhe dera de manhan, as quaes estavam sujas e enrugadas, como se houvessem andado alguns annos em algum bolso gorduroso. Ninguém diria que tinham saído, horas antes, da elegante carteira da «prima-donna».

O Sem-Ventura foi o primeiro a voltar a si do paño que se havia apoderado delle e do Gorgulho.

— Não sei o que quer dizer, senhor, exclamou elle.

— Nem eu, disse o Gorgulho com voz tremula, e lançando para as notas uns olhos de apaixonado.

O «ferro-velho» havia collocado as quatro notas sobre a mesa.

— Ah! murmurou Castillon, que era a curiosidade personalisada.

— Esta manhan, tornou o «ferro-velho» dirigindo-se para o corcunda, estes senhores chamaram-me.

— Muito bem!

— E venderam-me este paletot...

— Exactamente, disse o Gorgulho.

— Logo que fui para casa, puz-me a descozer o paletot para o virar, e achei estas quatro notas de cem francos escondidas entre o forro. Ora, como sou um homem honrado, venho restituil-as. A coisa é simplissima, como já disse.

Mas o Sem-Ventura replicou:

— Eu nunca escondi dinheiro no forro do meu paletot.

— Que fosse o senhor, ou outra qualquer pessoa, pouco importa; eu é que não tenho nada com isso, tornou o «ferro-velho».

— Mas esse dinheiro não me pertence, insistiu o meticuloso Sem-Ventura.

Nem a mim, respondeu o «ferro-velho».

E, sem mais tir-te nem guar-te, voltou costas e saiu apressadamente.

O Sem-Ventura ia para correr após elle; mas o Gorgulho impediu-lhe o passo, e perguntou-lhe:

— Que vaes tu fazer?

— Chamar o «ferro-velho».

— Para que?

— Para lhe entregar o dinheiro.

— Ora essa! elle que veio trazel-o, é porque de certo não lhe pertence.

E o Gorgulho collocou-se resolutamente em frente da porta, para não deixar sair o Sem-Ventura.

— Perdão, meus amigos, disse então Castillon, em vez de perder a cabeça, devemos procurar esclarecer o caso.

O Sem-Ventura voltou-se.

— Ora, reflexionemos, proseguiu o corcunda; ha em tudo isto um facto que parece não admittir contestação, e é: que o dinheiro estava effectivamente no forro do casaco. O «ferro-velho» não tinha de certo a generosidade de vir trazel-o, se assim não fosse.

— Está visto! exclamou o Gorgulho.

— Mas eu nunca escondi dinheiro algum no forro do paletot, tornou o Sem-Ventura.

— Embora!

— E portanto este dinheiro não é a mim a quem pertence, mas sim á pessoa que me vendeu o casaco.

— Era novo quando o comprou? perguntou ingenuamente o corcunda, para quem o mercado do Templo não tinha mysterios.

— Era novo, era, disse o Gorgulho. Mas quer saber onde o comprámos?

— Onde?

— Na America. Em Nova-York, na vespéra de partirmos, em uma rua, cujo nome me não lembra, e em um armazem de fato, de que não sei nem o numero, nem o nome do proprietario.

— Isto é realmente extraordinario! murmurava o Sem-Ventura.

O marselhez proseguiu, falando para escrevente:

— Como havemos de nós enviar quatrocentos francos para Nova-York, a um negociante cujo nome se ignora, e que habita não se sabe aonde? E' insensato...

— E depois, retorquiu Castillon, ha ainda em tudo isto, uma outra coisa surpreendente...

— Qual é?

— E' que as notas do banco de Franca devem ser muito raras em Nova-York.

— De certo.

— Seja como fôr, tornou o Sem-Ventura; o que é mais que certo que o dinheiro não é meu.

— A posse tambem é um titulo de propriedade, murmurou o Gorgulho, que era menos escrupuloso do que o Sem-Ventura.

— Pois ao «ferro-velho» tambem não pertence, disse o corcundo.

— Não, visto que o restituíu.

— Temos um meio muito simples de cortar a difficuldade, tornou o Sem-Ventura.

— Vamos a vêr! exclamaram ao mesmo tempo o Corcunda e o Gorgulho.

— Vou metter as quatro notas dentro de um envelope.

— E envia-as para Nova-York? perguntou o Gorgulho com susto.

— Não; mando-as entregar á commissão de beneficencia da nossa freguezia.

O Gorgulho perdeu de todo a paciencia; começou a bravejar como um possesso.

— Este rapaz é estúpido! é idiota! gritava elle. Sabe que estamos a morrer de fome, quando o céu faz um milagre em nosso favor, começa elle, o desagradecido, a fazer-se grave!

— Quem sabe, tornou o Sem-Ventura sem fazer muito caso da comica indignação do seu amigo Gorgulho, se o «ferro-velho» se enganaria? quem sabe se este dinheiro estaria em outro casaco, e não no meu?

— E's um tolo! um nescio! exclamou o Gorgulho indignado.

Tomou então a palavra o corcunda.

— Meu caro sr. Godofroy, disse elle; eu não sou beato nem santarrão, mas tenho, todavia, a convicção de que a Providencia não é um mytho, e que nas grandes occasiões vem ella em auxilio dos que della precisam. E' exactamente o que nos acontece agora. Temos uma viagem a fazer, da qual dependem uma fortuna um grande nome, viagem que estava em risco de não poder fazer-se por falta de dinheiro; e, quando menos se esperava, apparece o dinheiro, como se caísse do céu.

— Mas esse dinheiro não nos pertence, repetiu o teimoso Sem-Ventura.

— De accôrdo; mas a quem quer restituil-o?

— Aos pobres.

— Pois bem, tornou o imperturbavel Castillon; não chame seu a esse dinheiro; supponha que lh'o emprestaram.

— Quem?

— Os pobres. E supponha que o recebe com obrigação de pagar trezentos por cento, porque restituirá o triplo desta somma, com a qual conseguirá recuperar a sua fortuna.

O Sem-Ventura ainda não estava convencido. O Gorgulho, porém, que sabia tomar a proposito resoluções heróicas, aproximou-se da mesa, lançou mão das notas, e metteu-as no bolso tranquillamente.

— Que fazes tu? perguntou o Sem-Ventura.

— Sou eu que fico devendo aos pobres, respondeu o marselhez.

O Sem-Ventura e o corcunda desataram a rir.

— Quer que partamos hoje mesmo? perguntou o corcunda para o Sem-Ventura.

— Já se vê! atalhou o Gorgulho. E eu vou tambem...

E como o Sem-Ventura hesitava ainda, continuou:

— Não queres então fazer coisa alguma para te approximares de Bastinguette?

Aquellas palavras magicas não pôde o Sem-Ventura resistir.

O corcunda combinou com os seus novos amigos, que se reuniram todos tres ás nove horas da noite na estação do caminho de ferro e em seguida retirou-se.

Logo que o Sem-Ventura e o Gorgulho ficaram sós, exclamou este:

— Bom! parece-me que nos vão agora, correr bem as coisas...

O Sem-Ventura, porém, abanou a cabeça e murmurou:

— Quem sabe?

— Ah! vens tu com as tuas choradeiras! tornou o Gorgulho. Vaes matar-me e bicho do ouvido com a historia do homem do cão preto?

O ex-saltimbanco inclinou tristemente a cabeça e não respondeu.

O marselhez escovou o chapéu cuidadosamente e abotoou o rapado casaco.

— Saes? perguntou o Sem-Ventura.

— Saio.

— Onde vaes?

— Dizer ao velhote do armazem de vinhos, que não posso ainda esta semana tomar-lhe conta dos livros.

O pretexto, que o Gorgulho apresentava para sair, era tão plausivel e natural, que o Sem-Ventura nem por sombras se lembrou de que poderia não ser verdadeiro.

E contudo o Gorgulho mentia, porque era outro o motivo que o levava a sair de casa. Em vez de se dirigir para o armazem de vinhos, de cuja escripturação se havia encarregado, desceu toda a rua dos Martyres, tomou pela rua de S. Lazaro, e caminhou direito a casa da «prima-donna» Paqueta. A cantora voltava do theatro, onde tivera ensaio, e ia jantar á pressa porque tinha de cantar nessa mesma noite.

O marselhez fez-se annunciar do seguinte modo:

— O amigo do sr. Sem-Ventura!

Escusado é dizer que não o fizeram esperar. Bastinguette mandou-o entrar logo para o seu «quarto», e estendeu-lhe a mão affectuosamente.

Que ia fazer o Gorgulho a casa da cantora? Uma coisa simples, como o leitor vai ver.

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

IV

—Minha senhora, disse elle beijando respeitosa e a mão de Bastinguette, venho agradecer a v. exa....

—O que?

—Ora! eu tenho bons olhos, tornou o Gorgulho, e não sou tolo de todo...

—Mas não sei... murmurou ella sorrindo.

—Hoje de manhan foi um «ferro-velho» a nossa casa e comprou-nos um paletot já usado...

Bastinguette ficou impassível.

—Logo depois do homem se ausentar, saí eu também, e vi-o ao longe entrar numa carruagem...

—Ah!

—Na qual o esperava um senhora, que era o vivo retrato de v. exa...

—E depois? perguntou Bastinguette, um pouco inquieta.

—Não sei o que se passou entre essa senhora, ou para melhor dizer, entre v. exa. e o «ferro-velho»; o que é certo é que elle voltou ha pouco a nossa casa, e...

Bastinguette corou até á raiz dos cabellos.

—E eu a adivinhei... continuou o Gorgulho, sorrindo.

—Diga-me, por quem é... murmurou ella com anciedade.

—Se «elle» acreditou a historia? Acreditou.

—E não suspeitou...?

—Nada absolutamente.

A «prima-donna» respirou com força, como se de repente se sentisse alliviada de um grande peso.

—Ah! disse ella; é que o nosso querido e bom Sem-Ventura é tão escrupuloso!

O Gorgulho beijou-lhe as mãos outra vez.

—Adeus, minha senhora, disse elle; nós partimos esta noite.

—Bem sei.

—Sabe? Quem lh'o disse?

—O corcunda Castillon que saiu agora mesmo daqui, respondeu ella. Eu também entro na conspiração...

E despediu-se, sorrindo, do marselhez, que saiu de casa da cantora, murmurando:

—Os demonios das mulheres, quando se lhes mette em cabeça serem anjos, fazem as coisas perfeitamente! ...

... ..
Horas depois, o Sem-Ventura, o Gorgulho e o corcunda Castillon seguiam para Auxerre no comboio das nove horas.

VI

Corriam então os primeiros dias do mez de abril. O inverno fôra muito pouco rigoroso, e por isso o mez de março havia-se assemelhado ao mez de maio.

A manhan estava esplendida. Um homem, cujo vestuario coberto de poeira dava testemunho de que fizera uma longa jornada, caminhava a custo pelo caminho marginal do canal do Nivernais, o qual atravessa toda a baixa Borgonha.

Os prados estavam verdes, e as encostas semeadas de vinhedos e de arvores de fruto. A paisagem era encantadora.

O viandante, porém, que pelo rapado vestuario se conhecia que não era camponez, mas sim cidadão, parecia pouco sensível ás bellezas da natureza, e caminhava com esforço como quem tem pressa de chegar ao termo da jornada.

Tinha já passado além da pequena povoação que tem por nome — Chalet Censoir, — e achava-se agora muito perto do departamento do Nièvre, que é separado do de Yonne apenas pela ribeira deste mesmo nome.

Na frente do caminhante erguia-se, a uns cem metros de distancia, uma pequena casa, Era um moinho.

— Por enquanto, nem o mais leve vestigio de castello! murmurou elle com desalento.

Uma pequena trouxa de roupa, que levava dependurada na extremidade de um páu sobre o hombro, parecia ser toda a sua fortuna.

Quando ia passando em frente do moinho, começou um cão a ladrar de dentro. O moleiro chegou á porta.

O viajante dirigiu-se para elle e perguntou-lhe:

— Tem a bondade de me dizer se ainda estou longe de Bretau-dière?

— Do castello onde reside o sr. barão de Neuville? perguntou o moleiro.

— Sim, amigo.

— O castello fica a distancia de tres pequenos quartos de legua, respondeu o moleiro, lançando um curioso golpe de vista sobre o destroçado fato do viajante.

— E' mesmo com o sr. barão que quer falar? perguntou o moleiro.

— Com elle proprio.

—E' provavel que não o encontre em casa a esta hora, tornou o moleiro.

No semblante do desconhecido transpareceu como que uma especie de terror.

— Dar-se-á o caso que elle não esteja na Borgonha? murmurou elle precipitadamente.

—Oh! isso está! respondeu o moleiro; mas, se não me engano, senti-o passar hoje ao alvorecer com os seus cães. E' provavel que fosse caçar para «Frestoye».

Frestoye é o nome de uma vasta floresta do Estado, que fica próxima da pequena cidade de Coulanges-Sur-Yonne.

—Mas recolherá ainda esta noite a casa? perguntou o viajante com anciedade.

—De certo! de certo!

Esta resposta, porém, pareceu não o tranquillisar ainda.

Momentos antes tinha vindo também a moleira para a porta de casa, e estava encostada ao braço do marido, olhando curiosamente para o viajante.

Era uma bella e robusta mulherona de uns trinta a trinta e dois annos, com olhos negros, e expressivos, e de fórmãs opulentas e bem contornadas.

—Este senhor vae á Bretandière? perguntou ella ao marido, não ousando falar directamente com o desconhecido.

—Vae, sim, respondeu o moleiro.

A mulher ganhou coragem, e dirigiu-se então para o viajante.

—Vem de muito longe, senhor? perguntou ella.

—Venho de longe... e de perto! respondeu elle, sorrindo melancolicamente

E, como o moleiro e a mulher ficassem com cara de quem não havia comprehendido, continuou:

—Hoje venho apenas de Auxerre, de onde parti ás tres horas da madrugada.

—Safa! exclamou o moleiro admirado; pois olhe que daqui a Auxerre ha perto de nove leguas...

—Pouco mais ou menos, respondeu o desconhecido.

—Coitado! murmurou a bondosa moleira, deve estar muito fatigado!

—Um pouco, um pouco, disse elle limpando a testa, que estava escorrendo em suor. Mas já agóra, visto que a Bretau-dière fica distante daqui apenas tres quartos de legua...

—Antes, porém, de se pôr a caminho outra vez, tornou o moleiro, ha de beber ella um copo de vinho.

O viajante còrou de prazer.

—Entre para cá, meu caro senhor, disse a moleira com affabilidade.

O desconhecido não se fez rogado, e entrou no moinho.

Eram pouco mais ou menos onze horas da manhan. A mesa estava posta, e sobre ella uma enorme terrina de sopa fumegante.

Não sabermos dizer ao nosso leitor, se aquella refeição era epilogo de almoço, ou prologo de jantar; o que é certo é que, em volta da mesa, estavam já assentados dois rechonchudos rapazetes e uma creada, que parecia esperarem impaciente-mente que a moleira viesse distribuir a sopa.

Pelo olhar furtivo e cheio de cubiça, que o viajante lançou para a mesa, logo que entrou, o moleiro e a mulher adivinharam que o pobre homem estava morrendo com fome.

—Olhe que este moinho não é nosso, disse o moleiro; trazemol-o arrendado ao

senhor barão, a quem pertence; de sorte que, estando aqui, quasi que está em casa d'elle.

E, offerecendo-lhe uma velha cadeira com assento de páu, continuou:

—Assente-se e coma, senhor. Quem já palmilhou hoje nove leguas, deve ter a garganta secca e o estomago a «dar horas». Não faça cerimonia, o que chega para cinco, chega para seis.

O offerecimento era tão franco e cordial, que o pobre viajante accitou sem hesitar. Assentou-se á mesa e pôz-se a comer e a beber com avidez.

—O senhor conhece o senhor barão? perguntou o moleiro.

—Fomos em outro tempo muito amigos, respondeu o viajante.

E lançou um triste olhar para os andrajos que o cobriam.

—Já ha muito tempo que o não viu? perguntou ainda o moleiro.

—Ha sete annos.

—O senhor vem de Pariz? perguntou a moleira, que estava mortinha por metter a sua colherada.

—Venho de mais longe.

—Ah! de onde vem então? tornou a moleira com curiosidade.

—Da America.

—Eia! exclamou ella, em extremo admirada. Essa viagem não se faz em horas nem em dias; são precisos semanas e mezes!...

—E além disso, accrescentou o viajante sorrindo, é preciso não naufragar.

—E o senhor naufragou?

—Infelizmente! E perdi no naufragio tudo o que possuia.

Estas palavras pronunciou-as o viajante com accento de tão pronunciada tristeza, que os habitantes do moinho ficaram commovidos. A moleira ardia em desejos de saber o que o desconhecido ia fazer á Bretau dière, mas não sabia bem como havia de perguntar-lh'o. Por fim resolveu-se a interpellal-o sem rodeios.

—Irá o senhor por acaso, perguntou ella com acanhamento e olhando a furto

para o marido, pedir ao senhor barão um favor... de dinheiro?

O viajante estremeceu.

—O' mulher, disse o moleiro severamente, que te importa a ti com isso?

E, voltando-se para o viajante, continuou:

—Desculpe-a, senhor; as mulheres são umas abelhudas... querem saber tudo!

O desconhecido respondeu:

—O barão de Neuville deve-me grandissimos favores... prestei-lhe em outro tempo um serviço, para elle muito importante... Creio que não ha de ser ingrato... espero que me auxiliará...

— Ah! tornou a moleira com extrema franqueza; é que o tal senhor barão, de generoso não tem nada!

— Cala-te ahí, faladora! disse o moleiro.

Esta recommendação, porém, foi inutil. A moleira continuou a dissertar a respeito da proverbial sovinnria do barão de Neuville.

— Mas dantes não era assim, dizia o viajante.

— E' porque mudou, respondeu a moleira.

E continuava a pôr o barão pela rua da amargura.

No entretanto o viajante ia comendo e bebendo. De subito o cão, que estava deitado debaixo da mesa deu um pulo e correu para a porta. Ao mesmo tempo o moleiro approximou-se de uma janella e pôz o ouvido á escuta.

— Ah! ah! disse elle ao cabo de alguns momentos; Finaud tem bom ouvido.

— Que foi o que elle ouviu.

— As trompas em Frestoye dando o signal da retirada. A caçada acabou; e hoje não se prolongou muito.

— Então é provavel que o barão recolha a casa antes do anoitecer...

— Oh! com certeza, replicou o moleiro. E agora vou ensinar-lhe o caminho. Quando tivermos andado uns cem passos, tornearemos o valle. Avista-se logo a Bretau dière, que fica a meia encosta.

O viajante agradeceu á moleira a sua cordial hospitalidade e saiu com o moleiro.

VII

O viajante, que se dirigia para a Bretau dière, e a quem a moleira havia dado tão tristes informações sobre a pouca generosidade do barão de Neuville, tinha brancos os cabellos, apesar de que no semblante mostrava ser homem novo ainda. Tinha quarenta ou sessenta annos? Era enigma pouco facil de resolver.

O que comtudo podia afirmar-se ao vel-o, é que tinha soffrido muito e havia envelhecido antes de tempo.

O moleiro conduziu-o até um sitio, onde o canal, que corria ao longo de uma encosta semeada de vinhedos, voltava bruscamente para a direita.

Dahi avistava-se um valle encantador, no meio do qual estava situada uma bonita povoação; e logo acima, a meia encosta, um pequeno castello, construido com tijolos brancos e encarnados, e que evidentemente fôra levantado no reinado de Luiz XIII.

Era a Bretau dière.

— Lá está o castello, disse o moleiro, apontando para a graciosa habitação senhoreal.

— Ah! disse o viajante suspirando; que bonita habitação! é propria só para um homem muito rico e feliz!

— Ora! exclamou o moleiro; aquillo não é nada em vista do mais, que o senhor barão de Neuville possui!...

— Sim... eu sei que elle é muito rico.

O moleiro estendeu a mão para o sul.

— Olhe, disse elle: vê além o rio Yonne? E' a extrema dos dois departamentos.

O rio via-se effectivamente a uns duzentos metros do canal, e corria tranquilamente por entre uma dupla fileira de salgueiros gigantescos.

O moleiro continuou:

— Saint-Martin-des-Champs não fica a mais de tres leguas de distancia daqui.

— O que é Saint-Martin?

— E' a povoação, junto da qual está situado o «Castello Queimado».

— Singular nome!

— Poi é ahí onde são situadas as melhores propriedades da familia Neuville.

— Ah!

— Toda a herança do fallecido conde ha de reverter para o senhor barão, logo que a condessa falleça.

— Pois ella ainda vive? perguntou o viajante involuntariamente.

— Ainda, mas está doida...

E ficou por um momento silencioso. Depois continuou:

— Em Saint-Martin ha quem acredite na «tal historia...»

— Qual historia? perguntou o viajante estremecendo.

— A de ter o jardineiro roubado a creança...

— Uma creança? perguntou o viajante, com ar ingenuo.

O moleiro porém esquivou-se a responder, dizendo:

— Quer um conselho de amigo? Se pretende alguma coisa do senhor barão de Neuville, não lhe falle nunca na «tal historia...» Adeus; desejo-lhe felicidades.

E sem querer dar mais explicações, o moleiro despediu-se do viajante, e afastou-se rapidamente.

Este, fortificado pela refeição com que no moinho o haviam brindado, continuou a caminhar com passos seguros e resolutos.

Tomou pelo caminho que conduzia á povoação, passou em frente da modesta egreja, e entrou em uma estreita azinhalga que subia até ao castello.

Quando chegava junto das grandes arvores do parque, viu a pequena distancia um criado, que se lhe dirigiu logo, mettendo-o desdenhosamente com o olhar da cabeça aos pés. Logo que chegou ao pé d'elle perguntou-lhe insolentemente o que queria.

— Sou um amigo do senhor barão, respondeu o viajante.

O criado soltou uma gargalhada, e replicou:

— Está bem certo disso? Veja lá não se engane... (Continúa)

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

VII

O viajante, porém, endireitou-se, com os olhos a fisciarem.

— Ah! exclamou elle, julgas tu, por me veres mal vestido, que sou algum João Ninguem? veremos como te arranjas com o teu patrão, com o meu velho amigo barão de Neuville... eu te farei a cama...

O creado ficou intimidado e balbuciu algumas desculpas.

Em seguida conduziu o viajante para uma sala baixa do castello, dizendo-lhe que o barão não poderia tardar muito.

E effectivamente já se ouvia ao longe o som das trompas de caça, dando o signal da retirada.

Meia hora depois appareceu o barão de Neuville, e deu entrada no espaçoso pátio do castello, á frente de toda a sua equipagem de caça. Um dos creados, a cavallo, trazia na sua frente, atravessado, sobre a sella, um enorme javali.

O barão de Neuville pôz pé em terra. O viajante que o examinava, meio escondido pelas cortinas da sala, onde se achava, por detraz das quaes se collocára, teve muito tempo para poder notar, que o barão havia tambem envelhecido consideravelmente.

Já não era o elegante mancebo que, em outro tempo, vimos entrar na barraca do saltimbanco Coqueluche, e propôr á formosa Bastinguette uma escriptura magnifica. Agora tinha os cabellos grisalhos, e transpareciam-lhe no emmagrecido rosto signaes evidentes de violentos desgostos e de cruéis preocupações. Tinha o olhar frio e duro, e os labios descolorados.

O viajante recordou-se então das palavras da moleira, a qual asseverara que o barão de Neuville era pouco generoso, e de uma rispidez singular. No entanto saiu da sala para onde o creado o conduzia e foi ao encontro do castellão.

Este mediu-o com o olhar altivamente e, não o reconhecendo, ou fingindo que o não reconhecia, perguntou-lhe com modo desabrido:

— Que quer?

— Como assim! exclamou o viajante empallidecendo. Tão mudado estou eu que...

— A sua voz não me é de todo desconhecida... mas...

— Pois não reconheces o teu velho amigo Paulo Salbris? exclamou o viajante.

O barão de Neuville fez um gesto de mau humor, promptamente reprimido; passou-lhe pelos olhos um relampago de cojora.

— Ah! és tu? murmurou elle.

E pegando-lhe por um braço, foi com elle para a sala baixa, em que já fallámos. Chegado ahi, fechou a porta cuidadosamente, e disse seccamente para Paulo Salbris:

— E' inutil pergunta-me o motivo por que vens aqui, não é assim?

— Bem vês... que não estou em circunstancias prosperas...

— E' porque és bebedor e preguiçoso.

— Não. E' porque me persegue a má sorte.

O barão encolheu os hombros.

— Póde ser! murmurou elle.

E, mettendo a mão na algibeira, tirou della dois luizes e offereceu-os ao seu antigo cumplice.

— Aqui tens, disse elle friamente; é tudo o que em teu favor posso fazer.

Paulo Salbris, o antigo cumplice do barão de Neuville, o homem que levára o pobre Sem-Ventura para longe de Paris, encerrado em uma caixa, e fôra a causa primaria das tristes aventuras do saltimbanco, recuou aterrado á vista daquelle insultante esmola.

— De certo estás brincando! balbuciu elle.

— Eu nunca brinco, disse o barão friamente.

— Mas meu amigo, tornou Paulo Salbris, é preciso que saibas que chego da America, que naufraguei e perdi tudo o que possuia. Estou sem dinheiro, sem pão, e sem asylo... se tu te não compadeceres de mim...

— Meu caro, respondeu o barão, pediste-me em outro tempo diversas sommas, que nunca me restituiste. E então era eu moço ainda, e inexperiente da vida... hoje o não sou já; bem vês que estou cheio de cabellos brancos. Aceita os dois luizes que te offereço, e deixa-me tranquillo.

— Mas eu careço de muitos mil francos, balbuciu Paulo Salbris.

— Deverás? perguntou o barão com os labios contraídos em um sorriso de escarneo insultante...

— E tu... sabes perfeitamente...

— O que?

E o barão de Neuville fitou no seu antigo cumplice um olhar frio e acerado como a ponta de um punhal.

— Já te não recordas? perguntou Paulo Salbris.

— Mas de que?

— Do... saltimbanco?...

— Qual saltimbanco? disse o barão, impassivel.

— Que mettemos em uma caixa...

— Não entendo...

E que levei commigo para te desembaraçar delle...

— Meu caro, disse então o barão de Neuville com a maior serenidade, vejo que as desventuras te perturbaram a razão. O que estás dizendo é pura invenção...

Paulo Salbris soltou um grito de indignação.

— Miseravel! exclamou elle; ousarás negar?...

— Meu caro, respondeu o barão, encolhendo os hombros desdenhosamente; póde negar-se tudo o que não póde provar-se.

E mettendo de novo a mão no bolso, tirou de dentro um punhado de ouro, e disse:

— Queres um bom conselho? pega neste dinheiro, e vae-te embora. Os meus creados hão de estar surprehendidos de que eu tenha taes conhecimentos.

Paulo Salbris, recordando-se de que nos ultimos dias tinha tido fome, pegou nas quinze ou vinte moedas de ouro que o barão de Neuville lhe offerecia para se desembaraçar delle, e levantou-se murmurando:

— Julgava-te grato!

O barão de Neuville fez um gesto de impaciencia, e voltou-lhe as costas.

Paulo Salbris saiu da Bretaudière, e desceu para a povoação; entrou na unica hospedaria que na aldêa havia, e pediu de comer e de beber. Depois perguntou qual a distancia que tinha a percorrer para chegar a Saint-Martin-des-Champs.

— Tres leguas, lhe respondeu o estalajadeiro.

Paulo Salbris sentia-se devéras fatigado; contudo, pagou adespesa que fizera, e pôz-se immediatamente a caminho.

— Fizeste mal, barão, murmurava elle ao mesmo tempo que caminhava, fizeste mal em me receberes tão desabridamente como o fizeste... Ha entre nós um segredo terrivel, e, graças a esse segredo, hei de vingar-me!

E evitou passar de novo em frente do moinho, onde horas antes fôra tão cordialmente recebido, passando o Yonne na ponte de Coulanges.

Uma hora depois achava-se no Nivernais.

VIII

Ao mesmo tempo que caminhava, Paulo Salbris murmurava:

— Eis o que são os homens! Aquelle que ha pouco me insultou, tratando-me como se trata um mendigo, deve-me tal vez metade da sua immensa fortuna! re me dêsse uns miseraveis dez mil francos, retirar-me-ia satisfeito e feliz! Mas não! offedeceu-me dois luizes primeiro... depois teve medo e ajuntou mais quinze...

«Mas eu não andei sessenta leguas de Pariz até aqui, para voltar apenas com uma duzia de luizes no bolso... Veremos... veremos...

E fazia mil projectos de vingança, continuando a caminhar cada vez com maior difficuldade, porque tinha os pés feridos.

Agóra, porém, que tinha dinheiro, porque não havia elle parado em Coulanges, que é uma pequena e bonita povoação, onde ha uma excellentê hospedaria? Teria encontrado ahi uma boa e succulenta ceia, e uma cama, fôfa e commoda como a de um principe.

Não. Paulo Salbris queria ir a Saint-Martin-des-Champs, onde desejava che-

gar o mais depressa possivel. Lá é que era situado o castello queimado, lá é que fôra creado o Sem-Ventura, lá finalmente é que se contava a historia legendaria do cão preto.

Ora, o nosso leitor de certo se recorda de que sete annos antes, naquella fatal noite em que o Sem-Ventura fôra substituir a figura de cera dentro do caixão, o barão de Neuville, persuadido de que Paulo Salbris nunca mais regressaria á França, lhe confidára certos detalhes, relativos ao nascimento do saltimbanco.

E portanto Paulo Salbris tinha a convicção de que o Sem-Ventura era effectivamente filho da condessa de Neuville.

Mas que seria feito do saltimbanco? Deixara-o em Brighton sete annos antes. Estaria ainda na Inglaterra? Teria já regressado para a França? Seria morto ou vivo? Paulo Salbris ignorava.

E todavia uma força mysteriosa, um destes presentimentos vagos que não tem explicação, impellia-o irresistivelmente para a povoação, que lhe era inteiramente desconhecida, e cujo nome mui raras vezes tinha ouvido pronunciar.

Triste vida a daquelle homem, que empregára a sua actividade em todos os misteres, sempre com pessimos resultados, e que chegára aos cincoenta annos sem poder nunca emancipar-se da miseria, novo rochedo de Sísipho que de continuo o esmagava!

Era pouco escrupuloso na escolha dos meios, que empregava para conseguir os seus fins, e mais de uma vez tinha, sem hesitar, praticado acções indignas e desleaes, que lhe tinham valido, entre os que o conheciam, a fama de «cavalheiro de industria.

— Ah! murmurava elle, apressando o passo, porque o sol ia em breve esconder-se no horizonte, dizes que o que não pode provar-se não existe? Pois bem! veremos! Oh! se encontrasse o Sem-Ventura!

Nesse momento subia elle a collina que fica sobranceira ao rio Yonne do lado do Nivernais. O caminho que seguia era uma das bonitas e pittorescas estradas departamentaes, calçada com pedra azulada, e sombreadas com uma dupla fileira de olmos e alfenas.

Paulo Salbris divisou, a distancia na sua frente, um carro de quatro rodas, carregado de palha, e puxado por dois pacherrentos bois. Apressou o passo, e aproximou-se delle.

— Olá, amigo! gritou elle para o carreiro, que ia deitado de ventre no meio da palha, e que, ao ouvir a voz de Paulo Salbris, voltou indolentemente a cabeça.

— E' este o caminho de Saint-Martin-des-Champs?

— E', sim, senhor, respondeu o carreiro.

— Vae para lá com o seu carro?

— Não vou para a povoação, mas vou para muito perto della.

— Quer levar-me sobre o carro?

Ora, Paulo Salbris usava uma sobrecasaca já muito velha; mas, aos olhos de um aldeão, a sobrecasaca, seja ou não

rapada, é indício de uma certa abastança de meios. E, portanto, o carreiro, calculando que, se o desconhecido lhe pedia que o conduzisse no carro, era de certo porque tencionava retribuir-lhe o favor com uma pequena moeda de trinta «ous», fez parar os bois com muito boa vontade.

Paulo Salbris trepou logo para sobre a palha, e estendeu-se ao lado do carreiro. Os bois continuaram a caminhar.

— Fica ainda longe Saint-Martin? perguntou Paulo Salbris.

— Pouco mais de legua e meia.

— Mas o amigo não vai directamente para lá...

— Não, respondeu o camponez. Vou para uma herdade que se chama — La Rouanière.

— Ah! murmurou Paulo Salbris.

— Mas da Rouanière a Saint-Martin ha apenas um quarto de legua de distancia. Da herdade vê-se perfeitamente a torre da igreja da freguezia.

Paulo Salbris conheceu logo que o carreiro era falador, e portanto começou a puxar-lhe pela lingua.

— O amigo é de certo o rendeiro da herdade?

— Oh! isso era bom! respondeu o camponez, dando um suspiro. Então era eu um rei pequeno, porque a Rouanière tem perto de cem geiras de extensão. Mas já ha vinte e cinco annos que lá vivo; sou creado do rendeiro. Não gosto de andar a ver caras novas; onde estou bem, deixo-me estar.

— E tem toda a razão, disse Paulo Salbris.

O carro chegava nesse momento ao ponto culminante da collina, e dali avistavam-se, ainda a grande distancia, e no meio de uma pittoresca e verdejante planície, as casas que constituíam a pequena aldeia chamada de Saint-Martin-des-Champs.

A nordeste da povoação erguia-se uma collina no cume da qual se viam umas ruínas ennegrecidas, flanqueadas por torres meio derrocadas.

— Que castello é aquelle? perguntou Paulo Salbris.

— E' o «castello queimado», respondeu o camponez. E' assim chamado desde que um incendio o reduziu áquelle estado. Aqui onde me vê, vi-o arder...

— Ha já muito tempo que isso foi?

— Ha uns... bons vinte annos. Oh! era um castello magnifico, e o senhor conde, seu proprietario, era rico a valer.

— Que foi feito delle?

— Não sei... Quando lhe morreu o pequeno, foi com a senhora condessa para Pariz, e nunca mais cá voltou.

— Então morreu-lhe aqui algum filho?

— Dizem uns que sim, e outros que não... respondeu o carreiro. Isso é uma historia muito comprida...

— Sim? murmurou Paulo Salbris com uma especie de avidez.

— Na herdade para onde vamos sabem-na todos tim tim por tim tim.

— Na Rouanière

— Sim, na Rouanière. Pudera não a sabermos! o pequeno Sem-Ventura esteve lá muitos mezes como guardador de vacas...

— Sem-Ventura! que nome tão extravagante! exclamou Paulo Salbris com ar de quem ouvia pela primeira vez pronunciar aquella singular alcunha.

— Sem-Ventura era o rapazito «da questão», disse o camponez.

— Não comprehendo...

— Eu lhe digo: O senhor conde tinha um jardineiro, que se chamava João. No dia em que a senhora condessa teve o seu bom successo, teve tambem um filho a «Madançã», que era a mulher do jardineiro...

— E depois? perguntou Paulo Salbris a quem aquelles detalhes causavam uma certa commoção, que elle diligenciava occultar.

O camponez continuou:

— Durante a noite morreu no castello a creança, e na noite seguinte ardeu o castello. Dias depois o jardineiro enfiou-se, e a sua mania era, que a creança que morrerá era o filho delle e da «Madançã», e que o pequeno, que este estava creando, era filho dos fidalgos do castello.

O camponez calou-se por momentos. Depois, apontando para a frente com o agulhão, continuou:

— Olhe: vê além aquella casa muito branca, no meio das arvores?

— Vejo.

— Pois é alli a Rouanière. Se tiver tempo para lá se demorar, e se essa historia o interessa, pôdem lá contar-lh'a ponto por ponto. Lá sabem-na todos na ponta da lingua...

— Na povoação ha hospedarias? perguntou Paulo Salbris.

— Ha uma, mas não é boa.

Paulo Salbris, ao mesmo tempo que conversava, tinha deixado vêr ao aldeão uma ou duas moedas de ouro.

— Se o senhor deseja ceiar e dormir bem, tornou o camponez, talvez fique melhor na herdade.

— Pois sim, respondeu Paulo Salbris, que ia ruminando no cerebro as suas idéas de vingança.

Meia hora depois o carro dava entrada no espaço pateo da herdade.

Se a nossa antiga conhecida Bastinguette allí tivesse voltado, de certo teria reconhecido o barracão, onde havia trabalhado na corda; mas custar-lhe-ia a reconhecer o bom rendeiro, a rendeira e as filhas.

O rendeiro tinha branco os cabellos, a rendeira estava tambem muito envelhecida, e as filhas eram agora umas robustas camponezas, casadas e já com filhos.

No momento em que o carro entrava em um atalho que corria através dos campos, appareceu na estrada uma carruagem, e entrou na avenida de olmeiros, que ia acabar mesmo junto ao portão da herdade. Era uma carruagem de aluguel, de forma muito antiga, e tirada por um garrano meio estropiado.

O velho rendeiro, que estava assentado á porta, reconheceu logo o vehiculo. Pertencia ao seu velho amigo Onésimo Champot, estalajadeiro em Coulanges-Sur-Yonne. Guiava-o um rapazete de quinze annos pouco mais ou menos, assentado de lado sobre a lanca da carruagem.

Dentro desta vinham tres rapazes, que saltaram lestantemente para o chão, logo que entraram no pateo.

O rendeiro olhava para elles admirado, enquanto que Paulo Salbris, que nesse momento se deixava escorregar pela palha até pôr os pés no chão, soltava um grito de surpresa e de alegria.

Mas já então um dos rapazes estava dependurado ao pescoço do rendeiro, e dizia-lhe commovido:

—Então já me não conhece, meu caro patrão?

XI

O rendeiro, extremamente surprehendido, fazia baldados esforços, para se desprender de entre os braços do desconhecido, que era um mancebo de estatura elevada, um pouco pallido e magro, mas ainda assim bonito rapaz.

—Mas quem é então o senhor? perguntou elle por fim, sorrindo.

—Seriamente, já me não conhece?

—Não... palavra de honra!

—Estou então muito mudado?

E o mancebo sorria, enquanto que os seus dois companheiros se conservavam a pequena distancia, presenciando aquella scena.

O rendeiro parecia estar fazendo grandes esforços de memoria para reconhecer o homem que o abraçára, e que ainda lhe tinha as mãos presas affectuosamente.

—Sim... murmurava elle, tenho uma idéa vaga... já o vi, fosse onde fosse... mas não me recordo...

Nesse momento appareceu uma das filhas do rendeiro, a mais velha, e exclamou:

—Será possível, meu Deus?!...

—Quê é? perguntou o rendeiro, cada vez mais surprehendido.

—Então, meu pae exclamou ella, não o conhece já?

E, correndo para o mancebo, deitou-lhe ao pescoço sem cerimonia alguma os robustos braços.

O rendeiro teve então uma inspiração repentina.

—Ai que é o Sem-Ventura! gritou elle.

—E' verdade, meu bom e querido patrão, sou o Sem-Ventura! disse então o mancebo, que saltou de novo aos braços do rendeiro e á familia delle, que num momento se reunira toda alli.

Durante a primeira meia hora choveram perguntas sobre perguntas; todos que-

riam saber como é que o guardador de vaccas se fizera tão afidalgado, o que elle succedera desde que saíram da herdade, onde estivera, tudo enfim. Falavam todos ao mesmo tempo e ninguem se entendia. Era uma balburdia, impossivel de descrever. O Sem-Ventura estava atarantado.

Por fim, por assim dizer, em triumpho, entrou por uma sala baixa no rés-do-chão da casa, e o rendeiro gritou alegremente:

— Vá, rapaziada, toca a folgar; hoje ninguem mais trabalha aqui. Magdalena, vai já depennar o pato mais gordo que houver na capoeira. João, vai já á adega e traz um cangirão daquelle vinho, que sabes...

O Gorgulho, diga-se a verdade, ao ouvir dar aquellas agradabilissimas ordens, teve tentações de saltar tambem aos braços e aos beijos ao rendeiro.

O corcunda e o marselhez haviam entrado logo atraz do Sem-Ventura, mas ninguem fazia reparo nelles. Todos os olhares, todas as palavras, todas as attentões estavam fixas no antigo guardador de vaccas; era elle só o heroe daquelle ruidosa festa.

Por fim serenou aquella alegre tempestade; o Sem-Ventura contou em poucas palavras os factos mais notaveis da sua vida de aventureiro e o rendeiro perguntou-lhe:

— Já sabes que teu pae morreu?

O Sem-Ventura curvou a cabeça.

— Mas olha que eu, continuou o rendeiro, estou intimamente convencido de que elle não estava doido, e o nosso cura é tambem da mesma opinião. Para mim, é de fé que elle dizia a verdade.

O Sem-Ventura trocou um furtivo olhar com os seus dois companheiros. O rendeiro acrescentou:

— Mas deixemos agora isso. Primeiro cearemos; em seguida mandamos deitar todo esse «rapazio», e depois poderemos nós falar á vontade.

O programma traçado pelo rendeiro foi seguido á risca. Tres horas depois só estavam na sala baixa o rendeiro, o Sem-Ventura e os seus dois companheiros.

Paulo Salbris achára que era mais prudente eclipsar-se. A' excepção do carreiro que o conduzia sobre a palha, ninguem reparára nelle; o Sem-Ventura prendia todas as attentões.

O rendeiro, logo que ficou a sós com os seus tres hospedes, desrolhou uma garrafa de aguardente, encheu o cachimbo de tabaco e disse para o Sem-Ventura como que confidencialmente:

— Agora, meu rapaz, sempre te direi que, se por acaso o jardineiro falou verdade... se effectivamente fosses filho dos fidalgos do castello...

— Que succederia? perguntou sorrindo o Sem-Ventura.

(Continúa).

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XI

—Succederia... eu sei lá? Deviam en-
fregar-te o que é teu!

O corcunda Castillon entrou então na
conversa.

—Peço desculpa, disse elle, dirigindo-
se para o rendeiro; atrevo-me a metter
a minha colherada na questão, porque,
aqui onde me vê, sou entendido em coi-
sas de justiça.

—Não me admira isso, replicou o ren-
deiro, inclinando-se. Ah! temos nós o ta-
bellião de Pavilly, que é uma povoação
proxima daqui, o qual tambem é cor-
cunda, e sem desfazer em quem está pre-
sente, é fino como um coral. Em coisas
de justiça ninguem lhe deita agua ás
mãos!

Castillon inclinou-se.

—Infelizmente, continuou o rendeiro, o
jardineiro morreu, e a Magdalena tam-
bem.

Ao recordar a pobre mulher, que o ha-
via amado com extremos de mãe carinho-
sa, o Sem-Ventura sentiu que os olhos
se lhe enchião de lagrimas.

—Verdade é, proseguiu o rendeiro, que
o jardineiro, á hora da morte, confessou
tudo ao cura.

—E o cura, perguntou Castillon, ainda
vive?

—Ainda. Mas está já muito velhinho.

—E diga-me, tornou o corcunda; só o
senhor é que acredita que tiveram logar
os factos, contados pelo jardineiro?

—Ora! por aqui todos pensam como
eu; não ha uma unica pessoa, que não
esteja convencida de que o jardineiro di-
zia a verdade, quando contava a historia
da troca das creanças. Mas, diga-se a ver-
dade, todos nós julgavamos morto o Sem-
Ventura!

—Pois bem, já vê que se enganavam,
disse o Sem-Ventura rindo. Eis-me aqui
de saude perfeita.

—Está-me parecendo, tornou o rendeiro
sorrindo, que o tal senhor barão de Neu-
ville, quando souber que estás de volta,
ha de passar uma noite pessima, no seu
castello da Bretau dière, que fica do ou-
tro lado do Yonne.

—Silencio! murmurou o prudente Cas-
tillon.

Entrava nesse momento na sala um no-
vo personagem.

Era Paulo Salbris.

O Sem-Ventura, que estava de costas
voltadas para a porta, virou a cabeça no
momento em que Paulo entrava na sala,
que estava perfeitamente alumiada. Fitou
sobresaltado aquelle semblante, e uma
subita recordação lhe illuminou o espi-
rito.

Reconheceu aquelle rosto envelhecido e
devastado, em que transparecia a miseria
e as ruins paixões.

Era aquelle o homem, que fôra cum-
plice e instrumento do infame barão de
Neuville; era elle, a quem o Sem-Ven-
tura devia sete longos annos de vida mise-
ravel e de angustioso exilio; fôra elle
quem violenta e traçoicamente o sepa-
rára da sua querida Bastinguette.

E por isso o bondoso Sem-Ventura tor-
nou-se, por um momento, vingativo e
quasi feroz. Ergueu-se de salto, e preci-
pitou-se furioso sobre Paulo Salbris.

— Miseravel! exclamou elle com os
dentes cerrados e os olhos brilhantes de
colera.

O Gorgulho, o corcunda e o rendeiro
levantaram-se surprehendidos. Quem era
aquelle homem, e que razão tinha o Sem-
Ventura para tão de subito se enfurecer?
Elle mesmo o explicou.

— Vêm este homem? perguntou o ex-
saltimbanco. Pois é nem mais, nem me-
nos do que o cumplice do barão de Neu-
ville.

— O que? disse o Gorgulho, cerrando
os punhos e avançando com ar ameaça-
dor.

— Foi elle quem me levou, encerrado
em um caixão, para bordo do navio!

O Gorgulho sabia detalhadamente a
historia.

— Ah! é este!? murmurou elle camin-
hando para o Sem-Ventura, para o aju-
dar a estrangular Paulo Salbris.

Este, porém, não fazia resistencia al-
guma, e limitava-se a indicar por signaes
que queria falar.

— Queres falar, miseravel? exclamou
o Sem-Ventura. Pois bem, fala... que
tens tu a dizer?

— Quero reparar o mal que fiz.

— Como?

— Confundindo o barão de Neuville
quem odeio! exclamou Paulo Salbris com
pronunciado accento de rancor.

— Bom! bom! murmurava o corcunda
Castillon, esfregando as mãos. Tudo nos
favorece... até o acaso!

E ergueu-se nas pontas dos pés, de mo-
do a poder chegar ao hombro de Paulo
Salbris, sobre o qual pousou a mão com-
prieda e descarnada.

— Parece-me, lhe disse elle sorrindo,
que havemos de poder entender-nos.

O olhar, de ordinario embaciado e sem
expressão, de Paulo Salbris, brilhava agora
com fulgor sinistro.

— Tenho segura a vingança! murmu-
rou elle com os labios contraídos em um
sorriso medonho.

XII

Voltemos agora á Bretau dière, e veja-
mos o que lá se passava, em seguida á
partida de Paulo Salbris.

O barão de Neuville, logo que o seu
antigo amigo desapareceu, encerrou-se
com cara de máu humor, em uma vasta
sala no primeiro andar do castello, a que
servia simultaneamente de casa de bñhar
e de gabinete de trabalho.

Nos ultimos annos tinha o barão de
Neuville passado vida tranquilla e socie-
gada, pelo menos na apparencia, e a sua
posição, com relação a meios de fortuna,
era, aos olhos do mundo, digna de ser in-
vejada.

Só á sua parte tinha elle mais de cem
mil libras de renda; e além disso, havia

sido nomeado administrador de todos os bens, moveis e immoveis, que pertenciam a sua tia, a condessa de Neuville, affectada ha sete annos de alienação mental, que, segundo a opinião dos medicos, pouco mezes poderia ter de vida.

O barão de Neuville contava apenas quarenta e seis annos, e todavia tinha já os cabellos brancos, e apresentava no semblante os signaes de uma velhice prematura.

Em outro tempo os estroinas parizienzes exprimião do seguinte modo a sua opinião a respeito d'elle:

—O barão de Neuville é um rapaz sem coração e sem alma. Nem tem virtudes, nem vicios; trata da sua pessoa com o cuidado com que se economisa um capital. Se lhe der a mania para viver cem annos, ha de conseguil-o.

Tinha elle então negros os cabellos, aspecto de excellente saude, e não se lhe via no rosto nem uma ruga unica.

A sua mais pronunciada paixão era a musica; mas o espirito positivo e profundamente calculista que possuia, obrigára-o a fazer um estudo particular para pôr de parte essa tendencia, e poder dedicar todas as suas idéas, todo o seu tempo e actividade ás especulações.

E é por isso que em outro tempo havia collocado fundos importantes na administração de um theatro lyrico, e quizera escripturar Bastinguette, a formosa saltimbanca, a quem elle, com razão, prophetisára um futuro brilhante como cantora.

Nessa época o barão raras vezes saia de Pariz, e mostrava mesmo uma certa antipathia pelo campo e pela solidão.

De subito, porém, operára-se uma completa transformação na sua existencia. O elegante barão de Neuville deixou de apparecer no bosque de Bolonha, onde era certo todos os dias, montado em um magnifico e fogoso cavallo de finissima raça; e ninguém mais o viu no seu camarote no theatro lyrico, de que era frequentador assiduo, nem na meia duzia de aristocraticos salões de que era habitué. O club, de que elle era vice-presidente, recebeu a sua demissão. O palacio, que por sua conta estava construindo nos Campos Elysios, havia sido vendido, antes mesmo de concluido.

A sociedade elegante de Pariz, que mil vezes o ouvira dissertar sobre os incommodos e contrariedades das viagens, soube com surpresa que o barão de Neuville partira, dominado por uma subita e verdadeira paixão de viajar.

Durante dois annos, o barão correu através do mundo; visitou o Egypto, a Turquia, o mar Negro, atravessou a Russia, chegou a Petersburgo, passou pela Suecia e pela Dinamarca, e voltou para França pela Hollanda.

Nunca tivera outro companheiro de viagem senão o seu creado particular.

Quando voltou, não foi estabelecer a sua residencia em Pariz. Atravessou, sem parar, a grande cidade e foi encerrar-se na Bretaudière.

Desde então, passou vida isolada e quasi selyagem, indo á caça todos os dias,

evitando relações com os habitantes dos castellos vizinhos, avaro e duro para com os seus rendeiros e não falando quasi nunca senão com o seu creado particular, que nem de dia nem de noite o abandonava, porque até dormia no mesmo quarto.

Este ultimo era homem dos seus quarrenta e cinco annos, pouco mais ou menos, baixo, magro, com a tez esverdeada, olhos tortos e labios delgados e descorados, entreabertos sempre em um máu sorriso.

Este homem, como já vai vêr-se, tornára-se indispensavel para o barão de Neuville, com quem tinha certas familiaridades insolentes, que de modo algum se coadunavam com a sua posição subalterna.

Nesse dia o barão de Neuville, depois de haver despedido Paulo Salbris com um punhado de luizes, havia-se encerrado na sala do bilhar e ahi, solitario, com o corpo tremulo e a cabeça pendida entre as mãos, caira em profunda meditação.

Havia uma hora que se achava naquela posição, quando a porta se abriu e um homem entrou sem que se incomodasse pedir a prévia permissão. Era Miguel, o creado particular.

O barão de Neuville ergueu a cabeça e disse bruscamente:

— Que queres tu?

Miguel fechou a porta e foi apoiar-se no espaldar da poltrona, em que o barão estava assentado, e disse:

— O senhor barão teve ha pouco uma visita, que parece não lhe haver agradado muito...

O barão de Neuville estremeceu e ficou silencioso.

— Estava bem mal vestido aquelle homem, proseguiu Miguel, a ponto de quasi parecer um mendigo... mas falou ao senhor barão de modo que parecia ser elle um dos seus amigos intimos...

— Cala-te— murmurou o barão.

— Como quizer, disse o creado encolhendo os hombros insolentemente.

—E deu um paso em direcção da porta.

— Espera! disse nesse momento o barão, que se levantou e começou a passear pela sala a passos lentos.

Miguel collocou-se junto do bilhar.

— Sabes quem é aquelle homem? perguntou o barão.

— Não sei; mas tenho minhas desconfianças...

— Ah!

— De que deve ser o tal Paulo Salbris, de quem o senhor barão fala todas as noites em sonho.

— Cala-te! cala-te! repetiu o barão com expressão de verdadeiro susto.

Miguel continuou:

— Quero crer que o senhor barão não receberia mal...

O barão de Neuville fez um gesto de impaciencia.

— Comtudo, proseguiu o creado, parou-me que elle não ia muito contente.

— Cala-te!

Miguel, depois de haver estado em pé por alguns momentos, pegou em uma cadeira e assentou-se. Depois continuou em tom tão familiar, como se fosse igual em jerarchia ao barão de Neuville.

(Continúa).

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada
XII

—Eu bem sei que ha certas coisas em que não é agradável falar... ma' ha casos em que não pôde deixar de ser...

O barão de Neuville fez outro gesto de impaciencia mais energico ainda.

Mas então Miguel olhou para elle de um tão extranho modo, que o barão curvou a cabeça, e sentiu-se dominado.

Evidentemente o creado exercia sobre o barão uma verdadeira e inexplicavel fascinação.

—O senhor barão, continuou Miguel, não quer hoje ouvir nada, e parece-me que faz mal...

—Porque?

E o barão de Neuville fitou no creado um olhar inquieto.

—Imagino, tornou Miguel, que o tal Paulo Salbris é capaz de tudo.

—Que pôde elle fazer?

—Pôde publicar a historia da figura de cera... que o senhor barão e elle... substituiram por...

—Que importa? Não tem provas...

—Embora... Quando se conta uma historia, ainda mesmo que seja inverosimel, ha sempre quem acredite nella...

O barão encolheu os hombros.

—E então?... quando mesmo houvesse quem a acreditasse... murmurou elle.

—De mais a mais a gente da provincia está já mal disposta para com o senhor barão... proseguiu Miguel.

—Não me dá isso cuidado.

—Diz-se á bocca cheia que o senhor barão é duro e pouco affavel para os que precisam...

—E cada vez hão de ter mais razão para o dizerem! exclamou o barão com colera.

Miguel deu uma gargalhada, e replicou:

—O senhor barão é pouco razoavel.

Tal era a influencia que o creado exercia sobre o barão de Neuville, que este murmurou com voz submissa:

—Ora vamos, explica-te...

—O senhor barão permite-me que fale com toda a franqueza?

—Permitto.

—Que lhe diga a verdade toda?

—Sim.

—Pois então, tornou o creado, escute: tenho apprehensões de que se prepara uma tempestade no horizonte, que ameaça desabar sobre nós...

— Ah! murmurou o barão estremecendo.

— Em primeiro lugar, continuou Miguel, na povoação de Saint-Martin, que fica do outro lado do Yonne, onde é situado o «castello queimado», fala-se cada vez com mais insistencia na historia do jardineiro e na substituição da creança.

— Que me importa isso?

— Importa muito... Se o Sem-Ventura vive...

— Não o sei ao certo ...mas é provavel que tenha morrido...

— Quem sabe? Ora Paulo Salbris talvez não o ignore.

O barão de Neuville bateu com o pé no chão.

— Sim, disse elle; Paulo Salbris deve saber-o, e é por isso mesmo que estou tranquillo.

— Tranquillo! Não entendo... murmurou Miguel.

— Se o Sem-Ventura fosse ainda vivo, não se apresentaria Paulo Salbris com tanta humidade.

— Então elle mostrou-se humilde? perguntou o creado com ar de duvida.

— Mostrou, sim.

— O senhor barão deu-lhe alguma coisa?

— Dei-lhe um punhado de luizes e elle retirou-se sem dizer palavra.

— Sim, retirou-se e foi direito á hospedaria da povoação, onde parece que deu lingua...

— Sim?

— E' verdade... E perguntou qual o caminho que devia tomar para ir a Saint-Martin-des-Champs.

Ao ouvir estas palavras do creado, o barão de Neuville empallideceu.

— Estás bem certo disso? perguntou elle.

— Certissimo. E partiu já.

— Pois bem! disse o barão bruscamente. E que prova isso?

— Prova pouco, bem sei... mas...

— Mas, o que?

— Se o Sem-Ventura tivesse morrido, aulo Salbris de certo se não daria ao incommodo de ir a Saint-Martin, provavelmente para tomar mais minucioso conhecimento da legenda do jardineiro.

— Mas ainda assim... exclamou o barão de Neuville. Ora... calemos apher hypothese... supponhamos que o Sem-Ventura não morreu...

— Bem.

— E que faz qualquer reclamação. Haverá algum tribunal que se atreva a reconhecer-lhe os seus direitos? Onde estão as provas?

— V. exa. tem razão, replicou Miguel anquillamente. Mas... se a senhora condessa de Neuville o reconhecer?

— Ella! que importa, se está doida?

— Ah! senhor barão, disse Miguel, veio-me na triste necessidade de lhe fazer

uma confidencia, que me parece não ha de agradar-lhe...

— Que é?

—O director do hospital de alienados de Auxerre, onde a senhora condessa está encerrada, escreveu ao senhor barão esta carta, que eu abri para obedecer ás ordens de v. exa., que quer que eu lhe evite a leitura de cartas, que pela procedencia possam contrariar-o.

E Miguel tirou do bolso uma carta.

O barão de Neuville lançou logo mão da carta, abriu-a com um ligeiro estremecimento nervoso, e leu o que se segue: «Ilmo. e exmo. sr. barão de Neuville.

«Habituei-me a dar-lhe todos os mezes noticias de sua exma. tia, a senhora condessa de Neuville, que se acha entregue aos meus cuidados, e a esse habito, ou para melhor dizer, a esse dever não quero eu eximir-me; tanto mais que hoje são excellentes as novas, que tenho para lhe dar.

«A natureza tem segredos, que a sciencia não pôde ainda descobrir: tem meios de cura, que confundem e derrotam todas as experiencias, e que põem bem em relevo o nada dos conhecimentos humanos.

«A senhora condessa de Neuville, tia de v. exa., está (ousou dizel-o) em caminho de cura; e talvez mesmo pudesse dizer que se acha já completamente curada.

«Esta ultima affirmativa, porém, não me atrevo por enquanto a fazel-a, tanto é o receio que tenho de que sobrevenha inesperada e subitamente alguma dessas terriveis recaidas, de que a loucura apresenta tantos e tão variados exemplos.

«Para justificar, porém, a primeira asserção, permita-me v. exa. que lhe conte detalhadamente tudo o que ultimamente se tem passado.

«Ha tres semanas estavamos á noite eu e a minha familia reunidos no salão, quando o doutor P..., que de Paris foi ultimamente mandado fazer serviço neste hospicio, entrou e disse:

«— Meu caro director, é opinião sua que o loucura pas a curar-se?

«—Raras vezes, respondi eu. A loucura, propriamente dita, cura se em alguns casos; a monomania, nunca.

«—Pois, meu caro director, me replicou elle sorrindo, venho eu participar-lhe um caso de cura de monomania!

«—Como assim?

«—Estou plenamente convencido de que a senhora condessa de Neuville re uperou o uso de todas as suas facultades.

«Declaro que não pude deixar de sorrir com ar de incredulidade. O medico porém continuou:

«Para mim é de fé que a senhora condessa nunca esteve doida. Era apenas monomaniaca. Razoavel sempre e em todas as coisas, só se lhe transviava a razão, quando della se apoderava a monomania, que consistia em affirmar que o seu filho não morrera.

«— E o que conclue dahi? perguntei eu.

«— Perdão, explicou o dr. P..., quer ter a bondade de vir commigo?

«— Onde?

«— Ao aposento occupado pela senhora condessa?

«Peguei immediatamente no chapéu, e acompanhei o moço doutor.

«Em harmonia com as ordens de v. exa., a senhora condessa estava recolhida em um aposento, completamente só e retirado do resto do edificio. Habita, como v. exa. muito bem sabe, um pequeno pavilhão ao fundo do jardim, acompanhada apenas por uma enfermeira.

«Atravessámos, pois, o jardim, e dirigimo-nos apra o pavilhão.

«A senhora condessa estava assentada ao pé do fogão, e lia tranquillamente em um livro que eu lhe enviára nesse mesmo dia. Quando nos sentiu entrar, voltou um pouco a cabeça, estendeu-me cordialmente a mão, e indicou-me uma cadeira junto della.

«— Meu caro director, me disse então, vou falar-lhe muito seriamente, se m'o permite. Estive louca, mas já o não estou.

«Eu protestei com um gesto, e ia dizer-lhe que nunca ninguem a julgára louca, mas ella continuou, sorrindo:

«— Tenho tido desgostos horriveis na minha vida. Perdi o meu unico filho, em seguida tive de fugir descalça e em camisa, por sobre os destroços do meu castello em chammas, e por fim perdi o meu pobre marido. Foram impressões muito fortes e dolorosas, e não admira que ellas perturbassem a razão de uma fraca mulher.

«Durante quinze annos lutei contra a loucura. Imaginei que o meu filho ainda vivia, e diligenciava reunir-se commigo. E todavia fóra eu propria quem o collocára no seu pequenino ataude, quem lhe aconchegára as dobras da branca mortalha ao enregelado corpinho.

«Ao chegar a este ponto, a pobre mãe calou-se por momentos; suffocavam-n'a os soluços. Depois continuou:

«— O meu espirito foi então agitado por fantasias e illusões consecutivas. Um dia imaginava eu que vinha uma rapariga dizer-me que o meu filho vivia ainda... depois era o velho cura de Saint-Martin-des-Champs, que vinha contar-me a confissão suprema de um jardineiro moribundo.

«E tudo isto, meu caro doutor, eram productos apenas da minha imaginação tresvariada. Hoje recuperei toda a minha lucidez; sei que o meu filho não vive, e que estou só neste mundo.

«Mas não quereria acabar os meus pobres dias em uma casa de doidos. Queria antes recolher-me a um convento, e morrer em paz, sem murmurar contra o destino, sem animadversão contra pessoa alguma.

«E' isto, meu caro director o que eu lhe peço do fundo do alma...

E, pegando-me na mão, apertou-m'a affectuosamente entre as suas.

«— Meu sobrinho, continuou ella depois de uma leve pausa, em consequencia

do estado mental em que me tenho achado, foi nomeado curador da minha pessoa e bens. E' elle quem administra a minha fortuna, enquanto a minha morte o não fizer senhor della. Ora, se eu dissesse: «Já não estou louca, quero sair daqui, e que me entreguem os meus bens», é possível que elle se oppuzesse a isso... comprehendendo que é duro largar da mão uma fortuna, que estamos já habituados a considerar como nossa. E como creio sempre impossivel provar materialmente a cura completa da loucura, conseguiria elle com facilidade convencer os tribunaes, para onde de certo levaria a questão...

A senhora condessa parou por um momento, e olhou para mim. Confesso, senhor barão, que aquella logica, aquella raciocinar me confundiam.

«A senhora condessa exprimiu-se com simplicidade, sem animação. Notava-se-lhe apenas na voz o accento de uma certa tristeza.

«— Que quer v. exa. de mim, senhora condessa? lhe perguntei eu commovido.

«— Escute, replicou ella: que pensão paga meu sobrinho para a minha permanencia nesta casa?

«— Doze mil francos.

«— Pois bem; obtenha que elle deposite em um convento cem mil francos em meu nome. No dia em que eu professar farei doação a meu sobrinho de todos os bens, que me pertencem, e de que elle está já de posse.

«Ora, ha já tres semanas que esta conversa teve lugar entre mim e a senhora condessa. Desde então tenho-a observado constantemente, e por assim dizer de minuto a minuto; e tenho adquirido a certeza de que a tia de v. exa. está curada.

«E' isto o que me apresso a communicar-lhe, senhor barão.

«Que devo fazer?

«Parece-me porém, peço desculpa de lembral-o, que seria conveniente vir v. exa. vê-la.

«Creia v. exa. que é com a maior consideração que me assigno etc.

«X...»

«(Director do Hospicio de Alienados em Auxerre.)»

O barão leu esta carta com as faces contraídas, e pallido como um cadaver.

— E então, senhor barão, perguntou Miguel; que lhe parece isso?

E o creado franziu os labios em um sorriso ironico...

— Parece-me, respondeu o barão ao cabo de alguns momentos de reflexão, que tudo vae bem...

— E que este mundo é o melhor dos mundos pessimis, como dizia o doutor Pangloss, não é assim replicou Miguel, que tinha o seu tanto ou quanto de literato.

O barão encolheu os hombros.

— Ora o senhor barão, tornou o creado, quer ter a bondade de me explicar a razão por que diz que tudo vae bem?

— E' facil. Minha tia já não está doida...

— Bom! De accordo.

— Quer recolher-se em um convento.

— Muito bem.

— Contentando eu nisso, dá-me ella depois toda a sua fortuna. E dormirei tranquillo...

— O senhor barão tem umas ingenuidades incriveis! disse o creado em ar de escarneo.

— Ingenuidades?!

— Pois o senhor barão não conhece que o estão enganando?

— Mas como?

Miguel assentou-se de novo, sem cerimonia alguma.

— Ora vamos a raciocinar, disse elle. O senhor barão sabe perfeitamente que a historia do jardineiro, e da carta do cura é perfeitamente verdadeira...

— Emi. E depois?

— Assim como é tambem verdadeira a historia da rapariga, que foi procurar a senhora condessa, e lhe falou no Sem-Ventura.

— Bom!

— Ora, de subito, diz a senhora condessa que tudo é falso, e que todas essas coisas existiram apenas no seu espirito perturbado, que foram productos da sua tresvariada imaginação...

— E que prova isso?

— Prova que a senhora condessa quer sair do hospicio de alienados... que sabe que o senhor barão é... perdão, estou escolhendo o termo proprio...

E o creado sorria insolentemente. O barão bateu com o pé no chão, com colera.

— Mas que me importa a mim tudo isso, exclamou elle, se no fim de contas, para ficar desde já com a fortuna toda, tenho de dar apenas cem mil francos?

Miguel soltou uma gargalhada.

— O senhor barão disse elle talvez devesse ir para Auxerre tomar o lugar de sua tia no hospital dos doidos!

O creado continuou a rir insolentemente, até que o barão de Neuville, que esta va exasperado, bradou:

— Mas explica-te, demonio!

— De boa vontade, respondeu Miguel; peço, porém, ao senhor barão que se digne seguir attentamente o meu raciocinio.

— Faça.

— Diziamos nós que a senhora condessa de Neuville deseja entrar em um convento.

— Sim.

— Consentil-o é reconhecer tacitamente que a senhora condessa já não está doida.

— Mas que me importa isso, seerei eu o possuidor da fortuna della?

— E' nisso precisamente que v. exa. se engana.

— Como assim?

— Uma doação «inter-vivos» pôde ser annullada.

— Ah! murmurou o barão de Neuville dando um pulo na cadeira.

— No dia seguinte ao da sua entrada no convento, a senhora condessa de Neuville chamará seu sobrinho aos tribunaes,

accusal-o-á de «captação», e ganhará a questão...

— Mas, disse o barão, a quem a logica do creado particular impressionava, que fará ella da fortuna?

— Primeiro, usufruil-a.

— Sim; mas ella está condemnada a viver muito pouco...

— E depois, continuou o creado sem fazer caso da interrupção do barão, ha de dal-a ao Sem-Ventura, se conseguir encontrar-o.

— Ah! ahí é que eu te esperava, exclamou o barão, desenrugando o semblante.

— V. exa. quer ter a bondade de explicar-se?

— Sem duvida. Ora diz-me: que foi o que fez convencer os medicos de que minha tia estava com effeito doida?

— Foi a obstinação com que ella sustentava, que seu filho, cujo obito estava mais que provado, era vivo ainda.

— Já vêes que se ella quizer dar a sua fortuna ao Sem-Ventura, todos julgarão que voltou de novo ao seu estado de loucura...

— Sim, mas ella pôde dispôr como quizer dos seus bens, e, portanto, pôde dal-os ao Sem-Ventura sem precisar dizer que é filho della...

— Mas para que tudo isso aconteça, disse o barão, são precisas pelo menos duas coisas: a primeira, consentir eu na transacção...

— E a segunda?

— Que o Sem-Ventura seja vivo, o que é pouco provavel.

Miguel ficou por um momento silencioso. Depois disse bruscamente, olhando com imprudencia para o barão:

— Não disse v. exa. ha pouco que de bom grado daria os cem mil francos para poder ficar tranquillo?

— Disse, sim. Mas infelizmente... suspirou o barão.

— Se o senhor barão se promptifica a dal-os, respondo eu por tudo.

— E não terei de entrar em litigio com minha tia?

— Não; e ella ha de continuar a permanecer no hospicio de alienados.

— Mas como?

— E depois tambem, continuou o creado, nunca mais apparecerá o Sem-Ventura, e se apparecer, nada haverá a receber delle.

— Mas para quem serão os cem mil francos? perguntou o barão.

— Para mim.

Estas duas palavras pronunciou-as o creado friamente. O barão de Neuville, ao ouvi-las, deu um pulo na cadeira.

— Bem sabe, meu caro patrão, tornou Miguel, que tenho quasi quarenta annos; e, falando com toda a franqueza, não se me dava de passar o resto da vida socegradamente e sem privações de nenhuma especie.

O barão de Neuville, apesar da secreta

perturbação que o remorso lhe enraizára no espirito, soubera contudo conservar-se frio e calculador, como antes era. Emquanto o creado particular estava expondo as suas pretensões, reflectia elle, e dizia para os seus botões:

— Se realmente estou em uma situação embaraçosa, da qual contudo haja meio de sair, porque não hei de eu achar sózinho esse meio, sem precisar auxiliarme com os grosseiros subterfugios, que este maroto me poderia talvez fornecer?

E, voltando-se para o creado, respondeu-lhe desdenhosamente:

— Quer-me parecer que tu é que precisas ir travar conhecimento com o doutor X... que dirige o hospicio de alienados em Auxerre...

— Julga isso? perguntou o creado em ar de escarneo.

— Julgo, sim; e para isso tenho eu duas excellentes razões.

— Ah! murmurou Miguel.

— A primeira é que os perigos, de que me falas, são puramente imaginarios.

— Veremos... O futuro é que ha de dizel-o.

— E a segunda é que as tuas pretensões são extremamente exaggeradas. Pedes cem mil francos, como quem pede dez francos.

Miguel não respondeu logo. Contentou-se em fitar no barão um olhar frio e acerado, e, depois de uma leve pausa, replicou:

— Como por enquanto a tua generoso faz mal, o senhor barão ha de calcular flectir melhor, e mudar de parecer.

— Estás enganado; a minha resposta é definitiva e inabalavel. Nunca pagarei com cem mil francos um conselho, e muito menos sendo elle dado por um creado...

Miguel curvou a cabeça e não pronunciou nem mais uma palavra.

— Enquanto não chegam todas as calamidades que me annunciastes, proseguiu o barão, continuaremos a tratar com o costumado zelo das questões de administração: irás amanha a Saint-Martin a casa do meu advogado, a quem encarreguei de diligenciar o recebimento das rendas attrazadas, e dir-lhe-ás que conto com a sua visita.

O creado inclinou-se, deu alguns passos para a porta, e voltou de novo atraz, dizendo:

— O sr. barão não reflectiu em uma coisa.

— Em que?

— E' amanha a feira em Enfrains, e ha todas as probabilidades de que o senhor advogado lá esteja; e portanto não poderei encontrar-o em Saint-Martin.

— Pois bem; vae lá depois de amanha.

— Depois de amanha é domingo. Talvez fosse melhor ir lá hoje mesmo. Poderia pernoitar na Rouanière... ha herdade que pertence a v. exa.

— Pernoitar... não! oh! não!

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XII

E aquelle homem, que ainda ha pouco falava com medos ativos, com voz secca e imperiosa, manifestou de subito uma especie de terror inexplicavel. O corpo tremia-lhe.

Então Miguel retomou o seu ar insolente, e disse:

— Ora o senhor barão não ha de nunca ha bituar-se a dormir só no seu quarto? Ha de sempre precisar de que eu o acompanhe, como se faz a uma criança medrosa?

Estas palavras fizeram empallidecer o barão de Neuville.

— Cala-te! murmurou elle. Cala-te! ordeno-t'o!

Mas o creado não fez caso algum a ordem do barão, e continuou:

— O sr. barão sabe perfeitamente que o retrato, que representava o senhor conde de Neuville, seu tio, e que tanto se assemelhava ao Sem-Ventura, já não existe... V. exa. queimou-o por suas proprias mãos...

— Cala-te! cala-te repetiu o barão, manifestando todos os symptomas de mysterioso e profundo terror.

— Como o senhor barão quizer! respondeu por fim o creado, encobrendo os hombros.

E retirou-se.

Então o barão de Neuville foi assentante junto de uma janella, e olhou distraitamente para os campos.

O Yonne corria no sopé da encosta, sobre que se erguia o castello, por entre verdes prados e planicies fertis. Com as suas aguas imprimia movimento ás nós dos innumeros moinhos que pelas suas margens estavam disseminados, e regava o territorio de um grande numero de herdades.

Moinhos e herdades pertenciam ao barão de Neuville.

Para além do Yonne divisavam-se os cerros do Nivernais, cobertos de arvores e de matto na extensão de uns oitocentos hectares pouco mais ou menos. Arvores e matto pertenciam tambem ao barão de Neuville.

Emfim, por detraz dos cerros, um pontegudo campanario se destacava illuminado com os ultimos raios do sol; era a egreja de Saint-Martin-des-Champs, cujo territorio, na sua maior parte, era tambem propriedade do barão de Neuville.

E comtudo, o olhar que o barão deitou sobre todas aquellas riquezas, estava longe de ser satisfeito. No semblante, pallido como o de um morto, mostrava signaes evidentes de tristeza profunda e invencivel; agitavam-lhe o corpo estremecimentos subitos e sem causa apparente.

A medida que o dia ia declinando, e que as primeiras sombras da noite entenebreciam a pouco e pouco os ares, augmentava o inexplicavel terror do fidalgo, e o corpo tremia-lhe em mais amiudados e violentos sobresaltos.

Uma hora decorreu. A grande sala do bilhar, onde o barão se achava, encheu-se de sombras e de mysterio.

O barão continuava a estar assentado junto da janella; dir-se-ia que não se atrevia a voltar-se.

De repente, entrou Miguel, trazendo uma luz.

— O jantar está servido, sr. barão, disse elle.

Levantou-se então o barão de Neuville, respirou com força, como se de subito se houvesse libertado de uma visão medonha, e foi com o creado para a casa de jantar.

Miguel collocou-se por detraz da cadeira, onde o barão estava assentado.

O fidalgo comia silenciosamente. O creado foi quem primeiro tomou a palavra.

— O sr. barão, disse elle, se pudesse fazia como Josué, mandava parar o sol. Se sempre fosse dia, não teria medo o sr. barão... e não julgaria estar sempre a vêr o retrato que por suas mãos queimou.

— Affirmo-te que não me engano... vejo-o muitas vezes! exclamou o barão.

— Ora! isso é illusão do seu espirito! tornou o creado. Eu bem sei que, duas ou tres vezes por mez, o sr. barão accorda em sobresalto, e me chama, gritando apavorado: «Miguel! Miguel! vi o retrato!...» Mas eu, por mais que esfregue os olhos, por mais que espreite por todos os cantos, nunca vejo nada.

— Cala-te! murmurou o barão com expressão de susto. Tenho a certeza de o ter visto ainda a noite passada.

Mais uma razão, disse Miguel, para que o sr. barão durma esta noite tranquillo, porque nunca costuma ter essas visões em noites consecutivas. V. exa. quer ir já para o seu quarto?

— Vamos! disse o barão de Neuville suspirando.

E apoiou-se todo tremulo sobre o braço do seu creado particular, o qual, ao mesmo tempo que caminhava, ia dizendo de si para si:

— Por ófias ou por nefias hei de apañhar os cem mil francos!

XIII

Que retrato era aquelle, de que, com tanto terror, falava o barão de Neuville? Vamos explical-o em poucas palavras.

Logo que a condessa de Neuville fôra encerrada em um hospital de alienados, seu sobrinho fôra tomar posse da casa de campo, em que ella vivia perto de Versailles.

Uma das primeiras coisas que despertou a attenção, foi aquelle mesmo retrato, que, pouco tempo antes, havia feito saltar a Bastinguette um grito de surpresa. Era o retrato que representava o fallecido conde de Neuville, quando tinha vinte annos, e que tinha extraordinarias semelhanças com o Sem-Ventura. Dir-se-ia que era o proprio retrato do saltimbanco.

Mas então ainda o barão de Neuville tinha o espirito forte, e portanto encobriu os hombros ao notar aquellas semelhanças, e deixou ficar a tela na moldura, e a moldura dependurada na parede.

Durante a noite seguinte, porém, teve o barão um sonho estranho. Sonhou que o retrato se animára, descêra do seu quadro, e viera assentar-se-lhe á cabeceira da cama, dizendo com voz sepulchral:

— Meu sobrinho, és um ladrão!

O barão de Neuville saltára um grito estridulo. Miguel corrêra logo ao quarto, levando uma luz.

O espectro desaparecera.

O barão levantou-se fóra de si, espavorido, e correu á sala dos retratos. O do fallecido conde de Neuville achava-se no seu logar habitual. Mas o barão deixou escapar deante do creado algumas palavras imprudentes...

— Miguel disse então para os seus botões:

— O patrão commetteu por força alguma acção má. Preciso espreitar e saber... pôde isso ser mais o umenos util...

Na noite immediata tornou o barão a ter um sonho identico. O retrato appareceu-lhe de novo; desta vez porém com aspecto ameaçador.

O barão de Neuville vestiu-se logo, mandou pôr immediatamente a carruagem, e partiu no meio da noite para Paris.

Durante os primeiros oito dias não pensou mais no retrato. No mesmo dia porém tornou a sonhar com elle.

O barão de Neuville gritou por socorro. Miguel, ao entrar no quarto do fidalgo, encontrou-o assentado na cama, pallido como um cadaver, com os cabellos eriçados, e o rosto banhado em suor.

— Tornei a ver o maldito retrato! exclamou elle no auge do terror.

E, perdendo a sua habitual reserva, confiou a Miguel todo o seu segredo.

— Os mortos não voltam, senhor barão, lhe disse o creado, e muito menos ainda os retratos. No entanto, vi d'elhe um bom conselho. Se v. exa. quer, iremos amanha a Versailles e metteremos no lume o retrato maldito.

O barão seguiu o conselho. No dia seguinte voltou á casa. A pobre lueza, fez arrancar a tela de dentro da moldura, e lançou-a em um grande fogo, que em poucos instantes a devorou.

— Agóra não ha de tornar a voltar! disse então Miguel.

Mas o barão, que tinha na consciencia o remorso da traição que fizera ao pobre Sem-Ventura, e de haver encerrado sua tia em um hospicio de alienados, ficou com o espirito impressionado, ainda mesmo depois do auto de fé do retrato.

Os medicos, que o viam emmagrecer e perder a côr, aconselharam-lhe que fesse fazer uma grande viagem. O barão partiu, levando Miguel consigo.

Foi sem descançar até Francfort; alojou-se no hotel denominado — de Bruxellas, — e deitou-se. A meia-noite acordou, soltando agudos gritos, que perturbavam e sobresaltavam os habitantes dos quartos vizinhos.

O barão tornára a vêr o retrato!

Aquella visão sinistra, que Miguel asseverava existir só na imaginação do fidalgo, porque, dormindo no mesmo quarto, nunca putera vêr coisa alguma, perseguia-o de cidade em cidade, de reino em reino. Ao cabo de dois annos, quando voltou á patria o mancebo tornára-se velho.

Foi então encerrar-se no seu castello da Bretaudière, onde, durante mais de um anno, lhe não appareceu nem uma unica vez o fatal retrato. Era apaixonado de véra pela caça. Em breve foi ella a sua occupação unica.

O espirito foi-se-lhe a pouco e pouco tranquillizando; a solidão começava-lhe a aborrecer-lhe; e, portanto, resolveu convidar os fidalgos vizinhos para um grande sarau.

Mas de subito, quando se andava fazendo os necessarios preparativos para essa festa, appareceu-lhe uma noite o retrato.

A festa não chegou a realisar-se, e o barão de Neuville mostrou-se desde então cada vez mais sombrio e taciturno.

De quatro em quatro mezes primeiro, depois de mez a mez, e por fim cada oito dias, reproduzia-se a extraordinaria visião. Um dia disse-lhe Miguel:

—Não é a tia de A. exa. quem está doida; é o senhor barão...

Ora, no dia em que recebera a visita de Paulo Salbris, visita que o havia impressionado muito desagradavelmente, dirigiu-se para o quarto de dormir, mais mal disposto, mais assustado ainda do que era costume.

Todavia, metteu-se a cama á sua hora habitual, enquanto que o creado particular se estava deitando em um gabinete vizinho, cuja porta costumava ficar aberta de par em par.

Depois pegou em um jornal, e começou a lêr; mas não conseguiu conciliar o sono. Depois de haver lido o jornal de ponta a ponta, abriu um livro.

A noite avançava. O barão permanecia com os olhos abertos, e dizia de si para si:

—Não dormirei esta noite, mas, ao menos, desta fórma não verei o retrato.

De espaço a espaço levantava os olhos de sobre o livro, e percorria com a vista todo o quarto, cuja mobilia era primorosamente entalhada, e o tapete de um magnifico estofado de côr sombria. Nas paredes não havia nem quadros, nem retratos.

A noite ia já alta. O barão de Neuville continuava acordado. No quarto contiguo, Miguel resonava estrondosamente.

O barão, que estava lendo, não fez reparo em que a vela se ia consumindo. De subito a chamma chegou á arandela do castiçal. O crevas! audeceu lentamente e

por fim estalou, apagando-se ao mesmo tempo a luz.

O barão, ao ouvir o estalido, deu um pulo na cama, e ficou no meio de escuridão profunda. Ia chamar o creado para lhe pedir uma outra vela, quando repentinamente estremeceu, e eriçaram-se-lhe os cabellos. Um clarão livido e sobrenatural acabava de surgir na outra extremidade do quarto.

Dir-se-ia que o sobrado se entreabriria, e deixava passar uma chamma azulada e sinistra como a dos fogos fatuos nos cemiterios.

O barão de Neuville soltou um grito estridulo. O retrato estava distinctamente reproduzido na parede, e illuminado per aquelle clarão infernal.

O barão de Neuville, espavorido, sem alento e sem voz, fitou um olhar desviado naquella imagem fatidica, que se assemelhava ao fallecido conde e ao Sem-Ventura.

Ergueu-se convulso, quiz saltar fóra da cama, e tornou a cair bruscamente, gritando:

—Miguel! Miguel!

Mas já a chamma havia desaparecido, e o quarto ficára de novo mergulhado em profundas trevas...

Miguel levantou-se, accendeu uma vela e correu ao quarto do barão.

—Outra vez?! perguntou elle.

E olhava, com os labios contrahidos em um máu sorriso para o barão, cujos dentes batiam uns contra os outros, como os ossos descarnados de um cadaver dependurado em uma forca.

—Desta vez não estava dormindo! murmurou o barão com voz tremula e mal distincta.

O creado encolheu os hombros.

—Affirmo-te que o vi, tornou o barão, vi-o perfeitamente.

— Pois bem, respondeu Miguel; esta noite não ha de tornar a vel-o, porque eu já me não deito outra vez e não sairei de junto da cama do senhor barão.

Quando os primeiros alvôres da madrugada illuminaram os cerros do Nivernais, o barão de Neuville, pallido e tremulo ainda, levantou-se da cama e foi assentar-se junto da janella, expondo a cabeça abraçada ao vento da manha.

O creado particular saiu então do quarto do barão, montou a cavallo e tomou o trote largo pelo caminho que conduzia a Saint-Martin-des-Champs.

— Se Paulo Salbris, dizia elle para os seus botões, foi a Saint-Martin, tambem eu nada perco em lá ir. Tenho cá um presentimento a segredar-me que vou hoje avançar muito caminho ao encontro dos meus cem mil francos...

E deu de esporas ao cavallo, o qual tomou a galope.

XIV

Deixemos por um momento o barão de Neuville, agitado ainda pela impressão dos seus terrores nocturnos, o Sem-Ventura e os seus dois companheiros em conferencia com Paulo Salbris, e transportemo-nos a Auxerre, ao hospicio de alienados.

E' um vasto edificio, situado ás portas da cidade, á direita da antiga estrada real; é um dos estabelecimentos mais consideraveis e bem administrados do seu genero.

Ao fundo do jardim ha um pequeno pavilhão, de ordinario reservado para o director como accessorio de alojamento, mas que elle emprega no serviço dos seus doentes, quando tem entregue aos seus cuidados um doido ou doida de elevada jerarchia.

Nesse pavilhão é que vamos entrar e pedimos ao leitor que nos acompanhe.

E' lá que, ha quasi sete annos, está encerrada a pobre condessa de Neuville.

A desventurada senhora, que em outro tempo vimos em Versailles, já envelhecida prematuramente, curvada ao peso de uma dôr immensa, tinha agora brancos todos os cabellos; parecia ter pelo menos sessenta annos e comtudo nem cincuenta contava ainda.

Teria ella realmente estado louca? Os medicos e o barão de Neuville diziam que sim; ella affirmava o contrario.

Como elle persistia em asseverar que o seu filho vivia, e que por vezes lhe apparecia em sonhos, niguem a acreditava.

Que razão haveria para que a condessa cessasse de repente de falar no seu filho? porque teria ella declarado espontaneamente ao director, que o filho tinha effectivamente morrido, que conhecia que

havia estado louca e que estava convencida de que a haviam encerrado com justificado motivo em uma casa de d'idos? Que fim teria ella em vista quando pezia que a deixassem entrar em um convento, doando-lhe logo a sua fortuna ao barão de Neuville? De onde procedia aquella subita transformação em todas as suas idéas?

E' o que vamos explicar em poucas palavras.

Um dia, o director do hospicio, que havia feito sentir a necessidade que tinha de mais um medico, viu chegar um mancoço, que lhe era vivamente recommendado pelas principaes celebridades medicas de Pariz, e que nos seus ultimos exames obtivera as mais distincas e brilhantes classificações.

O doutor P... contava apenas trinta annos. Havia-se dedicado desde o principio do curso ao estudo especial das diferentes especies de loucura. A falta de experiencia, possuia profundos conhecimentos theoreticos sobre o assumpto. Ao cabo de oito dias, o director do hospicio estava maravilhado, e já o respeitava. Um dia, em que este fallava da pobre condessa de Neuville, disse o doutor:

— Apesar de que as monomanias são quasi incuraveis, vou eu tentar curar esta...

O director sorriu com ar de incredulidade.

Mas o doutor P... nem por isso deixou de lançar mãos á obra; isto é, nessa mesma noite, apresentou-se no pavilhão, e solicitou da pobre condessa uma audiencia de alguns minutos.

Logo que entrou, disse-lhe sorrindo á condessa de Neuville:

—V. exa. é o medico que chegou ha poucos dias, não é verdade?

—Sim, minha senhora.

—E vem, como os outros, certificar-se tambem de que estou louca?

O medico, porém, respondeu-lhe comovido:

— Não, minha senhora. Ha um mez ainda eu, nem para sombras, pensava em deixar Pariz, quando alguem me fallou em v. exa.

—Quem foi? O meu infame s'brinho? perguntou ella vivamente.

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XIV

— Não, minha senhora. Fallou-me v. exa. uma senhora que em outro tempo a conheceu... era ella então muito nova ainda, quasi creança... Vamos, minha senhora, faça appello ás suas recordações... Faz agora sete annos... em Versailles...

A condessa exclamou com vivacidade:

— Sim, sim... Uma rapariga que foi dizer-me que o meu filho vivia.

— Exactamente.

A pobre condessa murmurou com tristeza:

— Nunca mais a vi... O meu querido filho desaparecera outra vez...

— Tudo isso é exacto.

— E foi essa rapariga... quem lhe pediu que viesse aqui?

— Sim, minha senhora.

A condessa de Neuville levantou-se bruscamente, e agarrou com força as mãos do doutor.

— E o meu filho? o meu filho? perguntou ella com voz alterada.

— Está vivo, minha senhora, respondeu o medico. Mas se quer tornar a vê-lo...

— Oh! fale! fale! exclamou ella com anciedade.

Se quer sair deste sepulchro, onde ha sete annos v. exa. está encerrada...

— Que é preciso fazer? perguntou ella com voz convulsa. Que é preciso fazer para tornar a ver o meu filho!

— Ter em mim confiança cega e illimitada.

A condessa olhou para elle attentamente.

— Sim, disse ella ao cabo de alguns instantes, vejo-lhe no rosto a expressão da lealdade... estou prompta para tudo...

— Bem, disse o moço doutor. Então escute.

E baixando um pouco a voz, continuou:

— A primeira pessoa a quem precisamos convencer de que v. exa. possui toda a sua lucidez de espirito, é o director.

— Que devo eu dizer-lhe?

— Nada por enquanto; daqui a alguns dias lhe direi como havemos de vencer-o.

— Mas nunca conseguiremos vencer meu sobrinho, murmurou ella com amargura. Esse... tem muito interesse em que eu seja considerada doida.

— Veremos... respondeu o doutor. Talvez possamos vencer-o...

Pelos olhos da pobre condessa passou um raio de esperanza.

— Foi então só por minha causa que o doutor veiu aqui?

— Sim, minha senhora.

— E... a pobre rapariga que vi em Versailles?

— E' hoje uma artista celebre. Encontrou de novo o filho de v. exa., e continua a amal-o.

— Ah! quem me dera vel-os casados! exclamou a condessa com jubilo.

— Essas palavras generosas, senhora condessa, escutal-as-ia ella de joelhos, se estivesse aqui presente! exclamou com commoção o doutor.

E, beijando respeitosamente a mão da condessa, retirou-se, recommendando-lhe

o mais profundo sigillo ácerca da conversação que haviam tido.

... ..
Agora já o leitor adivinha o que se passou depois.

O doutor P... era um dos numerosos admiradores do talento da cantora Paqueta. Tinha revolvido céu e terra para lhe ser apresentado.

Conseguida que fôra a apresentação, tinha-se apaixonado por ella. Mas Bastinguette, vendo-o de joelhos deante della sorri e dissera-lhe:

— Não tenho livre o coração.

Depois, como elle havia empallidecido, acresentou a cantora:

— Diga-me, quer ser meu amigo?

Um homem que, em vez do amor que pede, recebe um offercimento de amizade apenas, começa por fazer careta, mas acaba sempre por aceitar.

O doutor P... aceitou resignado. Ficou entusiasmado quando Bastinguette lhe disse:

— O amigo é medico e tem um grande talento, e pôde por isso prestar-me um importantissimo serviço.

E contou-lhe a sua historia, a do Sem-Ventura e a da desventurada condessa de Neuville.

No dia seguinte, o doutor P... solicitou ser elle o medico escolhido para ir auxiliar o director do hospicio de alienados em Auxerre, e obteve-o. Dias depois saiu de Paris.

Agora já o leitor comprehende a razão por que a condessa de Neuville disse ao director:

— Já não estou louca, nem duvido de que o meu filho morresse.

Agora estava convencida de que, se persistisse em sustentar o contrario, acabaria os seus dias no hospital de doidos.

O director, como já se viu pela carta

que escreveu ao barão de Neuville, tinha acreditado na cura da pobre condessa.

Passaram-se oito dias sem que a carta obtivesse resposta. O doutor P... dizia ás vezes:

— Ha de responder por força... ainda que eu tenha de ir ter com elle!

A condessa abanava a cabeça e murmurava:

— Meu sobrinho nunca ha de consentir em que eu saia daqui... Para elle nunca hei de deixar de ser louca...

O moço doutor tranquillizava-a, dizendo:

— Insista v. exa. em dizer que quer ir para um convento, e verá que havemos de conseguir a sua saída desta maldita casa.

Emfim entrou o director um dia pela manhã no pavilhão; divisava-se-lhe grande jubilo no semblante, e tinha uma carta na mão. Era a resposta do barão de Neuville.

A carta era concebida nos seguintes termos:

«Meu caro director: — Fiquei contentissimo por saber que a minha presada tia está curada da sua horrivel doença. Vou partir para Paris. Regressarei dentro em tres dias, e a minha primeira visita será a Auxerre. Se, como o meu caro director affirma, minha tia está restabelecida, o que ella pede está de antemão concedido. Sou, etc.»

«Barão de Neuville.»

Que se passára na Bretauidière, depois daquella noite em que o barão havia tornado a ver o terrivel retrato? E que iria fazer o creado particular a Saint-Martin-des-Champs?

E' o que vamos dizer.

XV

Havia já seis dias que Miguel se

tinha dirigido para Saint-Martin-des-Champs sob pretexto de cumprir a comissão, de que o encarregára o barão para seu advogado, mas na realidade para lá saber novas de Paulo Salbris. Havia regressado na tarde desse mesmo dia, e encontrára o barão muito mais tranquilo.

O barão de Neuville só de dia era homem energico e forte. De noite tinha medo de tudo; tremia de continuo. Talvez que Miguel tivesse obtido mais facilmente os seus cem mil francos, se os houvesse pedido ás 10 horas da noite, quando o barão ia deitar-se, tremendo já de que lhe apparecesse a horripilante visão.

O manhoso creado particular, desde que voltára de Saint-Martin, mostrava-se humilde e condescendente, e já não falava nas suas exorbitantes pretensões.

O retrato nunca mais apparecera ao barão. O advogado tinha ido satisfazer-lhe as rendas atrasadas. E finalmente o barão tinha feito duas soberbas caçadas.

Tudo aquillo reunido havia constituído para o barão de Neuville um certo fundo de bom humor, e tinha-o feito esquecer de dar resposta á carta do director do hospício de alienados, de Auxerre.

Uma noite, depois de jantar, disse elle para Miguel:

— Vamos deitar-nos. O creado, que hoje matei, fez-me andar muito e estou de véras fatigado.

O creado replicou, sorrindo:

— V. exa. não escreveu ainda para Auxerre?

— Ainda não...

— E que tenciona fazer o senhor barão?

O barão de Neuville sacudiu a cinza do charuto, e respondeu friamente:

— Não sei ainda... Minha tia tem uma saúde tão melindrosa...

— Ah! murmurou o creado, continuando a sorrir.

— Estou convencido de que os rigores da vida monastica pressariam a sua morte.

— Ah! de certo! disse Miguel com ironia.

— Em Auxerre todos têm mil attentões por ella...

— E portanto é melhor que continue a lá estar, não é assim?

— E' essa a minha epinião.

O barão de Neuville olhou para o creado, que continuava a sorrir, e perguntou-lhe:

— Não te parece que encaro a questão perfectamente?

— Muiissimo bem... Admiravelmente!

Houve alguns momentos de silencio; depois disse o barão, levantando-se:

— Vamos-nos deitar.

— De sorte que, disse Miguel, pegando em uma das velas de sobre a mesa, e caminhando na frente do barão para lhe alumiar o caminho; de sorte que, com essa resolução, faz v. exa. uma economia de cem mil francos...

— Sem tirar, nem pôr...

— Bem podia o senhor barão recordar-se...

— De que?

— Do que ha dias lhe pedi. Cem mil francos de mais ou de menos não arruinariam o senhor barão.

— Escuta, Miguel, disse o barão de Neuville com voz severa; se te não agrada o meu serviço, podes deixal-o quando quizeres.

O creado inclinou-se e não soltou nem mais uma palavra.

O barão começou a despir-se.

— V. exa. tenciona lêr na cama?

— De certo. Porque me perguntas isso?

— Porque me esqueceu tirar a chave do guarda-prata, conforme costume fazer. E por isso precisava retirar-me por um momento...

— Poi vae, disse o barão.

No quarto havia duas velas acesas, que estavam ainda quasi inteiras. O barão sabia que emquanto ellas durassem, não appareceria o retrato.

E depois tambem o fidalgo começava a não acreditar na visão. Nos ultimos dias tinha reflexionado muito, e como consequencia melhorára-lhe consideravelmente o estado do espirito. Já não estava longe de acreditar, que o retrato não existia senão na sua imaginação.

Miguel saiu do quarto. Não se dirigiu, porém, á casa, onde se achava o guarda-prata, como o barão devia suppôr.

Não. O creado seguiu por um longo corredor no primeiro andar, e dirigiu-se para a plata-fôrma do castello.

A Bretaudière tinha ainda uma plata-fôrma, e duas torres ameçadas, como em outro tempo havia tido tambem uma ponte-levadiça, e outros accessorios de fortificação. E comtudo a sua fundação não datava dos antigos tempos do feudalismo; tinha, porém, tido a sua pequena pagina historica durante as guerras religiosas. Havia sido sitiado, e tinha defendido valentemente.

De todas as suas primitivas fortificações restavam apenas as torres ameçadas e a plata-fôrma.

Por esta arrastavam em outro tempo as espadas os homens de armas. Hoje o barão ia para lá fumar prosaicamente, e almoçava lá algumas vezes na primavera.

A plata-fôrma tinha uma escada inte-

rior e outra exterior; esta ultima descia sobre o parque, e era uma especie de quebra-costas. Mas Miguel era agil como um gato. Como precisava sair do castello a occultas, dirigiu-se para aquella escada, que corria quasi a pique sobre a rampa, e começou a descer-a rapidamente.

A noite estava escura; no céu não havia nem lua, nem estrellas. Mas Miguel não tinha só a agilidade da raça felina, tinha tambem a faculdade de vêr bem, mesmo no meio da escuridão.

Chegou, pois, sem accidente ao fundo da escada, e começou a caminhar rapidamente por uma extensa rua de arvores, que conduzia a uma das portas do parque, por onde saiu, dirigindo-se sem hesitação para a aldêa.

Ao cabo da povoação, á beira do campo de Coulanges, havia uma casa isolada, com um grande pateo e porta de carros. Era a unica hospedaria da aldêa.

O proprietario della, que tinha por nome João Ferrand, morrera havia annos. A viuva consolára-se depressa e continuára com o mesmo commercio. Era uma bonita mulher muito nova ainda, que mostrava sempre grande sympathia pelo creado particular do barão de Neuville. As más línguas contavam muitas historias, que não acreditavam muito a formosa viuva.

Miguel deu volta em redor da casa e foi bater, não á porta principal, mas á uma outra pequena, que abria na recta-guarda do edificio sobre uma pouca extensa horta.

Á terceira pancada, discreta como as duas primeiras, abriu-se a porta cautelosamente e appareceu a viuva Ferrand.

(Continúa)

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XV

— E's tu, Miguel? perguntou ella em voz baixa.

— Está visto que sou eu. Já chegaram?

— Já.

— Bom. Então vamos rir a valer...

— E, dizendo estas mysteriosas palavras, entrou.

No entretanto o barão de Neuville estava lendo havia mais de uma hora e o creado particular não apparecia.

As velas consumiam-se lentamente e as palpebras do barão começavam a querer fechar-se.

— Que estará fazendo aquelle animal? murmurou elle.

E puxou pelo cordão da campainha, que estava pendente junto da cabeceira do leito. Miguel não appareceu. Dez minutos depois o barão puxou de novo. Trabalho perdido; nem sombras de Miguel.

Por duas ou tres vezes o livro escapou das mãos do barão; o ruído, porém, que produzia a queda do livro da cama para o chão, acordava-o em sobresalto.

Por fim o barão, que se sentia dominado cada vez mais por somno invencível, assentou-se na cama. Tão valente e temerario era de dia, como fraco e timorato de noite; agora nem por um imperio se teria atrevido a apagar as velas!

Por fim appareceu Miguel.

— Animal! exclamou o barão de Neuville encolerizado. Onde demonio tens estado?

Miguel balbuciou algumas desculpas banaes e dirigiu-se humildemente para o gabinete contiguo, onde costumava dormir. Só então é que o barão de Neuville se diziú a apagar as velas.

Mas, coisa extranha! elle, que ha pouco já não podia ter os olhos abertos, tão invencível era o somno que delle se apoderára, não podia agora dormir de forma alguma. Com a escuridão viera a insomnia.

E o barão de Neuville começou a pensar.

Pensou na pobre condessa de Neuville, sua tia, a quem elle não queria restituir a liberdade, no Sem-Ventura que traiçoeiramente fiera desaparecer, e no seu cumplice Paulo Salbris a quem não deveria ter despedido tão rudemente. Pensou enfim em mil coisas desagradáveis.

E o somno sem chegar,

De repente bateu meia-noite. Na sala immediata havia um grande relógio do tempo de Luiz XIV, que dava as horas compassada e lugubrememente como o dobre de finados.

Quando soou a ultima badalada da meia-noite, o barão de Neuville, teve um estremecimento. Era a hora dos fantasmas; involuntariamente pensou no retrato.

Momentos depois, o livido clarão que se produzia na outra extremidade do quarto nas noites de apparição, começou a subir lentamente do chão, e a illuminar com sinistros raios a parede. O barão de Neuville gritou espavorido:

— Miguel! Miguel!

Miguel estava dormindo, e não respondeu.

O retrato subiu vagarosamente até certa altura, e ficou como que pregado na parede.

— Oh! não é sonho! não é sonho! agora não estou dormindo! murmurava o barão com os olhos esgasgados.

O retrato permaneceu durante um minuto illuminado; depois o clarão apagou-se de subito, e tudo ficou de novo mergulhado em escuridão profunda.

O barão de Neuville respirou então com força, como um homem que acorda de um horrivel e temeroso pesadelo.

Mas subitamente tornou a apparecer o clarão sinistro e aterrador... O olhar desviado do barão fixou-se na parede; mas o retrato tinha desaparecido...

Desta vez porém o livido clarão tornou-se deslumbrante, e projectou-se até ao leito.

O barão de Neuville soltou um agudo grito, e escondeu a cabeça por entre a roupa.

O retrato tinha saído da moldura; tornára-se de carne e osso, tinha no olhar o fogo da vida, e estava assentado aos pés da cama do barão!

... ..

XVI

O medo, quando attinge grandes proporções, aniquilla todas as faculdades do homem. O barão de Neuville ficou por tal forma espavorido com aquella apparição, que nem força teve para soltar um grito. Ficou immovel, mudo, contemplando com desviado olhar o retrato feito homem, que estava assentado aos pés da cama.

Não havia que duvidar; era decididamente um homem e não um retrato. Era o personagem, que este representava, vestido com o elegante uniforme de hussards do imperio, que por tanto tempo havia figurado na galeria de quadros de familia na casa em que a condessa de Neuville residia. Era o personagem que frequentes noites apparecia em retrato aos olhos do barão, e que hoje descera da moldura para vir pedir contas da fortuna roubada pelo espoliador barão de Neuville.

O barão nem por um momento duvidou de que aquelle vulto fosse seu tio, tal como era aos dezoito annos, vestido com o uniforme que trajava no dia da batalha de Champaubert. Era seu tio, a quem Deus permittira sair do tumulto para vir pedir contas aos traidores, aos ladrões da familia.

E que terriveis contas elle podia pedir! Haviam-lhe feito desaparecer o filho, tinham-lhe roubado a fortuna e encerrado a sua adorada esposa em uma casa de alienados, estando ella no pleno gozo de todas as suas faculdades!

O barão de Neuville estava pensando todas essas coisas, emquanto que o morto o contemplava com olhar severo, mas tranquillo.

O hussard não falava, mas o barão de Neuville comprehendia perfeitamente o que vinha elle fazer alli.

Passados os primeiros momentos de terror, o barão de Neuville, fazendo um violento esforço, conseguiu libertar-se um pouco do lethargico torpor que delle se apoderára, e, pondo-se de joelhos sobre a cama, murmurou:

— Meu tio! perdoe-me... juro-lhe que hei de reparar o mal que tenho feito...

O espectro levantou-se. Dando um passo á rectaguarda, ordenou com um gesto imperioso ao barão de Neuville que descesse da cama, ao que elle immediatamente obedeceu.

O espectro pegou então de sobre a mesa de cabeceira em um phosphoro, e acendeu de novo a vela. O barão de Neuville teve por um momento a esperanza de que a luz ia forçar o phantasma a evaporar-se, a voltar ao paiz das sombras. Mas não aconteceu assim.

O hussard foi collocar a vela acesa em uma pequena mesa, sobre a qual havia papel, tinta e pennas. Depois, com um gesto tão imperioso como o primeiro, ordenou ao barão que fosse assentar-se junto da mesa. O barão de Neuville obedeceu tremendo.

O espectro não falava. No quarto reinava profundo silencio, perturbado apenas pelo estrondoso resonar do creado particular, que nada ouvira, e a quem nem mesmo a luz havia acordado.

— Que devo eu escrever? perguntou o barão, batendo com os dentes uns nos outros.

E com mão tremula e mal segura, pegou em uma penna.

O espectro fez um gesto que queria dizer:

— Não precisas que t'o diga. Deves sabel-o.

— Quer que minha tia saia do hospicio de alienados, não é assim? balbuciou o barão.

O espectro fez com a cabeça um signal affirmativo. O barão de Neuville escreveu ao director, e entregou a carta ao espectro, o qual pegou nella tranquillamente, leu-a e mettu-a em seguida no bolso. Mas continuou a permanecer silencioso junto da mesa, como se ainda esperasse por alguma coisa mais.

— Que quer ainda? perguntou o barão que tremia, como folha agitada pelo vento do outomno.

O espectro fez um novo gesto, tão imperiosamente eloquente, que o barão comprehendeu o que elle queria.

Exigia que o barão restituísse a fortuna de sua tia, que por consequencia era a fortuna do Sem-Ventura.

E o barão, que não tinha força para resistir áquelle olhar, pegou na penna com mão convulsa e escreveu o seguinte:

«Declaro que estou prompto a entregar a minha tia, a exma. sra. condessa de Neuville, logo em seguida á sua saída do hospicio de alienados, onde tem estado encerrada sem motivo, por isso que nunca esteve doida, todos os seus bens moveis e immoveis, cuja administração tem estado a meu cargo.»

E assignou. O espectro pegou logo no papel, leu-o attentamente, dobrou-o em quatro e mettu-o tambem no bolso.

Depois ergueu-se, e começou a recuar lentamente. Antes porém de chegar á porta fez ao barão um signal de despedida, e então já o seu olhar era menos irritado, o seu aspecto menos severo. Depois dirigiu-se para a porta, sempre recuando.

No momento porém em que já estava perto della, apagou-se a vela subitamente, o clarão livido e sinistro appareceu de novo, o chão pareceu entreabrir-se, e o barão de Neuville, estupefacto, viu sumir-se o espectro sem que a porta houvesse sido aberta.

Não havia que duvidar; o espectro era... espectro!

O barão de Neuville, prostrado de commoção, aniquilado, caiu por sobre a cama, onde ficou sem sentidos.

... ..

Quando o barão voltou a si, já era dia alto; o sol entrava em ondas de luz pelas janellas do quarto. Miguel, que parecia estar completamente alheio a tudo o que de noite se passára, estava no immediato gabinete escovando tranquillamente e desculdosamente o facto do barão.

O fidalgo soltou um suspiro, e não pôde deixar de estremecer ao recordar-se dos terriveis successos da noite.

— Miguel... chamou elle com voz ainda mal segura.

O creado approximou-se.

— Não ouviste nada esta noite?

— Que queria v. exa. que eu ouvisse perguntou o creado com ingenuidade.

— O retrato...

— Bom! ah! temos nós outra vez o retrato!

E Miguel sorriu com ar incredulo.

— Esta noite, continuou o barão com terror, desceu da moldura.

— O senhor barão... perdoe-me que lh'o diga, parece-me que não está bom da cabeça...

— Vi-o alli... alli, em carne e osso!

E o barão, ao pronunciar estas palavras, apontava para os pés do leito.

O creado encolheu os hombros e repetiu:

— O senhor barão não está bom de cabeça.

— Asseguro-te que e vi.

— V. exa. até é capaz de dizer que o retrato lhe falou!

— E se o disser, não te engano. Falou-me... por signaes.

— Como assim?

— E obrigou-me a escrever...

— Ora! o senhor barão está zombando de certo! exclamou Miguel com uma tal expressão de incredulidade, que o barão de Neuville tomou a péto convenceo-o, e contou-lhe com os mais minuciosos detalhes a scena nocturna da apparição.

Miguel escutava e abanava a fronte em ar de duvida.

— Felizmente, disse elle por fim, os mortos não têm commercio com os vivos.

— Que queres dizer nisso?

— Que o espectro foi provavelmente deitar-se de novo debaixo da pedra que o cobria, e que para lá levou a carta para o director da casa de doidos, e a declaração relativa á restituição dos bens moveis e immoveis da senhora condessa... Esses documentos não são os que me mettem medo...

E o creado calou-se por um momento; depois proseguiu, sorrindo:

— E quem sabe? talvez no outro mundo haja tambem beleguins!

No momento em que Miguel acabava de pronunciar estas palavras, ouviu-se tocar a sineta do portão do parque.

— Olá! as visitas hoje madrugam! disse o creado, approximando-se da janella.

— Quem é? perguntou o barão de Neuville.

— E' um homem baixinho que vem atravessando o parque, respondeu Miguel, e se dirige para o castello a passos rapidos... Mas... com a bréca! é corcunda!...

O barão de Neuville approximou-se tambem da janella, e viu effectivamente um homem, corcunda, que trazia debaixo do braço uma pasta de marroquim negro, como as que costumam usar os advogados, os procuradores e os escrivães. Era Castillon.

XVII

O barão de Neuville recebia de ordinario tão poucas visitas, que os creados da Bretaudière, deshabituaados de todas as delicadezas, tinham com os forasteiros pouco mais ou menos as amabilidades, que costumam ter os cães de guarda de uma propriedade, que á noite se soltam no pateo.

O corcunda Castillon foi rudemente recebido pelos creados, que não queriam resolver-se a ir prevenir o barão de Neuville de que o procuravam. Este, porém, que tinha visto entrar Castillon, não esperou que lhe annunciassem a visita, e desceu logo.

O encontro teve logar na mesma sala, onde dias antes fóra tão mal recebido Paulo Salbris.

Mas o corcunda tinha um ar tão desconfiado e ao mesmo tempo importante, que o barão de Neuville, ainda impressionado fortemente pela terrivel apparição da noite, não pôde eximir-se a uma nova inquietação.

— Senhor barão de Neuville, começou o corcunda, o meu nome é Castillon, sou escrevente de advogado, e tenho a fazer a v. exa. communicações importantissimas.

— Estou ás suas ordens, senhor, respondeu o barão cada vez mais inquieto.

— Senhor barão, tornou Castillon assentando-se e cruzando negligentemente as pernas cambaias, eu sou procurador do exmo. sr. visconde Albert Godefroy de Neuville, parente muito proximo de v. exa.

O barão de Neuville nem pestanejou; e respondeu friamente:

— Ignorava absolutamente a existencia de tal parente, senhor; e permita-me que lhe diga que se elle pertence a uma familia, que se appellida Neuville, e que está estabelecida em Rouergue, o parentesco é mais que contestavel.

Esta resposta não desconcertou o corcunda Castillon, o qual replicou tranquillamente:

— Não se trata de um Neuville de Rouergue, mas sim do senhor visconde Albert-Godefroy de Neuville, filho do senhor conde de Neuville, já fallecido, tio de v. exa. e da senhora condessa do mesmo titulo, ainda viva e encerrada em um hospicio de alienados de Auxerre.

Todas estas palavras pronunciou-as o corcunda vagarosamente, e accentuando-lhes todas as syllabas.

— Meu tio não deixou filho algum, respondeu o barão. Não sei, portanto, o que o senhor quer dizer.

— Peço licença a v. exa. para lhe dizer que se engana. Eu venho aqui precisamente para lhe provar que existe um filho.

O barão de Neuville estava estupefacto da serenida, com que o corcunda falava. No entanto retorquiu, sorrindo:

— Parece-me isso empresa difficil.

— E' facillimo. V. exa. concorda em que o senhor conde de Neuville teve um filho, não é assim?

— E' verdade; mas esse filho morreu.

— Perdão; o conde tinha um jardineiro...

— Mas a que proposito...?

— O jardineiro, proseguiu Castillon sem fazer caso da interrupção, tinha um filho, o qual morreu. O jardineiro roubou de noite o filho do conde, substituindo-o no berço pelo seu filho, que estava morto.

O barão de Neuville descerrou os labios em um sorriso de incredulidade.

— Já me contaram essa historia absurda, respondeu elle com esforço. Mas para ella ser julgada verdadeira é preciso provar-a.

— O jardineiro, á hora da morte, confessou todo o seu crime.

— Mas o jardineiro não é digno de fé, porque estava doido.

— O cura de Saint-Martin-des-Champs acreditou no testemunho delle.

— Embora. O testemunho do cura nenhum valor terá perante os tribunaes.

— E' possivel, replicou o imperturbavel Castillon. Ha, porém, outro testemunho, a que os tribunaes hão de necessariamente dar credito.

— Qual é?

— O de um homem que prestou a v. exa. o seu auxilio para fazer desaparecer um certo Sem-Ventura, saltimbanco de profissão, que não era outro senão o mesmo Albert Godefroy de Neuville.

— Ignoro completamente essa historia.

— Veremos se Paulo Salbris consegue avivar-lhe a memoria, disse Castillon.

— Se o senhor não tem outras provas para dar-me, tornou o barão de Neuville apparentando sempre muita presença de espirito, parece-me que se incommodou de balde.

— Senhor barão, respondeu Castillon, tenho ainda uma outra prova mais séria.

— Venha ella.

— V. exa. é de parecer que sua tia está doida?

— Pelo menos é essa a opinião dos medicos.

— Mas parece-lhe que poderia curar-se?

— Tudo é possivel, senhor.

— E nesse caso teria v. exa. de entregar-lhe a fortuna...

O barão não pôde deixar de estremecer.

— Tudo isso era natural, disse elle; mas estamos longe disso.

— Oh! perdão... disse o corcunda. Não me parece que estejamos tão longe como julga...

— Como assim?

— Supponho, tornou o corcunda com um sorriso extranho, que v. exa. reconhecerá facilmente a sua letra...

E' abrindo a pasta, tirou de dentro um papel dobrado em quarto, que apresentou aos olhos do barão.

O fidalgo deu um pulo sobre a cadeira, em que estava assentado.

Aquelle papel era nem mais nem menos do que a promessa, escripta durante a noite pelo barão, na qual se comprometia a restituir a fortuna de sua tia, declarando de mais a mais que a pobre condessa havia sido encerrada no hospicio de alienados sem motivo.

Ora aquella promessa tinha-a o barão escripto para obedecer á imposição de um morto; e a um morto que saíra do tumulo é que elle a entregará.

Como era pois que lh'a apresentava agora um vivo?

Um novo susto se apoderou do barão de Neuville, que começou a tremer.

O corcunda olhava para elle fixamente, e sorria com ar extranho.

Aquelle ente rachitico, disforme, de pernas cambaias, de braços enormes com cotovellos ponteagudos, e cujo olhar era por assim dizer mephistophelico, tomou então aos olhos do barão uma verdadeira apparencia fantastica.

A razão humana, quando uma vez pôe o pé no plano inclinado das creanças sobre naturaes, já não ára; crê em tudo.

O barão que, durante a noite precedente, acreditara que tinha um fantasma deante de si, julgava agora estar vendo um demonio em pleno dia.

Aquelle homem defeituoso e contrafeito não era de certo um homem; não podia sel-o...

Se o fosse, como pederia elle ter em seu poder um papel, que o barão havia passado de noite para as mãos de um morto?

O barão, cujo terror augmentava de momento a momento, tremia, como se agitasse violentissima febre.

— Senhor barão de Neuville, tornou o corcunda Castillon, que diria v. exa. se eu lhe propuzesse uma pequena transacção?

O barão tinha os olhos esgaseados e os cabellos eriçados.

— Fale... balbuciou elle com voz estragulada.

— Supponhamos, replicou Castillon, que a tia de v. exa. continua a estar doida...

— Sim. E depois?

— V. exa. foi pelos tribunaes nomeado tutor della, e administrador de todos os seus bens, não assim?

— Sem duvida, murmurou o barão.

— Ora v. exa. tem numerosas occupações, a que não pôde deixar de attender. A administração dos bens de sua tia embaraça-o e fatiga-o; e portanto v. exa. cede essa administração... a mim por exemplo...

— Ao senhor!

O corcunda, sempre sereno e imperturbavel tornou a abrir a pasta, e tirou de dentro um segundo papel.

Era uma procuração geral, feita em papel sellado, e com todas as regras e formalidades, pela qual o barão de Neuville cedia os seus direitos de administrador de todos os bens moveis da condessa de Neuville a uma segunda pessoa, cujo nome havia sido deixado em branco.

Se o barão de Neuville assignasse aquella procuração, abandonava com uma só pennada toda a fortuna roubada.

— Assigne! disse o corcunda com voz imperiosa.

O barão teve como que um sobresalto. O corcunda tinha os olhos fitos nelle e apontava-lhe para o papel com um enorme dedo descarnado.

O barão tinha vertigens. O suor escorria-lhe em bagas pelo rosto contraído.

— Assigne! repetiu o corcunda.

Apoderou-se então do fidalgo um verdadeiro e invencivel panico. Pegou na penna com mão tremula, e pousou-a sobre o papel.

Depois ergueu ainda a cabeça; o corcunda seguia-lhe todos os movimentos com o seu olhar diabolico e persistente.

O barão estremeceu de novo, e agitou a mão convulsivamente. A assignatura do fidalgo ficou estampada no papel.

(Continúa)

POUSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XVII

Logo porém que a concluiu, quiz agarrar na procuração para a despedaçar; mas o olhar do corcunda prohibiu-lh'o...

Castillon pegou no papel e mettu-o dentro da pasta.

Então o barão de Neuville, aniquilado por tão violentas impressões, deixou cair a cabeça entre as mãos, e fechou os olhos por um momento.

Quando, ao cabo de alguns segundos, ergueu de novo a cabeça e abriu os olhos, o corcunda havia desaparecido.

XVII

O desaparecimento do corcunda Castillon tinha tido o seu tanto ou quanto de fantastico, que até certo ponto justificava as idéas supersticiosas, que á vista delle haviam germinado no espirito do barão de Neuville, sobretudo depois da apresentação daquella promessa escripta, que de noite havia entregado a um morto. E por isso, quando se viu-só, o barão de Neuville soltou um fundo suspiro e curvou a cabeça, como quem aceita resignado o castigo da Providencia.

Foi nesse momento que Miguel entrou na sala onde o barão se achava.

O creado particular tinha nos labios o seu antigo sorriso chocarreiro: logo que entrou, disse para o barão:

— O corcunda trouxe-lhe alguma boa noticia, senhor barão?

O fidalgo voltou vagarosamente a cabeça, fitou no creado um olhar amortecido, e murmurou:

— Sabes quem é aquelle corcunda?

— Como hei de eu saber-o? disse o creado encolhendo os hombros.

— Não é homem...

— Ah!

— E' o diabo!

Miguel não pestanejou.

— Como é que o senhor barão conheceu isso? perguntou o creado com serie-dade comica.

— Graceja quanto quizeres, murmurou o barão; mas olha que o que te digo é perfeitamente verdadeiro.

Talvez... replicou Miguel. O diabo tambem tem o seu tanto ou quanto de corcunda.

O barão de Neuville nem força tinha para se impacientar, como costumava, com as cachorrices do creado particular. Parecia aniquilado.

— Aposto que o senhor barão assignou alguma coisa, tornou Miguel.

— Infelizmente... não te enganas...

— Isso receava eu; estive mesmo para entrar...

— Para que?

— Para impedir que o senhor barão escrevesse. O que se escreve, fica, emquanto que palavras leva-as o vento.

— O que se escreve até do outro mundo volta! murmurou o barão, soltando um suspiro.

— E muito melhor ainda quando esses escriptos nunca lá estiveram! retorquiu o creado particular sorrindo com modo extranho.

O barão olhou para Miguel com surpresa.

— Que queres tu dizer com isso? perguntou elle.

— Quero dizer, senhor barão, respondeu o creado friamente, que v. exa. fez ha pouco uma das maiores tolices, que um homem pôde fazer...

— Ora! não é tanto assim!

— V. exa. deu ao tal corcunda, proseguiu Miguel sem fazer caso da interrupção do fidalgo, que para o senhor barão é o diabo, e para mim é apenas um escrevente de advogado, uma procuração em fórma, com um nome em branco. Essa procuração, logo que esse nome esteja preenchido, tira-lhe das mãos a administração da fortuna da senhora condessa, isto é, uma bagatella de dois milhões...

O corcunda já alli não estava, e Miguel era sem duvida alguma um homem. Ora a presença de um homem tranquillis sempre os espiritos timoratos; e portanto o barão começou a reflexionar a sangue-frio. De mais a mais, aquellas simples palavras — «dois milhões», — despertaram-lhe o seu amor pelo dinheiro, a sua extraordinaria avareza, que por um momento estivera como que adormecida. Ao cabo de alguns segundos de agitada meditação, exclamou com desespero:

— Que fiz eu?

— Eu já o disse a v. exa., retorquiu Miguel com os labios contraídos em um máu sorriso; o senhor barão fez uma grandissima tolice,

— Irremediavel... murmurou o fidalgo.

— Todas as tolices pôdem remediar-se, disse Miguel friamente.

O barão olhou para o creado com surpresa.

— Não sabes então que eu me havia comprometido a fazer a restituição?

— Comprometido! com quem?

— Com o retrato!

— Ora! murmurou Miguel.

— Com o retrato que se fez homem, isto é, com um morto que saiu da sepultura...

O creado particular soltou uma gargalhada.

— Se o senhor barão tivesse accedido aos meus desejos, nada disto teria acontecido.

— Como assim? quem havia de impedir-o?

— Eu.

O creado pronunciou esta palavra com frieza, e cessando subitamente de rir. Depois accrescentou com ironia:

— Mas isso custava a «importantissima» quantia de cem mil francos; e por isso, o senhor barão para a não gastar, larga das mãos agora a «bagatella» de dois milhões.

O barão de Neuville olhava para o creado com ar de quem não comprehendia. Miguel continuou:

— No fim de contas, eu é que sou o diabo; e a prova de que o sou é ter eu o poder de impedir que os mortos saiam do tumulo.

— Tu! exclamou o barão estupefacto.

— Ora, admittindo essa hypothese, proseguiu o creado, podemos tambem superior que o corcunda é um diabo de ordem inferior á minha, e que por isso me obedece, e me entregaria, se eu o exigisse, o papel que o senhor barão imprudentemente assignou. Tudo o que tenho dito, posso eu fazel-o, «mas»...

— Mas que? perguntou o barão.

— Mas isso custa cem mil francos; e nem um «sou» menos.

O barão de Neuville encolheu os hombros.

— Cem mil francos para salvar dois milhões... não é muito, disse o creado.

— E se eu te dêr os cem mil francos...

— Entregarei ao senhor barão o escripto compromettedor, que assignou.

— Mas quem me assegura que meu tio não sairá da sepultura uma segunda vez?

— Posso eu prohibir-lh'o.

— Quem és tu então? murmurou o pobre barão de Neuville, olhando para o creado com supersticioso susto.

— Já que o senhor barão acredita em espectros e em almas do outro mundo, não devo eu dizer-lhe que sou um simples mortal de carne e osso. Nenhum caso faria do que eu lhe dissesse...

— Sim... murmurou o barão pensativo; creio nas almas do outro mundo e nos espectros; e sobejas razões tenho eu para isso.

— E' justo; o senhor barão viu seu tio.

— E' verdade, vi-o!

— E quem diz ao senhor barão que esse «medonho espectro» não era o filho de seu tio?...

O barão de Neuville levantou-se vivamente.

— Que dizes? que dizes? exclamou elle.

— Que o filho se assemelha ao pae de um modo realmente notavel... a ponto que, quem visse o Sem-Ventura ao lado do retrato, de certo ficaria impressionado pela grandissima semelhança que ha entre elles...

O barão de Neuville estava estupefacto.

— Os mortos não voltam, continuou o creado.

— Então... o homem que vi... o espectro...

— Era nem mais nem menos do que o Sem-Ventura... primo de v. exa... e o filho da senhora condessa de Neuville.

— Vivo! vivo! murmurou o barão apertando a cabeça entre as mãos.

— Vivo, sim... e sem vontade de morrer.

— Ms como pôde elle entrar aqui?

— Oh! de um modo simplicissimo, respondeu Miguel cynicamente. Abri-lhe eu a pequena porta do parque.

— Mas... o fato de hus ard que elle trazia vestido...

— Alugado em casa de Delphina Baron, na rua das Filles-Saint-Thomas, em Paris.

— E foste tu... tu... murmurou o barão de Neuville.

— E' que eu quero ter es meus cem mil francos.

E o creado tirou do bolso uma folha de papel sellado e collocou a sob e a mesa, deante da barão.

— Aqui está, disse elle, um cheque já prompto para eu receber essa quantia no

Banco de Pariz; se v. exa. quer assignalo, respondo por tudo.
—Mas... o retrato, murmurou o barão, aturdido. O retrato que eu mesmo queimei e que apesar disso apparece...

—Antes de v. exa, o queimar tinha eu mandado tirar uma copia d'elle.

—Ah! miseravel!

—Eu queria os meus cem mil francos... E agora, se o senhor barão quer assignar o cheque, explicar-lhe-ei como é que, depois de ter visto os espectros de «Miss Aurora», no theatro do Chatele, imaginei...

O barão de Neuville estava livido de colera.

—Has de pagar-me a myst'ficação, infame! exclamou elle.

E quiz lançar-se sobre o creado e pô-lo, como vulgarmente se diz, em «dições de vinho», á semelhança do que usavam os grandes senhores do seculo XVII

XIX

Transportemo-nos agora á taberna, casa de pasto, hospedaria, ou como chamalhe queiram, situada ao fundo da povoação, e á testa da qual estava a viuva Ferrand.

Lá é que fóra preparada a pequena comedia, de que o barão de Neuville fóra victima.

O Sem-Ventura, Castillon, o Gorgulho, e Paulo Salbris, que estava agitado pelo desejo de vingar-se, haviam chegado no dia anterior um pouco antes de anoitecer.

No caminho haviam encontrado Miguel que os conduzia para casa da viuva Ferrand, a qual era era a camponeza intelligente e pouco escrupulosa, que de muito boa vontade se prestava ao mal.

De mais a mais Miguel havia-lhe dito:

—Deixa-me fazer o que eu quizer. Trabalho para ser rico; depois casarei contigo.

Basava esta promessa para que a viuva Ferrand puzesse toda a sua casa á disposiçao de Miguel.

Diante o dia tinha este levado para casa da viuva uma pequena mala, que continha um uniforme completo de hussar da Pestanação, em tudo semelhante ao do retrato.

O leitor adivinha o que se passara. O Sem-Ventura vestira o uniforme, dirigira-se com Miguel para o castello, e re-

presentara, como se viu já, o papel de espectro com escrupulosa exactidão.

Depois voltara para a hospedaria levando consigo a famosa promessa de restituição, que o corcunda Castillon devia no dia seguinte apresentar ao barão.

O escrevente havia-se desempenhado dessa commissão ás mil maravilhas.

Paulo Salbris não tinha ainda representado um papel qualquer; mas tambem havia de chegar-lhe a vez... Se o seu testemunho fosse necessario, nenhuma duvida haveria em o produzir em juizo.

Logo que Castillon regressou á hospedaria, combinaram os tres conspiradores que esperariam pela noite seguinte para se dirigirem para Auxerre. Miguel havia-lhe prometido que o barão tambem lá iria, para sem demora fazer pôr em liberdade a condessa de Neuville.

No entretanto Castillon, que era, como se costuma dizer, «passaro velho» em questões de justiça, fazia registar a procuração authentica, assignada pelo barão de Neuville, depois de haver preenchido com o seu nome que nella estava em branco, mandara fazer as citações necessarias, etc.

Durante o resto do dia, todos quatro se haviam conservado occultos na hospedaria. A viuva Ferrand havia-os conduzido para o seu proprio quarto, onde lhes preparara camas, depois de lhes ter servido a ceia.

Quando estavam á mesa chegou Miguel que lhes disse que o barão estava tomado de indizivel espanto, que o remorso se havia apoderado d'elle de um modo horrivel, falava até em fazer-se fraed, e finalmente que não havia de ser difficil obrigal-o a entregar a fortuna da condessa de Neuville.

Paulo Salbris escutava com jubilo todas estas informações; queria vingar-se do barão fosse como fosse. Castillon dizia-lhe rindo:

—Aqui está uma questão a que o meu patrão, o celebre advogado Nevilin, «não via furo», e que eu, apesar de ser apenas um pobre escrevente, vou desembrulhando de menos mal!

O Sem-Ventura abanava melancolicamente a cabeça, e murmurava:

—Quem sabe?...

—Ora essa! respondia o corcunda. A coisa agora está bem clara: tenho alli na

minha pasta um papelinho, assignado pelo barão de Neuville, que tem um valor incalculavel.

Mas o Sem-Ventura continuava a estar silencioso e triste.

—Aposto, murmurou o Gorgulho, que estás pensando no homem do cão preto.

—Talvez...

Castillon, que não tinha nem a mais leve sombra de supersticioso, desatou a rir.

—Veremos, disse elle, se o homem do cão preto resiste ao papel sellado.

Emquanto esta conversa tinha logar, Miguel levantou-se, fez um signal a Paulo Salbris, e foi com elle para o corredor.

—Meu caro, lhe disse Miguel, o amigo está já com a cabeça muito pesada. Talvez tu amanhan precise de si; vá-se deitar.

E ao mesmo tempo metteu-lhe um papelinho na mão; era uma nota de mil francos.

Paulo Salbris não comprehendeu o que queria aquillo dizer, mas em todo o caso, metteu a nota no bolso e foi-se deitar sem dizer palavra.

—O pobre Paulo Salbris está deveras embriagado, e por isso foi deitar-se, disse rindo o criado, voltando á sala onde se achavam os tres companheiros. Este vinho de Borgonha não é para graças.

—Ora adues! replicou Castillon. Póde mandar vir o que quizer... eu não tenho medo d'elle.

—Querem que lhes traga duas garrafas do de 1846? perguntou a viuva Ferrand.

—Melhor do que isso trouxe eu do castello, atalhou Miguel.

—Ah! murmurou Castillon, que era amator de bons vinhos.

—Naquelle cesto ha vinho de Pomard.

E apontou para um pequeno cesto de vime, que, ao entrar, collocara em um canto da sala.

Em seguida levantou-se, e foi buscalo para junto da mesa. De dentro tirou quatro garrafas cobertas de pó e de teias de aranha, e collocou-as sobre a mesa.

Não se deu ao trabalho de as desrolar; cortou-lhes com uma faca os gargalhos.

Castillon estendeu logo o copo, que Miguel encheu a trasbordar.

O corcunda provou o vinho como bom conhecedor, e em seguida esvasiou o copo.

—Magnifico! disse elle.

—Eu não quero... não tenho sede, murmurou o Sem-Ventura.

—Ora! não te faças piegas, exclamou o Gorgulho. Vamos fazer um brinde, a que tu não podes deixar de corresponder.

—Conforme...

—Bebo á saude de Bastinguette!

O Gorgulho tinha razão. Aquelle nome era magico. O Sem-Ventura estejdeu immediatamente o copo, e bebeu o vinho até á ultima gotta.

Nenhum dos tres amigos reparou em que Miguel, em vez de beber, tinha surrateiramente lançado o vinho para debaixo da mesa.

Duas horas depois o Sem-Ventura, Castillon e o Gorgulho, deitados em um mesmo quarto, dormiam profundamente. De subito abriu-se a porta, e entrou um homem e uma mulher. Era Miguel e a viuva Ferrand.

Miguel dizia:

—O patrão, primeiro quiz estrangular-me; mas depois conheceu que já tinha outro remedio senão ser razoavel.

—Silencio! murmurou a estafajadeira, Pódem acordar...

—Não tenhas medo disso... bão de dormir pelo menos doze horas.

E dirigiu-se para a cama sobre que estava deitado o corcunda.

Castillon, como homem prudente e cauteloso que era, havia collocado a famosa pasta por debaixo do travesseiro.

Miguel levantou-lhe resolutamente a cabeça e puxou pela pasta, sem que o corcunda acordasse.

—Vou levar isto ao senhor barão, acrescentou elle. Tu, desce á cavallariça e dá a ração ao cavallo.

—Ainda precisa d'elle esta noite? perguntou a viuva.

—Ainda.

—Mas onde vaes tu?

—Agora vou a correr ao castello, e volto.

—E depois?

—Irei levar estes «meninos» para fóra do povoado; deixal-os-ei em uma qualquer enruzilhada do caminho. Has de ajudar-me a levar-os, mesmo assina adormecidos para a carroça...

E o creado saiu apressadamente da casa da viuva, e dirigiu-se para o castello, levando a preciosa pasta.

No entretanto o Sem-Ventura, dormindo pesadamente sob a influencia de um poderoso narcotico, sonhava com o homem do cão preto...

PONSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XXI

— «Eureka!» gritou de subito o Gorgulho, que continuava a caminhar adiante.

E estendeu a mão, apontando para a frente.

O valle estendia-se para os lados bruscamente. A pequena distancia via-se que aos matos se seguiam verdejantes vinhedos; mais além viam-se extensos prados, e no meio destes uma povoação.

— Tenho fome! repetia o Gorgulho de momento a momento, e apressando o passo cada vez mais.

Por fim o Sem-Ventura disse-lhe sorrindo melancolicamente:

— O caso não está em ter fome; está em achar que comer.

— Mas allí está uma povoação...

— Sim... isso é verdade; mas também é infelizmente verdade, que não temos dinheiro...

— Ora comeremos a credito. Já temos vencido maiores batalhas...

— Sem duvida.

— Nós dois quasi que demos uma volta á roda do mundo, e nem sempre tínhamos dinheiro.

— Concordo, mas...

No ponto onde findava o valle, começava uma excellente estrada departamental, muito bem calçada, e em perfeito estado de conservação, a qual devia atravessar a povoação, que ao longe se divisava. O Gorgulho começou a caminhar resolutamente por essa estrada, murmurando:

— Nem nas mais criticas circumstancias devemos desesperar da Providencia. Quando estamos prostrados de cansaço e de commoção, depois de havermos caminhado por sobre pedras e silvados, enviamos ella uma estrada magnifica.

No momento em que o Gorgulho pagava ao acaso este tributo de reconhecimento, os tres amigos sentiram ruido na retaguarda. Era o trote de dois cavallos.

Dois gendarmes, montados em bons cavallos, caminhavam a par na retaguarda dos nossos tres aventureiros.

— Bom! disse o Gorgulho. Lá vêm amigos. Contar-lhes-emos a nossa historia, e talvez possam prestar-nos algum auxilio.

Passados alguns minutos os dois gendarmes chegaram ao pé dos tres amigos. O Gorgulho collocou-se em um dos lados da estrada, e cumprimentou-os cortezmen-

Um dos gendarmes, que tinha a gradação de cabo, disse a meia voz para o companheiro.

— Quem sabe se serão estes os passarinhos que andamos procurando?!

— Hold! amigos! gritou o cabo.

— Quer alguma coisa, camarada? perguntou o Gorgulho em tom affectuoso amigavel.

— Para onde vão? perguntou o cabo.

— Para aquella povoação.

— E donde vêm?

— De Coulanges.

— Não é um dos senhores que é conhecido pelo appellido de—Sem-Ventura?— perguntou ainda o cabo.

— Como... pois conhece-nos? perguntou o Gorgulho cada vez mais surpreendido e amavel.

— Se conheço! Tanto que tenho ordem para os prender. Houve denuncia de que commetteram a noite passada um roubo na hospedaria.

E ao mesmo tempo apeou-se. Em seguida, lançando uma das mãos ao fato do Sem-Ventura para o segurar, tirou com a outra do bolso um par de algemas, novinhas em folha.

XXII

Foi como um novo raio que caisse no meio dos tres amigos, que ficaram literalmente fulminados. Decididamente a influencia do homem do cão preto não era coisa com que se brincasse. Todas as vezes que ellas se faziam sentir succediam-se as catastrophes umas ás outras, não só para o Sem-Ventura, mas para todos, os que andavam ligados á sua má sorte. Os tres rapazes quizeram justificar-se; mas o cabo a nada attendia.

— Meus rapazes, disse elle, eu sou o cabo dos gendarmes de Coulanges. O juiz de paz expediu mandado de prisão contra vocecemês. Se estiverem innocentes, melhor; se forem culpados, lá se avenham. Emquanto isso se não averigua, vou conduzi-los para a prisão de Auxerre.

— Mas de que somos nós accusados? perguntou o Sem-Ventura.

— De haver roubado dinheiro, e não sei que mais, á estalajadeira de Coulanges, onde haviam ido alojar-se.

— Essa agora é das melhores! exclamou o Gorgulho.

E quiz restabelecer a verdade dos factos, isto é, demonstrar que, se algum havia sido, roubado, tinham sido elles.

Ao mesmo tempo o corcunda Castillon contava que os haviam adormecido com um narcotico, e que, emquanto dormiam profundamente, os tinham conduzido para longe da povoação, abandonando-os em um sitio deserto. A historia, porém, era por tal modo inverosimil que o cabo Martineau, homem positivo e essencialmente pratico, nem por um momento acreditou nella.

— Tudo isso é muito bonito, meus meninos, dizia o cabo, e talvez mesmo seja verdadeiro; mas só os juizes poderão desembrulhar essa meada.

E, pelo sim, pelo não, foi-os algemando a todos tres.

O Sem-Ventura estava taciturno; não fez resistencia alguma. O Gorgulho lastimou-se franca e abertamente. Pobre Gorgulho! tinha fome, e ainda não sabia onde e quando almoçaria...

O corcunda Castillon fazia esforços por consolar os dois amigos, dizendo-lhes:

— Em Auxerre tambem ha juizes, pe-rante os quaes nos será facil justificar-mos-nos.

Os dois gendarmes haviam collocado os prisioneiros diante delles, pondo os cavallos a passo, e recommendando com-tudo aos tres rapazes que caminhassem depressa.

A povoação que o Gorgulho fôra o primeiro a avistar, e na qual esperava almoçar regularmente, foi deixada para a esquerda.

— E' pena que vocecemês não tivessem almoçado, lhes disse o cabo. Mas não tem duvida, podem jantar em Auxerre... o rancho dos presos não é muito máo...

Os nossos infelizes heroes caminharam durante muitas horas.

O Gorgulho ia recordando com saudade as aventuras da sua vida passada, e por fim disse com máo humor para o Sem-Ventura:

— Pensar eu que podias ter casado com a formosa Katt, filha do boër de Anka-strem, e que te fizeste de manto de seda... Podiamos ser hoje millionarios!

— A fatalidade persegue-me, disse o Sem-Ventura; mas hei de vencel-a cedo ou tarde.

— Com que arma? perguntou o Gorgulho encolhendo os hombros desdenhosamente.

— Com a minha força de vontade, respondeu o Sem-Ventura.

— Bravo! murmurou Castillon; isso é que se chama ver bem as coisas. Mas eu sou um homem pratico...

— E então? atalhou o marsehez.

— Então, estou procurando o meio de nos tirarmos deste atoleiro.

— O que eu queria primeiro que tudo, tornou o Gorgulho, era que me tirassem esta «historia» com que me prenderam as mãos.

— As algemas hão de tirar-nol-as quando chegarmos á prisão.

— Onde teremos um bocado de pão negro e uma bilha com agua para nos banquetearmos... murmurou o pobre marsehez com voz lastimosa.

O corcunda era philosopho.

— Paciencia! tornou elle. Com tanto que me deixem escrever...

— A quem?

— Ao meu patrão, ao advogado Nivelin, para que venha reclamar-nos.

— Mas nós somos accusados nada menos do que de roubo!

— Não te dê isso cuidado. Hei de provar até á evidencia que fomos nós os roubados.

Emquanto que os tres rapazes iam conversando em voz baixa uns com os outros, e caminhando todos tres a par, um dos gendarmes apurava o ouvido para escutar o que elles diziam.

Era o que não tinha gradação alguma o simples gendarme, homem novo e de

semblante expressivo e intelligente, e que nenhuma semelhança tinha com o cabo, sob cujas ordens se achava. Ao escutar a conversação dos tres mancebos, pareceu-lhe reconhecer nelles o accento de probidade e de franqueza, que só os innocentes possuem.

Absteve-se porém de communicar as suas impressões ao cabo Martineau, a quem muitas vezes tinha ouvido dizer:

— Tenho prendido muitas pessoas, e todas eram mais ou menos culpadas.

Por fim, á tarde, um pouco antes do pôr do sol, os tres prisioneiros chegavam a Auxerre, para onde entraram pela porta de Glainies.

XXIII

A prisão não ficava longe: o trajecto foi curto. Emquanto o cabo Martineau batia á porta e falava com o carcereiro, approximou-se o simples gendarme do corcunda, e disse-lhe:

— O senhor conhece algum aqui que possa reclamar-os, e affiançar-os?

— Ninguém.

— E os seus amigos?

— Tambem não.

— São então todos tres de Pariz?

— Somos.

— Pois, se quizerem, posso eu encarregar-me de enviar uma communicação ao seu patrão.

Castillon estremeceu.

— Antes quereria, disse elle que havia pensado melhor, que a communicação fosse feita a uma outra pessoa.

— A quem?

— A uma cantora do theatro Italiano.

— Como se chama?

— Paquita.

— Onde mora?

— Na rua de S. Lazaro, n. 89.

— Bem, disse o bom gendarme. Vou já fazer-lhe um telegramma.

— Basta que contenha as seguintes palavras: «Sem-Ventura preso em Auxerre»

Quando as portas da prisão se fecharam sobre os tres amigos, disse Castillon:

— Bastinguette estará aqui amanha á tarde.

O nome de Bastinguette incutiu coragem e esperança aos tres prisioneiros.

As prisões da provincia são, em geral, administradas paternalmente. Para isto concorre talvez o conterem ellas raras vezes criminosos de importancia; de sorte que a maior parte do tempo, são apenas umas hospedarias desagradaveis, para alojamento temporario de larapios e de vadios.

O carcereiro era um bom homem. A mocidade e os modos francos dos tres prisioneiros, inspiraram-lhe compaixão. Logo depois de elles chegarem conduziu-os para uma sala reservada, e disse-lhes:

— Vou trazer-lhes a ceia.

Estas palavras só acharam eco no estomago do Gorgulho.

O Sem-Ventura estava pensando em Bastinguette.

O corcunda Castillon, que desde pequenino fóra creado no meio das chicanas dos tribunaes, e que conhecia a fundo todos os processos judiciais, não se assustava muito por causa da prisão; sabia que a justiça acaba sempre por descobrir a verdade, e dar liberdade aos innocentes.

Mas, por isso mesmo, o corcunda estava extremamente preocupado. Na sua qualidade de perfeito conhecedor de libellos, de petições, de todas as formulas, emfim que a justiça emprega, reunia e coordenava os seus meios de defesa, visto que esperava ser no d'a immediato interrogado por um magistrado qualquer.

O Gorgulho... esse tinha fome, e está dito tudo. A parte physica estava nelle muito mais enfraquecida do que a parte moral; logo que lhe deixaram entrever a possibilidade de ceiar, voltou-lhe aos labios o sorriso, cheio de philosophia, que rarisimas vezes o abandonava.

—Visto que temos ceia, disse elle esfregando as mãos, ainda o diabo não é tão feio como o pintam! Por hoje estamos remedeados... amanha, trataremos dos meios de sair daqui...

—Julgas então, lhe disse o corcunda rindo, que vão servir-te papos de anjos?

—Bem sei que não... Mas... tanta fome tenho eu, que era capaz de comer sapos de fricassé!

Dahi a pouco voltou o carcereiro, trazendo uma escudéla de caldo, e um pequeno pão de munição para cada um dos tres prisioneiros. O Gorgulho não pôde deixar de fazer uma careta.

—Meus filhos, disse paternalmente o carcereiro, têm dinheiro?

—Infelizmente... não! suspirou o pobre Gorgulho.

—Faça esta pergunta, tornou o carcereiro, porque, se tivessem dinheiro poderia eu ir-lhes buscar vinho, carne, e pão branco.

—Nem um real! murmurou o marselehez.

—E, contudo, esses fatos só os usa quem não é miseravel... murmurou o carcereiro, olhando para o vestuario dos tres amigos.

—E' verdade, disse Castillon. E veja o amigo que má sorte é a nossa, que, não tendo nem um real, somos nós os accusados de ter praticado um roubo!

Tão justa era está reflexão, que o carcereiro ficou impressionado, e murmurou:

—Se tivessem commettido um roubo era natural que ainda lhes restasse algum dinheiro...

—De certo, disse o Gorgulho. Tanto mais que o roubo, de que nos accusam, teria sido commettido na noite passada.

Todas estas palavras eram ditas com um tal accentto de sinceridade e franqueza, que o carcereiro, commovido, convenceu-

se desde logo de que os tres prisioneiros estavam innocentes.

— Não conhecem em Auxerre pessoa alguma, que possa affiançal-os?

— Não.

— Nem por estas immediações?

— Só em Pariz é que temos pessoas amigas.

— Tenho pena, realmente, disse o carcereiro. Estou convencido de que estão aqui injustamente... julgo-os innocentes.

— E creia que não se engana, disse o marselehez.

— Havemos de proval-o, afirmou o corcunda.

O carcereiro sympathisava cada vez mais com os rapazes.

— Pois bem, disse elle, ao cabo de alguns momentos de reflexão; se me enganarem, paciencia. Vou eu abonar-lhes o dinheiro.

— Ah! exclamou o Gorgulho com alegria no olhar.

— Vou buscar-lhes um bocado de carneiro, e um litro de vinho. Estou convencido de que, quando sairem daqui, hão de pagar-me, logo que tenham dinheiro.

— Pagar-lhe-emos, e com usura, respondeu Castillon.

Dahi a pouco estavam os tres amigos cêiando como uns principes. Uma hora depois, deitaram-se sobre umas miseraveis enxergas, que o carcereiro lhes forneceu, e, cançados como estavam de haverem caminhado durante todo o dia, adormeceram logo profundamente,

.....

No entretanto o bom gendarme, a quem a conversação dos prisioneiros tanto impressionara, sentiu-se tomado de escrúpulos, ao afastar-se da prisão. Um gendarme não deve transigir com o seu dever, e elle perguntava a si proprio, até que ponto lhe era permitido dar conhecimento da prisão do Sem-Ventura a uma qualquer pessoa.

Dirigiu-se pois, antes mesmo de se recolher ao quartel, a casa do procurador imperial para o consultar sobre o assumpto.

O magistrado escutou-o attentamente. O gendarme advogou com tanto calor a causa dos tres pobres rapazes, pintou com tão expressivas côres a sua apparencia honesta, o seu ar de franqueza e de probidade, que o procurador ficou commovido. No entanto o juiz de paz de Coulanges havia-lhe transmittido um te'gramma, em que lhe annunciava que um roubo fóra commettido na hospedaria da localidade, e que se suspeitava ter sido praticado por tres aventureiros, que ali haviam passado a noite. Contudo o magistrado respondeu:

— Interrogal-os-ei amanha. Ma não me parece que haja inconveniente, em que sejam prevenidas as pessoas, que podem responder por elles, e fornecer á jus-

tiça esclarecimentos sobre os seus antecedentes.

O bom gendarme não precisava mais nada. Correu ao telegrapho, e fez expedir para a cantora Paquita, residente na rua de S. Lazaro n. 89, em Pariz, o seguinte laconico telegramma:

«Sem-Ventura preso em Auxerre.»

«Um amigo.»

Uma hora depois, Bastinguette recebia o telegramma, e mandava immediatamente chamar seu tio, o velho saltimbanco, que correu logo a casa della.

— Papá Coqueluche, lhe disse ella mal o viu, saimos de Pariz esta noite.

— O que? disse o velho dando um pulo.

— Partimos para Auxerre, acrescentou Bastinguette em tom de autoridade.

XXIV

O Sem-Ventura sonhou muito tambem nessa noite. Foram porém os seus sonhos mais alegres do que os da noite precedente.

Estava em um magnifico atelier, como todos os artistas, no principio da sua carreira, desejam possuir um dia. Era um pequeno museu, cheio de objectos de arte, de esplendidos quadros dos mestres mais celebres, de bronzes florentinos, e das mais raras estatuetas.

Ao meio do atelier via-se um grupo esboçado, que era considerado já um primor de arte, a julgar pelos sorrisos de admiração de meia duzia de homens, que examinavam o trabalho como verdadeiros conhecedores.

O artista, que havia executado o trabalho, estava no meio delles, e voltou-se subitamente para o ponto donde o Sem-Ventura estava contemplando a scena.

O ex-saltimbanco estremeceu de surpresa; o artista, o creador daquela obra admiravel, era elle proprio!

Era elle proprio que sorria para todos, e a quem alguns rapazes chamavam mestre.— Era elle proprio o grande artista, que o Instituto esperava com impaciencia e que tinha já ao peito uma fitinha vermelha!

Mas não ficou só nisto o sonho. O Sem-Ventura lançou a vista para um canto do atelier, e viu ali um grupo informe, formado por um homem e por um cão preto.

O cão estava estendido aos pés do homem, que o contemplava tristemente, na attitude de um demonio prostrado, e vencido por algum archanjo mysterioso.

O cão estava morto. Não existia portanto o poder nefasto do homem do cão preto!

Mas o Sem-Ventura não tinha ainda visto tudo.

Perto delle, recostadas em um sofá, estavam duas senhoras, sorrindo, e contemplando com entusiastico amor, não o grupo que attrahia todas as attentões,

nem os graves personagens, que disputavam entre si a posse daquelle primor de arte, mas sim uma formosissima creança loura que andava rolando por sobre o tapete.

Uma das senhoras tinha brancos os cabellos; mas sem rugas o semblante. O Sem-Ventura ficou absorto a contemplar, sentindo-se attrahido para ella por um irresistivel sentimento de amor e de respeito. Uma voz desconhecida lhe segredava:

—E' tua mãe!

E o coração batia-lhe apressado...

A outra senhora foi logo reconhecida pelo Sem-Ventura. Era Bastinguette.

Bastinguette, a quem a creancinha chamava mãe.

No momento em que o sonho chegava a estas alturas, foi o Sem-Ventura acordado bruscamente por uma voz de fasete. Era a do corcunda Castillon.

O Sem-Ventura abriu os olhos, soltou um grito de desespero, e lançou aos dois amigos um olhar estúpido e de profundo desalento.

O Gorgulho estava ainda deitado; Castillon já se achava a pé. O sentimento da triste e desoladora realidade impôz-se ao espirito do pobre Sem-Ventura. O magnifico atelier, as duas senhoras, a creancinha, tudo era sonho, que cessara de subito, que se esvaecera com a rapidez do relampago! E o infeliz Sem-Ventura acordava encerrado entre as quatro paredes de uma prisão!

—Dormi como um príncipe! murmurou o corcunda, bocejando.

—Tenho fome! exclamou o Gorgulho.

—Não pensas senão em comer, lambão! replicou Castillon.

—Que queres tu? tornou o marselehez; para mim, estar preso é o mesmo que andar em viagem; tenho sempre fome.

O Sem-Ventura não dizia palavra.

—Que tens tu? lhe perguntou o Gorgulho.

—Nada, respondeu elle.

—Estás muito assustado por te veres preso?

—Não. Tenho saudades do meu sonho...

—Que sonhaste tu?

—Sonhei... com a felicidade.

E o ex-saltimbanco sentiu que uma lagrima lhe deslisava pela face; e como se tivesse necessidade de uma expansão, contou aos seus dois amigos o sonho que tivera. O Gorgulho escutou-o até ao fim, e disse-lhe depois:

—Ha-em tudo isso um tanto ou quanto de verdade.

—Ah! não...bem vêes que não!

—Os sonhos realisam-se...

—Raras vezes...

—Ora eu não sou superficial, disse Castillon, ha porém uma coisa no sonho do Sem-Ventura que, máu grado meu, me impressiona.

(Continúa)

PONSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XXIV

—Que é?

—A circumstancia de estar morto o cão preto, e o homem parecer vencido, amarelado.

—E que conclues dahi? perguntou o marsehez.

—Concluo que o nosso amigo, graças á sua persistencia e força de vontade, ha de por fim conseguir vencer a má sorte.

Estas palavras animaram um pouco o Sem-Ventura, que exclamou:

—Tens razão: um dia hei de triumphar do máu fado, que me persegue desde o berço. Mas quando o conseguirei eu?...

—Esse dia porém está talvez ainda longe... e eu tenho fome, murmurou o Gorgulho com voz lamentosa.

Nesse momento entrou o carcereiro com um prazenteiro.

—Meus amigos, disse elle, tenho uma excellente novidade para dar-lhes.

—Vae trazer-nos o almoço? perguntou o marsehez, assentando-se na cama com precipitação.

Castillon encolheu os hombros. O carcereiro continuou:

—Ha alguém que anda trabalhando em teu favor, meus senhores.

—Quem? perguntou o Sem-Ventura.

—Uma bonita senhora que chegou hoje de manhã de Paris.

—Ai, que é Bastinguette! exclamou o Sem-Ventura.

—Como ella se chama, não sei, tornou o carcereiro. O que posso porém affirmar-lhes é que, logo que chegou, se dirigiu para casa do procurador imperial.

—E elle recebeu-a? perguntou Castillon immediatamente.

—Tenho fome! suspirou o marsehez.

—Vou buscar-lhes o almoço, disse o carcereiro. E saiu logo.

Decorreu um quarto de hora; de subito abriu-se a porta, e o Sem-Ventura sentiu que o coração lhe saltava fóra do peito.

O carcereiro entrou, mas não vinha só; acompanhavam-no duas pessoas; Bastinguette e Coqueluche.

E comtudo o Gorgulho não pôde deixar de morder os labios, despeitado... O carcereiro havia-se esquecido do almoço...

XXV

Voltemos agora a falar de um personagem da nossa historia, que já ha dois dias perdemos de vista. Referimos-nos a Paulo Salbris.

O antigo cumplice do barão de Neuville era um desses aventureiros, que se debatem perpetuamente entre os horrores da miseria e os phrenesis da cobiça.

Recordar-se-á o leitor de que, emquanto que na hospedaria da viuva Ferrand, na ante-vespera, o Sem-Ventura e os seus dois companheiros bebiam sem desconfiança o vinho opiado, que devia prostrarlos em profundo e lethargico somno, Miguel, o creado particular do barão, se dirigia furtivamente com Paulo Salbris para o corredor, e lhe disse, mettendo-lhe na mão uma nota de mil francos:

—Vae-te deitar.

Um miseravel, a quem se dão mil francos, obedece sempre sem murmurar. Paulo Salbris foi immediatamente deitar-se.

Depois, como tinha a cabeça um pouco pesada, depressa adormeceu. Mas aquella quasi embriaguez nada tinha de lethargica. Quando elle saíra da sala, onde havia ceiado, ainda não tinha apparecido o vinho que Miguel levava do castello.

Por consequencia, passadas duas ou tres horas, acordou. Ouvindo barulho no pateo, saltou da cama e dirigiu-se para a janella. A viuva Ferrand tinha na mão uma lanterna, com a qual alumia-vá o creado particular do barão, que estava arreando um cavallo, que depois pôz a uma carreta.

—Oh! oh! pensava Paulo Salbris, que quererá isto dizer?

E desceu pé ante pé para o pateo. Chegando junto de Miguel, pousou-lhe a mão sobre um hombro. O creado voltou-se.

O semblante tranquillo de Paulo Salbris deu-lhe desde logo a conhecer, que a embriaguez se lhe havia dissipado.

—Ah! és tu? murmurou Miguel.

—Que estás tu fazendo? perguntou Paulo Salbris.

—Bem vês, replicou Miguel; prepara-me para fazer uma pequena jornada. Queres vir commigo?

—Onde?

—Conduzir os nossos amigos a um certo sitio.

—Como assim? Então... elles partem?

—Está entendido...

—Não te parece, tornou Paulo Salbris, que seria conveniente ter eu tambem a explicação de todos estes mysterios?

O creado assentou-se sobre um dos varras da carreta, e respondeu, encolhendo os hombros com eynismo:

—A coisa é simples: o vento virou.

—Não entendo.

—Hontem ainda o barão de Neuville, meu patrão, não queria dar-me cem mil francos.

—E... hoje...?

—Hoje, deu-os.

—Para ti só?

—Está visto!

—Ora vamos, disse Paulo Salbris tranquillamente; as nossas explicações precisam ser mais explicitas.

—Que queres tu saber mais?

—Escuta: tu hontem auxiliavas sinceramente o Sem-Ventura...

—Sim; mas hoje o barão deu-me os cem mil francos e portanto volto as costas ao Sem-Ventura. A coisa é clara.

—Mas... e eu?...

—Tu... ajustas commigo as contas.

—Ah! bem...

—Quanto te prometteram pelo teu testemunho?

—Cincoenta mil francos.

—Que receberias, só quando o Sem-Ventura houvesse ás mãos a herança, não é assim?

—Naturalmente. Como havia de elle dal-os antes?

—Contentas-te com vinte cinco mil?

—Para receber quando?

—Já.

E o creado tirou do bolso uma carteira, cheia de notas. Paulo Salbris ficou deslumbrado.

—E' negocio concluido, tornou Miguel. Agora vae ajudar-me.

Sabe-se já o que em seguida se passou. Os tres rapazes, profundamente adormecidos, foram collocados na carreta, transportados á distancia de tres leguas da povoação, a um desfiladeiro selvagem na floresta de Frestoye.

Paulo Salbris acompanhava a caravana. No meio do caminho occorreu-lhe uma idéa, que talvez não tivesse lembrado ao creado Miguel.

—Os pequenos regatos, disse elle, é que formam os grandes rios.

E foi revistar os bolsos do Gorgulho, que era o thesoureiro da associação, circumstancia que Paulo Salbris não ignorava. Foi assim que o «porte-monnaie», onde se continham os tristes cobres dos tres rapazes, foi fazer companhia, no bolso de Paulo Salbris, ás notas que Miguel lhe dera.

O dia começava a despontar, quando chegaram ao termo da jornada.

—Estou convencido, disse então Miguel, que nenhum desejo terás de voltar commigo...

—De certo que não.

—Pois então talvez fizesses bem, se continuasses a caminhar até Auxerre.

—E depois?

—Depois... como estás muito mal vestido, tomares em bilhete de terceira classe no caminho de ferro, para não te fazeres notado, e dirigires-te para Paris.

—Era essa a minha idéa. Adeus!

E, enquanto que Miguel voltava com a carreta pelo mesmo caminho, Paulo Salbris tomou resolutamente a direcção de Auxerre.

Todas as vezes porém que encontrava uma taberna, não pôdia resistir á tentação de entrar e de beber. E por isso chegou muito tarde a Auxerre.

—Orá! murmurou elle ao entrar na povoação; um homem que tem no bolso co mil francos, nenhuma necessidade tem de ter pressa. Vou dormir á hospedaria, e amanha partirei para Paris.

Paulo Salbris achava-se em completo estado de embriaguez, quando foi bater á porta da hospedaria do Leopardo, situada no caes do Yonne.

XXVI

Horas depois de terem desaparecido os tres forasteiros, que se haviam alojado na hospedaria da viuva Ferrand, os moradores da povoação, que era dominada pela Bretaudière, foram acordados por gritos e lamentações.

Era a viuva Ferrand que se estava lastimando.

Os vizinhos acudiram logo, e encontraram a formosa viuva arrancando os cabellos com desespero e mostrando a todos um pequeno bahu, onde, como era notorio, ella guardava o seu dinheiro.

O bahu estava arrombado; o dinheiro desaparecera. E a povoação toda sabia que, dois dias antes, tinha a viuva Ferrand vendido um pedaço de terra, cujo preço, perto de novecentos francos, havia recebido de contado.

Quem teria sido o ladrão ou ladrões? A opinião publica foi unanime.

Os ladrões não podiam ser senão os tres rapazes, que, na noite anterior, haviam ceiado na hospedaria.

De mais a mais tinham desaparecido a occultas, e essa circumstancia era indício certo das suas culpabilidades.

A opinião publica, quando segue um rumo qualquel, tem uma logica inflexivel.

A culpabilidade dos tres forasteiros foi tão evidentemente demonstrada, que toda a população se dirigiu em massa para Coulanges, pedir ao juiz de paz que desse providencias.

Este requisito immediatamente os gendarmes, e expediu o competente mandado de prisão.

O resto é sabido.

Ninguém havia pensado em Paulo Salbris.

O telegramma expedido pelo juiz de paz de Coulanges para o procurador im-

perial em Auxerre era tão claro, tão explicito, que este magistrado, a despeito do testemunho do gendarme, que estava convencido de que os tres rapazes estavam innocentes, tinha-se visto na necessidade de os conservar presos para averiguações.

Ora, no dia seguinte ás sete horas, o procurador imperial, que estava já de pé recebeu das mãos de um criado um elegante bilhete de visita, que o leitor já sabe, era de Bastinguette.

O procurador imperial ficou extremamente surprehendido. A que titulo, e por que motivo se apresentava em casa d'elle a celebre Paqueta, prima-donna do Theatro Italiano de Paris?

Todavia mandou logo entrar. Na provincia, em geral, faz-se uma singular idéa dos artistas do theatro. Imagina-se que formam um mundo á parte, que têm um certo cunho que lhes é particular, e que se apresentam em todas as circumstancias sem cerimonia nas maneiras, sem honestidade no trajar.

O procurador imperial ficou pois admirado da perfeita distincção, da decencia e do honesto e simples vestuario da cantora.

Bastinguette era muito conhecida; comtudo havia comprehendido que da sua serenidade e presença de espirito dependia a salvação do Sem-Ventura, e portanto exprimia-se com perfeita clareza e sinceridade; contou a existencia tempestuosa, mas sempre honesta, do seu protegido, e appellou para o testemunho do velho Coqueluche que a acompanhava.

O antigo saltimbanco parecia ser um bom velho, que vivia dos seus rendimentos; no rosto transparecia-lhe a franqueza a probidade.

O magistrado escouteu a ambos com benevolencia, e no fim disse-lhes:

—Para mim é já de fé, que o mancebo em questão, e os seus dois amigos, são incapazes de commetter um roubo; comtudo pesam sobre elles graves suspeitas, e eu não posso mandar que sejam postos em liberdade, sem que o verdadeiro ladrão seja agarrado, ou sem que tenhamos a prova material da innocencia dos tres amigos.

—Mas não poderei eu ao menos ir vel-os? perguntou Bastinguette.

—Antes de eu os haver interrogado, é impossivel, minha senhora.

—E quando...os interrogará?

—Hoje mesmo...daqui a pouco.

—Ah! disse Bastinguette, o senhor verá que o Sem-Ventura é um rapaz honestissimo...

O magistrado não teve tempo de responder. Ouviu-se um grande ruido na sala

immediata, e uma voz rude e encolerizada bradar:

—Entrar por força. Preciso falar immediatamente ao senhor procurador imperial. Um gendarme entra a toda hora e em toda parte.

O magistrado levantou-se surprehendido, e foi elle mesmo abrir a porta. Ao mesmo tempo entrou, como um furacão, um homem, que trazia outro agarrado pelo casaco.

O bom gendarme que na vespera havia communicado pelo telegrapho a Bastinguette a prisão do Sem-Ventura. O homem que elle arrastava, estava extremamente pallido, tinha o fato sujo e esfarrapado, e balbuciava algumas palavras mal distinctas, lançando em redor de si um olhar amortecido.

Aqui está o ladrão! exclamou o gendarme apontando para elle.

Bastinguette e Coqueluche soltaram um grito de jubilo.

O homem balbuciou:

—E' uma fatalidade! Quando estou embriagado não posso ter tento na lingua, e conto a minha vida em voz alta! Isto é tão verdade como eu chamar-me Paulo Salbris...

O antigo cúmplice do barão de Neuville dizia a verdade.

Na vespera, á noite, havia entrado na hospedaria do Leopardo e pedira de ceiar. Sem reparar no estado em que já se achava, tinha continuado a beber, e por fim havia feito grande barulho, e quebrado pratos e copos.

O dono da hospedaria chamára por socorro, e o turbulento freguez fôra conduzido para a proxima estação de policia, onde tivéra a ingenuidade de contar algumas das suas ultimas gentilezas em voz alta. Infelizmente para Paulo Salbris, achava-se então junto d'elle o gendarme...

XXVII

O barão de Neuville, de quem Miguel era agora intimo confidente e conselheiro, havia feito o seguinte raciocinio, extremamente simples:

—Só de mim depende a saída de minha tia do hospicio de alienados. Sem o meu consentimento nunca ella poderá entrar em um convento...

A esta observação, feita em voz alta, respondeu o criado Miguel:

—O senhor barão tinha uma excellentes tangente por onde se podia escapar...

—Qual?

—Ir fazer uma viagem de um anno.

—Onde?

—Fosse onde fosse. Desse modo não seria de novo importunado pelo director do hospicio, que pretende que a senhora condessa já não está louca.

—Espera... Vou eu fazel-o mudar de opinião, respondeu o fidalgo.

E escreveu a seguinte carta ao director:

«Exmo. amigo e sr.
«Remetto-lhe juntamente com esta carta a somma de seis mil francos, importância da pensão da minha desventurada tia, relativa ao proximo futuro semestre.

«A infeliz senhora, que na realidade está muito mais doente do que eu julgava, achou (como, não sei) meio de travar relações com uns aventureiros, que a esta hora devem estar entre as mãos da justiça, por haverem commettido um importante roubo, depois de terem tentado mystificar-me.

«Um delles intitula-se meu sobrinho.

«Ora o meu sobrinho morreu dois ou tres dias depois de haver nascido, e para prova envio-lhe a respectiva certidão de obito, copiada do livro dos assentos da parochia de Saint-Martin-des-Champs.

«Vejo-me forçado a partir immediatamente para a Allemanha, onde vou tratar de um negocio importante. Logo que regresso, irei ahí.

«Sou, etc.

«Barão de Neuville.»
—Eis aqui uma boa recommendação, disse o barão sorrindo sinistramente.

E em seguida encarregou o criado Miguel de ir pessoalmente deitar a carta no correio. Juntamente com ella enviava elle ao director do hospicio uma letra, sacada sobre uma casa bancaria de Auxerre.

Algumas horas depois, o barão de Neuville e o seu criado particular entravam na diligencia de Nevers, onde chegaram na madrugada do dia immediato.

Em Nevers, tomaram o caminho de ferro de Bourges, e quarenta e oito horas depois embarcavam em Marselha em direcção á Italia.

Singular itinerario para ir á Allemanha!...

No mesmo dia em que o director do hospicio de alienados recebia a carta do barão de Neuville, chegava secretamente ás mãos da pobre condessa um bilhete que ás occultas lhe entregára uma enfermeira. O bilhete era assim concebido:

«Minha querida mãe:

«Renuncie a esperanza de obter coisa alguma do miseravel, que tanto mal nos tem feito. Infelizmente nenhuma prova temos contra elle, e, portanto, ha de a mi-

nhá querida mãe continuar a ser considerada louca.

«Contudo eu e os meus amigos resolvemos tiral-a da casa maldita. Iremos esconder-nos em um canto ignorado, onde, com o meu trabalho, fei de ganhar o nosso pão.

«Beija-lhe as mãos o filho a quem a minha boa mãe durante tantos annos julgou morto, e que ainda não teve outro nome senão

«Sem-Ventura.»

A condessa, quando leu a carta, esteve a ponto de morrer de alegria.

—Minha senhora, lhe disse a enfermeira assustada, modere a sua alegria. Veja que pôde comprometter-nos.

—Mas como ha de elle conseguir tirarme daqui? perguntou a pobre condessa em voz baixa.

—Não sei, minha senhora, respondeu a enfermeira. O que se vê, porém, claramente, é que v. exa. tem bons amigos.

Esta pequena conversa teve lugar de manhan. A condessa de Neuville passou todo o resto do dia agitada por indescriptivel ansiedade.

A' noite, a enfermeira foi substituida por uma outra, muito nova ainda, e que parecia não ter pratica alguma de tal serviço.

Logo que ficou só com a condessa, olhou para todos os lados como se temesse qualquer olhar indiscreto, e por fim dirigiu-se para a pobre condessa, e sardou-lhe ao pescoço.

— Não se lembra já de mim? perguntou ella ao ouvido da mãe do Sem-Ventura.

— Ah! lembro-me! lembro-me! murmurou esta, que teve uma inspiração súbita. Via-a um dia em Versailles...

— Sim... fui lá dizer-lhe que o seu filho vivia.

E Bastinguette, porque era effectivamente ella a enfermeira, aproximou ainda mais os labios do ouvido da condessa e segredou-lhe:

— Consegui que me admittissem aqui na qualidade de enfermeira. Tenho no bolso as chaves do pavilhão. Sairemos daqui esta noite; a pouca distancia do hospicio ha de esperar-nos uma carruagem.

— E... balbuciou a condessa tremendo, estará lá... elle?

— Sim.

A pobre mãe tomou então Bastinguette nos braços, beijou-a com carinho frenético, e lhe disse:

— Ah! bem hajas! has de ser minha filha!...

(Continúa.)

PONSON DU TEHRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XXVIII

Por uma esplendida manhã do mez de maio, a nossa formosa heroina, a Bastinguette le outro tempo, e prima-donna Paqueta de hoje, saiu de casa antes das sete horas, trajando um elegantissimo vestuario de campo.

Esperava a á porta uma carruagem, onde estavam já duas pessoas installadas á espera da cantora. Era o bondoso papá Coqueluche, e a mamã Coqueluche, sua excellente esposa.

Bastinguette lembrou-se da sua antiga profissão, e saltou para dentro da carruagem com verdadeira ligeireza de saltimbanca.

O cocheiro havia sem duvida recebido já as convenientes instrucções, por quanto, logo que a «diva» saltou para a carruagem, fustigou os cavallos, que partiram a trote largo.

— Que me dizes a isto, meu velho? perguntou a tia Coqueluche olhando para o marido. Quem nos diria a nós... ha dez annos...

— E' verdade! murmurou ingenuamente o velho saltimbanco; estavam tão longe disto...

— Passar vida de proprietarios, tornou a velha, andar de carruagem como os fidalgos, ter sempre no bolso muito bom dinheirinho, que mais queremos nós?

— E é a ti a quem devemos tudo! murmurou o velho Coqueluche, apertando com affecto as mãos de Bastinguette.

A cantora descortou os labios em um triste sorriso.

— E apesar de tudo, disse ella, não sou completamente feliz!

— E' que na verdade, murmurou a tia Coqueluche encolerisada, o nosso Sem-Ventura não é rasoavel!

— Não, é, não, confirmou o velho saltimbanco. E' realmente orgulhoso em excesso!

— Olha, filha, continuou a tia Coqueluche; quando casei com teu tio, não tinha elle nem eira nem beira, nem ramo de figueira. Emquanto que eu tinha ao canto de um bahu uma continha calada, uma bagatela de mil e quinhentos francos, que nesse tempo era já um bom do-e. Pois é preciso que salvas que teu tio nem por sombras se fez de manto de seda! Ora! eu com uma só mão, e elle com as duas...

— Não se fez de rogado, pois não?... Disse Bastinguette sorrindo.

— Qual historia? Empregou logo os meus mil e quinhentos francos na com-

pra da nossa primeira barraca! E, em boa hora o diga, foi diaheiro abençoado!

— O Sem-Ventura é muito brioso murmurou Bastinguette suspirando. Emquanto não ganhar desafogadamente a sua vida, não quererá casar commigo.

— Coitado le depois tornou o tio Coqueluche, tambem precisa ganhar para sustentar a mãe com quem vive ha dois annos.

— Não é só a mãe que vive á custa do trabalho delle... E o Gorgulho?

— Oh! murmurou Bastinguette; esse não tem orgulhos exagerados...

— Ora! replicou o tio Coqueluche; e quem tu o vens dizer! De mais o sei eu... não ha semana nenhuma que elle não venha pedir-me cem «sous» emprestados...

— Mas, tornou a mamã Coqueluche; um rapagão como elle é e que já tem perto de trinta annos não pode trabalhar para ganhar a vida?

— Anda procurando uma occupação que lhe faça conta, disse Bastinguette rindo; mas como procura mal...

— Não acha nunca não é assim?

— Sem tirar nem pôr. E portanto vae estando sempre ás sopas do pobre Sem-Ventura.

— Mas quanto ganha o Sem-Ventura pouco mais ou menos com a esculptura? perguntou o velho saltimbanco.

— Uns quatro ou cinco mil francos apenas.

— Mas elle dantes fazia bem bons trabalhos nas nossas cascas de côco, quando todos eramos saltimbancos. Agora com o estudo e com a pratica devia ter-se aperfeiçoado.

— Elle tem muito talento, suspirou Bastinguette; e ha de um dia ser um grande artista.

— Mas então leva isso muito tempo...

— Não lhe acontece como a ti, que te fizeste uma grande artista em dois dias, exclamou o saltimbanco com orgulho.

— No theatro é mais facil, murmurou a cantora.

E ficou durante alguns momentos silenciosa. Depois continuou:

— Agora tenho grandes esperanças na exposição de bellas-arts, que ha de abrir-se no dia 15 deste mez.

— A sua «estatuá» será admittida? perguntou a tia Coqueluche.

Bastinguette sorriu.

— Não é uma estatuá, disse ella.

— Então que é?

— E' um grupo.

— Pois sim; o nome não faz nada ao caso. Mas tens esperanças?

— Todas. Estou até convencida, de que ha de obter uma qualquer medalha...

— Como assim?

— Deixem o caso por minha conta; acrescentou a prima-donna sem querer dar mais explicações.

No entretanto a carruagem corria rapidamente através de Pariz. Chegando ao cabo da rua de S. Lazaro, tomara pelo boulevard Maiesherbes, e subira a grande trote para a barreira da Estrella.

Quando passava em frente do Arco do Triumpho, encontrou-se com um cavalheiro.

Era um distincto mancebo de cabellos loiros, montado em um magnifico e fogoso cavallo irlandez.

Ao ver Bastinguette empallideceu, e sentiu mesmo uma tão forte commoção, que oscillou sobre a sella.

Bastinguette sorriu para elle, e acenou-lhe com a mão. O mancebo tirou respeitosamente o chapéu. Ao mesmo tempo a cantora fez um signal ao cocheiro, que immediatamente fez parar os cavallos. Então o cavalleiro, tremulo e pallido como um morto, approximou-se. Bastinguette estendeu-lhe a mão affectuosamente.

— Meu caro principe, lhe disse ella, ha de perdoar-me, sim?

O mancebo, de pallido, fez-se encarnado.

— Perdoar-me, continuou ella, por lhe haver devolvido as suas cartas sem as abrir...

O pobre rapaz balbuciou algumas palavras inintelligiveis.

— Vá ver-me esta noite, meu caro principe, tornou a cantora. Vá tomar chá commigo; tenho uma coisa para lhe pedir...

Depois estendeu-lhe de novo a mão, e a carruagem continuou a rodar, descendo para o bosque pela avenida da Imperatriz.

— Então este bonito rapaz é um principe? perguntou a tia Coqueluche, admirada.

— E' um russo, o principe Maropouloff. Tem uma fortunasinha de seus trinta milhões...

— Eia! exclamou a tia Coqueluche, abrindo grandes olhos. E quer casar commigo?

— Bastava que eu fizesse um pequeno aceno, respondeu Bastinguette sorrindo, e seria eu dentro em oito dias princeza!

— Quem nos diria a nós, suspirou a velha Coqueluche, quando dansavas na corda, que havia de um principe querer casar commigo...

— E eu não quero, replicou Bastinguette, porque não é a elle a quem amo...

XXIX

Deixemos Bastinguette e os rechonchudos esposos Coqueluche seguirem seu caminho, e acompanhemos o elegante cavalleiro, que tão impressionado ficára ao encontrar a formosa «diva».

A prima-donna não havia exaggerado; a fortuna do principe Maropouloff era calculada em uns trinta milhões, para mais, que não para menos. Era elle um desses russos, quasi legendarios, que possuem na extrema Europa e nas fronteiras da Asia propriedades, tão grandes como um reino.

A princeza Maropouloff, mãe do principe, havia-lhe dito, no dia em que elle partira para Pariz:

— Podes fazer o que quizeres; edifica um palacio de marmore com escadarias de onix, ou muda o curso de um rio, que nem assim conseguirás gastar a tua fortuna!

A princeza pertencia ao velho partido russo, escola que conserva as suas tradições, directamente do reinado da grande Catharina. Tinha ella de si para si que um

grande senhó só pôde chegar a ser diplomata abalisado, quando a sua mocidade se tenha passado no meio de mil e uma loucuras ruinosas.

Mas a princeza enganava-se a respeito de seu filho. O joven principe Alexis Maropouloff era um homem cordato, rasoavel, sem pedantismo em todas as coisas, dotado de prematura seriedade, e amando as artes com extrema delicadeza de instincto. Elle proprio era artista porque pintava muito regularmente, e tocava dois ou tres instrumentos.

Havia já dois annos que o principe vivia em Pariz, e ainda nunca dera motivo a que se falasse delle por causa de um qualquer escandalo.

De ordinario apparecia pouco; mas mostrava-se sempre com a modestia cheia de distincção, propria de um perfeito gentil-homem, a quem o bulicio causa horror.

Quando se fazia em Pariz alguma dessas vendas de quadros de merecimento e de objectos de arte, que tanto interessam os grandes amadores, o principe era sempre o mais ousado e diligente licitante.

Apesar porém do desmedido amor de objectos de arte, que mostrava sempre, citava-se delle uma acção generosa, que havia andado de bocca em bocca em todo Pariz.

O principe tomou informações a respeito delle, e soube que era um sabio, um colleccionador apaixonado, que vivia com trinta «sous» por dia, por ter gasto toda a sua fortuna, que era grande, na aquisição de riquezas artisticas, que tinha amontoadas em casa, e que provavelmente, quando morresse, seriam vendidas ao desbarato.

A' noite, quando o velho amador entrou em casa, encontrou lá a famosa collecção de esmaltes, acompanhada por um bilhete, que continha as seguintes palavras apenas:

«O principe Maropouloff toma a liberdade de offerecer essa pequena lembrança ao sr. M...»

O principe, como já dissemos, era tambem apaixonado por musica. Ouvira cantar Bastinguette; e, ao mesmo tempo que se extasiava ao ouvir a maravilhosa voz da cantora, não pudera resistir aos encantos fascinadores da mulher. Como a borboleta, que inconscientemente vae queimar as azas na luz, o pobre principe sentira-se, sem bem saber como, preso na chamma, que se irradiava dos formosos olhos da «diva» Paqueta.

Durante seis mezes, o principe Maropouloff havia feito as maiores diligencias para se approximar della, para lhe ser apresentado. Mas Bastinguette conservava sempre a distancia todos os seus apaixonados. O pobre russo tinha tido a sorte dos outros.

E depois disto que significavam aquellos sorrisos, aquellos apertos de mão, e o convite que inesperadamente elle obtinha?

O principe ficou por tal forma impressionado, que entrou em casa agitado por uma especie de loucura. Encerrou-se no seu gabinete, assentou-se em uma poltrona com a cabeça entre as mãos, e, até

que a noite chegou, não cessou de perguntar a si proprio se tudo aquillo seria um sonho.

Logo que anoiteceu, começou a vestir-se, mas mudou de fato vinte vezes successivas. Depois foi jantar a um restaurante da moda para matar o tempo até ás dez horas. Mas chegou lá tão pallido, tão agitado, que todos os amigos o olharam surprehendidos.

— Que tens tu ? lhe perguntavam elles.

— Ando desde pela manhan, respondeu elle simplesmente, perguntando a mim proprio se a ventura tambem mata.

— Tu sabes bem o contrario, lhe respondeu o marquez de Charmerie, tu, que és o homem mais rico da Europa !

O principe encolheu os hombros e não replicou.

Em um leilão de preciosos objectos de arte, um velho amator tinha levado a um preço fabuloso, e fóra de todos os limites raseaveis, uma collecção de esmaltes. O principe cobriu o lance e a collecção foi-lhe adjudicada. Então o velho amator, que não podia chegar a um maior lance, soltou um fundo suspiro, e retirou-se de cabeça baixa. Houvera mesmo quem visse deslizar-lhe duas grossas lagrimas pelas faces..

Jantou pouco e silenciosamente, fumou charutos sobre charutos até ás dez horas menos um quarto, e depois saiu como um louco.

Às dez horas em ponto chegava a casa de Bastinguette, que estava só.

A cantora esperava-o no seu «boudoir» que era um primor de elegancia e de bom tom, e que estava brilhantemente illuminado. A prima-donna trajava uma esplendida «toilette» cor de perola.

Logo que o principe entrou, estendeu-lhe ella a mão, sorrindo-lhe graciosamente, e fê-lo assentar ao pé de si.

— Meu caro principe, lhe disse ella, que idade tem ?

— Vinte e seis annos, minha senhora, balbuciou elle com voz tremula e mal segura.

— Pois eu tenho vinte e sete, tornou ella, sorrindo. Sou mais velha, e tenho portanto direito a uma certa deferencia da sua parte...

O principe olhava para ella com surpresa.

— Permitta-me por isso que lhe dê um conselho... Seja meu amigo...

O russo ia cair de joelhos deante della, mas a cantora não lh'o permittiu, e repetiu, sorrindo affectuosamente:

— Seja meu amigo... meu amigo só...

XXX

O principe Maropouloff olhava para a prima-donna com uma especie de desvairamento, e parecia não poder ou não querer comprehendel-a

— Escuté, meu caro principe, tornou ella: sou uma rapariga honesta, e não quero illudir ninguem. Se tivesse livre o coração, talvez eu devesse fugir-lhe...

Contam-se rasgos tão admiraveis do seu excellente e generoso character, que se comprehende perfeitamente que uma pobre mulher, que se saiba amada pelo principe, enlouqueça de orgulho e de ventura... Mas eu, meu amigo... permitta-me que lh'o diga francamente... não posso dar-lhe o meu amor...

O principe fez-se livido.

— Quero que seja meu amigo, continuou a «diva»; e creio que o melhor meio de conseguil-o é falar-lhe com inteira franqueza, e contar-lhe a minha historia.

— Estou prompto para ouvil-a, murmurou o russo com voz abafada.

Bastinguette não perdeu tempo em descrições e commentarios. Contou os factos simplesmente e sem rodeios; a sua infancia, a do Sem-Ventura, e as singulares aventuras deste, tudo enfim quanto podia despertar no principe um certo interesse.

Maropouloff escutava-a com as lagrimas nos olhos.

— Mas porque não casam? exclamou elle de subito, arrastado pelos cavalheirescos instinctos da sua alma generosa.

— Porque elle não quer.

— Como assim? disse elle profundamente surprehendido, e como que duvidando de que houvesse um homem tão selvagem, que não quizesse dar a mão de esposo á formosa Paquita.

— Não quer, porque o meu talento me faz rica, e elle... é pobre.

— Mas tem talento...

— Assim o creio, disse Bastinguette ingenuamente. Na proxima exposição ha de elle apresentar um bom trabalho de esculptura.

— Minha senhora, disse o principe, pegando na mão fina e branca de Bastinguette; eu tenho em Pariz uma certa reputação de amator intelligente de bellas artes. Posso portanto tornar celebre qualquer artista que eu tome sob a minha protecção.

— Ah! sei isso perfeitamente, exclamou Bastinguette.

— Diga-me: onde mora o seu protegido?

— Em Auteuil, em uma pequena casa, pertencente a um criado da sua familia.

O generoso servo quiz que os seus patrões em outro tempo ricos e hoje pobres, fossem seus hospedes.

— Dê-me v. exa. a morada exacta.

— Aqui está, disse Bastinguette, entregando ao principe um bilhete de visita, em que se lia o seguinte:

GODEFROY, ESCULPTOR

«Rua Nova, n. 17, em Auteuil»

O principe pegou no bilhete e disse ainda:

— Não o impressionará desagradavelmente a minha visita?

— Não... mas é preciso que nem por sombras elle saiba que o principe vae lá só para me ser agradável.

— Bem. Terei todo o cuidado em não lh'o deixar perceber.

E o principe acrescentou, suspirando:

— De ora avante serei não só seu amigo, mas tambem seu alliado.

E, a partir desse momento, não disse nem mais uma unica palavra, que pudesse revelar a Bastinguette o profundo desespero, que lhe torturava o coração.

Minutos depois despediu-se della e foi para o club. O principe Maropouloff possuia uma dessas naturezas vigorosas, que resistem corajosamente ás tempestades da alma, que são de todas as mais temerosas.

Se, uma hora antes, Bastinguette houvesse pronunciado uma palavra, seria princeza de Maropouloff, antes que um mez tivesse decorrido.

Agora perdera o principe todas as esperanças.

Contudo, da propria ruina das suas illusões tirava elle agora uma nova força. O principe queria ser amigo da cantora, e que ella lhe retribuísse sinceramente essa affeição; e para isso era preciso que elle protegesse o pobre escultor que lutava contra a adversidade.

Coincidencia singular! quando o principe entrou no club tinha-se travado entre os presentes uma acalorada discussão artistica. Escusado é dizer que o russo tomou logo parte nella.

Opinaram uns que a arte estava agonizante; morria de inanição. Sustentavam outros que nunca Pariz fóra tão rico em artistas de verdadeiro merito, como então.

—A proposito: quem conhece um pobre e obscuro escultor que se chama Godefroy? perguntou o principe bruscamente.

Os circumstantes ficaram por um momento silenciosos. Por fim, um elegante mancebo, o visconde S..., respondeu:

—Creio que vi ha dias, não sei onde, uma estatueta de bastante merecimento, rubricada por esse nome.

—Se algum dos amigos, tornou o principe, quer dar amanha um passeio matinal, iremos vêr os trabalhos dellê ao atelier.

—Interessas-te por esse tal Godefroy? perguntou o visconde S..., intimo amigo do principe.

—Disseram-me que é artista de grandes esperanças.

—Quem r'o disse?

—Um velhote, que compra e vende estatuas e quadros, e que eu tenho em conta de muito competente na materia.

Estas palavras pronunciou-as o principe com indifferença.

Depois de uma breve pausa, ajuntou:

—Ando agora recrutando uma legião de bons artistas. Comprei uma grande porção de terreno no alto dos Campos Elyseos onde quero mandar edificar uma casinha para minha residencia.

—Uma bagatella, que ha de custar uns «milhõesitos», não é assim? disse, sorrindo, o visconde S...

—Não sei... veremos, respondeu o principe simplesmente. E então? quem quer acompanhar-me?

—Eu, respondeu o visconde.

—Muito bem!

—A que horas vamos?

—Irei buscar-te, das sete para as oito horas, á tua casa da rua do Helder, respondeu o principe.

—Lá te espero.

Daqui a pouco a conversa seguia rumo differente.

XXXI

O Sem-Ventura habitava com effeito em Auteuil. Era ahi onde vivia o antigo creado da condessa de Neuville, na occasião em que esta ultima, considerada doida, havia sido encerrada em um hospicio de alienados. O velho Antonio tinha algumas economias, que a muito custo, e só ao cabo de longos annos pudéra reunir. Além disto, havia tido uma pequena herança de um parente a'astado.

Runindo tudo, pudéra comprar uma pequena casa em Auteuil, avia já uns sete ou oito annos.

A condessa de Neuville, quando conseguira, com o auxilio de Bastinguette, disfarçada em enfermeira, evadir-se do hospicio de alienados de Auxerre, fóra procurar refugio em casa do seu antigo creado Antonio, e ahi se conservara escondida. Receiava que a procurassem, que a prendessem, de novo, e a encerrassem outra vez na casa dos doidos.

Os alienados, porém, não são criminosos. Quando elles não alteram a tranquillidade publica, a autoridade nada tem com elles.

A condessa vivia com seu filho em Auteuil; era pobre, mas considerava-se feliz. A alegria de ver junto de si o filho querido fizera-lhe esquecer as torturas, as horriveis angustias da sua vida passada.

O Sem-Ventura trabalhava com o «finco», com o enthusiasmo, com a tenacidade propria de um artista que tem a consciencia de que possui um certo talento, e que tem fé no porvir.

Nunca havia querido separar-se do seu amigo Gorgulho, o qual promettera trabalhar, arranjando um qualquer emprego para não continuar a comer á barba longa. Durante dois annos, provára o marseillez a sua boa vontade. Havia conseguido dez empregos differentes e nunca pudéra conservar nenhum.

Um dia tinha elle dito para o exaltimbanco:

—Agóra sou eu o «Sem-Ventura»!

O Sem-Ventura respondera:

—E demais a mais não tens persistencia, nem força de vontade...

O corcunda Castillon havia voltado para o escriptorio do advogado Nivelin.

(Continúa).

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XXXI

Bastinguette e os velhos Coqueluche visitavam frequentes vezes o Sem-Ventura e sua mãe. Todas as vezes que se falavam, Bastinguette suspirava, e o Sem-Ventura tinha os olhos rasos de lagrimas.

Mas o Sem-Ventura era inflexivel. Um dia disse elle á cantora:

—Mais de uma vez tenho jurado que ou has de ser tu minha mulher ou então ficarei solteiro. Mas só casarei contigo quando conseguir ser um grande artista, e quando já não lute com a miseria. Daqui até então... seremos amigos apenas.

No entanto, Bastinguette tinha feito em favor de Godefroy, muitas coisas ás escondidas d'elle.

Por combinação com ella, um negociante de objectos de arte fazia frequentes encomendas ao novel escultor. Elle era quem pagava. Mas fazia estas coisas discretamente, a pouco e pouco, para que o Sem-Ventura não adivinhasse a verdade.

Ora no dia em que vimos Bastinguette descer de carruagem a avenida da Imperatriz, em companhia dos dois esposos Coqueluche, depois de haver emprazado o principe Maropouloff para uma entrevista nessa mesma noite, iam os tres ex-saltimbancos justamente para Auxerre.

A casa do velho Antonio tinha um pequeno jardim. Quando Bastinguette chegou, estava a condessa assentada á sombra de uma arvore, e o Sem-Ventura trabalhava no seu «atelier».

—Meus bons amigos, lhes disse a cantora, venho pedir-lhes de almoçar, e trago-lhes connigo os nossos bons Coqueluche.

O Sem-Ventura abraçou affectuosamente o velho saltimbanco. A tia Coqueluche estava occupada a tirar de dentro das caixas da carruagem um sortimento completo de provisões de bocca, presuntos, lagostas, tortas, etc. Era esta a unica liberalidade que o Sem-Ventura permitia a Bastinguette.

A prima-donna encontrou o Sem-Ventura preocupado.

Estava em contemplação deante do seu trabalho, quasi concluido, que depressa fa ser apresentado na exposição.

—Que tens tu? lhe perguntou Bastinguette.

—Tenho medo... disse elle.

—Não tens razão. O teu «grupo» está magnifico.

—Sim... eu conheço que está bom, replicou elle com expressão de convicção profunda.

—Então, de que tens medo?

—A fatalidade! murmurou elle suspirando.

Bastinguette pegou-lhe nas mãos, apertou-lh'as affectuosamente.

—Não sou eu a tua boa estrella? disse ella sorrindo.

—Sim... mas...

—Mas... já sei o que vaes dizer-me; o «homem do cão preto...»

—E' verdade! tornou o Sem-Ventura. Ainda não acreditas nelle?

—Não.

No momento em que ella pronunciava esta palavra, entrou Gorgulho.

—Pois faz mal em não acreditar, disse elle.

—Quem é que o viu já, senão o nosso Sem-Ventura? perguntou Bastinguette rindo.

—Já o vi eu! tornou o Gorgulho.

—Onde? quando?

—No dia em que acordamos no meio dos bosques, momentos antes de apparecerem os gendarmes que nos prenderam.

Bastinguette encolheu ligeiramente os hombros.

—Pois bem! disse ella; eu, não só não creio na influencia do homem do cão preto, mas vou fazer uma prophécia ao nosso Sem-Ventura.

—Vamos a ouvir, disse o Gorgulho.

—O seu grupo será bem classificado no jury.

—Bom! e depois?

—E algum amator illustrado, algum grande senhor apaixonado pelas artes, ha de pagal-o a peso de ouro.

—Deus te ouça! murmurou melancolicamente o Sem-Ventura, pensando na miseria a que a sua pobre mãe estava reduzida.

Bastinguette havia passado o dia com a condessa de Neuville e com o Sem-Ventura. Retirara-se porém para Pariz um pouco mais cedo, do que costumava, por causa da visita do principe Maropouloff.

O sem Ventura deitou-se cedo. Como a maior parte dos artista laboriosos, o mancebo levantava-se ao amanhecer, trabalhava todo o dia, e portanto quando chegava a noite, estava prostrado de cansaço.

Nessa noite metteu-se na cama com o espirito cheio de esperanças, e fantasiando mil triumphos. Todas as vezes que falava com a sua querida Bastinguette, ficava-lhe coração amplamente provido de coragem.

Além disto, as visões fatidicas que tantas vezes haviam povoado o cerebro, tinham cessado de apparecer-lhe. O homem do cão preto e o seu lugubre companheiro já ha muito lhe não perturbavam o somno. O Sem-Ventura adormeceu logo, sonhou...

Sonhou que o seu grupo de Laoconte, —porque era de Laoconte e os seus dois filhos, lançados em pastos ás serpentes, o assumpto que havia escolhido—, obtinha um logar de honra na exposição; e via-se

elle no meio do grandioso palacio, em que ella se realisava, rodeado por uma grande multidão de amadores conscienciosos, que o felicitavam com enthusiasmo.

Depois aproximava-se d'elle um homem com as mãos cheias de dinheiro, e dizia-lhe:

—Peça o que quizer; o seu preço será o meu.

E o Sem-Ventura, adormecido, sorria áquella fortuna imaginaria.

No entretanto debatia-se nos ares uma tempestade medonha. Quando o Sem-Ventura se deitara, já os relampagos fuzilavam, e cortavam o céu em discos luminosos. O ar, carregado de electricidade estava abafado e asphyxiante.

O Sem-Ventura acordou com o peito oppresso, e foi abrir a janella do quarto. Em seguida foi outra vez deitar-se e adormeceu logo.

Coisa singular! Continuou o sonho no mesmo ponto em que o havia interrompido.

Achou-se de novo no palacio da exposição; havia porém desaparecido o homem das mãos cheias de ouro.

O seu grupo estava agora no meio de uma grande e compacta multidão. O Sem Ventura quiz approximar-se; mas entre elle e o seu grupo havia uma impenetravel muralha humana.

Por fim, á força de inauditos esforços, conseguiu penetrar através daquella espessa barreira.

Um grito de raiva e de angustioso desespero se lhe escapou dos labios. Aos olhos daquella multidão silenciosa havia sido executada uma obra de destruição impia e barbara... Um homem, armado com um martello enorme, tinha feito em pedaços o grupo, do qual não restavam senão destroços informes e dilacerados!

E esse homem estava ainda alli... O Sem-Ventura fitou nelle um olhar chamejante.

Estremeceu... Reconhecera-o!...

Era o mysterioso «jetator» que desde o berço o perseguia, o sinistro personagem que lhe prenunciava todas as desgraças... Era enfim o homem do cão preto!

Ao lado d'elle estava o cão, com a bocca escancarada e os olhos fulgurantes, como que regosijando-se daquella atrocidade.

Um estrondo e horrisono trovão acordou de subito o Sem-Ventura. O pobre rapaz tinha a fronte inundada de suor frio.

Ao trovão seguiu-se um relampago sinistro, que illuminou todo o atelier, a um canto do qual o escultor costumava dormir. Ao meio viu elle, inteiro e intacto, o seu grupo, que momentos antes se lhe representava, em sonho, despedaçado pelo homem do cão preto.

E então o Sem-Ventura, tremulo ainda, convulso, com os cabellos erriçados, levantou-se de novo da cama e não quiz tornar a deitar-se. Approximou-se do grupo, e passou-lhe repetidas vezes a mão por cima, para bem se certificar de que nenhum martello lhe havia tocado.

Não se tranquillizou de todo, senão quando lhe entrou no atelier o primeiro raio de sol, que, dissipada a tempestade, brilha agora com todo o seu esplendor.

Momentos depois entrou o Gorgulho.

—Que fizeste tu esta noite? perguntou elle. Disse-me tua mãe que não cessaste de passear pelo atelier e de fazer bulha...

—Tive um horrivel pesadelo.

—Ora!

—Tornei a ver o homem do cão preto!

—Outra vez?

O Sem-Ventura contou miudamente ao seu amigo o sonho que tivera. Mas o Gorgulho disse-lhe no fim rindo:

—Meu amigo, desta vez sou eu da opinião de Bastinguette. Também me não assusta o homem do cão preto.

Ao mesmo tempo que o marsehez pronunciava estas palavras, ouviu-se parar á porta uma carruagem. O Gorgulho aproximou-se vivamente da janella, e viu dois mancebos elegantissimos descerem de um «phacton», tirado por dois magnificos e fogosos cavallos.

Os dois matinaes visitantes tocaram a campainha, e perguntaram ao velho Antonio, que fôra abrir-lhes a porta se era alli que morava o escultor Godefroy. O Sem-Ventura, que ouvira a pergunta, desceu logo a recebê-los. Um delles estendeu-lhe a mão cordialmente, e disse-lhe:

—O meu nome não costuma ser antipathico para os artistas, que sabem quanto fervoroso amator eu sou das bellas-arts. Sou o principe Maropouloff, e venho pedir-lhe licença para visitar o seu «atelier».

O Sem-Ventura inclinou-se, tremulo de commoção. O Gorgulho, que descêra também, murmurou:

—Esta visita parece-me ser de bom agoiro...

XXXII

Como eram apenas oito horas da manhã, a condessa de Neuville, que em Auteuil era conhecida só pelo nome de «Madame Godefroy», não estava ainda a pé.

O Sem-Ventura conduziu o principe Maropouloff e o seu amigo directamente para o «atelier». O Gorgulho acompanhou-os.

O principe, ao chegar á porta do «atelier», parou como que deslumbrado, com o olhar fixo no Laoconte. Depois voltou-se para o amigo, e disse-lhe a meia voz, mas de fórma que o Sem-Ventura pudesse ouvir-o:

—Não me enganaram, é um grupo soberbo!

O Sem-Ventura sentiu pulsar-lhe com força o coração. O principe dirigiu-se para elle, e disse-lhe:

—O senhor Godefroy está de certo sobrecarregado com encomendas numerosas, e talvez me julgue indiscreto e exigente...

—Oh! senhor, murmurou o Sem-Ventura modestamente.

—E' que eu tenciono mandar edificar um palacio nos Campos-Elysios, tornou o principe, e ando para isso recrutando todos os artistas de verdadeiro talento.

Posso lisonjear-me de que o sr Godefroy
me não faltará ?

O Sem-Ventura inclinou-se de novo
fazendo-se vermelho até á raiz dos cabel-
los.

— E' este o seu ultimo trabalho, não
é assim ? perguntou o russo, apontando
para o grupo.

— Sim, senhor ; ha dois annos que o
trago entre mãos, respondeu o artista.

— Quando vae elle para a exposição ?

— Amanha.

— Prophético-lhe uma classificação
muito honrosa... uma medalha, disse o

principe contemplando o grupo.

O Sem-Ventura olhava assombrado pa-
ra aquelle mancebo extremamente sym-
pathico, de cabellos loiros e anellados, de
que faz o verdadeiro amator quasi egua-
l ao artista.

— Permitta-me, sr. Godefroy, prose-
guiu Marapouloff, que lhe fale com fran-
queza. Eu desejo possuir esse grupo. Que
co compral-o, e pagar-lh'o antes de ser
exposto.

— Mas, senhor... balbuciou o Sem-
Ventura tremendo.

— Esperarei para tomar posse delle.
proseguiu o principe russo, que se encer-
re a exposição ; quero porém que toda
Pariz saiba que é propriedade minha.

Desculpe-me, sr. Godefroy ; eu sou um
pobre diabo de millionario com fantasias
de creança e impaciencia de mulher.

O Sem Ventura estava com vertigens

— Enquanto a preço, tornou o princi-
pe, ha de o sr. Godefroy fixal-o...

O Gorgulho, que estava por detraz do
artista, pôz-se nas pontinhas dos pés, e
murmurou-lhe ao ouvido, aproveitando a
ocasião em que o principe parecia ter a
atenção presa na contemplação do gru-
po :

— Pede uma somma enorme... tres
mil francos.

O principe, que ouviu, sem que o pa-
recesse, estas palavras, sorriu impercep-
tivamente, e, voltando-se para o artista,
perguntou-lhe :

— Não me disse que era trabalho de
dois annos ?

— Dois annos completos.

— Ora diga-me : contenta-se com vinte
e cinco mil francos ?

O Sem-Ventura sentiu uma tão forte
commoção ao ouvir estas palavras, que
lhe empallideceram subitamente as faces,
que antes estavam rubras. O Gorgulho
caiu suffocado sobre uma cadeira, e co-
meçou a beliscar-se fortemente para se
certificar, de que estava perfeitamente
acordado.

O principe russo, como que tomando
por assentimento o silencio do Sem-Ven-
tura, puxou por uma carteira do bolso,
e tirou de dentro um quarto de papel.

— Vou dar-lhe, disse elle approximan-
do-se do Sem-Ventura, uma ordem de
vinte e cinco mil francos, para ser paga
á vista pelos meus banqueiros Hottin-
guer & Comp.

E ia para traçar algumas palavras a
lapis no quarto de papel. Mas então o
Sem-Ventura readquiriu presença de espí-
rito, e disse, pousando-lhe docemente a

mão sobre o braço, como para o impedir
de escrever :

— Ah ! senhor, isso é impossivel !

— Impossivel ? ! exclamou o principe
com surpresa.

— De certo. Não devo receber o preço
do meu trabalho, senão na occasião em
que o grupo lhe seja entregue.

O principe, a quem Bastinguette dis-
sera que o Sem-Ventura era em extremo
susceptivel, havia previsto a objecção.

— Peço perdão, replicou elle, sorrin-
do ; não sou da sua opinião.

— Mas...

— Que vim eu fazer aqui ? tornou elle
interrompendo o artista. Garantir para
mim a propriedade de um primor d'arte,
cuja acquisição havia de ser muito dis-
putada na exposição.

— A minha palavra deve bastar-lhe, se-
nhor, respondeu o Sem-Ventura com di-
gnidade.

— Creia que nem pela imaginação, me
passou duvidar della. Peço-lhe, comtudo,
que me faça uma concessão.

O Sem-Ventura esperou que o princi-
pe se explicasse.

— Permitta-me ao menos que lhe dê
signal...

E tirou da carteira umas poucas de no-
tas.

O Sem-Ventura ia ainda recusar ; nes-
se momento, porém, o Gorgulho ergueu
para elle um olhar tão supplicante, que
não se atreveu a insistir.

— Ainda tenho outro pedido a fazer-
lhe, meu caro senhor Godefroy, tornou o
principe ; que me permita voltar aqui por
estes dias, guardando para então a en-
commenda, que tenciono fazer-lhe. Agó-
ra não tenho tempo ; eu e o meu amigo
somos esperados em Saint-Cloud para
almoçar.

E o principe apertou affectuosamente
a mão do Sem-Ventura, que estava ain-
da duvidando de que tudo aquillo fosse
realidade.

O principe já ia longe. Já a nuvem de
poeira, levantada pelos dois magnificos
alazões, se havia dissipado, e ainda o Sem-
Ventura e o Gorgulho estavam a olhar
um para o outro, mudos, tremulos, e sem
que se atrevessem a tocar naquellas notas
azues, que o principe havia collocado so-
bre uma pequena mesa.

— Está-me parecendo que tudo isto é
sonho ! murmurou por fim o Sem-Ventura

— Também a mim ! respondeu o Gor-
gulho.

Nesse momento abriu-se a porta do ate-
lier, e uma voz aspera e desagradavel pro-
nunciou no limiar as seguintes palavras :

— Bravo ! Vaes de vento em pópa ! Já o
principe Marapouloff visita o teu atelier,
e te faz encommendas !

E ao mesmo tempo um rapaz alto, com
os cabellos vermelho de perill angulo-
so e antipathico, e com o fogo da inveja
no olhar, entrou no atelier.

O recémvindo devia ter pouco mais ou
menos vinte e cinco annos, e tinha os la-
bios continuamente contraídos em um
amargo sorriso. No alongado rosto trans-
parecia-lhe uma indefinivel expressão de
hypocrisia e falsidade, que logo á primei-
ra vista o tornava repellente.

Chamava-se Antenor, e era da escola
daquelles, que cotestam tudo o que lhes
é superior, e que não reconhecem talento
em ninguem.

Era pintor ; mas pintor sem talento e
sem inspiração, e que fazia retratos a dez
francos, nos quaes garantia apenas o «ar-
de familia».

Era invejoso como poucos ; a felicida-
de dos outros fazia-lhe mal aos nervos,
enfurecia-o.

Quando, por debaixo da janellas do seu
atelier, passava um dos felizes da terra,
um desses mancebos nascidos no meio da
opulencia, que passam a vida na indolen-
cia e na ociosidade, Antenor ameaçava o
ceo com o punho cerrado.

No entanto, apesar de ser artista me-
nos que mediocre, tinha sempre que fa-
zer ; os jardineiros de Passy e de Aute-
uil incumbiam-no de lhes fazer os retra-
tos.

Não se pode dizer que vivia na abun-
dancia, e havia mesmo occasiões em que
lutava com umas certas difficuldades fi-
nanceiras ; mas enfim ia ganhando o pão
de cada dia.

Trabalhava em um cubiculo de seis ou
oito pés quadrados, a que elle chamava
pomposamente atelier, situado nas aguas
furtadas da casa fronteira á do Sem-Ven-
tura.

A alcunha do nosso heróe havia-lhe
agradado. Um homem que se chama —
Sem-Ventura — não podia por forma al-
guma ser feliz ; e Antenor, que se com-
prazia em ver soffrer os outros, havia pro-
curado com alvoroço ligar-se ao Sem-Ven-
tura para, muito á sua vontade, gosar o
espectaculo da desesperada luta, que este
sustentava contra a adversidade.

Comtudo, de tempos a tempos, o acaso
deixava cair uma gota de fel na taça das
suas felicidades. Bastinguette ia visitar
o Sem-Ventura. A formosa prima-donna
tinha o poder de irritar os nervos de An-
tenor, que se mordía de inveja quando cal-
culava as probabilidades que havia de que
mais cedo ou mais tarde, o Sem-Ventura
viesses a se casar com Bastinguette

Antenor invejava tudo e todos.

Poucos dias se passavam sem que elle
fosse dar uma vista de olhos ao atelier
do Sem-Ventura, que o recebia sempre
cordialmente.

Antenor tinha visto nascer o grupo de
Lacoste, em que o Sem-Ventura funda-
va todas as suas esperanças de celebra-
de. Aquelles que não têm talento e a ver-
dadeira inspiração de artistas têm toda-
via ás vezes o instincto do bello e o senso
critico maravilhosamente desenvolvido.

Antenor havia advinhado que o grupo
era uma obra prima. Compreendeu en-
tão que o Sem-Ventura tinha, como ar-
tista, um brilhante futuro diante de si. e

que a fama havia de cedo ou tarde deixar
cair sobre elle uma centelha do seu facho
de luz.

Na vespera passada o invejoso um ter-
rivel dia de torturas : vira Bastinguette
passeiar no pequeno quintal da casa do
velho Antonio pelo braço do Sem-Ven-
tura.

Havia-se deitado mais cedo do que cos-
tumava, fazendo votos por que sobre a ca-
beça dos dois apaixonados artistas cais-
sem todas as desventuras possiveis e ima-
ginaveis.

Para cumulo de supplicios, o acordar
não fóra mais feliz. Chegando á janella
logo que saltou da cama, deu com os
olhos no «phaeton» do principe Marapou-
loff, parado á porta da casa do Sem-Ven-
tura. Quando o principe saiu, Antenor,
que o conhecia de vista, esteve a ponto de
desmaiar. Dois minutos depois, chegava
elle ao atelier do moço escultor, e encon-
trava-o ainda profundamente surprehen-
dido, olhando com assombro, ora para o
Gorgulho, ora para as notas de banco,
em que nem se atrevia a tocar.

— Ah ! meu amigo, lhe disse o Sem-
Ventura correndo para elle, diz-me se es-
tarei bem acordado.

— Que foi ? que foi o que aconteceu ?
perguntou Antenor.

— O principe comprou o meu grupo.

— Ora !

— Olha !

— O Sem-Ventura pegou com mão treme-
lula nas cinco notas de mil francos cada
uma, e mostrou-as a Antenor.

— Cinco mil francos !! murmurou está
fazendo-se pallido.

— Enganas-te... Cinco mil francos são
por conta de maior quantia.

— De maior quantia... exclamou o in-
vejoso tornando-se livido.

— Sim... Por conta de vinte e cinco
mil francos, por que me comprou o gru-
po.

Antenor contraiu os labios em um sor-
riso nervoso, e ficou como que suffocado.

Depois uma idéa infernal lhe atravessou
o espirito :

— Ah ! murmurou elle com ironia me-
donha ; «ella» faz bem as coisas...

— «Ella» quem ? perguntou o Sem-
Ventura estupefacto.

— Ora quem ! Bastinguette.

O pobre Sem-Ventura deu um grito, re-
cuou dois passos como fulminado, e sen-
tiu que o rosto se lhe inundava subita-
mente de suor frio.

— Como assim ? pois não sabias ?

— Mas o que ? tornou o Sem-Ventura,
espavorido.

Antenor encolheu os hombros, e ficou
silencioso. O Sem-Ventura, furioso como
um tigre, precipitou-se sobre elle, e exclamou
com voz rouca :

— Falas ou não, miseravel ?

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XXXIV

Antenor desprendeu-se, e respondeu friamente:

— A coisa está bem clara. O príncipe Marapouloff está apaixonado por Bastinguette, e sem duvida ella...

O Sem-Ventura soltou um grito estribeado, e caiu desfallecido nos braços do seu amigo Gorgulho.

Antenor estava agora possuído de silencioso jubilo...

XXXV

A especie de syncope, com que o Sem-Ventura caíra nos braços do seu amigo, não tivera maior duração do que a de um relampago. Ergueu-se de salto, correu com ar ameaçador para Antenor, e agarrando-lhe violentamente em uma das mãos, exclamou:

— Explica-te.

— Mas, balbuciou Antenor, que queres tu que te diga?

O Gorgulho, que até então estivera calado interveiu.

— Meu caro Godefroy, disse elle com os dentes cerrados, queres um bom conselho? Agarra neste infame, e põe-no a ponta-pés pela porta fóra.

— Não, respondeu o Sem-Ventura; é preciso que se explique.

— A que respeito? murmurou Antenor, fingindo não comprehender.

— A respeito do que ha pouco disseste, miseravel!

E o Sem-Ventura estava imponente de indignação e de colera.

— Mas que foi o que eu disse? perguntou ainda Antenor.

— Disseste que o príncipe...

— Está apaixonado por Bastinguette...

Disse e repito-o, replicou Antenor friamente.

O Sem-Ventura estava livido.

— Mentel! mentel! exclamou elle.

— E se eu te provar que não mintoo...?

— De certo que has de provar-o. Se o não fizeres és um homem morto.

E com o rosto roxeado pela colera, com o olhar desviado, e os labios contraídos, o Sem-Ventura accrescentou com voz sibilante:

— Tão verdade como estamos aqui, se mentiste, juro-te que te arranco a vida!

Antenor já não estava contente. O que havia avançado, dissera-o ao acaso; nos olhos fulgurantes do Sem-Ventura lia elle a sua condemnação. Todavia apparentou serenidade.

— Bem deves imaginar, disse elle, que não tenho commigo as provas; mas cre que hei de trazer-t'as.

E deu um passo para a porta. O Gorgulho ia para correr sobre elle, mas o Sem-Ventura não lh'o consentiu.

— Deixa-o, disse este. Se não me der as provas do que avançou, hei de saber encontra-lo.

Antenor abriu a porta e saiu precipitadamente; logo que chegou á escada, ficou mais tranquillo. Voltou-lhe logo a habitual insolencia.

— Ingenuos! murmurou elle.

E desceu os degraus a quatro e quatro, enquanto que o Sem-Ventura caía lavado em lagrimas, nos braços do seu amigo Gorgulho.

Logo que chegou á rua, Antenor começou a reflectir sobre o caso. As suas reflexões levaram-no á seguinte conclusão:

— Tive um pequeno momento de felicidade, mas ia-me custando cara a brincadeira!... E comtudo estou convencido de que, mesmo ao acaso, disse a verdade Ninguém conhece Godefroy, e portanto quem poderia falar nelle ao príncipe Marapouloff, senão a tal prima-donna do theatro italiano? Ora o príncipe não daria de certo vinte e cinco mil francos por aquelle grupo de má morte, se não estivesse apaixonado por ella... Eu não sou tão ingenuo como os pataratas meus vizinhos... Não ha mulher nenhuma que dê com a porta na cara a um homem que, sobre ter trinta ou quarenta milhões de seu, é príncipe, e não é feio que metta medo!... Decididamente nasci para ser diplomata; enganei-me na minha vocação... Não sei nada, e adivinhei tudo!...

Fazendo mentalmente estas considerações, chegou o invejoso ao seu «atelier». Depois, recordando-se de que a carruagem do príncipe havia tomado pela grande rua em direcção ao bosque, teve como que uma inspiração repentina. Quem sabe se, seguindo-o, teria ensejo de descobrir alguma coisa?

O príncipe provavelmente fóra almoçar ao hotel de Madrid ou a Saint-Cloud...

Antenor envervou rapidamente uma «blouse» de pintor em excursão, dependurou dos hombros um pequeno sacco de couro, em que tinha diversos aprestos de pintura, mettu debaixo do braço a sua bengala-cadeira, pôz na cabeça um característico chapéu ponteagudo, e saiu, murmurando:

— Quem quer saber, precisa espreitar...

Aquella hora matinal, as carruagens são raras na parte do bosque de Boulogne proximo a Auteuil. Antenor dirigiu-se a um cantoneiro da estrada, e descreveu-lhe minuciosamente o phaeton e os dois cavallos do príncipe. O cantoneiro respondeu:

— Eu vi-os. E, se não me engano, tomaram a direcção de Saint-Cloud.

De cantoneiro em cantoneiro, Antenor foi seguindo a pista do príncipe e chegou assim até á afamada casa de pasto da «Tête-Noire». O phaeton estava junto da porta esperando.

O príncipe Marapouloff e o seu amigo que, sem duvida, iam almoçar mais longe, estavam assentados ao pé da porta, tendo cada um um copo de vinho da Madeira na mão. Antenor pediu cognac, e assentou-se a pequena distancia, junto de uma pequena mesa.

Os dois aristocratas não repararam nelle, e continuaram a conversar.

— Pobre rapaz! dizia o amigo do príncipe, que indubitavelmente alludia ao Sem-Ventura. Via-se-lhe a alegria nos olhos!...

O príncipe sorriu melancolicamente e murmurou:

— Quando eu contar tudo á prima-donna, ha de ella ficar contentissima.

Antenor estremeceu, e applicou cada vez mais o ouvido.

— Quando deves ir falar-lhe? perguntou o companheiro do príncipe.

— Tenho tenção de lá ir esta noite mesmo, respondeu Marapouloff.

— A que horas?

— Entre nove e dez horas. Ella hoje não canta.

Antenor chamou o criado, pagou o cognac, e saiu murmurando:

— Bom! bom! Valeu a pena dar a caminhada!

XXXVI

Antenor caminhou com passos rapidos até passar a ponte de Saint-Cloud; e não afrouxou de velocidade senão quando já se achava no meio da povoação de Boulogne, rua tristissima que fica entre as maravilhas das margens do Senna, e os encantos daquella outra maravilha, a que chamam Bosque.

Chegado porém a esse ponto, parou de chofre, limpou o suor que lhe escorria em bagas, e começou a monologar:

— E' preciso sermos prudentes... murmurou elle com um má sorriso; pensemos sobre o caso... Tenho tido hoje uma excellente manha, visto que causei um «grande alegrão» ao meu innocente Sem-Ventura... Mas é preciso termos cuidado para não estragar tudo... e então façamos reflexões...

E, olhando em redor de si, deu com os olhos em um marco de pedra, que se achava a pequena distancia, collocado á porta de um confeitiro. Antenor dirigiu-se para o marco, assentou-se, e proseguiu no seu monologo:

— Godefroy é brutal, murmurou elle; deu-me disso prova ha pouco; e o Gorgulho tambem me não parece que seja muito para graças... E' inutil expor-me eu a uma semsaboria qualquel... Vou enviar-lhe um bom presente... veremos o effeito que produz.

Antenor tinha no dia anterior recebido dez francos, preço do retrato de um guarda portão de uma casa vizinha á sua, e portanto estava abonado.

Entrou na confeitaria, pediu um novo copo de cognac, e perguntou ao criado se poderia dar-lhe papel o tinta para escrever uma carta. O criado respondeu affirmativamente, e foi buscar-lhe uma folha de papel amarellecido e uma penna que ao correr sobre o papel rangia e espirrava. A tinta era quasi branca.

Escrever em um café ou restaurant é sempre um problema difficil; todavia An-

tenor escreveu e com boa letra, angulosa como o seu character, a seguinte carta:

«Meu caro Godefroy!»

Eu nunca avanco uma asserção qualquer sem que tenha toda a certeza de que verdadeira; a rectidão dos meus principios e a lealdade do meu character nunca me permittiram que eu fizesse de leve uma qualquer affirmativa.

Deus sabe, porém, quantos remorsos tenho tido por haver soltado as imprudentes palavras, que ha poucas horas escaparam na tua presença! Cre que daria parte do meu sangue para não as ter pronunciado...

«São tão doces as illusões de um pobre mancebo apaixonado! Ha tanto prazer para um pobre artista em cingir na cabeça uma aureola de gloria que, embora imaginaria, elle julga real e verdadeira! «A prima-donna Paqueta ama-te de certo, e nisso prova ella que é uma rapariga de espirito. E prova-o muito mais ainda, com o facto de fazer acreditar ao príncipe Marapouloff que tu tens um grande talento!»

«Ora, o príncipe é bastante rico para pagar as equipagens da diva Paqueta, e ao mesmo tempo a gloria do seu muito amado Godefroy.

«Tenho realmente pena de precisar dar-te estes detalhes, que te hão de parecer-te cruéis; mas tu tomaste hoje de manha uns ares de «mata-gente» para commigo, que eu não estou disposto a supportar. E portanto, como queres que eu prove o que avancei, prova-o-ei.

«Ora, se tens muito interesse em conhecer a fundo as relações que existem entre a cantora Paqueta e o príncipe Marapouloff, peço-te que sigas pontualmente as instrucções que vou dar-te.

«Vae esta noite, entre nove e dez horas, emboscar-te nas proximidades da casa da prima-donna. Has de ver a carruagem do príncipe parar á porta, e o elegante russo entrar com a cemerimonia e a ligeireza proprias de um amigo «muito intimo» da dona da casa.

«Cre que é com profunda compaixão que me assigno»

«Teu etc.»

«Antenor.»

Logo que concluiu a carta, o pintor leu vagarosamente; e parece que lhe agradou, porque descerrou os labios em um sorriso de satisfação, deixando vér uns dentes amarellos e ponteagudos.

Antenor era já calvo um pouco, e tinha as costas salientes. Se tivesse mais espirito seria corcunda...

— Que farei eu do resto do dia? disse para os seus botões.

Nem por sombras pensava em voltar a Auteuil; tinha seus perigos... O Sem-Ventura de certo estava irritado, a ponto talvez de se deixar arrastar a alguma extremidade, pouco agradável para Antenor.

— Ora adeus! murmurou elle: hoje tenho dinheiro.

E continuou a caminhar através do bosque, dirigindo-se para a casa de pasto conhecida pelo nome de «Chalet dos Lagos.»

Chegado ali pediu de almoçar, e perguntou pelo «caçador.»

O «caçador» do «Chalet dos Lagos» é um pobre velho que faz recados, e costuma estar á porta da casa de pasto para abrir a portinhola das carruagens.

— Quanto queres por ir em uma corrida a Auteuil ? lhe perguntou Antenor.

— Dar-me á o que quizer, respondeu o velho.

Antenor deu-lhe a carta, explicou-lhe qual a casa onde devia entregal-a, e mettu-lhe na mão vinte «sous,» dizendo de si para si :

— Os prazeres devem custar caro.

O velho partiu sorrindo. Era um pobre diabo que jantava algumas vezes, e muito poucas almoçava. Dir-se que era um desses velhos mendigos, cobertos de miseria e de andrajos, que servem de modelo aos artistas, quando querem pintar cabeças de santos ou de apóstolos

O pobre velho partiu para Auteuil com a consciencia serena e tranquilla, sem que nem por sombras imaginasse que a carta, de que era portador, ia causar um desespero profundo, uma dor cruciante, uma desgraça talvez irreparavel !

XXXVII

O Sem-Ventura havia passado uma horrivel manhan, como o nosso leitor bem póde imaginar. Debalde o Gorgulho tentara consolal-o. As perfidas palavras de Antenor haviam-lhe produzido uma terrivel impressão no espirito. O pobre rapaz tinha o coração despedaçado.

Que interesse poderia ter Antenor em o torturar ? As coisas que o pintor lhe dissera de certo eram verdadeiras ; se o não fossem, que lucro tiraria elle de o enganar tão cruelmente ?

E o pobre Sem-Ventura andava como doido, batendo com a cabeça de encontro ás paredes do «atelier.» Era a primeira vez em toda a sua vida que duvidava de Bastinguette, sua amiga desde a infancia, e seu unico amor ! De Bastinguette, cuja imagem lhe havia dado força e coragem para arrostar com os perigos, o com as medonhas amarguras da sua aventureosa existencia !

A carta de Antenor fulminou-o !

O portador della tinha no rosto uma tão caracteristica expressão de bondade, que era impossivel suppôr-se que elle fosse um mensageiro de desespero. E por isso o velho Antonio o havia deixado subir para o «atelier» sem desconfiança. E por isso tambem o Gorgulho, recebendo a carta das mãos delle, a havia entregado ao Sem-Ventura, sem que nem ao menos lançasse os olhos para o sobrescripto.

O Sem-Ventura abriu-a, percorreu-a rapidamente com o olhar, e caiu, soluçando, e arrancando os cabellos com desespero, para sobre a cama.

O Gorgulho, extremamente surprehendido, apanhou a carta que havia escapado das mãos do Sem-Ventura, e lançou-lhe os olhos... O marselez ficou aterrado. Ergueu-se porém com violencia e exclamou, ao mesmo tempo que o velho «caçador», afflicto pelo mal que in-

conscientemente havia causado, se retirava com passos tremulos e vacillantes :

— Não póde ser !... isto não é verdade ! Antenor é um vil calumniador !

O Sem-Ventura abanou a cabeça com profundo desalento.

— E' a verdade ! murmurou elle.

— Não é, repetiu o Gorgulho. Olha : em todo o caso hei de procurar sabel-o...

— Tu ? balbuciou o Sem-Ventura.

— Sim...

— Como ?

— Indo esta noite...

— Tambem eu vou.

— Oh ! não, disse o Gorgulho, com ar supplicante. Não quero que vás... irei eu... eu só é que devo ir... E quando eu vier dizer-te : «O infame mentiu ! a entrevista era imaginaria,» has de acreditar-me, sim ?

O Sem-Ventura pegou-lhe nas mãos com affecto, e murmurou :

— Tens um nobre e excellente coração, meu amigo ; bem vejo que queres illudir-me, para me poupaes um desgosto horrivel, a que de certo não poderei resistir...

— Amigo...

— Mas é em vão que tentas dissuadir-me... Hei de acompanhar-te... Quero conhecer toda a extensão da minha desgraça.

— Mas isso é loucura... tú não podes...

— Posso... Olha...

E o Sem-Ventura levantou-se, livido, com os olhos fulgurantes e os labios contraídos... Uma serenidade medonha succedêr á exaltação, que momentos antes se havia apoderado delle.

— Hei de ser forte... continuou elle, rangendo os dentes ; tu verás...

O Gorgulho sabia bem que o Sem-Ventura tinha uma vontade de ferro. Curvou pois a cabeça e calou-se. O resto do dia correu vagarosamente, como correm sempre os dias de amargura. O Sem-Ventura não pronunciou nem uma palavra mais, nem tornou a falar em Bastinguette.

O nome do principe Maropouloff tambem nem uma unica vez lhe saiu dos labios

A condessa de Neuville—(e todavia as mãos são dexéras perspicazes)—viu-o á hora do jantar, melancolico e silencioso como sempre, mas sem que supozesse que elle tinha o coração dilacerado por uma cruciante amargura.

A's nove horas, quando já o Gorgulho começava a ter esperanças de que o seu pobre amigo tivesse desistido do proposito de o acompanhar, exclamou o Sem-Ventura bruscamente

— Vamos !

— Mas... queres ir... decididamente ?

— Sim.

O Gorgulho curvou de novo a cabeça ; sabia que era escusado insistir. Foi, pois, buscar uma carruagem, e subiu silenciosamente para ella com o Sem-Ventura.

— Para a rua de S. Lazaro ! disse este para o cocheiro.

A carruagem partiu a trote largo. O Sem-Ventura mandou-a parar á esquina da rua de S. Jorge, de onde se avistava a porta da casa habitada por Bastinguette. Mesmo por cima dessa porta havia um bico de gaz.

A cantora occupava todo o primeiro andar ; via-se luz no «boudoir» da diva.

— Esperemos ! murmurou o Sem-Ventura com uma tranquillidade aterradora. A's dez horas precisas desembocou um coupé da rua Taitbout, e foi parar justamente por debaixo do bico de gaz.

Um homem se apeou... Era o principe...

O Gorgulho sentiu que a mão do Sem-Ventura tremia entre as suas. Foi o unico signal de commoção que o ex-saltimbanco manifestou.

Com os olhos fitos na casa de Bastinguette, viu o principe desaparecer pela porta principal, e em seguida agitarem-se luzes de um lado para o outro no primeiro andar...

Não havia que duvidar... O principe acabava de entrar em casa da prima-donna...

O Sem-Ventura disse então para o Gorgulho com voz aterrada :

— E agora... acreditas ?

O marselez não respondeu.

— Volta para Auteuil ! gritou para o cocheiro o infeliz Sem-Ventura.

Antenor, escondido no seu atelier, sem luz, esperava o resultado da sua infamia.

Tinha visto sair o Sem-Ventura e o Gorgulho, e subirem para uma carruagem. Mas isso não lhe bastava. O que elle queria vêr era o regresso de Paris.

Perto das onze horas ouviu rodar uma carruagem, que parou á porta da casa fronteira ao seu atelier.

Antenor collocou por detraz do vidro o rosto pallido, e viu o Gorgulho e o Sem-Ventura apearem-se e pagarem tranquillamente ao cocheiro.

— Oh ! murmurou elle contraído as sobrancelhas ; haveria entre elles explicações satisfactorias ? Parecem ambos tão serenos !...

Logo que os dois amigos entraram em casa, pegou elle em uma escada de mão, e subiu por ella até chegar a uma fresta, que dava sobre o telhado.

Dahi via elle todo o atelier do Sem-Ventura.

Antenor viu que este estava só. O escultor, assentado em frente de uma pequena mesa, escrevia uma carta. Logo que a concluiu, fechou-a juntamente com as cinco notas de mil francos cada uma, que o principe lhe dera nesse dia de manhan.

— Bom ! murmurou Antenor, devolve o dinheiro ; é bom signal. Suicidar-se á agora ?

O Sem-Ventura dirigiu-se para um canto do atelier, donde trouxe um grande martello. Antenor estremeceu de jubilo.

O escultor encaminhou-se em seguida para o grupo, e começou a bater nelle vi-

gorosas pancadas com o martello. O grupo caia pedaço a pedaço.

O Sem-Ventura destruiu em dois minutos o trabalho de dois annos de luta e de soffrimento !

Havia fechado á chave a porta do atelier, e Antenor, aos ouvidos de quem chegava distinctamente o ruido das martelladas, adivinhou que alguem estava da parte de fóra batendo furiosamente á porta e forcejando para entrar. Mas o Sem-Ventura continuava a sua obra de destruição, e não respondia.

Por fim Antenor viu o escultor dirigir-se para uma das paredes do atelier, e agarrar convulsivamente em uma das duas pistolas, que alli se achavam deperduradas...

Nesse momento porém, a porta foi por desesperado esforço mettida dentro, e o Gorgulho precipitou-se como um furacão no atelier, seguido pela mãe do infeliz artista.

O Sem-Ventura deixou cair da mão a pistola, com que ia talvez esmigalhar a cabeça...

Antenor murmurava com os labios contraídos em um diabolico sorriso :

— Eis uma entrada que havia de fazer no theatro um effeito maravilhoso !

XXXVIII

Para tudo ha consolação neste mundo. Depois de haver lamentado que o seu bom amigo Sem-Ventura não tivesse podido levar a effeito o seu intento de suicidar-se, por causa da subita apparição da mãe e do Gorgulho, o nosso amavel Antenor consolou-se com a seguinte reflexão philosophica :

— No fim de contas era inutil ter a pensar-me na consciencia a morte de um homem. Mesmo assim não pode dizer-se, que a minha deliciosa brincadeira não fosse magnificamente succedida. O resultado foi melhor do que eu esperava, visto que o meu amigo escultor não ha de ter menção honrosa na proxima exposição...

O infame chamava — brincadeira — á acção ignobil que praticara !

Fazendo aquella consoladora reflexão, Antenor desceu do telhado para o atelier, despiu-se e metteu-se na cama, tranquillo como o imperador Tito quando adormecia contente de si e do que fizera durante o dia. Há porém um proverbio que é absolutamente verdadeiro ; e é que—toda a medalha tem o seu reverso.

Antenor havia caminhado muito em todo o dia ; o cansaço physico fizera com que elle adormecesse profundamente logo que se deitou, e dormisse durante muitas horas consecutivas.

Já o sol ia alto, e elle não havia acordado ainda, apesar do ruido produzido pelo rodar das carruagens na rua.

De subito porém um ruido mais violento, mais accentuado, o obrigou a abrir os olhos. Alguem estava batendo furiosamente á porta do miseravel atelier.

(Continúa)

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XXXVIII

Antenor esfregou os olhos, saltou fóra da cama, envergou rapidamente o fato que tinha sobre uma cadeira á cabeceira, e correu a abrir a porta. Ao ver porém quem era a visita matinal que o procurava, não pôde deixar de empallidecer.

No limiar da porta estava um homem, com quem Antenor não sympathisava. Era o Gorgulho.

O bom marselhez tinha o casaco abotoado até ao pescoço. Havia naquelle momento no seu todo uma certa solennidade, que estava em completa desharmonia com os seus hábitos alegres e galhofeiros.

Physicamente, o Gorgulho era um rapazão, que podia esmagar o nosso Antenor com um murro. Com um violento empuxão obrigou elle o pintor a recuar até ao meio do atelier. Em seguida fechou a porta, e disse:

— Imagino que não esperava pela minha visita.

— Realmente... para falar a verdade... balbuciou Antenor.

— Estou com pressa, tornou o Gorgulho seccamente; não tenho tempo para estar com muitas conversas, e portanto vou pôl-o, em poucas palavras, ao facto da situação.

— Ah! murmurou Antenor, que fazia esforços por tomar uma attitude insolente, e que não conseguia mesmo occultar o medo, de que estava possuido.

O Gorgulho proseguiu:

— O meu amigo Godefroy está em perigo de vida; esta noite, quando voltou a casa teve uma especie de congestão cerebral, e, tomado de loucura, despedaçou ás martelladas o seu Lacoonte.

— Que desgraça! murmurou Antenor hypocritamente.

— Logo que concluiu a obra de destruição, continuou o bravo marselhez, sem fazer caso da exclamação do pintor, quiz suicidar-se; mas obstatmos, a mãe e eu, a que essa desgraça se consumasse, e mandámos immediatamente chamar um medico, a quem puzemos ao facto do que se passava. O medico foi de parecer que se mandasse sem perda de tempo chamar a prima-donna Paquita, a qual chegou dahi a uma hora. Dez minutos depois o príncipe Marpouloff entrou tambem no quarto do meu infeliz amigo. Tudo se explicou satisfactoriamente, resultando dessas explicações, que o senhor Antenor é um miseravel.

— Senhor!... exclamou Antenor.

— Já lhe disse que não posso estar a perder tempo tornou o Gorgulho firmemente. Vou dizer-lhe o motivo que me traz aqui. Godefroy não pode agora ha ter-se em duello; mas eu resolvi bater-me comsigo e mata-lo, e como não tenho tempo de procurar testemunhas, regularemos nós aqui as condições do combate.

Antenor esperou ainda ganhar tempo, e respondeu readquirindo seu modos arrogantes:

— Com quanto não tenha motivo algum serio, que me obrigue a um duello comsigo, estou prompto a bater-me, quando e como queira. Pode enviar-me as suas testemunhas; precebe-as-ei.

— Oh! isso não, exclamou o Gorgulho; não me conformo com isso. Enquanto eu fosse procurar testemunhas, escapava-se o senhor... e isso não me convem.

— O senhor está brincando!

— Tanto não estou brincando, que tenho á porta uma carruagem.

— Para que?

— Eu lhe digo; nessa carruagem ha um par de floretes, e as pistolas com que o meu amigo Godefroy quiz suicidar-se.

— Mas o senhor não tem testemunhas.

— Eu as arranjarei.

— E eu tambem não as tenho...

— Arranjal-as-ei tambem para si. Venha!

— Mas isso realmente é loucura murmurou Antenor. Julgava que eu iria ha ter-me em pleno dia e sem prevenção alguma!

— Se o sol o incommoda, bater nos-
mos á sombra... nos bosques de Sevres..

Conheço eu lá um sitio muito adequado para o caso.

— Mas... as testemunhas...

— Passaremos em Saint-Cloud, entraremos no restaurante da «Tete-Noire», e pediremos a quatro militares que nos prestem esse pequeno serviço.

— Tenho amigos a quem desejo re-venir.

— Onde estão esses amigos?

— Em Paris.

— E' longe. Não temos tempo de lá ir.

— E se eu não quizer bater-me hoje? exclamou Antenor.

— Ha de bater-se por força!

— Quem ha de obrigar-me a isso?

— Eu.

E ao mesmo tempo o Gorgulho desabotoou o casaco e puxou por uma pistola

— Fiz mal em dizer-lhe que as duas pistolas estavam na carruagem, di se elle sempre com a maior tranquillidade, tinha trazido uma commigo. Se se recusa a bater-se já, despedaço-lhe mesmo aqui os miolos.

Antenor comprehendeu que o Gorgulho estava resolvido a fazer o que dizia; e portanto, entre a morte certa, e uma probabilidade de salvação, não havia que hesitar.

— Vamos! murmurou elle.

E saiu de cathern com o Gorgulho. A carruagem estava com effeito á porta.

— Para Saint-Cloud! gritou o Gorgulho para o cocheiro.

XXXIX

Quando se viu dentro da carruagem, assentado em frente do Gorgulho que conservava a pistola na mão, Antenor possuiu-se de um pânico indescrivível.

Antenor era, como quasi todos os infames, extremamente covarde; para elle o duello era um dos ultimos vestigios dos tempos barbaros.

Mas como havia de elle eximir-se naquella caso á cruel necessidade de se bater? O Gorgulho não brincava; queria bater-se a todo o transe; conhecia-se bem pelo tom resolutivo de todas as suas palavras, que não estava disposto a transigir. De mais a mais a terrivel pistola era um poderoso argumento para obrigar Antenor a não reagir...

A carruagem havia entrado no bosque, e descia rapidamente para a povoação de Boulogne.

Antenor não conhecia pessoa alguma em Boulogne.

Quem poderia pois salvá-lo?

A' medida que a carruagem se ia aproximando de Saint-Cloud, o pintor, de pallido tornava-se livido. O medo que o dominava ia-se a pouco e pouco transformando em terror pânico.

O Gorgulho, vendo-o tremer, disse-lhe com desprezo:

— Veja se vai ter algum desmaio no meio do combate!...

Estas palavras produziram salutar effeito em Antenor; os invejosos quasi sempre têm uma vaidade levada ao ultimo extremo, e a vaidade ás vezes faz corajoso o homem fraco.

O pintor reagiu contra o medo de que estava possuido, e respondeu:

— Tenho toda a esperança de que hei de matá-lo.

— E' possível... murmurou o Gorgulho encolhendo os hombros. Os infames, como o senhor, quasi sempre são felizes...

A carruagem entrou nesse momento na ponte de Saint-Cloud; e, atravessando-a, foi parar em frente da porta do restaurante da «Tête-Noire».

— Desça! murmurou o Gorgulho para Antenor em tom imperioso. E não tente escapar-se...

Esta nova allusão á sua covardia exasperou-o.

— Como havia de eu matá-lo, se me escapasse? disse elle com os dentes cerrados.

— Bem murmurou o Gorgulho, mettendo a pistola no bolso.

Os officiaes do regimento de guarnição em Saint-Cloud acabavam nesse momento de almoçar. O Gorgulho viu junto da porta um tenente, manco de cabellos loiros e de elevada estatura, e em cujo rosto transparecia a bondade e a franqueza. Dirigiu-se para elle, acompanhado sempre por Antenor, e, tirando o chapéu com deferencia, lhe disse:

— Senhor tenente; eu e este senhor somos artistas. Ha entre nós uma pendencia, e temos resolvido batermo-nos.

O official olhou com surpresa para o Gorgulho, o qual proseguiu com expressão de bom humor:

— Estamos já de perfeito accordo. Um de nós ha de ficar no campo. Não temos tempo a perder. Ambos habitamos em Auteuil e todos os nossos amigos estão em Pariz. E como temos pressa de acabar com isto, tomámos uma carruagem, e trouxemos armas connosco. O bosque de Sévres não fica longe daqui; mas faltamos as testemunhas... E por isso é que viemos aqui... não ha memoria de que um official francez se recusasse a prestar um serviço dessa natureza.

— De certo que não, respondeu o tenente. Comtudo deixem-me fazer-lhes uma pergunta...

O Gorgulho inclinou-se.

— Tão serio é o motivo da pendencia, que não possa ella acabar sem haver sangue derramado? Os officiaes têm a fama de pouco conciliadores; parece-me porém que essa fama não tem fundamento. Em pontos de honra somos em geral muito mais tolerantes do que os burguezes. E portanto, antes que peça a assistencia de mais de tres meus amigos e camaradas, digam-me qual a razão por que querem bater-se.

Antenor teve ainda um vislumbre de esperanza; mas o Gorgulho respondeu lacoicamente:

— Eu lhe digo; eu tenho um amigo, ou para melhor dizer um irmão o mais dedicado de todos os irmãos. Este senhor callunhou a mulher que elle ama. O meu

amigo quiz suicidar-se, e em seguida sobreveiu-lhe uma congestão cerebral. Está portanto de cama e em perigo de vida; não pode bater-se.

— Então... não ha remedio, murmurou o tenente em tom de resignação.

Antenor perdeu então as esperanças de todo.

Minutos depois o Gorgulho e Antenor seguiram o caminho de Sévres, acompanhados pelo tenente e por tres outros officiaes. Dahi a uma hora chegavam dos bosques, que separam Sévres de Ville-d'Avray.

— Meus senhores, disse então o marselehez; é preciso que lhes diga que sou extremamente indolente, e que me custa muito a resolver-me a uma coisa qualquer. Todavia uma vez resolvida essa coisa, levou-a a cabo por força. Ora eu disse-lhes já, que um de nós havia de ficar no campo; queiram, portanto, regular as condições de modo que esse resultado se consiga.

As testemunhas tiraram sortes para saber quaes as armas de que os dois combatentes deviam servir-se.

Antenor desejava que o combate fosse á espada, confiando na antiga tradição que assevera, que raras vezes resulta morte deste genero de combate. A sorte, porém, decidiu que os dois artistas se batêssem á pistola.

(Continúa)

PONSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XXXIX

Convencionou-se que os dois adversários se collocariam a trinta passos de distancia, e teriam a faculdade de caminhar um para o outro e atirar á vontade.

Antenor estava roxo de susto, e tremia como varas verdes.

O official que lhe entregou a pistola teve compaixão d'elle, e disse-lhe:

—Vamos, senhor, coragem!

Uma esperança suprema perpassou pelo espirito do pintor...

—Quem sabe? murmurou elle de per si para si. Talvez os officiaes carregassem de mais as pistolas, afim de que as balas se extraviem...

Dado o signal, o Gorgulho começou a caminhar.

O medo é um pessimo conselheiro. Antenor apressou-se a estender o braço, e atirou precipitadamente, sem mesmo fazer pontaria.

O Gorgulho ficou incolume e avançou mais tres passos. Antenor estava dominado por indescriptivel terror; tinha os olhos esgaseados, e o corpo quasi dobrado ao meio.

O Gorgulho atirou. O pintor caiu, saltando um grito abafado.

A bala havia-lhe quebrado uma perna.

As testemunhas correram logo em socorro do ferido, enquanto que o vingativo marselez murmurava:

—Com um milhão de mil trovões! Antes queria matar este lagarto... Mas, emfim; ao menos por estes mezes mais chegados, não ha de poder subir ao telhado para vêr o que se passa no atelier do pobre Sem-Ventura...

XL

O principe Maropouloff já habitava no palacio, que havia mandado construir nos Campos Elysios, no qual uma legião de artistas dos mais distinctos e afamados havia amontoado obras de arte, e riquezas sobre riquezas. Tinha decorrido um anno depois dos successos que contamos nos capitulos precedentes.

O principe tinha por costume levantar-se cedo, tanto de inverno, como de verão. Nesta ultima estação, quasi todos os dias saia a cavallo logo que se levantava.

Nesse dia porém, apesar de estar correndo o mez de junho, e de terem já patido oito horas, o principe conservava-se no seu gabinete, debruçado em uma janella que dava para sobre o pateo de

honra, e donde se avistava toda a avenida dos Campos-Elysios.

No pateo escarvava o chão com impaciencia um admiravel cavallo, que um «mougick» tinha seguro pelas re-deas.

O principe nem mesmo estava ainda vestido com traje proprio para montar a cavallo. Seguia com olhar as raras carruagens que a essa hora matinal passavam na avenida, e conhecia-se que estava dominado por uma grande impaciencia.

Por fim parou em frente do largo portão de ferro um «char-à-bancs», dos que costumam fazer o serviço entre as estações do caminho de ferro e as povoações e que de ordinario são puxados por dois ou tres robustos cavallos normandos. O principe estremeceu, e esqueceu a etiqueta a ponto de gritar para o «mougick», em lingua russa:

—Vae depressa abrir o portão!

Um outro criado, porém, que se achava nesse momento mais perto, correu logo para o portão, e abriu-o de par em par. O «char-à-bancs» entrou no pateo.

Sobre o tejadilho viam-se umas poucas de malas de diversos tamanhos. Logo que o carro parou, abriu-se a portinhola, e um homem saltou de dentro agilmente.

—Era um velho, alto, magro, muito vigoroso ainda, de testa espaçosa, olhos azues, e labios grossos. Pelo seu todo indicava ser de origem tartara. Trajava como os habitantes do norte da Asia. Consistia o seu vestuario em um amplo casaco de côr escura, guarnecido de pelles, calça muito larga, e uma especie de turbante feito de pelle azulada, que é a mais rara e a mais estimada na Russia. Via-se-lhe ao peito uma fitinha de côr vermelha e negra, distinctivo da medalha de Sant'Anna.

Pelo modo por que o «mougick» e outros creados, que todos eram russos, o saudaram, adivinhava-se que o recém-chegado era personagem de grande distincção.

O principe saiu logo do gabinete, fora correndo para o pateo, e saltara aos abraços ao velho, dizendo-lhe:

—Bom dia, «paesinho». Recebi o teu telegramma de Colonia, e desde hontem á noite que te espero com viva impaciencia.

—Meu senhor, respondeu o russo respeitadamente; logo que recebi a sua carta, parti sem perda de tempo.

O tratamento de paesinho, na Russia, tem uma significação especial. Um aristocrata emprega-o, sempre que fala com um burguez, com um intendente ou com um criado já muito antigo em sua casa. É uma homenagem que os fidalgos, ao mesmo tempo que conservam e fazem respeitar a sua superioridade de jerarchia, prestam á velhice, ao merito pessoal, ou á fidelidade incontestavel.

O principe Maropouloff offereceu o braço ao velho, e conduziu-o para uma

pequena sala de espera, situada ao rez-do-chão do palacio.

—«Paesinho», lhe disse elle, assentando-se enquanto que o velho se conservava em pé, e em respeitosa attitude; é preciso que salves um homem, que está condemnado a morrer... Todos os que em Pariz exercem a tua profissão asseveram que não poderá viver muito tempo...

O velho ficou silencioso.

—Esse homem, continuou o principe depois de uma pequena pausa, é um dos meus melhores amigos.

O velho apontou para o côo.

—«Paesinho», tornou o mancebo, tu és o medico mais habil de todas as Russias!

—Assim dizem, murmurou o velho simplesmente; contudo ha doenças, contra as quaes a sciencia dos homens é impotente.

—Oh! não posso deixar de dizer que tenho em ti, e na tua sciencia, grandes esperanças! disse o principe.

—Onde está o doente?

—Aquí mesmo, respondeu o principe.

E depois de um momento de hesitação, murmurou:

—Antes, porém, de o veres, é preciso que te dê alguns detalhes...

—Estou prompto para ouvil-os, meu senhor.

O doente, a quem o principe se referia, era—o leitor já o adivinhou de certo—o nosso antigo amigo Sem-Ventura.

O principe contou, o mais detalhadamente que pôde, ao medico russo, o que os nossos leitores já sabem: a vida laboriosa do Sem-Ventura, o seu amor pela prima-donna, os ciúmes que as calumnias do miseravel Antenor haviam sobreexcitado, e emfim aquella congestão cerebral, durante a qual o pobre escultor havia despedaçado o seu Laconte, e estivera a ponto de suicidar-se.

—Durante um mez, proseguiu o principe, desesperámos de salv-o. Estava doido furioso. Por fim recuperou a razão, e então apoderou-se d'elle uma verdadeira febre de trabalhar. Quis a todo o transe fazer de novo o seu Laconte, reusar o grupo que despedaçou ás martelladas!

«A cantora Paqueta, que o ama, e eu, chegámos a acreditar que estava completamente curado. Mas enganavamos-nos. O Sem-Ventura de dia a dia ia emmagrecendo e perdendo a côr; trazia sempre os olhos circumdados de um pronunciado circulo azulado; ás vezes escapava-se-lhe da garganta ganta uma tossezinha secca, que nos parecia de mau agoiro.

Um dia consultámos os medicos mais habéis os quaes nos declararam que o nosso protegido tinha os pulmões deteriorados, e que a doença estava já muito adiantada, para que pudessemos atalhar-a. Dão-lhe uns seis mezes de vida; outros as-

severam que o pobre doente cairá com as ultimas folhas do outomno.

—Vamos vel-o, disse o medico russo, logo que o principe se calou.

—Vamos, respondeu o principe pegando em uma das mãos do velho.

XLI

Que qualidade de homem era aquelle, a quem o principe esperava com tão frenetica impaciencia, e a quem dava o affectuoso tratamento de «paesinho»?

Poucas palavras nos são necessarias para o dizer.

Chamava-se Koullkine. Era de origem asiatica, e nascera escravo nas terras pertencentes ao principe Maropouloff. O avô do principe actual dera-lhe carta de alforria; isto é, não só o dispensara dos trabalhos de campo, mas tambem não cobraria que elle pagasse o «cobrocto», que assim se chama a indemnização que todos os camponezes, na Russia, pagam ao seu senhor, quando não trabalham nas terras que a este pertencem.

Koullkine, á força de trabalho e de persistencia, conseguira vir a ser o medico mais celebre de toda a Russia. Feito prisioneiro pelos circassianos, na occasião em que acompanhava um corpo de exercito na qualidade de cirurgião, vivera durante quasi uma duzia de annos no meio daquellas tribus semi-selvagens.

A sciencia, porém, nada perdera com isso. Durante o seu longo captiveiro, Koullkine descobrira muitos segredos scientificos, que os circassianos possuíam.

E por isso quando voltara á Russia, operara tão maravilhosas curas, que se tornara celebre dentro em muito pouco tempo.

Koullkine não era só um sabio, um medico abalisado; era tambem homem de coração.

Koullkine nunca se esquecia de que fora escravo, e de que, se havia estudado, em lugar de cavar na terra, ao velho principe Maropouloff o devia; e por isso se conservava sempre respeitador affectuoso daquella familia, que lhe dera a sciencia e a liberdade.

O moço principe Maropouloff escrevera para Moscow ao celebre medico, e tanto bastara para que este abandonasse immediatamente toda a sua numerosa clientela, se puzesse a caminho para Pariz.

Tal era o homem, a cuja a sciencia o principe pedia a cura do nosso amigo Sem-Ventura.

O escultor fóra, logo nos primeiros dias da sua doença, transportado para o palacio de Maropouloff. O principe mostrava por elle o mais profundo interesse, e o brioso artista não pudera rejeitar por mais tempo a protecção e a amizade do homem, que era considerado pelos artistas como um novo Mecenas.

Tinha no palacio um «atelier», o qual era o verdadeiro universo do Sem-Ventura, que nelle passava todas as suas horas. Ahí o visitava frequentes vezes sua mãe.

que continuára a viver em casa do velho Antonio em Auteuil ;ahi ia vê-lo Bastinguetté todos os dias ;ahi vivia o Gorgulho, companheiro inseparavel do Sem-Ventura.

Quando este fôra transportado para o palacio do principe, dissera o marsehez para o mancebo russo :

— Meu senhor, eu sei que a sua fortuna é enorme, e portanto um conviva de mais não o arruina de certo. Ora, attendendo a essa importante circumstancia, e a que ha dez annos me não separei, nem por um só dia, do meu amigo Sem-Ventura, installo-me tambem no seu palacio, para continuar a viver junto delle.

Na manhã, em que o principe entrou no «atelier» acompanhado pelo velho Koulkine, o Gorgulho dormia ainda a um canto, encoberto por um biombo, enquanto que o Sem-Ventura estava já muito tempo a pé, e trabalhava com ardor.

— Meu amigo, disse o principe para o esculptor, apresento-lhe um dos meus mais dedicados amigos, chegado hoje mesmo da Russia.

O Sem-Ventura cumprimentou Koulkine, sem nem ao menos desconfiar de que estava falando com um medico, e logo seguida continuou a trabalhar. O velho russo examinava-o attentamente. O Sem-Ventura, absorto como estava pelo trabalho, não notava a persistencia com que Koulkine o observava.

Ao mesmo tempo que ia trabalhando, conversava naturalmente, dando comtudo por vezes a conhecer, que uma incomprehensivel agitação interior o dominava.

— Ora eu sou um perfeito barbaro em questões de arte, lhe disse Koulkine, e talvez vá rir-se de uma pergunta, que vou fazer-lhe...

O Sem-Ventura ergueu para elle o seu olhar brilhante de febre.

— Quanto tempo precisa ainda, connoheu Koulkine, para concluir esse grupo, em que está trabalhando ?

— Pelo menos... seis mezes, respondeu o Sem-Ventura.

E continuou a trabalhar.

Koulkine e o principe trocaram um olhar e saíram.

— E então... que te parece ? perguntou o principe com antecidade, logo que saiu do «atelier.»

— Está doente devéras, murmurou Koulkine.

Comtudo estou convencido, de que ha de viver, enquanto o seu grupo não estiver concluido.

O principe estremeceu.

— Oh ! é preciso que o salves... exclamou elle.

— Não posso prometter-lh'o, meu caro senhor.

— Porque ?

— Porque tenho receio de não poder cumprir. O que desde já posso dizer-lhe é que o mal não está no peito.

— Ah !

— O mal é aqui...

E o velho medico pousou um dedo na testa.

— Mas então pôde curar-se, exclamou o principe.

— Não sei...

E o velho medico ficou por momentos absorto em silenciosa meditação ; depois perguntou :

— Ha quanto tempo o conhece, meu senhor ?

— Ha pouco mais de um anno.

— Sabe se elle teria, antes de adoecer uma grande força de vontade ?

— Como pouca gente tem.

— Se isso é effectivamente assim, talvez possa salvar-o... murmurou Koulkine.

E o velho não quiz dar mais explicações.

XLII

Estamos em uma noite de verão. A lua não brilha no espaço ; o céu está cravejado de brillantissimas estrelas.

A grande avenida dos Campos Elysios, de ordinario tão cheia de vida e animação, está agora deserta e silenciosa. Os que, á noite, costumam ir ao Bosque nas suas carruagens, partiram já para o campo.

O palacio do principe Maropouloff está mergulhado em profunda escuridão ; só se vê luz em um pequeno pavilhão, situado na extremidade do jardim.

E' ahi o gabinete de trabalho do velho Koulkine, cuja vida é um mysterio para o Sem-Ventura. Ha já tres mezes que o artista vê aquelle homem assentado á mesa do principe, que o recebe no «atelier» muitas vezes durante o dia, e comtudo ignora ainda que qualidade de homem elle seja, ou qual a profissão que exerce. Pelo menos assim o julgam o principe Maropouloff, a diva Paquita, a velha mãe do Sem-Ventura, e o seu amigo Gorgulho.

Com quanto a noite estivesse já muito avançada, Koulkine velava ainda. O Sem-Ventura, apesar de haver já apagado a luz do atelier, tambem estava ainda a pé e conversava, debruçado á janella, com o marsehez.

— Tem paciencia, dizia o Gorgulho ; eu é que não dou licença.

— Meu amigo, respondeu o Sem-Ventura, sorrindo ; realmente arrogas-te um dominio ridiculo sobre mim. Estás sempre a contrariar-me. Ora diz-me : que razão tens tu para queres prohibir-me que desça ao jardim ?

— A noite está fresca.

— Pelo contrario ; está abafada.

— Pois então vae ; mas quero acompanhar-te.

— Não... Preciso estar só.

— Godefroy... murmurou o Gorgulho em tom supplicante.

O Sem-Ventura replicou :

— Bem sabes que a minha vontade é inflexivel.

— Tambem a minha, quando é preciso.

Os olhos do Sem-Ventura despediram um relampago de colera.

— Escuta bem o que vou dizer-te, exclamou elle ; nessa teimosia jogas tu a nossa amizade.

— Que loucura !

— Se não me deixas descer sózinho... se não me asseveras, debaixo de palavra de honra, que não has de sair do «atelier» sem que eu volte...

— Que acontecerá ?

— Juro-te que ficam desde hoje acabadas as nossas relações.

— Mas que razão tens tu para tão obstinadamente queres descer esta noite ao jardim ?

— Não posso dizer-t'a... E' segredo.

O Gorgulho manifestou uma violenta commoção : mas não se atreveu a contrariar por mais tempo o Sem-Ventura.

O esculptor lançou uma capa sobre os hombros, e saiu do «atelier» caminhando pé ante pé pelo corredor e pela escada para abafar o ruido dos passos. Ao fundo da escada, em uma das extremidades do vasto pateo, havia uma pequena porta que abria para sobre o jardim, e que estava aberta de par em par.

— Não me enganei, murmurou o Sem-Ventura ; o principe está no gabinete do velho russo.

E saiu furtivamente para o jardim, caminhando com precaução, parando de espaço a espaço com o ouvido á escuta, e evitando passar pelas ruas areiadas, com receio de que se ouvisse o ruido dos seus passos.

A' distancia de cem passos do pavilhão, chegou-lhe ao ouvido o som de vozes confusas. Entre ellas distinguiu uma voz de mulher...

O coração do Sem-Ventura começou a pulsar violentamente, como se quizesse saltar-lhe fóra do peito. Aquella voz era a de Bastinguette...

Bastinguette em casa do principe... áquella hora !

O Sem-Ventura continuou a avançar, caminhando cautelosamente através das arvores. Chegou assim até junto do pavilhão, uma janella do qual se achava aberta.

As vozes continuavam a fazer-se ouvir ; mas não tão distinctamente, que o Sem-Ventura pudesse comprehender o que ellas diziam.

E o Sem-Ventura, tremendo, com o rosto inundado de suor, e o olhar desvariado, queria escutar, queria saber...

Achava-se então encostado á parede, mesmo por debaixo da janella aberta... Mas esta era muito alta... como havia elle lá chegar ?

O mancebo teve uma inspiração subita. Perto delle estava uma arvore frondosa, cujos ramos superiores ficavam fronteiros á janella. O Sem-Ventura, que fora saltimbanco, não hesitou. Trepou pelo tronco da arvore com agilidade extraordinaria e assentou-se em um dos ramos, á necessaria altura para poder ver o que dentro do gabinete se passava.

O Sem-Ventura percorreu todo o interior do pavilhão com um rapido olhar. Conhecia-se logo que morava alli um sa bio. Ao meio estava uma grande mesa, coberta de livros, de papeis, e de velhos pergaminhos ; á pequena distancia via-se

uma outra mais pequena, sobre a qual havia grande numero de frascos de todos os feitios e tamanhos, retortas, cadinhos, instrumentos de physica e chimica, etc.

Koulkine estava assentado junto da grande mesa. Defronte delle estava o principe, em cujo semblante transparecia uma violenta agitação. Ao lado deste estava Bastinguette com o rosto inundado de lagrimas.

O Sem-Ventura, com os cabelles eriçados e o olhar fixo, escutava com pungente e ansiosa ayidez...

XLIII

Era Koulkine quem falava ; o principe e Bastinguette escutavam attentamente as palavras do velho russo.

— A doença que nina o homem, a quem tanto amaes, dizia o velho, começou ser puramente moral. A legenda que V.Exa. me contou, n'inha senhora, e que desde o berço anda ligada á vida delle, contribuiu poderosamente para o desenvolvimento da affecção nervosa que padece, a qual só poderia combater-se furtando-o a todas as commoções fortes. Ora pelo contrario, a vida delle tem sido agitadissima...

— Infelizmente ! murmurou Bastinguette.

— Mas, interrompeu o principe, quem sabe se tu te enganass, meu bom Koulkine?...

— Oxalá eu me enganasse, meu senhor murmurou o velho doutor abanando a cabeça.

— Mas, ha algum tempo a esta parte, parece ter melhorado um pouco ! Anda mais tranquillo.

— Sim, porque trabalha com affinco.

— E que importa isso ?

— Importa muito. A sua vida tem um fim : fazer de novo o grupo, que havia destruido. Enquanto o não conseguir, triumphará da doença a sua extraordinaria força de vontade.

— E depois ?

— Depois... O dia em que a sua obra estiver terminada...

Koulkine, indeciso, calou-se por um momento.

— Acaba ! disse o principe imperiosamente.

— Esse dia será o primeiro da sua agonia.

Bastinguette com o rosto entre as mãos chorava amargamente.

— E então, proseguiu aquelle velho que falava em nome da inexoravel sciencia, ha de afrouxar-se-lhe a tensão dos nervos, a vontade satisfeita ha de embotar-lhe o seu olhar perderá o brilho febril que o illumina ; á energia succederá o abatimento ; os dias irão decorrendo, e ao mesmo tempo ir-lhe-á augmentando o enfraquecimento physico e moral... Depois, uma noite, hade apagar-se nella a luz da vida, lentamente, sem commoções, sem dor.

Bastinguette soltou um grito de angustia. Ao mesmo tempo o principe, que tinha os olhos rasos de lagrimas, ergueu-se bruscamente.

(Continua...)

PONSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XLIII

—Ouviste? perguntou elle para Koulikine.

—O que, meu senhor?

—Ali... ao pé daquelle janella...

E o principe, correndo á janella, percorreu o jardim com um rapido e ancioso olhar.

Mas o jardim estava deserto e silencioso.

—Mas eu não ouvi nada! murmurou Koulikine.

—Pois eu, replicou o principe, tenho a certeza de que não me enganei.

—Mas que foi o que ouviu, meu senhor?

—Ruído de passos no jardim.

—A esta hora, no palacio, já todos estão deitados, murmurou o velho.

E, aproximando-se da janella, apontou para o palacio, cuja frontaria estava completamente privada de luz.

—Foi de certo illusão do seu ouvido, meu senhor.

—Oh! não... não foi, tornou o principe, em cujo semblante transparecia uma inquietação mortal.

—Mas enfim, perguntou Bastinguette, que suppõe que fosse?

—Venham connigo, disse o principe; já as minhas apprehensões não têm fundamento:

E, pegando em uma vela, saiu precipitadamente do pavilhão.

Horas antes havia caído alguma chuva; a terra do jardim estava ainda humilicida.

—Afigurou-se-me, disse o principe, ter ouvido estalar um ramo de arvore.

E dirigiu-se com a luz para o lado, onde ficava a janella do pavilhão, que, como já dissemos, estava aberta. Seguíam-no Bastinguette e Koulikine.

De subito o principe parou exclamando:

—Vejam! vejam!

Com effeito junto da arvore fronteira á janella, estava um ramo, que se conhecia ter sido quebrado de fresco, e que provavelmente se separára do tronco sob o peso de um corpo.

Depois, ao pé desse ramo, o principe, abaixando a luz, distinguio o vestigio de um pé, fortemente accentuado sobre a terra humida. O principe soltou uma exclamação de terror.

—Mas que é?... perguntou Bastinguette assustada.

—Este ramo partido, e estas pégadas, que se conhece serem do Sem-Ventura, por terem o feito especial das alparcas que elle costuma usar no atelier, dão-me a conhecer que o infeliz havia trepado a esta arvore, e dahi ouviu sem duvida a sua condemnação!

Bastinguette soltou um novo grito, e caiu quasi sem sentidos nos braços do velho Koulikine. Mas já então o principe corria espavorido para o palacio.

Como para sancionar a opinião do principe Maropouloff, havia-se de subito illuminado o atelier do Sem-Ventura.

Quando o principe entrava correndo no pateo, ouviu grande barulho e gritaria. Dir-se-ia que alguém queria deitar a casa abaixo.

O russo subiu os degraus a quatro e quatro, seguida de perto pelo velho Koulikine, que era agill como um rapaz, e que levava Bastinguette quasi de rastos.

A' medida que subia, o principe ouvia mais distinctamente o barulho, acima do qual sobresaia a voz entolerisada do Gorgulho. Os criados do palacio, acordados em sobresalto, corriam assustados para o ponto, onde parecia que o ruido se produzia.

Quando chegava á porta do atelier, o principe ouviu que o Gorgulho gritava: — Mas tu estás doido! archi-doido! ultra-doido!!

E como o barulho continuava, Maropouloff metteu hombros á porta, que estava fechada por dentro, e arrombou-a com um vigoroso impulso.

Então um estranho espectáculo se lhe offereceu á vista. O Sem-Ventura, com um martello na mão, acabava de levar a effeito por segunda vez um acto de inaudito vandalismo. Havia em dois minutos despedaçado o segundo grupo de Laconte e seus filhos entrelaçados pelas serpenes, trabalho cuja execução tão lenta e laboriosa fôra!

O artista, sem attender os protestos do Gorgulho, havia reduzido tudo a pedaços!

O principe, o doutor e Bastinguette, pararam á porta mudos, estupidos espantados, perguntando de si para si, se o Sem-Ventura estaria doido furioso. O Gorgulho arrancava os cabellos com desespero.

Então o Sem-Ventura olhou para o velho medico, e disse-lhe sorrindo:

— Meu caro doutor: condemnou-me ha pouco a uma inevitavel morte, e disse que o meu primeiro dia de agonia seria aquelle, em que concluisse o meu grupo... Pois bem! o meu grupo está reduzido a pó: e eu... não quero morrer!

XLIV

São decorridos seis mezes, depois que o Sem-Ventura despedaçou por segunda vez o seu Laconte. A sinistra predição

do velho medico russo não se havia realisado.

O Sem-Ventura já não trabalhava; o seu fim unico agora era viver.

Viver! isto é, triumphar daquelle doença desconhecida, que estivera a ponto de o prostrar para sempre, voltar a ter força e vigor... e depois lançar de novo mão do trabalho, tornar-se um artista celebre, e ser feliz.

A felicidade para elle era... Bastinguette.

A prima-dona era agora esposa do nosso heroe. Bastinguette conseguira por fim vencer os singulares escrupulos do Sem-Ventura; havia já quatro mezes que tinham unido os seus destinos pelos indissolúveis laços do matrimonio.

Bastinguette dissera para o artista:

— Queres morrer sem ao menos me deixares o teu nome?

Elle bem sabia que o remedio, mais efficaç para salvar o Sem-Ventura, era o seu amor.

E tanto pedira, tanto supplicara, e tão eloquentemente a auxiliara nas suas instancias a velha mãe do Sem-Ventura, que este se vira forçado a pôr de parte os seus escrupulos exaggerados, e se resolvera por fim a associar o seu destino ao da sua muito querida Bastinguette.

Desde então voltara-lhe a pouco e pouco a saude.

O principe Maropouloff, que por fim havia conseguido fazer calar os impulsos do coração, era agora amigo intimo e sincero dos nossos dois recém-casados. Propozeralhes que o acompanhassem em uma viagem, a qual, dizia elle, era indispensavel para completar a cura do Sem-Ventura, e elles haviam accedido. Dias depois saíram de Pariz, viajando em pequenas jornadas, e parando aqui e alli.

Haviam levado consigo o Gorgulho; em Bade porém tinha-os elle abandonado. Eis em que circumstancias:

De Pariz haviam-se dirigido directamente para Strasburgo, e dahi para Baden-Baden.

Durante o trajecto, o Gorgulho parecia estar melancolico e meditabundo.

— Que tens tu? lhe havia por muitas perguntado o seu amigo Sem-Ventura.

Mas o Gorgulho nunca havia querido explicar-se.

Em Strasburgo, Bastinguette, ao entrar de improviso em uma das salas do hotel, surprehendera-o assentado ao pé de uma pequena mesa, com um lapis na mão accumulando sobre uma grande folha de papel numeros sobre numeros. Eram montanhas de algarismos.

Por fim quando os nossos quatro viajantes se dirigiam de Strasburgo para Bade, o Gorgulho havia pronunciado com enthusiasmo a seguinte palavra-grega:

— «Eureka!»

Depois traduzira a palavra cuja significação, Bastinguette não comprehendêra.

— Achei! exclamou elle.

— Mas o que?

— Um «systema».

Ao ouvirem a palavra «systema», o principe Maropouloff sorriera, e os dois recém-casados, tinham aberto grandes olhos. O Gorgulho continuára, com seriedade imperturbavel:

— Um systema infallivel.

— Para que?

— Para ganhar ao jogo o que eu quiser... para «levar a banca á gloria!»

O principe continuava a sorrir; Bastinguette e o Sem-Ventura olhavam com ar de duvida para o marsehez.

— Para lhes falar com franqueza, continuou Gorgulho, dir-lhes-ei que me não agrada trabalhar. Tenho, comtudo, um certo brio, e custa-me estar toda a vida ás sopas do meu amigo Sem-Ventura; e portanto resolvi fazer a minha independencia.

— Mas como? perguntou Bastinguette.

— Vou ganhar ao jogo duzentos ou trezentos mil francos.

Desataram todos a rir. Nesse momento chegavam a Bade.

Ahi, o famoso systema do Gorgulho havia, ao principio, dado excellentes resultados. A banca não fôra precisamente «á gloria», como elle dissera; mas o marsehez tinha ganho sempre. Quando, ao cabo de oito dias, os seus companheiros lhe declararam que deixavam Bade, respondeu-lhes fleugmaticamente:

— Logo que tenha feito uma boa fortuna, irei procural-os, e continuarei então a acompanhal-os.

E ficára em Bade.

Bastinguette, o Sem-Ventura, e o principe Maropouloff haviam continuado a sua digressão.

No momento, em que de novo os encontramos, entravam elles em Lucerna; a carruagem que os conduzia foi parar á porta do hotel dos «Tres-Reis.»

Os tres viajantes apearam-se, e entraram no espaçoso pateo do hotel. O principe e Bastinguette demoraram-se um pouco a dar diversas ordens aos credos do hotel, que pressurosamente haviam corrido a recebê-las.

O Sem-Ventura, logo que entrou no pateo, julgou ver um homem esconder-se vivamente por detraz de um pilar; e ao mesmo tempo sair de uma porta interior um cão preto, que o contemplou por um momento com os olhos fulgurantes.

Depois o homem saiu de traz do pilar e avançou até ao meio do pateo.

O Sem-Ventura estremeceu, e recuou um passo.

A custo conteve um grito.

Esta impressão porém foi momentanea. O sorriso reapareceu-lhe nos labios.

Foi elle mesmo ao encontro do homem do cão preto, e disse-lhe:

— Reconheço-te!

O homem não respondeu; limitou-se a sorrir sinistramente.

— Reconheço-te! repetiu o Sem-Ventura. Tens sido desde o berço o meu mau genio; sem-me apparecido sempre em todas as occasiões fataes da minha vida! Todas as vezes que te tenho visto, tem-me acontecido uma desgraça.

— E' verdade, respondeu o «jettatore».

— Pois bem! disse então o Sem-Ventura; agora já te não temo!

— Sim?

— Faço mais: desafio-te!

Pelos labios do homem do cão preto passou um sorriso de escarneo. O Sem-Ventura accrescentou:

— E sabes porque te desafio? Porque tenho, para combater-te, uma arma, com que necessariamente hei de vencer-te!

— Que arma é essa? perguntou o «jettatore», com expressão escarneçadora.

— Chama-se—«força de vontade».

— Ao ouvir estas palavras do «jettatore» baixou os olhos, e desapareceu-lhe dos labios o sorriso sinistro, que de continuo lh'os contraia.

O cão havia fugido...

XLV

Decorreram alguns momentos, durante os quaes o Sem-Ventura teve o «jettatore» como que dominado pelo seu olhar seguro e imperioso.

Por fim foi este quem primeiro tomou a palavra.

— Creio que me venceste emfim!... murmurou elle.

— Tambem assim o julgo! replicou o Sem-Ventura.

— A unica força que suplanta o meu poder, proseguiu o homem do cão preto, é essa em que acabas de falar: é a «força de vontade».

O Sem-Ventura descerrou os labios em um sorriso.

— Confessas pois que estás vencido disse elle.

— Confesso.

— E' então verdade que desde hoje deixas de perseguir-me?

— Sim...

— E nunca mais hei de encontrar-te no meu caminho?

— Sim, duas vezes ainda...

— Ah! mas então... murmurou o esculptor, continuando a sorrir.

— Nada temas, atallou o «jettatore».

O meu poder nenhuma influencia tem já sobre ti.

O Sem-Ventura continuava a olhar fixamente para o mysterioso personagem.

— A primeira vez que te apparecer, proseguiu o «jettatore» depois de um curto momento de silencio, hei de prestar-te um valioso serviço.

— E a segunda?

— Dir-te-ei finalmente quem sou...

E em seguida, o «jettatore», fazendo uma leve inclinação de cabeça, deu um passo para a retaguarda e voutou as costas.

O Sem-Ventura não tentou detelo Viu-o afastar-se lentamente, dirigir-se parao vestibulo, e desaparecer por detrás de uma das columnas, que se vêm á entrada do majestoso edificio, em que o hotel dos Tres-Reis se acha estabelecido.

— Tudo isso é realmente extraordinario! murmurou elle.

E ficou por momento absorto em profunda meditação.

— Que estás tu fazendo ahí?

Esta pergunta, articulada por uma voz amiga, fez estremecer o Sem-Ventura. Voltou-se como em sobresalto, e viu junto de si o principe Maroupoloff, que o estava contemplando com surpresa.

— Consegui por fim, respondeu o Sem-Ventura, que o «jettatore» fugisse de mim

— Qual «jettatore»?

— Ora! O homem, com quem estive falando.

— Então falaste com alguem?

— Sem duvida alguma.

Mas não vi pessoa alguma approximar-se de tí! disse Bastinguete, que dava braço ao principe.

— Ora essa! exclamou o Sem-Ventura, extremamente admirado.

— Eu tambem não vi ninguem!... murmurou o principe russo.

— Como assim?! exclamou o Sem-Ventura, cada vez mais surprehendido; pois não viram junto de mim um homem alto, magro, de olhar duro e sinistro, com os labios de continuo contraídos em um sorriso ironico e escarneçador...?

O principe e Bastinguete entreolharam-se com dolorosa commoção; na expressão do olhar transparecia-lhes claramente o seguinte pensamento: «Endoideçeria?...»

E tão eloquentemente aquelle olhar traduziu este receio, que o Sem-Ventura comprehendeu-o, e disse sorrindo:

— Não creiam que esteja doido;... não estou. Acabo de ver mais uma vez o meu mau genio.

Bastinguete estremeceu e fez-se horriavelmente pallida.

— Acabo de ver o homem do cão preto, tornou o Sem-Ventura. Falei-lhe...

— Pois eu, disse o principe russo, não vi nem o homem, nem o cão!

— Eu tambem os não vi, murmurou Bastinguete com voz tremula, mas tenho medo...

O Sem-Ventura continuava a estar tranquillo, e sorria.

— E tu, meu esposo bem amado, disse então Bastinguete, já não tens medo delle?

— Não, respondeu serenamente o Sem-Ventura. Vencio-o!

— Ah! exclamou Bastinguete com expressão de jubilo.

E saltou ao pescoço do esposo estremeçido.

O principe afastou-se, e subiu para o hotel, seguido pelos dois esposos, que caminhavam sorrindo com as mãos entrelaçadas.

A' noite, quando os tres viajantes acabavam de jantar, abriu-se bruscamente

a porta do salão em que elles se achavam, e um novo personagem entrou. Era o nosso antigo conhecido Gorgulho.

O Sem-Ventura, Bastinguete, e o principe, que todos eram em extremo afeiçoados ao marsehez, soltaram um grito de alegria; mas tão triste era a expressão do semblante do Gorgulho, que nenhum delles teve a coragem de sorrir. O pobre amigo e antigo companheiro do Sem-Ventura entrou de «orelha caída», como vulgarmente costuma dizer-se.

—E então... o «systema?» perguntou o principe

—Pessimo! murmurou o Gorgulho com voz lamentosa.

—Isso é serio?!

—Oxalá o não fôsse. Logo que fiquei só em Bade, começou o azar a atormentar-me, e tornei a perder tudo o que havia ganho!

—Isso sempre eu esperai, murmurou Bastinguete sorrindo.

—E' possivel, tornou o Gorgulho; mas eu é que não esperava que tal acontecesse, palavra de honra!

—Pobre amigo! murmurou o Sem-Ventura, que não pôde deixar de sorrir tambem.

XLVI

O barco a vapor «Cysne» côrta rapidamente as aguas do lago dos Quatro Cantões. Ao occidente avista-se Lucerna, meio envolvida nas brumas da madrugada. A léste ergue-se ao longe o nevado cume do Rhigi.

Eis o ponto onde o lago se aperta, formando como que uma garganta; á direita dominam-no altas collinas, cortadas quasi a pique, ao fundo das quaes se vêm, pittorescamente dispostos, magnificos «chalets» com jardins extensos, e cobertos de flôres de variadas côres; á esquerda apparece, como que perdido no meio de cyprestes esguios, e frondosos chorões, o tumulo de um dos quatro libertadores da Suissa, do legendario Guilherme Tell.

Todos os passageiros do «Cysne» estão na coberta.

Viajantes negociantes de Berne e de Zurich, inglezes que vão fugindo ao «espleen», e aos tristes nevoeiros da sua patria, todos enfim se estariam na contemplação daquella esplendida natureza.

O lago de Lucerna, conhecido tambem pelo nome de—lago dos Quatro Cantões—é o paraizo da Suissa, é a terra abençoada, é o Eden.

Os gelos estão longe; e mais longe ainda as florestas selvagens do Tyrol...

O «Cysne» fende as aguas com admiravel velocidade. A' pôpa vê-se um grupo, que fórma, por assim dizer, um pequeno mundo áparte no meio de toda aquella multidão. E' uma mulher, nova e formosa, a quem rodeiam tres mancebos. Estão todos assentados, e conversam sorrindo.

São os nossos viajantes do hotel dos Tres-Rios, os nossos amigos de Pariz e de Auteuil, Bastinguete, o Sem-Ventura, o principe Maroupoloff e o Gorgulho.

De todos elles, só o marsehez está melancolico. E realmente alguma razão tem para isso; chegára a entrever a realisação dos seus dourados sonhos de fortuna e de independencia e por fim tudo se lhe esvaíra, como se esvae nos ares o fumo, que o vento impelle.

O Sem-Ventura aspira com delicias a brisa da madrugada, e contempla com serena alegria tudo o que o rodeia; de momento a momento sorri cora amor para a sua querida Bastinguete, e aperta docemente a mão dos seus dois dedicados amigos: o Gorgulho, e o generoso principe russo.

Maroupoloff disse, sorrindo, para Bastinguete, apontando para o Sem-Ventura.

— Agora parece-me que já não devemos ter receios... Tenho a convicção de que está completamente curado...

— Sim, respondeu o Sem-Ventura com expressão de entranhado affecto. Fez o milagre a vossa afeição extrema, e a minha «força de vontade».

«Quiz» viver, e querer é poder.

Nesse momento apontou Bastinguete para a margem direita do lago e exclamou:

—Oh! que bonito «chalet»!

O Sem-Ventura e o principe seguiram com o olhar a direcção indicada.

Com effeito, avistava-se a riva encosta, em um rapido declive, uma dessas encantadoras construcções, que fazem o orgulho da Suissa do Norte, e que tão admiradas são pelos estrangeiros.

Era um pequeno «chalet» de feição elegante e caprichoso, situado ao meio de arvores gigantescas, e rodeado de montanhas de verdura. Nas aguas do lago reflectiam-se os seus esguios campanarios, e o fecto pontecagudo.

— Quem me dera viver alli dois mezes! murmurou Bastinguete suspirando.

— Quer comprar aquelle «chalet»?

perguntou o principe.

Um bom suizo, de chapéu de pelcarregado com duas bengalas e dois chapéus de chuva debaixo do braço, e com uma cabaca a tiracollo, ouviu estas ultimas palavras, e approximou-se logo dos nossos quatro viajantes, com a familiaridade usada pelos bons burguezes da Helvetia.

— Já não vão a tempo, disse elle ingenuamente. O chalet já foi vendido.

— Ah! disse o principe.

— Foi vendido ha apenas tres dias, continuou o suizo.

— A quem?

(Continua)

O AMOR DOS AMORES

PONSON DU TERRAIL

O SEM-VENTURA

SEGUNDA PARTE

Uma herança disputada

XLVI

— A um sujeito já velho, que parece ser francez, e que lá se installou com dois criados. Mas para dizer a verdade, o homem parece ser muito doente. A vida não lhe póde ser longa!

— Como sabe o senhor todas essas coisas? perguntou o príncipe sorrindo.

— Eu lhe digo, respondeu o suíço com complacência. Eu sou negociante em Lucerna, e vou de dois em dois dias tratar dos meus negocios em Zurich. Ora ha quatro dias encontrei eu o tal francez neste mesmo barco, e realmente causou-me dó. Ao vê-lo, conhece-se perfeitamente que está muito doente, e que não pode ir longe... Estou mesmo convencido de que, daqui a quinze ou vinte dias, já o chalet estará outra vez á venda.

No momento em que o suíço pronunciava estas ultimas palavras, o barco a vapor parou de subito. Uma pequena barca largara de uma das margens do lago, e governava direita ao vapor, fazendo-lhe com uma bandeira signal para que parasse. Nesta barca havia só duas pessoas, o barqueiro e um viajante. Era mais um passageiro para o barco a vapor.

Um capricho passou pelo espirito de Bastinguette.

— Não é uma povoação, que se avista, além, no meio daquelle valle? perguntou ella ao negociante de Lucerna.

— E', sim, minha senhora.

— Se aproveitássemos aquella barca para lá irmos...

— Que lembrança! murmurou o Gorgulho.

— Quer então ir lá esperar que o proprietario do chalet morra? perguntou o negociante de Lucerna, sorrindo.

— Não... Mas parece-me tão pittoresca a paisagem...

— A barca continuava a approximar-se.

— Seriamente... deseja isso? perguntou o príncipe russo.

— Muito seriamente, respondeu Bastinguette rindo.

— Não vamos então ao Rhigi? perguntou o Gorgulho com máu humor.

O Sem-Ventura estava silencioso olhava obstinadamente para o chalet.

— Se o meu senhor e marido quer, disse sorrindo Bastinguette, e pousando uma das suas formosas mãos sobre o hombro do Sem-Ventura, deixaremos o barco a vapor, e passaremos aquella pequena barca.

— Quero! respondeu o Sem-Ventura. E tão estranho fôra o accento daquelle unica palavra, pronunciada pelo marido de Bastinguette, que esta e o príncipe trocaram entre si um olhar inquieto.

— Quero! repetiu o Sem-Ventura. E sabeis porque?

— Não.

— Porque alguém me está chamando para além.

E apontava para o valle.

— Quem? perguntaram quasi ao mesmo tempo Bastinguette, o príncipe e o Gorgulho.

— O homem do cão preto.

Bastinguette soltou um grito de espanto. Estaria de novo o pobre Sem-Ventura atacado de loucura?

Este, porém, accrescentou tranquillamente:

— Eu bem sei que vós não o vedes; mas vejo-o eu... eu só...

— Mas que é o que tu vês?

— O homem do cão preto.

E apontou para o chalet.

O fantástico personagem, visível só para o Sem-Ventura, estava em pé sobre o pontegado do telhado do chalet.

Agora apresentava elle proporções colossaes. Dir-se-ia que era a gigantesca estatua de Guilherme Tell. O cão preto, augmentado tambem proporcionalmente, estava deitado aos pés do homem.

O estranho e mysterioso personagem fazia com a mão signaes ao Sem-Ventura, os quaes podiam ser assim interpretados:

— Vem! estou prompto a prestar-te o serviço, de que te falei na ultima vez em que te vi...

XLVII

Acabou o verão. Com elle partiram os viajantes, que cortavam a Suíssa em todos os sentidos; os proprios inglezes, essas melancolicas andorinhas, deixaram já a Helvetia, levando consigo o seu inseparavel—aguia do viajante,—o bule do chá, e o binoculo.

A neve endureceu um pouco no cume das montanhas; o céu foi a pouco e pouco perdendo a sua formosa cor azul. As nuvens, impellidas pelo vento, correm nos ares em diferentes direcções.

A Suíssa deixou de ser uma vasta hospedaria. Os hotéis estão fechados já. Os habitantes das montanhas tomam pre-

cações contra o seu mais temivel inimigo, o inverno.

Contudo em uma pequena povoação, Vintry, conservam-se ainda alguns hospedes, que vieram de muito longe. São os nossos quatro viajantes, que haviam deixado o barco a vapor no meio do lago dos Quatro Cantões, e tinham entrado em uma pequena barca, que os transportára para terra.

Depois haviam-se dirigido para a pittoresca aldeola, que tan'o agradara a Bastinguette.

São já passados tres mezes, e ainda os nossos quatro viajantess permanecem em Vintry. Residem em uma pequena casa, situada na margem do lago, a quinhentos ou seiscentos metros de distancia do chalet mysterioso, habitado por um francez velho e doente.

O frio chegara já; mas o Sem-Ventura não falava ainda em partir. Já por duas ou tres vezes o príncipe e Bastinguette tinham mostrado desejos de regressar a Pariz; mas o Sem-Ventura havia sempre respondido:

— Não; por enquanto, não.

E como agora gosa excellente saude, e não fala nunca no homem do cão preto, a esposa, o príncipe e o Gorgulho condescendem com este singular capricho.

Uma noite, o Gorgulho falou com maior insistencia em voltar a Pariz. O dia tinha estado escuro e triste; o sol não se mostrara nem por um momento.

— Que loucura esta de ficar aqui! exclamava o marselhez. Daqui a pouco ficamos presos pelos gelos.

— Não importa! respondeu o Sem-Ventura encolhendo os hombros.

— Mas porque é essa obstinação?

— Porque aquelle que foi meu inimigo e hoje o não é já, quer que eu me demore aqui.

— De que inimigo falas tu? perguntaram ao mesmo tempo os tres companheiros ao Sem-Ventura.

— Do homem do cão preto.

Bastinguette e os dois mancebos entreolharam-se dolorosamente.

— Não, disse o Sem-Ventura que surprehendera esse olhar; não julguem que estou louco. Contudo acredito no homem do cão preto, porque o vejo todos os dias...

E, vendo que os seus tres companheiros o contemplavam com profunda surpresa, con-nuou:

— Desta janela vê-se o chalet, em que vive o mysterioso francez cujo no-

me ninguém sabe, e a quem nós nunca vimos.

— Sim; e então?

— Todas as vezes que tenho pensado em partir, tenho chegado a esta janella, donde vejo sempre o homem do cão preto, em pé sobre o telhado do chalet, e fazendo-me signal para que não parta...

— Mas o apparecimento do homem do cão preto é indício de desgraça proxima...

— Para mim já não é.

— Então para quem?

— Para o francez do chalet.

E o Sem-Ventura afastou-se sem querer dar mais explicações.

Dahi a pouco achavam-se todos reunidos na casa de jantar, e conversavam alegremente. O Sem-Ventura contemplava com amor a esposa querida.

De subito ouviu-se um ruido horrivel, um fragor espantoso, inexplicavel, medonho! Seria o fim do mundo?

Os vidros de todas as janellas saltaram em estilhaços, a terra tremeu como se a agitasse uma convulsão tremenda; as aguas do lago rugiram enfurecidas...

Os quatro viajantes olharam uns para os outros com terror.

Aquelle ruido horrisono, aquelle enorme e temeroso trovão fôra produzido por uma «avalanche» de neve, que se desprendera do alto da montanha, e rolara para o lago, arrancando florestas, esmagando casas, semeando o horror e a morte por toda a parte por onde passára!



XLVIII

Nessa mesma noite, pouco antes da queda da «avalanche», dois homens conversavam a meia voz em um pequeno quarto do chalet mysterioso, em cujo telhado o nosso Sem-Ventura via ás vezes o homem do cão preto.

Estes dois homens são nossos conhecidos antigos. Um delles é Paulo Salbris; e o segundo é o creado de quarto do barão de Neuville. O mysterioso francez, que residia no chalet era, já o leitor adivinha, o barão de Neuville.

O barão estava deitado em um quarto contiguo áquelle em que conversavam os seus dois antigos cúmplices. Quem agora o visse não poderia reconhecer-o de forma alguma. Parecia ter cem annos.

Havia já dois mezes que não se levantava da cama; devorava-o ardentissima febre.

— Estás bem certo do que dizes? murmurava Paulo Salbris!

— Certissimo! respondia Miguel.

—Podes affirmar que o barão não fez testamento?

—Posso. A quem querias tu que elle deixasse a fortuna?

—Ora! a quem! a nós...

—Sim...eu tambem sou dessa opinião e se elle fizesse testamento...

—Nota que o medico disse hoje que não tem mais do que um mez de vida...

—Sim, isso é verdade...

—E, portanto, não ha tempo a perder. Pela porta entreaberta Miguel lançou um furtivo olhar para o rosto pallido e escarnado do barão.

—Olha, disse elle: o dinheiro já nos não escapa. Sei perfeitamente onde elle o tem. Está todo em notas do banco, e monta a uns quatrocentos ou quinhentos mil francos.

—Mas... e as propriedades?

—Veremos, veremos... Tenho cá minhas razões para não insistir com o barão para que faça testamento...

—Podem saber-se essas razões?

Miguel abaixou ainda mais a voz. —Escuta, disse elle: não ouviste já dizer que ha parizienses em Vintry?

—Ouvi.

—Sabes quem são?

—Não.

—Um dellas é o Sem-Ventura.

—E' possível? exclamou Paulo Salbris com susto.

—E' mais que certo.

—E julgas...

—Eu te digo: o barão tem remorsos, e ás vezes fala em restituição...

—E depois eu tenho medo que o Sem-Ventura lhe appareça...

—Oh! nunca!

—Fazes-me tremer...

—Mas o inverno está á porta, e portanto os nossos parizienses não podem demorar-se muito por aqui.

—Só ficarei descansado quando os vir pelas costas...

Nesse momento ouviu-se a voz tremula do doente chamar:

—Miguel! Miguel!

O criado entrou precipitadamente no quarto do doente.

O barão olhou para elle com desvairamento, e murmurou:

—Que disse hoje o medico?

—Disse... disse...

—Que disse elle?... quero saber-o...

E como Miguel hesitava, continuou com voz cavernosa:

—Disse que vou morrer, não é assim?

O criado curvou a cabeça.

—já estou resignado! proseguiu o barão; mas quero fazer o meu testamento...

Ao ouvir esta palavra, Miguel estremeceu.

—Quero restituir a minha tia e a meu primo a fortuna que lhes roubei...

O criado Miguel fez-se pallido como um cadaver, e arricaram-se-lhe os cabellos. Nesse momento porem entrou Paulo Salbris, e tranquillizou-o com um significativo olhar, que queria dizer:

—Deixa lá... havemos de ter tempo de fazer desaparecer o testamento...

Mas Paulo Salbris e o criado particular Miguel não contavam com a Providencia. Foi nesse momento que se produziu um temeroso e horrisono fragor que as aguadas do lago se agitaram...

Foi nesse momento que a «avalanche» se desprendeu do cume da montanha... O chalet ficou esmagado ao peso daquella massa enorme...

Quando o dia começava a despontar, ainda os habitantes das povoações vizinhas trabalhavam para desobstruir o chalet, que se achava enterrado em neve. A frente delles trabalhavam tres homens que se faziam notar pelo seu vigor e dedicacão; eram os tres parizienses, como em Vintry lhe chamavam; isto é o Sem-Ventura, o príncipe Maropouloff e o Gorgulho.

O chalet ficára litteralmente esmagado. Nas ruínas foram encontrados dois cadaveres, e um homem vivo ainda mas cujo corpo estava cheio de horribes contusões os barrote do tecto tinham caído sobre elle, e haviam-lhe quebrado braços e pernas.

Facto estranho e incomprehensivel!

Os dois homens, robustos, vigorosos, haviam ficado mortos logo allí; eram Miguel e Paulo Salbris.

O doente, o moribundo, o semi-cadaver sobrevivera!

O barão de Neuville tinha de viver cinto dias ainda, soffrendo atrozmente! E o homem que primeiro o soccorrera fora o Sem-Ventura!

O barão reconheceu-o e murmurou:

—Oh! hei de restituir-te tudo: nome e fortuna!

EPILOGO

Em uma noite de inverno, uma elegante carruagem puchada por dois cavallos fogaços, entrou no pateo de um pequeno palacio situado na rua da Faisanderie no bosque de Bolonha. Apearam-se della um homem e uma senhora.

Eram o conde e a condessa de Neuville.

O conde Godefroy de Neuville, depois de haver provado que era filho do velho conde de Neuville, por isso que João, o jardineiro, havia operado a substituição a que tantas vezes temos alludido; depois de ter tomado posse da consideravel for-

tuna, que lhe fôra restituída por seu primo o barão de Neuville, tinha regressado a Pariz.

Tinham decorrido dois annos depois dos successos de que fôra theatro a margem direita do lago dos Quatros Cantões. Esses dois annos haviam sido muito bem aproveitados por aquelle, que durante tantos annos se chamara Sem-Ventura. Tornara-se escultor justamente celebre, e obtivera uma das mais honrosas medalhas na ultima exposição. O ministro das Bellas-Artes havia-o nesse mesmo dia condecorado.

Sua mãe a velha condessa de Neuville, vivia ainda. Nessa noite Bastinguette, quando voltára do theatro, encontrara ainda sua sogra a pé com uma formosissima creança de dezoito mezes sobre os joelhos. Os esposos ralharam affectuosamente com a avó, a qual foi, sorrindo, deitar o neto. Depois ficaram ambos assentados ao pé do fogão a conversar; e tão entretidos estavam, que os primeiros clarões da madrugada encomtram-nos ainda com as mãos entrelaçadas, sorrindo com amor um para o outro.

Haviam falado de tudo e de todos; do nobre e generoso príncipe Maropouloff, que dias antes casara em Moscow com uma rica herdeira; dos velhos saltimbancos Coqueluche, que viviam retirados e com todo o conforto e commodidades, em uma bonita casa no Marais; do corcunda Castillon, a quem o Sem-Ventura protegia sempre e em tudo; e finalmente do bom Gorgulho, o seu antigo companheiro de trabalhos, o qual continuava a ser amigo e commensal do Sem-Ventura, e que pagava em alegria e bom humor a hospitalidade. No momento em que os dois esposos estavam falando nelle, abriu-se a porta e entrou o marsehez.

—Oh! isso é milagre! levantaste-te hoje muito cedo! disse o Sem-Ventura sorrindo.

—E mais ainda vaes admirar-te, quando te disser que me não deitei.

—Ora essa! então porque foi isso?

—Porque queria ser eu o primeiro a dar-lhes uma alegre noticia.

—Sim?... Venha ella.

—O tal sujeito morreu em um hospital de alienados. Endoecera de inveja e de raiva.

—Mas qual sujeito?

—Antenor, o miseravel por causa de quem tu ias morrendo.

O Sem-Ventura porém respondeu melancolicamente:

—Obedeceste a um mau sentimento, meu amigo; ninguém deve regosijar-se com a morte de um inimigo. Pelo contrario, devemos perdoar a sua memoria; além da morte não ha resentimentos.

— Pois sim, murmurou o Gorgulho, encolhendo os hombros; essas moralidades são muito bonitas, mas não me servem. Estou muito satisfeito, porque o tal Antenor passou desta para melhor. Não faz cá falta...

E foi-se embora assobiando.

—São quasi sete horas da manha, minha filha, disse o Sem-Ventura para a esposa. Deves ir dormir algumas horas.

—E tu? perguntou a condessa.

—Eu vou trabalhar até ao almoço. Neste inverno tenho sido muito preguiçoso: os bailes e os theatros não me têm deixado fazer nada.

E o Sem-Ventura dirigiu-se para o «atelier», depois de haver beijado a esposa na testa.

Quando porém ia entrar no «atelier», parou estupefacto, e deu um passo á recatuarda com susto.

Um homem estava assentado ao pé do esplendido grupo de Laconte, que pela terceira vez o Sem-Ventura executara, e que lhe valera a celebridade, de que gozava como escultor.

Aquelle homem estava acariciando um cão preto, que junto d'elle se achava.

Depois de um momento de hesitação, o Sem-Ventura dirigiu-se para elle, e disse-lhe:

—Ah! já ha muito tempo que te não tinha visto...

—E hoje vês-me pela ultima vez, respondeu o fantastico personagem. Venho cumprir a minha palavra; venho dizer-te quem sou.

E o homem do cão preto pareceu envolver-se em uma ligeira nuvem; o cão tornou-se de uma cor indecisa e duvidosa.

—Escuta pois, tornou o homem. Eu não sou nem um «gettatore», nem um ser humano e real. Sou o que os inglezes chamam borboleta preta. Insecto fantastico, mysterioso e invisivel habitante das sombras, producto das imaginações exaltadas, sou a superstição que a certas horas toma corpo e voz no espirito daquelles a quem domino...

E a voz extinguiu-se; o homem e o cão desapareceram.

—Venci-te por fim, ó legenda fatal da minha infancia! exclamou o Sem-Ventura.

Mas nenhuma voz lhe respondeu.

Nesse momento penetrou um raio de sol no «atelier», dissipou a especie de nevoeiro em que o homem e o cão haviam desaparecido, e foi illuminar um quadro, em que o Sem-Ventura tinha em outro tempo escripto a sua divisa:

FORÇA DE VONTADE

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

SÉ PINTO LISBOA

or de Leite do Estabulo Allemão de Ribeirão Pires de G. STUTZER

FRANCISCO 27

TOS

Bôas Festas

1907

